

Exportações Cearenses: Oportunidades e Desafios



Alexandre Lira Cavalcante
Daniele Passos de Lima Albuquerque
Witalo de Lima Paiva

GOVERNO DO ESTADO DO CEARÁ
SECRETARIA DE PLANEJAMENTO E GESTÃO (SEPLAG)
Instituto de Pesquisa e Estratégia Econômica do Ceará (IPECE)

ANÁLISE DO SETOR EXPORTADOR CEARENSE

Alexsandre Lira Cavalcante
Daniele Passos de Lima Albuquerque
Witalo de Lima Paiva

Fortaleza-CE
Outubro/2007

SUMÁRIO

| | |
|---|-----|
| LISTA DE GRÁFICOS | 04 |
| LISTA DE QUADROS | 04 |
| LISTA DE TABELAS | 05 |
| | |
| INTRODUÇÃO | 09 |
| NOTAS METODOLÓGICAS | 11 |
| RESULTADOS E DISCUSSÃO | 20 |
| 1. CONTEXTUALIZAÇÃO | 20 |
| 1.1. Análise da Dinâmica Mundial e Brasileira | 20 |
| 1.1.1. Evolução do Produto: Brasil e Mundo | 20 |
| 1.1.2. Evolução das exportações: Brasil e Mundo | 22 |
| 2. CARACTERIZAÇÃO DO SETOR EXPORTADOR BRASILEIRO | 28 |
| 2.1. Balança Comercial Brasileira | 28 |
| 2.2. Desempenho das Exportações Brasileiras | 31 |
| 2.2.1. Exportações Brasileiras por Setor de Contas Nacionais | 31 |
| 2.2.2. Exportações Brasileiras por Fator Agregado | 32 |
| 2.2.3. Exportações Brasileiras por Capítulos (definição NCM) | 35 |
| 2.2.4. Exportações Brasileiras por Produtos, Blocos Econômicos e Países de Destino | 38 |
| 3. CARACTERIZAÇÃO DO SETOR EXPORTADOR CEARENSE | 46 |
| 3.1. Balança Comercial Cearense | 46 |
| 3.2. Desempenho das Exportações Cearenses | 47 |
| 3.2.1. Exportações Cearenses por Setor de Contas Nacionais | 50 |
| 3.2.2. Exportações Cearenses por Fator Agregado | 52 |
| 3.2.3. Exportações Cearenses por Capítulos (definição NCM) | 54 |
| 3.2.4. Exportações Cearenses por Produtos | 60 |
| 3.2.5. Exportações Cearenses por Blocos Econômicos e Países de Destino | 92 |
| 3.2.6. Exportações por Municípios | 98 |
| 3.2.7. Exportações por Empresas | 101 |
| 4. ANÁLISE QUALITATIVA DAS EXPORTAÇÕES CEARENSES | 111 |
| 4.1. Análise da Concentração das Exportações | 111 |
| 4.2. Análise da Especialização da Pauta | 115 |

| | |
|---|-----|
| 4.3. Análise dos Setores Segundo o Dinamismo da Demanda Mundial e Intensidade | 116 |
| 4.4. Análise de produto Segundo o Dinamismo, Potencial Importador a ser Explorado, Performance, Desempenho Exportador do Estado e Preço Médio | 119 |
| 4.4.1. Castanha de Caju, Fresca ou Seca, sem Casca – NCM (08013200) | 120 |
| 4.4.2. Couros e peles inteiros, de bovinos ou de eqüídeos, preparados após curtimenta ou secagem, plena flor, não divididos – NCM (41071120) | 127 |
| 4.4.3. Outros Calçados de Couro Natural – NCM (64039900) | 135 |
| 4.4.4. Calçados de borracha ou plástico, com parte superior em tiras fixadas à sola por pregos, tachas – NCM (64022000) | 141 |
| 4.4.5. Tecidos de algodão, fios de diversas cores, "denim", contendo => 85% em peso de algodão, de peso > 200g/m2 – NCM (52094210) | 148 |
| 5. ANÁLISE DO CÂMBIO BRASILEIRO PÓS-PLANO REAL | 161 |
| 6. POLÍTICAS PÚBLICAS PARA O COMÉRCIO EXTERIOR CEARENSE | 166 |
| CONCLUSÕES E PROPOSIÇÕES | 178 |
| BIBLIOGRAFIA | 192 |

LISTA DE GRÁFICOS

| | |
|---|-----|
| Gráfico 1.1: Taxas Reais Anuais de Crescimento do PIB Brasil x PIB Mundo – 1999 a 2005 | 21 |
| Gráfico 1.2: Participação no PIB Mundial 1999 e 2005 – Países Selecionados | 22 |
| Gráfico 1.3: Taxa de Crescimento das Exportações Brasil x Mundo – 1999 a 2006 | 23 |
| Gráfico 1.4: Exportações por Países Selecionados – 1999 e 2004 | 23 |
| Gráfico 1.5: Relação entre PIB x Exportações – 2004 (Países Selecionados) | 24 |
| Gráfico 2.1: Balança Comercial Brasileira – 1994 a 2006 | 29 |
| Gráfico 2.2: Evolução das Exportações Brasileiras por Fator Agregado - 1964 – 2006 | 32 |
| Gráfico 2.3: Evolução das Participações Relativas das Exportações Brasileiras por Fator Agregado - 1964-2006 | 34 |
| Gráfico 3.1: Evolução da Balança Comercial Cearense – 1994 a 2006 | 47 |
| Gráfico 3.2: Taxas de Crescimento das Exportações Brasil, Nordeste e Ceará 1999 a 2006 | 50 |
| Gráfico 3.3: Evolução das Exportações Cearenses por Fator Agregado – 1994 – 2006 | 52 |
| Gráfico 3.4: Evolução das Participações Relativas das Exportações Cearenses por Fator Agregado 1994 – 2006 | 53 |
| Gráfico 3.5: Relação Entre Número de Produtos Exportados e Valor das Exportações Cearenses | 62 |
| Gráfico 3.6: Participação Relativa da RMF e Demais Municípios nas Exportações do Ceará – 2006 | 99 |
| Gráfico 4.1: Índice de Concentração das Exportações Cearenses por Setor (ICXce) 1999 - 2005 | 112 |
| Gráfico 4.2: Índice de Concentração das Exportações Cearenses por Destino (ICD _{CE})– 1999 a 2006 | 114 |
| Gráfico 4.3: Castanha de Caju – Oportunidade de Negócio para Ceará | 126 |
| Gráfico 4.4: Couros e Peles - Oportunidade de Negócio para o Produto | 133 |
| Gráfico 4.5: Calçados de couro natural – Oportunidade de Negócio para o Produto | 140 |
| Gráfico 4.6: Calçados de Borracha ou Plástico - Oportunidade de Negócio para o Produto | 147 |
| Gráfico 4.7: Tecidos de algodão - Oportunidade de Negócio para o Produto | 153 |
| Gráfico 5.1: Taxa de Câmbio Comercial para Compra: Real (R\$) / Dólar Americano (US\$) Fim Período - Periodicidade: Mensal | 163 |

LISTA DE QUADROS

| | |
|---|----|
| Quadro 3.1: Dinâmica de setores (ou capítulos NCM) selecionados | 58 |
|---|----|

LISTA DE TABELAS

| | |
|--|----|
| Tabela 2.1: Brasil e Nordeste: Evolução do Saldo da Balança Comercial – 1999 a 2006 | 29 |
| Tabela 2.2: Valor das Exportações – 1999 a 2006 | 30 |
| Tabela 2.3: Exportações Brasileiras por Capítulo de Contas Nacionais - 2005 e 2006 | 31 |
| Tabela 2.4: Exportações Brasileiras por Fator Agregado – 1999 a 2006 | 33 |
| Tabela 2.5: Participação Relativa nas Exportações Brasileiras por Fator Agregado – 1999 a 2006 | 34 |
| Tabela 2.6: Exportações Brasileiras por Capítulos NCM Anos Selecionados – (<i>Ranking</i> 2006) | 36 |
| Tabela 2.7: Brasil: Principais Produtos Exportados – 2005 e 2006 (US\$ Mil FOB) | 39 |
| Tabela 2.8: Exportações Brasileiras por Blocos Econômicos – 1994 a 2005 | 41 |
| Tabela 2.9: Exportações Brasileiras por Países de Destino – Anos Selecionados | 42 |
| Tabela 3.1: Evolução do Saldo da Balança Comercial Cearense – 1999 a 2005 | 47 |
| Tabela 3.2: Exportações por Regiões e Unidades da Federação - Anos Selecionados | 48 |
| Tabela 3.3: Taxas Médias de Crescimento das Exportações Brasil, Nordeste e Estados Selecionados 1999 a 2006 | 49 |
| Tabela 3.4: Valor das Exportações Cearenses por Setor de Contas Nacionais – Anos Selecionados | 51 |
| Tabela 3.5: Exportações Cearenses por Fator Agregado | 53 |
| Tabela 3.6: Exportações Cearenses por Capítulos (NCM) | 55 |
| Tabela 3.7 Principais Capítulos NCM nas Exportações Cearenses em 2006 | 55 |
| Tabela 3.8 Exportações Cearenses por Capítulos NCM Anos Selecionados – (<i>Ranking</i> 2006) | 56 |
| Tabela 3.9: Ceará: Número de produtos e Valor Exportado – 1999 a 2006 | 62 |
| Tabela 3.10: Resumo das Exportações Cearenses por Produtos – Anos Selecionados | 64 |
| Tabela 3.11: Produtos Exportados pelo Ceará em 1999 e 2006 (Grupo dos cem primeiros) | 68 |

| | |
|--|-----|
| Tabela 3.12: Produtos Exportados pelo Ceará Presentes no Grupo dos Principais em 2006 e Ausentes nesse Grupo em 1999 | 70 |
| Tabela 3.13: Produtos Exportados pelo Ceará Presentes no Grupo dos Principais em 1999 e Ausentes nesse Grupo em 2006 | 70 |
| Tabela 3.14: Produtos Presentes na Pauta de Exportações Cearenses em 1999 e Ausentes em 2006 (Grupo dos cem primeiros) | 71 |
| Tabela 3.15: Produtos Cearenses que Registraram Crescimento nas Exportações entre 1999 e 2006 | 72 |
| Tabela 3.16: Produtos Cearenses que Registraram Redução nas Exportações entre 1999 e 2006 | 74 |
| Tabela 3.17: Novos Produtos da Pauta de Exportações Cearenses em 2006 | 77 |
| Tabela 3.18: Produtos Exportados pela Economia Cearense em 2005 e 2006 (Grupo dos Cem Primeiros) | 80 |
| Tabela 3.19: Produtos Exportados pelo Ceará Presentes no Grupo dos Principais em 2006 e Ausentes nesse Grupo em 2005 | 82 |
| Tabela 3.20: Produtos Exportados pelo Ceará Presentes no Grupo dos Principais em 2005 e Ausentes nesse Grupo em 2006 | 82 |
| Tabela 3.21: Produtos Presentes na Pauta de Exportações Cearenses em 2005 e Ausentes em 2006 (Grupo dos cem primeiros) | 84 |
| Tabela 3.22: Produtos Cearenses que Registraram Crescimento nas Exportações entre 2005 e 2006 | 86 |
| Tabela 3.23: Produtos Cearenses que Registraram Redução nas Exportações entre 2003 e 2006 | 87 |
| Tabela 3.24: Exportações Cearenses por Blocos Econômicos - 2005 e 2006 | 93 |
| Tabela 3.25: Exportações Cearenses por Principais Países de Destino – Anos Selecionados | 96 |
| Tabela 3.26: Continentes dos 46 Novos Países que integraram a Lista dos Destinos das Exportações Cearenses em 2005 | 97 |
| Tabela 3.27: Participação Relativa nos Destinos por Faixa de Participação 1999 e 2005 | 97 |
| Tabela 3.28: Exportações Cearenses por Municípios – 2005 e 2006 | 100 |
| Tabela 3.29: Número de Empresas por Faixa de Valor Exportado dentre as Quarenta Principais 2003 a 2006 | 101 |
| Tabela 3.30: Números das Principais Empresas Exportadoras Cearenses - 2003 a 2006 | 102 |

| | |
|--|-----|
| Tabela 3.31: Exportações Cearenses por Empresas – 2000 e 2006 | 104 |
| Tabela 4.1: Exportações Cearenses por Setor segundo a Dinâmica da Demanda Mundial 1999 – 2005 | 117 |
| Tabela 4.2: Exportações Cearenses por Setores segundo a Intensidade Tecnológica 1999 – 2005 | 119 |
| Tabela 4.3: Produtos Seleccionados para Análise Segundo Critérios do Radar Comercial ... | 120 |
| Tabela 4.4: Castanha de Caju - Importação Total por Países Seleccionados (2003 a 2005) .. | 120 |
| Tabela 4.5: Castanha de Caju - Exportações Cearenses para Países Seleccionados (2003 a 2006) | 121 |
| Tabela 4.6: Castanha de Caju - DINAMISMO por Países Seleccionados (2003 a 2005) | 122 |
| Tabela 4.7: Castanha de Caju – PERFORMANCE por Países Seleccionados (2003 a 2005) | 123 |
| Tabela 4.8: Castanha de Caju – Potencial Importador a ser Explorado pelo Ceará (2003 a 2005) | 124 |
| Tabela 4.9: Castanha de Caju – PREÇO MÉDIO DE COMPRA (US\$ FOB/KGL): Países Seleccionados (2003 a 2005) | 125 |
| Tabela 4.10: Couros e Peles - Importação Total por Países Seleccionados (2003 a 2005) | 128 |
| Tabela 4.11: Couros e Peles - Exportações Cearenses para Países Seleccionados (2003 a 2006) | 129 |
| Tabela 4.12: Couros e Peles - DINAMISMO por Países Seleccionados (2003 a 2005) | 130 |
| Tabela 4.13: Couros e Peles - PERFORMANCE por Países Seleccionados (2003 a 2005) ... | 131 |
| Tabela 4.14: Couros e Peles - Potencial Importador a ser Explorado pelo Ceará (2003 a 2005) | 132 |
| Tabela 4.15: Couros e Peles - PREÇO MÉDIO DE COMPRA (US\$ FOB/KGL): Países Seleccionados (2003 a 2005) | 132 |
| Tabela 4.16: Calçados de couro natural - Importação Total por Países Seleccionados (2003 a 2005) | 135 |
| Tabela 4.17: Calçados de couro natural - Exportações Cearenses para Países Seleccionados (2003 a 2005) | 136 |
| Tabela 4.18: Calçados de couro natural - DINAMISMO por Países Seleccionados (2003 a 2005) | 137 |
| Tabela 4.19: Calçados de couro natural – PERFORMANCE por Países Seleccionados (2003 a 2005) | 138 |
| Tabela 4.20: Calçados de couro natural – Potencial Importador a ser Explorado pelo Ceará | |

| | |
|--|-----|
| (2003 a 2005) | 138 |
| Tabela 4.21: Calçados de couro natural – PREÇO MÉDIO COMPRA (US\$ FOB/PRS): Países Selecionados (2003 a 2005) | 139 |
| Tabela 4.22: Calçados de borracha ou plástico - Importação Total por Países Selecionados (2003 a 2005) | 142 |
| Tabela 4.23: Calçados de borracha ou plástico - Exportações Cearenses para Países Selecionados (2003 a 2005) | 143 |
| Tabela 4.24: Calçados de borracha ou plástico - DINAMISMO Países Selecionados (2003 a 2005) | 144 |
| Tabela 4.25: Calçados de borracha ou plástico – PERFORMANCE por Países Selecionados (2003 a 2005) | 144 |
| Tabela 4.26: Calçados de borracha ou plástico – Potencial Importador a ser Explorado pelo Ceará (2003 a 2005) | 145 |
| Tabela 4.27: Calçados de borracha ou plástico – PREÇO MÉDIO DE COMPRA (US\$ FOB/PRS): Países Selecionados (2003 a 2005) | 146 |
| Tabela 4.28: Tecidos de algodão - Importação Total por Países Selecionados (2003 a 2005) | 148 |
| Tabela 4.29: Tecidos de algodão - Exportações Cearenses para Países Selecionados (2003 a 2005) | 149 |
| Tabela 4.30: Tecidos de algodão - DINAMISMO por Países Selecionados (2003 a 2005) | 150 |
| Tabela 4.31: Tecidos de algodão - PERFORMANCE por Países Selecionados (2003 a 2005) | 150 |
| Tabela 4.32: Tecidos de algodão - Potencial Importador a ser Explorado pelo Ceará (2003 a 2005) | 151 |
| Tabela 4.33: Tecidos de algodão - PREÇO MÉDIO DE COMPRA (US\$ FOB/KGL): Países Selecionados (2003 a 2005) | 152 |
| Tabela 4.34: Performance Geral, Preço Médio e Comércio dos Principais Produtos Exportados pelo Ceará – 2006 | 156 |

INTRODUÇÃO

Entre os anos de 1999 e 2006, mesmo com ganho de participação relativa do Brasil nas exportações mundiais, esta ainda é considerada bastante pequena tendo em vista que passou de 0,86%, em 1999, para apenas 1,17% em 2006. Entretanto, as exportações brasileiras cresceram a taxas significativas entre os anos de 2003 e 2006, desempenho este acima da média mundial.

Mudanças tanto quantitativas como qualitativas ocorreram nas exportações brasileiras. O volume exportado vem crescendo e a composição da pauta vem sofrendo certa modificação, o que tem resultado na geração do maior saldo comercial da história brasileira, verificado no período.

A Região Nordeste apresentou uma média de crescimento anual de suas exportações, no período de 1999 a 2002, em torno de 6,32%. Já no período de 2003 a 2006, a média de crescimento anual das exportações nordestinas saltou para 26,08%. O saldo da balança comercial regional, negativo desde 1996, tornou-se positivo a partir do ano de 2003, registrando aumentos de 42% e 68% nos anos de 2004 e 2005, respectivamente. Com relação ao ano de 2006, o saldo comercial, apesar de manter-se positivo, apresentou um decréscimo de 36%.

Estes resultados mostram que a região Nordeste contribuiu fortemente para o notável desempenho das exportações nacionais alcançado nos últimos anos, quando obteve crescimento médio de 4,5% entre os anos de 1999 e 2002, e 22,9% entre os anos de 2003 e 2006.

As vendas externas cearenses também registraram taxas significativas de crescimento anual a partir de 1999, refletidas na reversão do sinal do saldo da balança comercial a partir do ano de 2003, que era negativo desde 1993.

Para analisarmos o comportamento das exportações cearenses nos últimos anos, faz-se necessário observar o comportamento de algumas variáveis determinantes do comércio nacional e mundial, tais como: a dinâmica da demanda mundial nos últimos anos, a taxa de câmbio nacional e a melhoria do padrão tecnológico dos produtos exportados pelo Estado.

Observa-se uma tendência à reversão do déficit comercial brasileiro, nordestino e cearense, via incremento das exportações, principalmente, a partir do ano de 1999. Isso suscitou a motivação para realizar um estudo sobre o comércio exterior cearense e verificar se o desempenho das suas exportações, observado até 2006, resultou de transformações estruturais, como o aumento da intensidade tecnológica da pauta, ou de fatores conjunturais

tais como: aumento da procura mundial e movimentos favoráveis nos termos de troca, via taxa de câmbio.

Para responder à questão levantada acima, torna-se necessário analisar o desempenho do comércio exterior do Estado do Ceará no que se refere às características da pauta de exportações e às tendências do comércio mundial dos últimos anos (1999-2006). Para tanto, buscou-se identificar as mudanças ocorridas na inserção internacional da economia cearense a partir de indicadores de concentração setorial, empresarial e de destino, da performance das exportações, da intensidade tecnológica e da dinâmica da demanda mundial.

Os resultados obtidos possibilitaram a proposição de políticas que podem viabilizar uma maior participação do Estado do Ceará no comércio internacional.

O presente estudo contém, além desta introdução, outras três seções que abordam as notas metodológicas (seção 2), os resultados e as discussões pertinentes (seção 3) e, por fim, as conclusões e proposições (seção 4). A apresentação e discussão dos resultados é subdividida em seis capítulos distribuídos da seguinte forma: o primeiro avalia e estabelece um comparativo entre as dinâmicas das economias mundial e brasileira, considerando o crescimento econômico e comportamento das exportações em cada ambiente; no capítulo dois, as exportações brasileiras são analisadas em maior profundidade de acordo com classificações específicas; no capítulo três, esta análise ocorre para as exportações cearenses; o quarto capítulo estabelece uma avaliação qualitativa das vendas do estado ao exterior, complementando os resultados do capítulo anterior; o capítulo cinco apresenta o comportamento do câmbio no período em questão; e por fim, o capítulo seis aborda as políticas públicas para o comércio exterior cearense.

Atenção especial deve ser dada aos capítulos três e quarto, uma vez que abordam o comércio exterior cearense de forma bem detalhada, gerando uma quantidade valiosa de informações de grande valia para um melhor entendimento deste segmento da economia do Estado.

Na seqüência, serão apresentados os aspectos metodológicos empregados ao longo do trabalho.

NOTAS METODOLÓGICAS

O período em análise diz respeito aos últimos oito anos (1999-2006). Buscou-se captar as mudanças ocorridas na estrutura da pauta exportadora cearense desde 1999, ano a partir do qual se registraram sucessivas taxas de crescimento das exportações nacionais e cearenses. O ano de 1999 ainda destaca-se pela maxidesvalorização do câmbio acompanhada da flexibilização do regime cambial brasileiro¹.

Inicialmente, é construído um breve quadro do comportamento das economias mundial e brasileira, sendo analisadas a produção e as exportações de ambas. Na seqüência, é realizada uma análise comparativa entre os dois comportamentos observados.

Após esta fase, busca-se a caracterização do comércio exterior brasileiro. Para tanto, analisaram-se as exportações brasileiras por setor de contas nacionais (categorias de uso); por fator agregado (grau de industrialização); por seções, capítulos e produtos, seguindo classificação fornecida pela Nomenclatura Comum do Mercosul (NCM)²; e por destinos (principais compradores dos produtos nacionais no exterior).

A abordagem das exportações brasileiras pela classificação do setor de contas nacionais, ou categorias de uso, identifica a utilização dada pelos países compradores aos bens importados do Brasil, em outras palavras, identifica-se qual a demanda ou consumo que as exportações atendem, fornecendo elementos para qualificação da pauta.

A abordagem por fator agregado fornece indicações a respeito do grau de industrialização dos bens comercializados. Conforme essa classificação os produtos são considerados como básicos ou industrializados (manufaturados ou semimanufaturados) e indicam, de certa forma, o maior ou menor valor agregado dos produtos exportados pelo país.

A análise capítulos (definições NCM) permite observar de maneira mais desagregada a composição da pauta de exportações brasileira. Busca-se identificar quais seções e capítulos apresentaram os melhores desempenhos e maiores participações nas exportações nacionais, além daquelas que mais contribuíram para a expansão das vendas externas do país. O estudo ao nível de produto (definição NCM), visa avaliar o desempenho das exportações a partir da identificação dos bens comercializados. Esta abordagem permite observar movimentos não

¹ As alterações na taxa de câmbio e no regime cambial brasileiro foram resultados da crise enfrentada pela economia nacional entre o final de 1998 e início de 1999, ocasionada pelas instabilidades existentes no ambiente internacional. Ataques especulativos forçaram o governo brasileiro a abandonar o controle exercido sobre a taxa de câmbio, promovendo de início uma forte desvalorização da moeda nacional frente ao dólar. Tal controle foi praticado, embora com algumas modificações, desde a implantação do plano real.

² As seções e capítulos que especificados na Nomenclatura Comum do Mercosul são descritos no ANEXO I ao final do trabalho.

captados pelas análises anteriores. A classificação das seções, capítulos e produtos, como já salientado, segue a Nomenclatura Comum do Mercosul (NCM), que corresponde a uma classificação do comércio exterior nacional utilizada pela Secretaria de Comércio Exterior (SECEX), do Ministério da Indústria, Comércio e Desenvolvimento (MDIC). Essas informações estão disponíveis no Sistema AliceWeb, que classifica as exportações em 21 seções, 99 capítulos e vários produtos.

Com relação aos países de destino das exportações, a intenção é identificar quais os compradores internacionais dos produtos brasileiros e analisar seus comportamentos de compra, fornecendo informações sobre a demanda externa para as vendas nacionais ao exterior e sua intensidade por parceiro comercial. Neste caso, a análise se concentra em blocos econômicos e, em países, observando os principais compradores que devem ser entendidos como os principais destinos das exportações locais.

As etapas acima se destinam a construir o cenário no qual se desenvolveram as exportações do Estado, permitindo relacionar o desempenho local ao observado para as economias mundial e brasileira.

As etapas seguintes buscam dois objetivos principais: a) realizar uma avaliação quantitativa das exportações cearenses, analisando a dinâmica estadual a partir da identificação e quantificação dos movimentos na pauta exportadora e b) a partir dos resultados do item anterior, realizar uma avaliação qualitativa das exportações cearenses, complementando tais resultados e qualificando os movimentos ocorridos na pauta exportadora do Estado. Este conjunto de informações se propõe a explicar o comportamento das exportações cearenses.

Após abordar os desempenhos mundial e brasileiro, o estudo volta-se para a economia cearense, via análise quantitativa das exportações do Estado. Em um primeiro momento, analisa-se o comportamento da balança comercial do Estado e a evolução das exportações locais com base nas classificações por fator agregado e por setor de contas nacionais. Posteriormente, a caracterização dá-se a partir das avaliações por seções, capítulos e produtos, seguindo as definições NCM. Adicionalmente, as vendas externas realizadas pelo Ceará são avaliadas de acordo com os principais países de destino, principais municípios e empresas exportadoras. Vale destacar a análise da relação existente entre as principais empresas e os principais municípios exportadores do Estado. Desta forma, tenta-se captar a recorrência por seções, capítulos, produtos, países, empresas e municípios existente na pauta exportadora nos anos selecionados.

Na caracterização das exportações por seção, capítulos e produtos (definição NCM) são utilizados os seguintes critérios:

- a) para seção, são analisadas aquelas que perfaziam, em conjunto e em ordem decrescente de valor, 90% do valor total exportado pelo Estado nos anos selecionados;
- b) para capítulos, são analisados aqueles que perfaziam, em conjunto e em ordem decrescente de valor, 90% do valor total exportado pelo Estado e os que representavam mais de 1% do valor total exportado pelo Estado nos anos selecionados;
- c) para produto, são analisados aqueles que perfaziam, em conjunto e em ordem decrescente de valor, 90% do valor total exportado pelo Estado nos anos selecionados. Em complemento foram considerados aqueles que integraram o grupo dos cem primeiros bens exportados por ordem de valor.

Na caracterização das exportações por principais países de destino e empresas exportadoras do Estado, são utilizados os seguintes critérios:

- a) para os principais países de destino são analisados aqueles que responderam, em conjunto e em ordem decrescente de valor, por 90% do valor total exportado pelo Estado;
- b) para as empresas exportadoras são analisadas aquelas que responderam, em conjunto e em ordem decrescente de valor, por 50% do valor total exportado pelo Estado ou, individualmente, por mais de 1% das exportações cearenses. Uma terceira abordagem considerou uma avaliação por faixa de valor exportado.

Na caracterização das exportações por municípios do Estado foram analisadas as participações relativas daqueles que responderam, em conjunto e em ordem decrescente de valor, por 90% do valor total das exportações do Estado, nos anos selecionados.

Esta abordagem quantitativa diferenciada se justifica pela possibilidade de uma análise do comércio externo sob diferentes enfoques. O objetivo desta etapa, além de caracterizar as exportações do Estado, é fornecer subsídios para uma avaliação qualitativa das exportações cearenses, verificando a influência de fatores conjunturais e estruturais no movimento da pauta exportadora.

Na análise qualitativa, esta influência foi observada a partir da avaliação de variáveis específicas para capítulos, produtos (definições NCM) e principais destinos, tais como: a) concentração e especialização por capítulo; b) concentração por destino; c) dinamismo da demanda mundial e intensidade tecnológica da pauta para capítulos; e d) performance,

potencial importador a ser explorado, desempenho exportador do Estado e preço médio para produtos selecionados.

A concentração foi analisada a partir da utilização de indicadores específicos para as exportações (ICXce) e para países de destino (ICDce)³. No cálculo do índice de concentração (ICXce), que indica o grau de concentração das exportações por capítulos, foram considerados os valores exportados por capítulos da NCM, para cada ano analisado. Utilizou-se aqui o coeficiente de *Gini-Hirschman*, expresso da seguinte forma:

$$ICXce = 100 \cdot \sqrt{\sum_i \left(\frac{X_i}{X} \right)^2}$$

Onde X representa o valor total das exportações do estado e X_i o valor total das exportações do capítulo i. O coeficiente ICX pode assumir grandezas de 0 a 100. O ICX=0 indica uma distribuição uniforme entre os diferentes setores comercializados. ICX=100 corresponde ao grau de concentração mais intensa. Os resultados observados podem suscitar questionamentos acerca da qualidade da concentração, levando-se em consideração quais capítulos tiveram a maior importância nas exportações.

Expressão similar apresenta-se para medir a concentração dos parceiros comerciais:

$$ICDce = 100 \cdot \sqrt{\sum_p \left(\frac{X_{jp}}{X_j} \right)^2}$$

Onde X_{jp} representa o total das exportações do Estado j para o país p, e X_j as exportações totais do estado j. O coeficiente ICD também pode assumir grandezas de 0 a 100. Um valor mais próximo de 100 indicaria uma alta concentração em torno de destinos, o que poderia revelar vulnerabilidade em termos de barreiras à entrada de produtos impostas pelos poucos parceiros comerciais.

Adicionalmente, foi estudado o grau de especialização das exportações cearenses através do coeficiente de especialização relativa definido pela fórmula:

$$CSR_{ice} = \frac{X_{ice}/X_{ce}}{X_{ibr}/X_{br}}$$

O Coeficiente de especialização relativa é calculado a partir da razão entre a participação das exportações do capítulo i no Estado (X_{ice}) nas exportações totais do Estado (X_{ce}) e a participação das exportações do capítulo i no país (X_{ibr}) nas exportações totais do país (X_{br}). Se CSR_{ice} > 1, revela maior especialização das exportações do Estado no capítulo

³ Sobre a metodologia dos índices de concentração das exportações (ICX) e de parceiros comerciais (ICD), ver Melo (2005).

específico em relação ao País. Se $CSRice < 1$, revela menor especialização relativa das exportações do Estado no capítulo específico em relação ao País.

Na seqüência, foi analisado um dos fatores conjunturais que pode ter influenciado as vendas do Estado do Ceará nos últimos anos, ou seja, analisou-se o comércio exterior estadual por capítulo NCM, a partir da dinâmica da demanda mundial por setores exportadores cearenses. Buscou-se, com isso, saber se as vendas do Estado vêm acompanhando a dinâmica dos mercados mundiais, isto é, se o Estado vem participando dos segmentos considerados de demanda crescente ou dos de demanda decrescente.

Na análise da dinâmica da demanda mundial utilizou-se a pesquisa do Instituto de Estudos para o Desenvolvimento Industrial (IEDI, 2003). O IEDI utilizou dados da Organização Mundial do Comércio (OMC) e da United Nations Conference on Trade and Development (UNCTAD) para expor o perfil da demanda mundial a partir do crescimento das exportações mundiais no período 1996-2001.

Na presente análise das exportações cearenses foram cruzados os dados setoriais da Secretaria de Comércio Exterior/Ministério da Indústria e Comércio (SECEX/MDIC) com os resultados expostos da pesquisa do Instituto de Estudos para o Desenvolvimento Industrial.

Os critérios abaixo foram seguidos para classificar os setores exportadores segundo a dinâmica mundial em: *muito dinâmicos* (MD), *dinâmicos* (D), *intermediários* (I), *em regressão* (R) e *em decadência* (DE). Esta classificação tem por base a média de crescimento das exportações mundiais no período 1996-2001, que foi de 2,5%:

| Categorias | Crescimento das Exportações (g_x) |
|-----------------------------|---|
| Muito Dinâmicos (MD) | $g_x \geq 5\%$ |
| Dinâmicos (D) | $3\% \leq g_x < 5\%$ |
| Intermediários (I) | $2\% \leq g_x < 3\%$ |
| Em Regressão (R) | $0\% \leq g_x < 2\%$ |
| Em Decadência (DE) | $g_x < 0\%$ |

Com relação à qualificação da pauta de exportações cearense pela intensidade tecnológica, utilizou-se a pesquisa desenvolvida pelo IEDI a partir de estudos realizados pela Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), que considera os gastos em P&D em proporção à produção e ao valor adicionado de cada grupo setorial,

classificando os produtos como de *baixa, média baixa, média alta e alta intensidade tecnológica*⁴.

Como no caso anterior, a presente análise das exportações cearenses cruzou os dados setoriais da SECEX/MDIC com os resultados apresentados na pesquisa do Instituto de Estudos para o Desenvolvimento Industrial.

Depois da avaliação da dinâmica mundial e da intensidade tecnológica da pauta, realizou-se uma análise mais detalhada dos produtos que representaram conjuntamente 54,6% do valor total exportado pelo Estado no ano de 2006.

Esta análise foi realizada através da classificação desenvolvida pelo sistema Radar Comercial, do Ministério de Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior (MDIC), com base nas exportações ocorridas entre os anos de 2003 e 2005. Vale ressaltar que este sistema considera o produto de acordo com a classificação da Nomenclatura Comum do Mercosul (NCM) até o sexto dígito, divergindo, portanto, do restante do trabalho, que considera o produto de acordo com a classificação até o oitavo dígito. Dessa forma, para realizar tal estudo, utilizaram-se apenas seis dígitos como uma aproximação dos produtos selecionados.

A análise que se segue levou em conta os seguintes critérios:

- a) Importação mundial do produto selecionado;
- b) Importação total do produto por países selecionados;
- c) Desempenho exportador do estado (DEST);
- d) Exportação do produto pelo estado por países selecionados;
- e) Dinamismo;
- f) Performance;
- g) Potencial importador a ser explorado (PIE);
- h) Preço médio;
- i) Oportunidade de negócios.

A. Importação mundial do produto selecionado

Corresponde ao valor total importado pelo mundo do produto selecionado. O valor das importações mundiais é representado pelas importações de sessenta e seis países que responderam por 91,75% das importações mundiais no ano de 2005, e que fazem parte da base de dados do Radar Comercial da Secretaria de Comércio Exterior (SECEX).

⁴ Para maiores detalhes ver Melo (2005) e *OECD - Science, Technology and Industry Scoreboard 2001 - Towards a Knowledge based economy* em: www.oecd.org

B. Importação total do produto por países selecionados

Corresponde ao valor total importado pelo país selecionado referente ao produto que está sendo analisado. Esse valor importado tem origem em vários países do mundo.

C. Desempenho exportador do estado (DEST)

Corresponde à média das exportações do Estado do Ceará por produto entre os anos de 2003 e 2005.

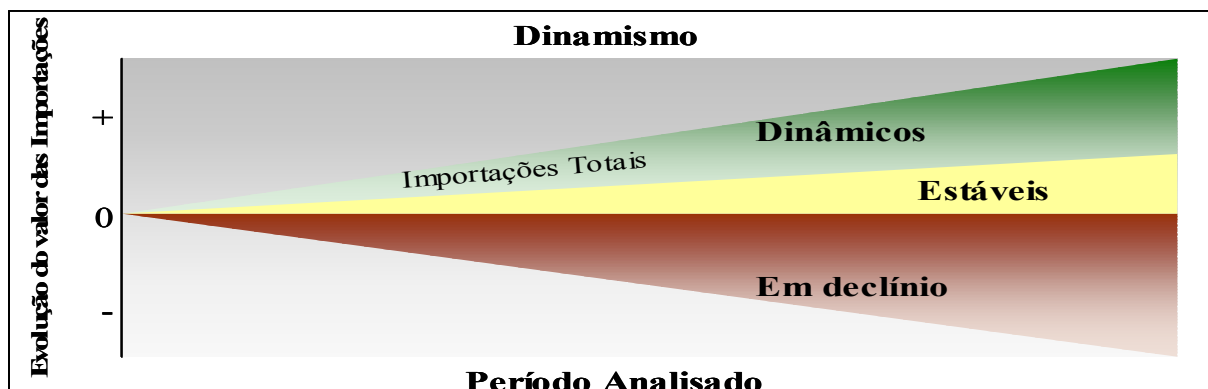
D. Exportação do produto pelo Estado por países selecionados

É o valor exportado pelo Estado do Ceará referente ao produto analisado para cada país selecionado, ou seja, representa o valor que cada país importa do produto cearense analisado em cada ano.

E. Dinamismo

Entende-se por dinamismo a comparação da evolução do valor das importações do produto pelo país em estudo, durante o período analisado, com a evolução do valor das importações totais do país em estudo no mesmo período.

| Classificação | Descrição |
|----------------------|---|
| Dinâmico | produtos cujas importações pelo País em estudo tiveram variação percentual acima da variação percentual das importações totais. |
| Estável | produtos cujas importações pelo País em estudo tiveram variação percentual entre zero (inclusive) e a variação percentual das importações totais (inclusive). |
| Em declínio | produtos cujas importações pelo País em estudo tiveram variação percentual inferior a zero. |

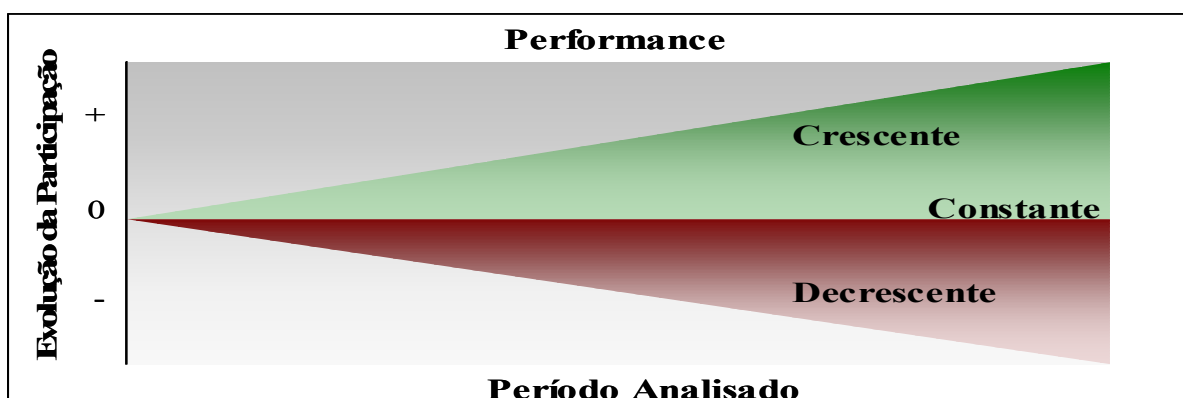


Fonte: SECEX/MDIC. Elaboração IPECE (2007).

F. Performance

Entende-se por performance a evolução da participação do produto cearense no valor total importado, daquele produto, pelo país em estudo.

| Classificação | Descrição |
|----------------------|--|
| Crescente | produtos cujo percentual de participação médio, no período analisado, tenha crescido em relação ao percentual de participação no início do período analisado. |
| Constante | produtos cujo percentual de participação médio, no período analisado, tenha permanecido igual ao percentual de participação no início do período analisado. |
| Decrescente | produtos cujo percentual de participação médio, no período analisado, tenha diminuído em relação ao percentual de participação no início do período analisado. |



Fonte: SECEX/MDIC. Elaboração IPECE (2007).

G. Potencial Importador a ser Explorado (PIE)

Este potencial é definido para um produto específico (p) exportado por um determinado país (a), considerando a possibilidade de expansão da participação desse país (a) nas importações de um outro país (b). Corresponde ao valor anual médio das importações desse produto realizadas pelo país (b) em um determinado período e provenientes de outros países diferentes do país (a). Em outras palavras, é a média dos valores totais importados anualmente do produto (p) pelo país (b), em um período específico, menos a média dos valores importados do produto (p) pelo país (b) provenientes do país (a) no mesmo período. Nesse trabalho o país (a) representa o Estado do Ceará.

H. Preço Médio

É o valor exportado dividido pela quantidade vendida, considerando a unidade de medida adotada, por exemplo, US\$ FOB/quilograma ou US\$ FOB/Par (de calçados); etc.

I. Oportunidade de Negócios

Corresponde à análise conjunta do potencial importador a ser explorado, da dinâmica e dos preços médios. Esta análise busca identificar que mercados apresentam-se como as melhores oportunidades para ampliação das exportações cearenses. Busca-se, também, identificar os principais fornecedores dos países que se revelaram como melhores oportunidades de negócio, para identificar os principais concorrentes às exportações cearenses do produto selecionado.

Maiores outras informações sobre a metodologia adotada, serão apresentadas no decorrer do estudo, quando necessário.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

1. CONTEXTUALIZAÇÃO

1.1. Análise da Dinâmica Mundial e Brasileira

A análise da dinâmica mundial é apresentada com o objetivo de identificar o cenário no qual se desenvolveram as exportações cearenses. Com este propósito, a avaliação se concentra na evolução do produto (PIB mundial) e das exportações mundiais considerando um período de tempo mais amplo, abrangendo os anos de 1991 a 2005. Os resultados permitem obter indicações à respeito do comportamento da demanda mundial, analisado a partir do desempenho da produção mundial e do desenvolvimento das transações comerciais entre as economias internacionais. Desta forma, dimensiona-se uma importante variável a influenciar o desempenho exportador do Estado do Ceará.

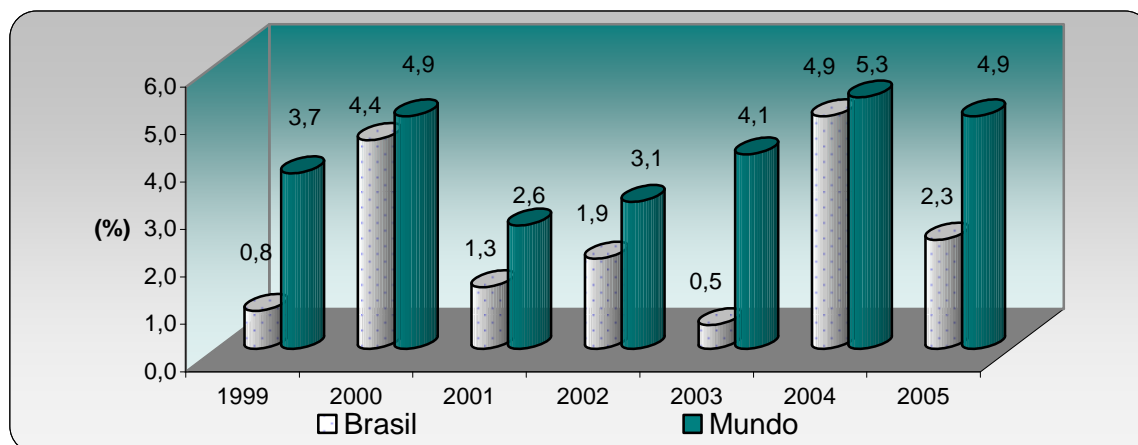
O objetivo da análise da dinâmica nacional é estabelecer o contexto em que se desenvolveram as exportações cearenses. Para tanto, a avaliação se dá sobre o crescimento do PIB nacional e das vendas brasileiras ao exterior. Os resultados desta avaliação oferecem duas possibilidades de análise: (a) verificar o desempenho nacional em relação ao comportamento global, observando se a economia brasileira acompanhou o movimento deste último; e (b) verificar o desempenho cearense em relação ao comportamento nacional.

1.1.1. Evolução do Produto: Brasil e Mundo

A economia brasileira registrou um crescimento do Produto Interno Bruto (PIB) durante sete anos consecutivos (1999 a 2005) a um ritmo inferior à média mundial. O PIB brasileiro cresceu, em média, 2,3% no período, ou seja, um ritmo de 1,8 pontos percentuais abaixo da média mundial que foi de 4,1%.

Segundo dados da Secretaria de Comércio Exterior – SECEX/MDIC, a última vez que a economia brasileira cresceu mais do que a média da economia mundial foi em 1995. Nos últimos sete anos, em apenas duas ocasiões – 2000 e 2004 – o ritmo de crescimento do PIB brasileiro aproximou-se do ritmo mundial. Na maioria dos anos, entretanto, houve notável diferença. Nos anos de 1999 e 2003, a disparidade entre as taxas de expansão dos produtos mundial e brasileiro atingiu três pontos percentuais. Esse baixo crescimento do produto brasileiro reflete um fato de extrema relevância: o Brasil está perdendo importância relativa na economia mundial.

Gráfico 1.1
Taxas Reais Anuais de Crescimento do PIB Brasil x PIB Mundo – 1999 a 2005



Fonte: IPEADATA (2007). Elaboração IPECE.

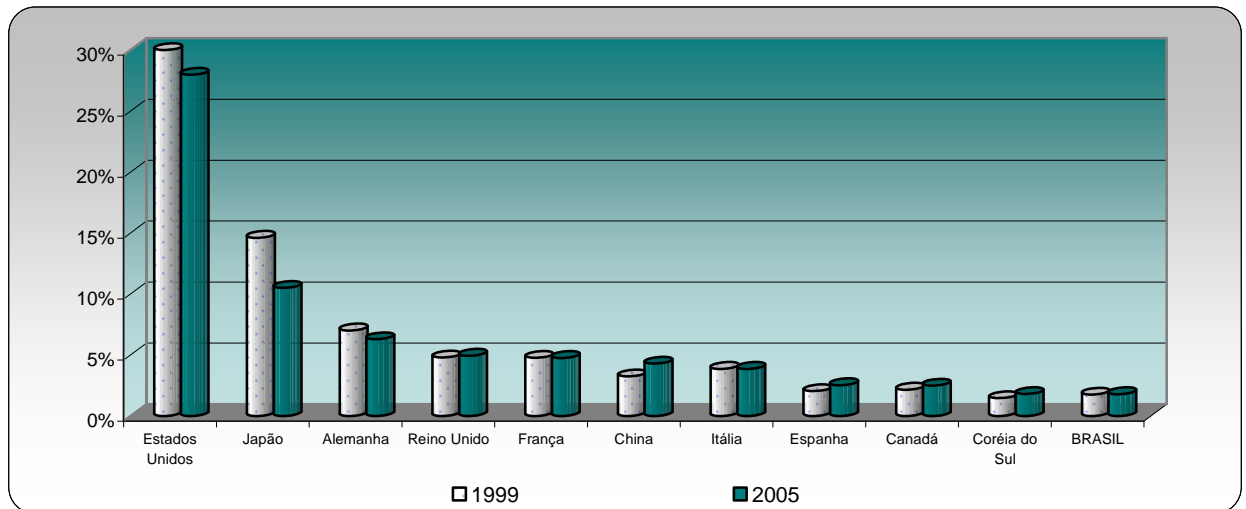
Essa regularidade no baixo crescimento do PIB faz com que o Brasil fique mais pobre, comparativamente às demais nações. Entre 1999 e 2006, enquanto o PIB brasileiro expandiu-se 19,5%, a economia mundial cresceu 39,0%. Assim, a diferença em termos de crescimento econômico, no período, atingiu 16,8%.

Entre os anos de 1999 e 2005, a participação relativa das nações no PIB mundial apresentou variações. Os três principais países reduziram seu peso no PIB mundial à medida que a participação dos outros oito primeiros lugares cresceu relativamente. O Brasil se encontra no grupo dos que cresceram, cuja participação na economia mundial passou de 1,7% em 1999 para 1,8% em 2005.

O ritmo de crescimento da participação do Brasil no PIB mundial vem sendo limitado pelo seu baixo dinamismo verificado nos últimos anos, o que pode ser ilustrado pela comparação com a economia chinesa. Nesta avaliação, percebe-se que a China cresceu, em dólares correntes, 92,6%, enquanto o Brasil registrou apenas 48,4% de taxa de crescimento entre 1999 e 2005. A economia chinesa apresentou, em termos reais, uma taxa média anual de crescimento de 8,4%, enquanto no Brasil este percentual foi de apenas 2,3% entre os anos analisados.

Além disso, a China apresentou a segunda maior expansão do PIB corrente em termos absolutos, um incremento de US\$ 918 bilhões entre os anos de 1999 e 2005. Com relação ao mundo, a economia chinesa participou com 3,2% do total produzido em 1999, alcançando 4,3% em 2005. Com este desempenho, conseguiu deslocar a Itália da sexta posição no *ranking* das economias mais ricas do mundo em 2005. Nesse último ano, o Brasil ocupou o décimo primeiro lugar dentre as maiores economias do mundo.

Gráfico 1.2
Participação no PIB Mundial 1999 e 2005 – Países Seleccionados



Fonte: IBGE (2007). Elaboração IPECE.

1.1.2. Evolução das exportações: Brasil e Mundo

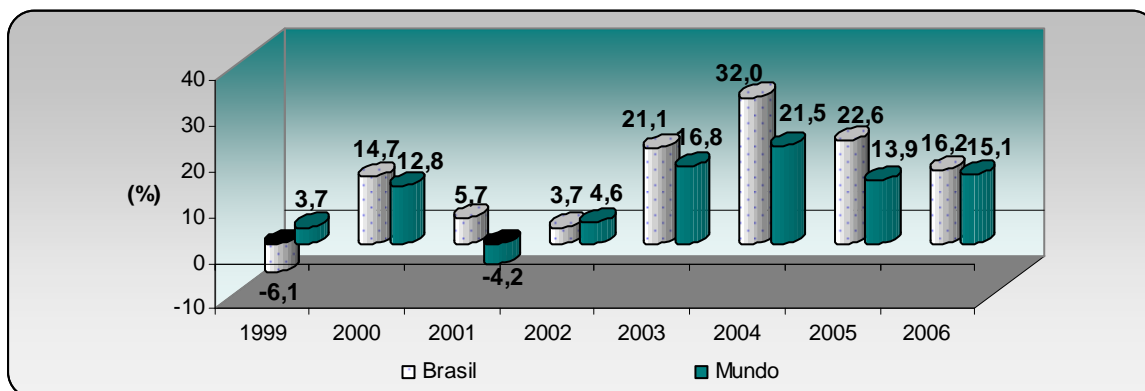
Comparando as exportações brasileiras com as mundiais, entre os anos de 1999 e 2006, observa-se que as primeiras apresentaram um crescimento acumulado de 186%, superior ao verificado para o mundo que foi da ordem de 110%.

Pela análise do gráfico 1.3, percebe-se uma correlação positiva entre as exportações brasileiras e mundiais, ocorrendo exceções nos anos de 1999 e 2001. No primeiro, as exportações brasileiras caíram 6,1%, enquanto ao nível mundial as vendas externas cresceram 3,7%. Em 2001, as exportações nacionais elevaram-se 5,7%, ao passo que para a economia mundial o movimento foi de queda (4,2%).

Entre 2000 e 2006, as exportações brasileiras revelaram um desempenho superior ao verificado para o mundo, com exceção do ano de 2002. Tal comportamento foi traduzido em crescimento da participação relativa das exportações brasileiras nos últimos anos.

Verifica-se que essa economia manteve a terceira posição no *ranking* dos maiores exportadores, com crescimento de participação de 3,4% em 1999 para 6,5% em 2004, reflexo do forte crescimento de suas vendas externas de 204,4%. À frente da economia chinesa aparecem a Alemanha, cuja participação se manteve em 10%, e os EUA, cuja participação caiu de 9,6%, em 2003, para 8,9% em 2004.

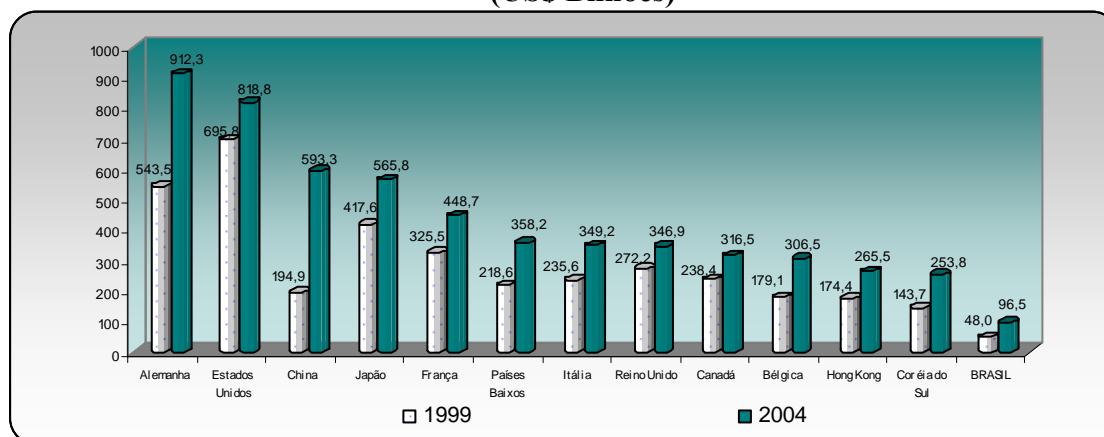
Gráfico 1.3
Taxa de Crescimento das Exportações Brasil x Mundo – 1999 a 2006



Fonte: IBGE (2007). Elaboração IPECE.

O Brasil, no mesmo período, apresentou a segunda maior taxa de crescimento acumulado entre os países selecionados, atrás somente da China. Isto revela que apesar da baixa participação relativa das exportações brasileiras, ocupando o vigésimo quinto lugar no *ranking* mundial em 2004, estas têm apresentado um desempenho relativo superior quando comparado às demais economias exportadoras.

Gráfico 1.4
Exportações por Países Selecionados – 1999 e 2004
(US\$ Bilhões)



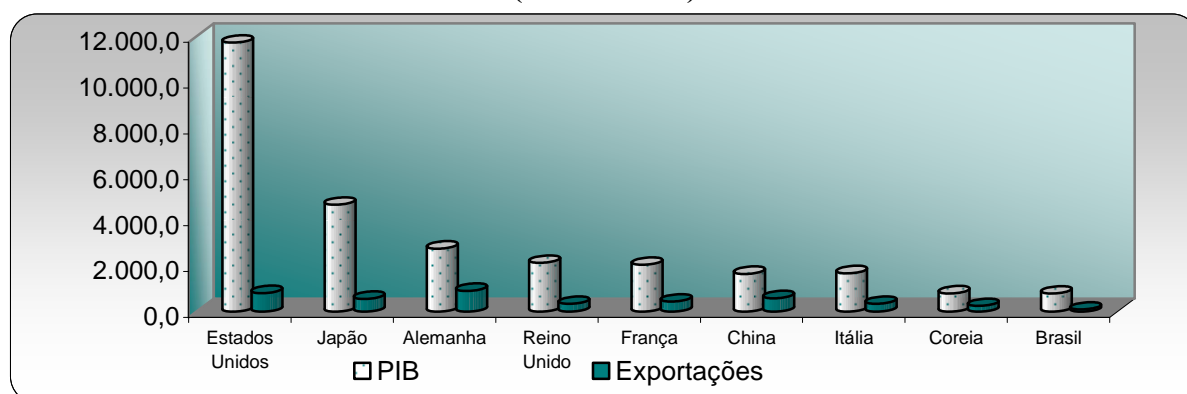
Fonte: IBGE (2007). Elaboração IPECE.

Vale notar que as exportações dos doze principais países vêm crescendo entre os anos de 1999 e 2004, revelando um maior crescimento mundial do comércio. Tanto a Alemanha como a China apresentaram fortes desempenhos entre os anos de 1999 e 2004, com taxas de crescimento de 67,9% e 204,4%, respectivamente. Das treze economias apresentadas

no gráfico acima, as que ganharam participação nas exportações mundiais foram Alemanha, China, Países Baixos (Holanda), Bélgica, Coreia do Sul e Brasil.

Observando-se as outras economias citadas, percebe-se que existe uma forte correlação entre os países mais ricos e os maiores exportadores mundiais e um descompasso para o caso brasileiro. As sete economias mais ricas do mundo, EUA, Japão, Alemanha, Reino Unido, França, China e Itália, apareceram entre os oito maiores exportadores no ano de 2004, respondendo, em conjunto, por 44,2% do valor exportado, o que mostra a forte presença destes países no valor das vendas mundiais. Enquanto isso, o Brasil ocupou a 15ª posição entre as maiores economias do mundo, mas respondeu somente pela 25ª colocação no *ranking* dos maiores exportadores no mesmo ano.

Gráfico 1.5
Relação entre PIB x Exportações – 2004 (Países Selecionados)
(US\$ Bilhões)



Fonte: IBGE (2007); Elaboração IPECE.

A avaliação conjunta do desempenho da economia e das exportações permite obter indicações sobre a influência das vendas externas na atividade econômica. Em 2004, as exportações da China participaram com quase 36% do seu PIB, ao passo que para a Alemanha essa participação foi de 33,1%, para Coreia do Sul (31,7%), França (21,9%), Itália (20,8%), Reino Unido (16,3%), Japão (12,1%) e EUA (7,0%). Os resultados revelam a importância das exportações como um dos fatores geradores de estímulo ao crescimento.

No caso brasileiro, a participação das exportações no Produto Interno Bruto foi de 16,5%, em 2004, mostrando a importância das vendas externas para a atividade econômica doméstica. Entretanto, a economia nacional, dada a influência de outras variáveis que se mostraram também determinantes, como no caso da taxa de juros, apresentou pequenas taxas de crescimento, não aproveitando como poderia o desempenho favorável da economia mundial. Nesse ambiente, de pequeno crescimento, as exportações atuaram no sentido de

amortecer os efeitos negativos resultantes de uma política monetária restritiva, praticada através de uma taxa de juros elevada, como será explicado mais adiante.

As exportações brasileiras têm-se beneficiado de um duradouro hiato entre o crescimento da renda mundial e o crescimento da renda doméstica. Enquanto a primeira expandiu-se 27,5% entre 1999 e 2005, a segunda expandiu-se apenas 16,1% no mesmo período. O ambiente interno brasileiro pode, desta forma, ter favorecido a expansão das vendas para o exterior, à medida que o fraco desempenho da economia interna limitou a expansão mais forte das vendas dos empresários locais no mercado doméstico. Neste contexto, as exportações se mostraram como o melhor caminho para as empresas, que viram na demanda externa uma forma de manter seus níveis de rentabilidade e ampliação de suas vendas. Assim, a forte expansão da economia mundial desde 2002, favoreceu a elevação das taxas de crescimento do valor exportado pelo país.

O aumento da abertura ao comércio internacional por parte de várias economias, a partir de 2000, identificada pelo aumento nas exportações, permitiu que uma aceleração no crescimento econômico mundial se refletisse em uma aceleração do crescimento do valor das exportações.

Entretanto, é importante ressaltar que apenas o maior crescimento econômico mundial e a situação interna desfavorável da economia nacional não seriam capazes de explicar a aceleração nas exportações brasileiras, haja vista que existem outros fatores que podem influenciar as exportações. Dentre estes, podem ser destacados as alterações na taxa de câmbio, o preço e a competitividade na produção de algumas *commodities*, e os avanços na qualidade dos bens exportados (maior conteúdo tecnológico, maior competitividade)⁵.

A referência anterior sobre o desempenho da economia nacional e das inter-relações entre este e o comportamento das exportações, torna vantajoso uma avaliação do ambiente interno na última década. Em 1994, a taxa de crescimento real do PIB brasileiro foi de 5,9%, maior taxa observada desde a implantação do Plano Real. A partir de 1995, o que se observou foi uma verdadeira tendência de queda, de 4,2% para 3,3% entre os anos de 1995 e 1997, refletindo o impacto da política de juros internos elevados sobre o nível de atividade econômica. A taxa de juros alcançou um valor de 45,67% ao ano, em outubro de 1997, o maior valor registrado no Plano Real. Em 1998, ano de eleições presidenciais e de manutenção da política de juros elevados, a taxa real de crescimento do PIB ficou próxima a zero.

⁵ Estas variáveis serão abordadas no decorrer do estudo.

Essa política de altas taxas de juros, provocada pela necessidade de equilíbrio das contas externas e a sobrevalorização cambial originada na implementação do Plano Real, resultou num período com pequenas taxas de crescimento da economia brasileira. Entre 1995 e 2002 o crescimento médio real do PIB nacional foi de 2,3%.

Nos anos de 2003 a 2005, com o novo governo⁶, a taxa de crescimento real do PIB não foi muito diferente da apresentada no período anterior, com média de crescimento da ordem de 2,6%, revelando a continuidade de um fraco desempenho da economia brasileira. Vale salientar, que a atividade econômica interna se manteve reprimida nos dois períodos mencionados, apontando as exportações como forma de escapar à crise doméstica.

É interessante notar que o primeiro período (1995-2002), embora marcado pela sobrevalorização da moeda nacional a partir do Plano Real, apresentou uma tendência de subvalorização cambial, enquanto no segundo período (2003-2005) a tendência foi de sobrevalorização. Tal comportamento pode levar a pensar que no primeiro as exportações seriam mais estimuladas do que no segundo.

Entretanto, isto não se verificou. No primeiro período as exportações cresceram 38,6% passando de US\$ 43,5 bilhões em 1994 para US\$ 60,3 bilhões em 2002, e no segundo, entre 2003 e 2005, as vendas externas cresceram 95,8%, alcançando o valor de US\$ 118,3 bilhões no último ano. Isso corrobora a presença de outros fatores determinantes do desempenho externo, além da taxa de câmbio, como o crescimento mundial ocorrido nos últimos anos.

Os resultados avaliados revelaram, então, que mesmo apresentando um menor crescimento quando comparada ao desempenho da economia mundial, a economia brasileira registrou uma relativa estabilidade na participação da riqueza produzida por todas as economias do mundo. Entretanto, as diferenças nas performances indicam que este resultado poderia ter sido bem melhor. O baixo dinamismo da economia brasileira explica como as oportunidades advindas com o crescimento mundial não foram aproveitadas como poderiam.

Quando se considera as exportações, os resultados são diferentes. As vendas externas brasileiras apresentaram crescimento superior ao observado para as exportações mundiais. Como resultado, a economia brasileira aumentou sua participação nas transações comerciais internacionais. Neste caso, o país tem-se beneficiado do aquecimento da economia mundial, com o aumento da demanda e intensificação das trocas internacionais e, em parte, dos

⁶ No ano de 2002 ocorreram as eleições presidenciais, nas quais o candidato do Partido dos Trabalhadores (PT), Luís Inácio Lula da Silva foi eleito e passou a governar o país a partir de 2003. As incertezas antes da eleição, diante da possibilidade de vitória do candidato petista, posteriormente confirmada, e de sua política econômica ocasionaram instabilidades na economia nacional.

movimentos favoráveis da taxa de câmbio, especialmente entre 1999 e 2005. Outras variáveis a influenciar o crescimento das vendas externas, como já mencionado, foram: a competitividade na produção de algumas *commodities*; os avanços na qualidade dos bens exportados (maior conteúdo tecnológico, maior competitividade); e, possivelmente, a situação interna desfavorável da economia nacional.

O aumento nas exportações brasileiras foi inferior apenas ao registrado pela economia chinesa, que por seu turno se manteve como a 3ª maior exportadora, estando atrás apenas dos Estados Unidos e da Alemanha, segundo e primeiro no *ranking* mundial, respectivamente. Entretanto, o desempenho positivo observado não reverteu um descompasso existente, no qual as exportações nacionais ainda possuem uma participação tímida no total das exportações mundiais, colocando o país apenas como o 25º maior exportador, posição esta que vai de encontro ao peso do Brasil no PIB mundial, onde o país é o 11º mais rico. Os resultados indicam o espaço existente para o crescimento das vendas nacionais ao exterior.

No caso específico para a economia brasileira, o crescimento registrado, embora aquém do que poderia ter ocorrido e inferior ao registrado pela economia mundial é, em parte, explicado pelo aumento nas exportações. O desempenho exportador, se não proporcionou um maior crescimento, evitou que o resultado fosse ainda pior. Entretanto, vale destacar que a exportação de bens não é a única forma de se aproveitar o crescimento da economia mundial. Dentre os entraves existentes, responsáveis pelo fraco desempenho da economia nacional, uma política restritiva apoiada em taxas de juros elevadas mereceu destaque.

Na avaliação da economia cearense, o propósito desta pesquisa ainda não é estudar as relações entre a performance exportadora cearense e seus reflexos sobre a atividade econômica do Estado. Entretanto, os resultados para economia brasileira e mundial revelam a importância que as exportações podem possuir na economia local. O crescimento das exportações brasileiras e da economia e exportações mundiais formam o cenário no qual se insere a economia do Estado do Ceará. Cabe agora avaliar como o Estado aproveitou as oportunidades criadas e quais foram as influências deste ambiente sobre o desempenho exportador cearense.

2. CARACTERIZAÇÃO DO SETOR EXPORTADOR BRASILEIRO

Antes da avaliação do desempenho exportador do Ceará, é válida uma caracterização das exportações brasileiras. Nas etapas anteriores, a performance das vendas nacionais aos mercados estrangeiros foi apresentada em linhas gerais e em relação ao comportamento das exportações mundiais. Nesta etapa, aprofunda-se a avaliação do comércio externo do País, observando a composição das exportações nacionais, a dinâmica existente na pauta de exportação entre os anos de 1999 e 2006, além do comportamento de compra dos seus parceiros comerciais neste mesmo período.

Com este intuito, a análise considerou o movimento da balança comercial brasileira e o desempenho das vendas externas realizadas pelo País, com base: (a) nas exportações brasileiras por setores de contas nacionais (categorias de uso) e por fator agregado (grau de industrialização); (b) nas exportações brasileiras por capítulos e produtos (definições NCM); e por fim, (c) na avaliação das exportações com base nos principais destinos, ou principais compradores (blocos econômicos e países)⁷.

Os resultados obtidos para a economia brasileira permitem verificar quais semelhanças e diferenças existem com relação ao desempenho cearense, enriquecendo a avaliação sobre as exportações do Estado.

2.1. Balança Comercial Brasileira

Analisando o comportamento das exportações nacionais observa-se que estas apresentaram um forte crescimento, no período de 1999 a 2006, com uma variação de 186,3% entre estes anos, passando de US\$ 48,01 bilhões em 1999 para US\$ 137,5 bilhões em 2006. Com relação ao período 2003 a 2006, verificou-se que as taxas de crescimento anual das exportações brasileiras cresceram em média 23%, apesar da queda verificada entre 2004 e 2006.

⁷ Aspectos conceituais e metodológicos serão apresentados no decorrer do estudo.

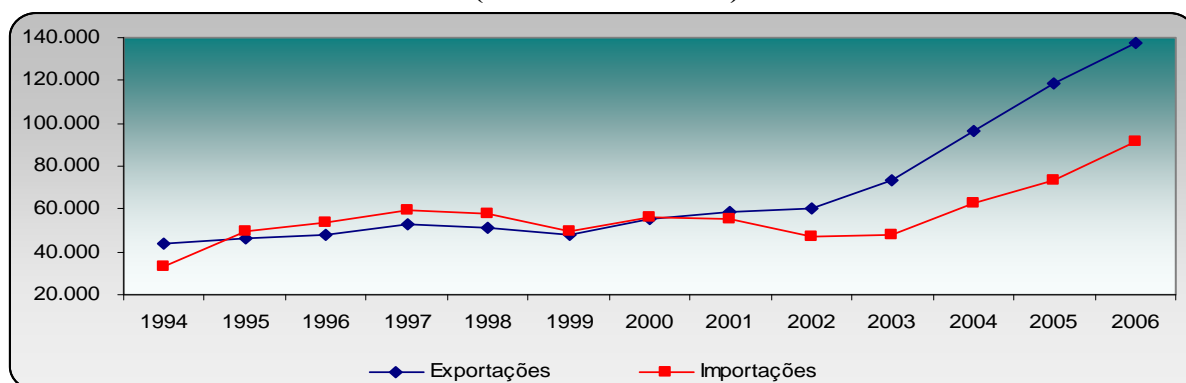
Tabela 2.1
Brasil e Nordeste: Evolução do Saldo da Balança Comercial – 1999 a 2006
(US\$ milhões FOB)

| Período | EXPORTAÇÃO | | | | IMPORTAÇÃO | | | | SALDO | |
|---------|------------|-------|----------|--------|------------|--------|----------|-------|-----------|-------|
| | BRASIL | | NORDESTE | | BRASIL | | NORDESTE | | (A) - (B) | |
| | VALOR | VAR. | VALOR | VAR. | VALOR | VAR. | VALOR | VAR. | BR | NE |
| 1999 | 48.011 | -6,1% | 3.355 | -9,8% | 49.295 | -14,7% | 3.527 | -7,2% | (1.283) | (172) |
| 2000 | 55.086 | 14,7% | 4.025 | 19,95% | 55.839 | 13,3% | 4.777 | 35,4% | (753) | (752) |
| 2001 | 58.223 | 5,7% | 4.184 | 3,96% | 55.572 | -0,5% | 5.117 | 7,1% | 2.650 | (932) |
| 2002 | 60.362 | 3,7% | 4.652 | 11,17% | 47.237 | -15,0% | 4.658 | -9,0% | 13.125 | (6) |
| 2003 | 73.084 | 21,1% | 6.107 | 31,30% | 48.305 | 2,3% | 4.329 | -7,1% | 24.780 | 1.779 |
| 2004 | 96.475 | 32,0% | 8.036 | 31,58% | 62.813 | 30,0% | 5.512 | 27,3% | 33.662 | 2.525 |
| 2005 | 118.308 | 22,6% | 10.554 | 31,33% | 73.598 | 17,2% | 6.308 | 14,4% | 44.710 | 4.246 |
| 2006 | 137.470 | 16,2% | 11.621 | 10,10% | 91.396 | 24,2% | 8.899 | 41,1% | 46.074 | 2.722 |

Fonte: SECEX/MDIC (2007). Elaboração IPECE.

Esse comportamento das exportações nacionais reverteu o quadro vivenciado pela economia brasileira, de déficit comercial desde 1995, passando a registrar superávits a partir de 2001, como pode ser visto no gráfico 2.1 abaixo.

Gráfico 2.1
Balança Comercial Brasileira – 1994 a 2006
(US\$ Milhões FOB)



Fonte: SECEX/MDIC (2007). Elaboração IPECE.

Enquanto isto, as exportações nordestinas cresceram 246,3%, passando de US\$ 3,3 bilhões em 1999 para US\$ 11,6 bilhões em 2006, revelando um crescimento muito superior ao observado para o País. Este crescimento das exportações regionais deveu-se, em grande parte, à performance observada, principalmente, nos estados da Bahia, Sergipe, Paraíba, Rio Grande do Norte e Alagoas, cujas exportações cresceram acima dos 200% entre os anos de 1999 e 2006. Quando se observou o crescimento acumulado, seis estados nordestinos apresentaram um desempenho superior ao verificado nacionalmente, com exceção dos estados do Maranhão, Ceará e Piauí. Em termos de crescimento médio, sete dentre os nove estados do Nordeste tiveram comportamento superior ao nacional entre os anos analisados.

A Região Nordeste manteve-se com uma taxa de crescimento acima dos 30% nos anos 2003 a 2005, revelando uma tendência de estabilidade no avanço em suas exportações no período. Contudo, em 2006, este percentual caiu para 10,1%, refletindo queda no desempenho dos estados da Região.

Dentre os nove estados da Região Nordeste, o único a perder posição relativa nas exportações foi Piauí, sendo superado pelo Estado do Sergipe. Este último apresentou um forte crescimento de 259,5% em suas exportações, entre os anos de 1999 e 2006, ao passo que para o Piauí, o decréscimo observado foi de 4,1%. Os resultados colocaram o Estado do Sergipe na oitava posição no *ranking*. Vale ressaltar que esta mudança no posicionamento no *ranking* ocorreu apenas em 2005, dado que o Estado do Piauí passou a exportar US\$ 58,6 milhões enquanto que o Estado do Sergipe, US\$ 66,4 milhões.

Tabela 2.2
Valor das Exportações – 1999 a 2006
(US\$ Milhões FOB)

| Itens | 1999 | | 2006 | | Variação % (06/99) | Crescimento Médio % (06/99) |
|-----------------|---------------------|---------|---------------------|---------|-----------------------|--------------------------------|
| | Milhões US\$ FOB | Ranking | Milhões US\$ FOB | Ranking | | |
| BAHIA | 1.581 | 1 | 6.772 | 1 | 328,3% | 23,7% |
| MARANHÃO | 663 | 2 | 1.713 | 2 | 158,3% | 17,4% |
| CEARA | 371 | 3 | 957 | 3 | 157,8% | 15,3% |
| PERNAMBUCO | 266 | 4 | 780 | 4 | 193,5% | 18,0% |
| ALAGOAS | 225 | 5 | 693 | 5 | 207,9% | 18,2% |
| R.G. NORTE | 115 | 6 | 372 | 6 | 221,7% | 22,8% |
| PARAÍBA | 63 | 7 | 209 | 7 | 232,8% | 19,9% |
| SERGIPE | 22 | 9 | 79 | 8 | 259,5% | 24,4% |
| PIAUI | 49 | 8 | 47 | 9 | -4,1% | 2,8% |
| NORDESTE | 3.355 | | 11.621 | | 246,3% | 19,9% |
| BRASIL | 48.011 | | 137.470 | | 186,3% | 16,6% |

Fonte: SECEX/MDIC (2007). Elaboração IPECE.

No ano de 2006, dentre os nove estados da Região Nordeste, cinco tiveram taxas de crescimento positivas com relação ao ano anterior, à exceção dos estados do Piauí (-19,7%) e do Rio Grande do Norte (10,1%), Paraíba (-8,5%) e Pernambuco (-0,6%). O estado que teve maior crescimento em suas vendas ao exterior, nesse ano, foi Sergipe (18,8%) seguido dos estados de Alagoas (18,6%), Maranhão (14,1%), Bahia (13,1%) e Ceará (2,9%).

2.2. Desempenho das Exportações Brasileiras

2.2.1. Exportações Brasileiras por Setor de Contas Nacionais

A abordagem das exportações brasileiras pela classificação de contas nacionais fornece uma ótica alternativa e complementar de avaliação das vendas brasileiras para o exterior. Por esta análise, consegue-se identificar a utilização dada pelos países compradores aos bens importados do Brasil; em outras palavras, identifica-se qual a demanda ou consumo que as exportações atendem, fornecendo indicações para qualificação da pauta. O modo como a classificação é feita pode ser observada na tabela abaixo.

O setor que mais participou nas exportações brasileiras, no ano de 2006, foi o de *bens intermediários*, respondendo por 56,7% da pauta; em segundo lugar vem os *bens de consumo* com 19,1% e em terceiro, os *bens de capital* com 14,6%. Comparando-se as participações relativas das categorias de uso nas exportações brasileiras entre os anos de 2005 e 2006, observa-se ganho de participação somente dos *bens intermediários* e *combustíveis e lubrificantes*.

O desempenho dos bens intermediários é resultante, principalmente, do comportamento dos insumos industriais que passaram a ter participação relativa de 39,4%, em 2006, contra os 38,9%, em 2005. Estes representaram a principal categoria de uso das exportações brasileiras e responderam por US\$ 54,1 bilhões em 2006.

Já as exportações de combustíveis e lubrificantes, somaram em 2006, o valor de US\$ 10,5 bilhões contra US\$ 7,0 bilhões em 2005, resultando no maior crescimento verificado dentre as categorias de uso, de 49,8%, o que refletiu em ganho de participação, passando de 5,9%, em 2005, para 7,7%, em 2006.

Tabela 2.3
Exportações Brasileiras por Capítulo de Contas Nacionais - 2005 e 2006

| Categorias de Uso | 2006 | | 2005 | | Var.(%) 2006/2005 |
|--|---------------------|-------------|---------------------|-------------|----------------------|
| | US\$ Milhões FOB | Part % | US\$ Milhões FOB | Part % | |
| BENS DE CAPITAL | 20.122 | 14,6 | 18.588 | 15,7 | 8,3 |
| BENS DE CAPITAL (EXC.EQUIP.DE TRANSPORTE USO INDUSTRI.) | 13.757 | 10,0 | 12.305 | 10,4 | 11,8 |
| EQUIPAMENTOS DE TRANSPORTE DE USO INDUSTRIAL | 6.365 | 4,6 | 6.283 | 5,3 | 1,3 |
| BENS INTERMEDIARIOS | 77.898 | 56,7 | 66.125 | 55,9 | 17,8 |
| ALIMENTOS E BEBIDAS DESTINADOS A INDUSTRIA | 14.327 | 10,4 | 12.025 | 10,2 | 19,1 |
| INSUMOS INDUSTRIAIS | 54.196 | 39,4 | 46.071 | 38,9 | 17,6 |
| PECAS E ACESSORIOS DE EQUIPAMENTOS DE TRANSPORTE | 9.311 | 6,8 | 7.975 | 6,7 | 16,8 |
| BENS DIVERSOS | 63 | 0,1 | 54 | 0,1 | 15,8 |
| BENS DE CONSUMO | 26.309 | 19,1 | 24.388 | 20,6 | 7,9 |
| BENS DE CONSUMO DURAVEIS | 6.668 | 4,9 | 6.514 | 5,5 | 2,4 |
| BENS DE CONSUMO NAO DURAVEIS | 19.641 | 14,3 | 17.874 | 15,1 | 9,9 |
| COMBUSTIVEIS E LUBRIFICANTES | 10.525 | 7,7 | 7.028 | 5,9 | 49,8 |
| DEMAIS OPERACOES | 2.615 | 1,9 | 2.179 | 1,8 | 20,0 |

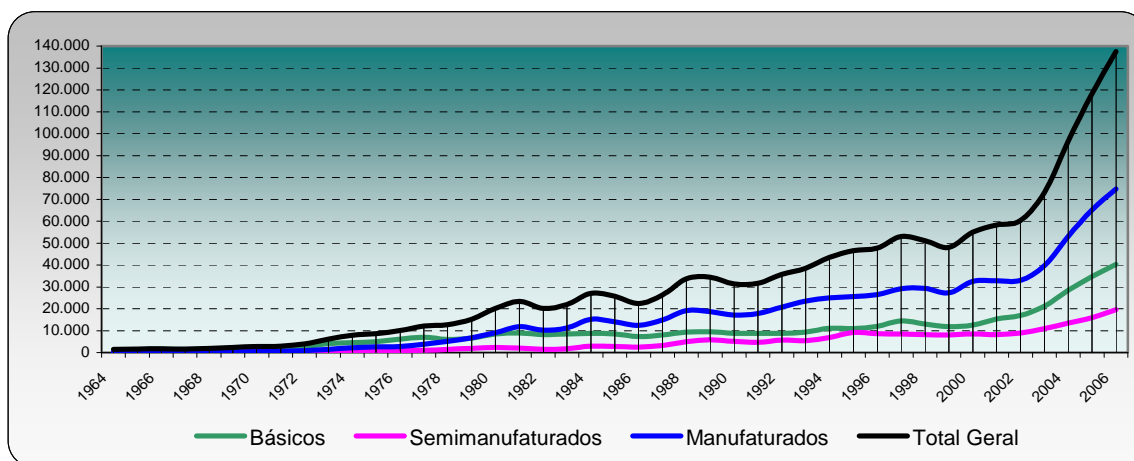
Fonte: SECEX/MDIC (2007). Elaboração IPECE

2.2.2. Exportações Brasileiras por Fator Agregado

A abordagem das exportações sob a classificação por fator agregado qualifica os produtos em básicos e industrializados, estes subdivididos em manufaturados e semimanufaturados. Esta denominação permite avaliar a pauta levando em consideração o grau de industrialização dos bens que a compõem, indicando, de certa forma, o maior ou menor valor agregado dos produtos exportados.

As exportações nacionais por fator agregado, desde meados dos anos 60, mantiveram-se concentradas em bens básicos até o ano de 1977. Neste ano, o Brasil exportou US\$ 6,9 bilhões de produtos básicos, contra US\$ 4,8 bilhões de produtos industrializados. Em 1978, as exportações dos básicos sofreram uma forte queda de 14,1% tendo alcançado o valor de US\$ 5,9 bilhões, sendo superado pelas exportações de bens industrializados, a partir desse ano, que foi de US\$ 6,5 bilhões, nunca mais voltando a ocupar o primeiro lugar no *ranking* das exportações por fator agregado. Em 1979, foi a vez das exportações dos manufaturados superarem as exportações dos bens básicos, em US\$ 92 milhões.

Gráfico 2.2
Evolução das Exportações Brasileiras por Fator Agregado - 1964 - 2006



Fonte: SECEX/MDIC (2007). Elaboração IPECE.

Entre os anos de 1999 a 2006, as exportações brasileiras mantiveram-se concentradas em bens industrializados manufaturados, cujo crescimento foi de 173,3% nesse período, vindo em seguida os bens básicos.

As exportações dos bens básicos e dos bens industrializados foram crescentes entre os anos de 1999 e 2006. Contudo, as vendas externas de bens básicos, com crescimento de

240,5%, vêm mostrando um desempenho muito superior ao verificado para os bens industrializados, que registraram crescimento de 166,8% no período, revelando que os produtos básicos têm ganhado posição relativa, revertendo a tendência verificada para exportações brasileiras nas últimas décadas.

Tabela 2.4
Exportações Brasileiras por Fator Agregado – 1999 a 2006
(US\$ Milhões FOB)

| Anos | PRODUTOS | | | | | | | | | |
|-----------------------------|---------------|------|------------------|------|-------------------|------|---------------|------|-----------------|------|
| | BÁSICOS | | INDUSTRIALIZADOS | | SEMIMANUFATURADOS | | MANUFATURADOS | | TOTAL GERAL (*) | |
| | US\$ Mil FOB | (%) | US\$ Mil FOB | (%) | US\$ Mil FOB | (%) | US\$ Mil FOB | (%) | US\$ Mil FOB | (%) |
| 1999 | 11.828 | | 35.311 | | 7.982 | | 27.329 | | 48.011 | |
| 2000 | 12.562 | 6,2 | 41.027 | 16,2 | 8.499 | 6,5 | 32.528 | 19,0 | 55.086 | 14,7 |
| 2001 | 15.342 | 22,1 | 41.145 | 0,3 | 8.244 | -3,0 | 32.901 | 1,1 | 58.223 | 5,7 |
| 2002 | 16.952 | 10,5 | 41.965 | 2,0 | 8.964 | 8,7 | 33.001 | 0,3 | 60.362 | 3,7 |
| 2003 | 21.179 | 24,9 | 50.597 | 20,6 | 10.943 | 22,1 | 39.654 | 20,2 | 73.084 | 21,1 |
| 2004 | 28.518 | 34,7 | 66.379 | 31,2 | 13.431 | 22,7 | 52.948 | 33,5 | 96.475 | 32,0 |
| 2005 | 34.721 | 21,8 | 81.105 | 22,2 | 15.961 | 18,8 | 65.144 | 23,0 | 118.308 | 22,6 |
| 2006 | 40.272 | 16,0 | 94.219 | 16,2 | 19.520 | 22,3 | 74.699 | 14,7 | 137.471 | 16,2 |
| Var(%) 2006/1999 | 240,5% | | 166,8% | | 144,6% | | 173,3% | | 186,3% | |

Fonte: SECEX/MDIC (2007). Elaboração IPECE.

(*) A diferença entre o Total Geral e o somatório dos Básicos e Industrializados refere-se a Operações Especiais.

As participações relativas dos produtos básicos e dos industrializados nas exportações nacionais foram de 24,6% e 73,5%, em 1999, passando para 29,3% e 68,5%, em 2006, respectivamente. Tal comportamento é reflexo do ganho de participação relativa dos produtos básicos em 18,9% e perda dos produtos industrializados de 6,8%.

Através dos gráficos abaixo, pode-se ter uma visão mais clara do comportamento da composição das exportações brasileiras por fator agregado, entre os anos de 1999 a 2006.

Tabela 2.5
Participação Relativa nas Exportações Brasileiras por Fator Agregado – 1999 a 2006
(US\$ Milhões FOB)

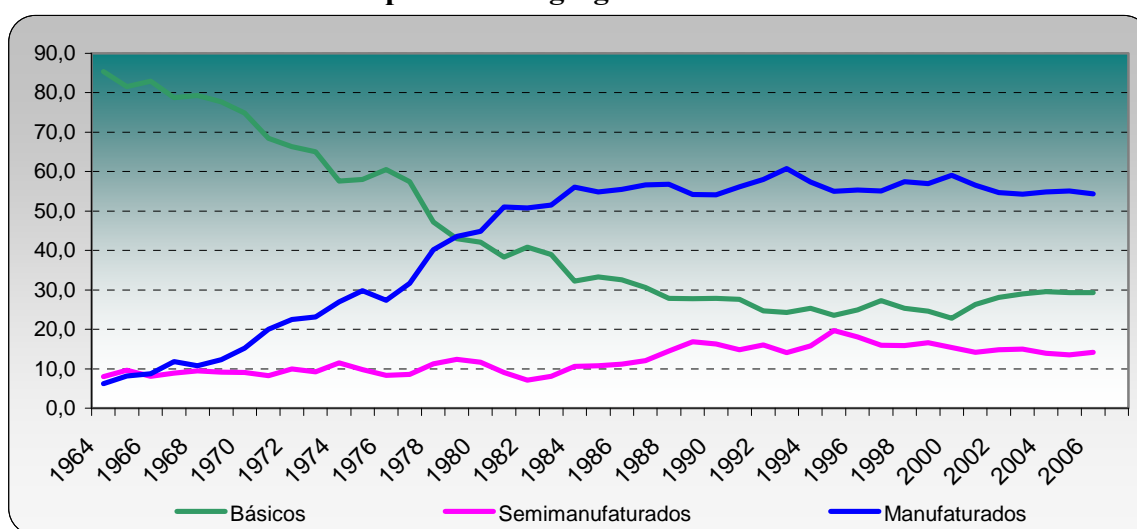
| Anos | Part % sobre o Total Geral | | | |
|-------------------------|----------------------------|------------------|-------------------|--------------|
| | Básicos | Industrializados | Semimanufaturados | Manufaturado |
| 1999 | 24,6 | 73,5 | 16,6 | 56,9 |
| 2000 | 22,8 | 74,5 | 15,4 | 59,0 |
| 2001 | 26,4 | 70,7 | 14,2 | 56,5 |
| 2002 | 28,1 | 69,5 | 14,9 | 54,7 |
| 2003 | 29,0 | 69,2 | 15,0 | 54,3 |
| 2004 | 29,6 | 68,8 | 13,9 | 54,9 |
| 2005 | 29,3 | 68,6 | 13,5 | 55,1 |
| 2006 | 29,3 | 68,5 | 14,2 | 54,3 |
| Var(%) 2006/1999 | 18,9% | -6,8% | -14,6% | -4,5% |

Fonte: SECEX/MDIC (2007); Elaboração IPECE.

(*) A diferença entre o Total Geral e o somatório dos Básicos e Industrializados refere-se às Operações Especiais.

Tal perda de participação relativa dos produtos industrializados deve-se, principalmente, aos produtos semimanufaturados. Esta categoria perdeu participação entre 1999 e 2006, passando de 16,6% para 14,2% entre estes anos, apesar do crescimento verificado em suas exportações. Os resultados confirmam que as vendas externas de produtos básicos cresceram relativamente mais. Quanto aos bens manufaturados, a participação caiu de 56,9% para 54,3% entre os dois anos considerados.

Gráfico 2.3
Evolução das Participações Relativas das Exportações Brasileiras
por Fator Agregado - 1964-2006



Fonte: SECEX/MDIC (2007); Elaboração IPECE.

2.2.3. Exportações Brasileiras por Capítulos (definição NCM)

Para analisar as exportações brasileiras por produtos no período considerado, foi necessário fazer inicialmente uma análise por grandes grupos, denominados capítulos, classificação esta contida na Nomenclatura Comum do Mercosul (NCM), fornecida pelo Ministério de Desenvolvimento, Indústria e Comércio. A análise por capítulos permite observar de duas maneiras a composição da pauta de exportações brasileira: (a) permite verificá-la em um nível maior de desagregação quando comparada às classificações anteriores, por contas nacionais e por fator agregado; e (b) possibilitar uma classificação mais ampla dos produtos comercializados do que quando estes são avaliados individualmente.

Busca-se, desta forma, identificar quais capítulos apresentaram os melhores desempenhos e maiores participações na pauta de exportações, bem como aquelas que mais contribuíram para a expansão observada nas vendas externas nacionais.

No ano de 2006, trinta e quatro, dos noventa e oito capítulos NCM (exclusive o capítulo 99-Transações Especiais), totalizaram 90,0% das exportações brasileiras, respondendo por US\$ 123,7 bilhões. Em 1999, estes mesmos capítulos representavam 88,4% da pauta, totalizando um valor de US\$ 42,5 bilhões.

No período de 1999 a 2006, seis capítulos apresentaram os melhores desempenhos, todos com crescimentos superiores a 1000%: (10) *Cereais*; (27) *Combustíveis, óleos e ceras minerais, etc*; (97) *Objetos de arte, de coleção e antiguidades*; (22) *Bebidas, líquidos alcoólicos e vinagres*; (04) *Leite e laticínios, ovos de aves, mel, etc* e (01) *Animais vivos*. Nesse mesmo período, seis capítulos apresentaram decréscimos no valor de suas exportações: (78) *Chumbo e suas obras*; (50) *Seda*; (91) *Relógios e apar. semelhantes e suas partes*; (07) *Prods. hortícolas, plantas, raízes, etc, comest*; (37) *Produtos para fotografia e cinematografia*; (66) *Guarda-chuvas, guarda-sóis, bengalas, etc*.

Entre os anos de 2006 e 2005, seis capítulos apresentaram crescimentos superiores a 100%: (10) *Cereais*; (74) *Cobre e suas obras*; (79) *Zinco e suas obras*; (97) *Objetos de arte, de coleção e antiguidades*; (01) *Animais vivos*; (22) *Bebidas, líquidos alcoólicos e vinagres*. Entre esses dois anos, vinte e três capítulos apresentaram decréscimos em seus valores exportados com destaque para (89) *Embarcações e estruturas flutuantes*; (66) *Guarda-chuvas, guarda-sóis, bengalas, etc*; (91) *Relógios e apar. semelhantes e suas partes*; (62) *Vestuário e seus acessórios, exceto de malha*.

Vale destacar que o capítulo (87) *Veículos automóveis, tratores, ciclos, etc.*, apresentou, em 2006, a maior participação relativa no total exportado pelo Brasil, mantendo a

primeira posição no ranking da pauta, mesmo com um crescimento de apenas 6,9% entre 2005 e 2006. Ao longo do período de 1999 a 2006, este capítulo acumulou um crescimento de 247%, o que levou o mesmo a passar da segunda posição no ranking em 1999 para o primeiro lugar em 2006.

Tabela 2.6
Exportações Brasileiras por Capítulos NCM
Anos Seleccionados - (Ranking 2006)

(continua)

| CAPÍTULOS NCM | Valores - US\$ FOB | | | Part % | | | Var (%) | |
|---|-----------------------|------------------------|------------------------|----------------|----------------|----------------|---------------|--------------|
| | 1999 | 2005 | 2006 | 1999 | 2005 | 2006 | 2006/1999 | 2006/2005 |
| TOTAL GERAL | 48.011.444.034 | 118.308.387.113 | 137.468.700.421 | 100,00% | 100,00% | 100,00% | 186,3% | 16,2% |
| 87- Veículos automóveis, tratores, ciclôs, etc | 3.553.335.349 | 11.531.242.548 | 12.325.981.418 | 7,40% | 9,79% | 8,97% | 246,88% | 6,89% |
| 84- Reator nuclear, calc, maq, apar, instr. mecân | 3.970.177.027 | 9.726.563.506 | 10.872.874.854 | 8,27% | 8,22% | 7,91% | 173,86% | 11,79% |
| 27- Combustíveis, óleos e ceras minerais, etc | 404.294.896 | 7.100.405.417 | 10.590.281.677 | 0,84% | 6,00% | 7,70% | 2519,44% | 49,15% |
| 26- Minérios, escórias e cinzas | 2.942.866.490 | 8.024.736.702 | 9.756.782.864 | 6,13% | 6,78% | 7,10% | 231,54% | 21,58% |
| 72- Ferro fundido, ferro e aço | 2.924.901.547 | 8.548.234.696 | 8.792.697.715 | 6,09% | 7,23% | 6,40% | 200,62% | 2,86% |
| 02- Carnes e miudezas comestíveis | 1.529.343.118 | 7.178.503.298 | 7.341.177.892 | 3,19% | 6,07% | 5,34% | 380,02% | 2,27% |
| 17- Açúcares e produtos de confeitaria | 2.010.007.220 | 4.102.358.804 | 6.347.401.847 | 4,19% | 3,47% | 4,62% | 215,79% | 54,73% |
| 85- Máquinas, aparelhos e mats. elétricos, etc | 1.812.722.158 | 5.430.164.169 | 6.341.368.944 | 3,78% | 4,59% | 4,61% | 249,83% | 16,78% |
| 12- Sementes e frutos oleaginosos, grãos, etc | 1.618.805.574 | 5.424.829.234 | 5.753.173.333 | 3,37% | 4,59% | 4,19% | 255,40% | 6,09% |
| 88- Aeronaves, outros aparelhos/espaciais e partes | 1.899.362.604 | 3.302.844.999 | 3.442.488.039 | 3,98% | 2,79% | 2,50% | 81,24% | 4,23% |
| 44- Madeira e suas obras, carvão vegetal | 1.391.063.052 | 3.031.543.308 | 3.159.304.044 | 2,90% | 2,58% | 2,30% | 127,11% | 4,21% |
| 09- Café, chá, mate e especiarias | 2.371.913.382 | 2.668.961.539 | 3.124.487.460 | 4,94% | 2,26% | 2,27% | 31,73% | 17,07% |
| 76- Alumínio e suas obras | 1.286.807.688 | 1.937.005.598 | 2.786.610.066 | 2,64% | 1,64% | 2,03% | 119,97% | 43,88% |
| 23- Resíduos e desperdícios das ind. alim., etc. | 1.585.896.276 | 2.997.904.498 | 2.589.260.671 | 3,30% | 2,53% | 1,88% | 63,27% | -13,63% |
| 39- Plásticos e suas obras | 689.731.939 | 2.038.578.776 | 2.557.351.997 | 1,44% | 1,72% | 1,86% | 270,77% | 25,45% |
| 47- Pastas de madeira ou outras mat. fibrosas, etc. | 1.243.627.959 | 2.033.891.730 | 2.484.043.340 | 2,59% | 1,72% | 1,81% | 99,74% | 22,13% |
| 29- Produtos químicos orgânicos | 991.327.527 | 1.916.388.988 | 2.115.144.844 | 2,08% | 1,62% | 1,54% | 113,36% | 10,37% |
| 64- Calçados, platinas, etc. e suas partes | 1.342.277.806 | 1.979.366.773 | 1.957.276.332 | 2,80% | 1,67% | 1,42% | 45,82% | -1,12% |
| 41- Peles (exceto peleteria), e couros | 600.202.346 | 1.401.128.998 | 1.878.351.847 | 1,25% | 1,18% | 1,37% | 212,95% | 34,06% |
| 24- Fumo (tabaco) e seus sucedâneos manufaturados | 961.237.046 | 1.706.520.228 | 1.751.726.280 | 2,00% | 1,44% | 1,27% | 82,24% | 2,66% |
| 28- Produtos químicos inorgânicos | 455.980.712 | 1.148.941.319 | 1.711.366.024 | 0,95% | 0,97% | 1,24% | 275,36% | 48,99% |
| 22- Bebidas, líquidos alcoólicos e vinagres | 122.715.338 | 833.808.619 | 1.679.404.944 | 0,26% | 0,70% | 1,22% | 1268,54% | 101,41% |
| 20- Preparações de produtos hortícolas, frutas, etc | 1.340.082.883 | 1.245.171.591 | 1.640.590.866 | 2,79% | 1,05% | 1,19% | 22,43% | 31,76% |
| 40- Borracha e suas obras | 731.371.336 | 1.381.923.818 | 1.610.347.997 | 1,52% | 1,17% | 1,17% | 120,18% | 16,53% |
| 48- Papel e cartão e suas obras | 900.757.722 | 1.370.921.329 | 1.520.998.066 | 1,88% | 1,16% | 1,11% | 68,86% | 10,95% |
| 73- Ocas de ferro fundido, ferro ou aço | 531.908.457 | 1.240.161.693 | 1.470.879.406 | 1,11% | 1,05% | 1,07% | 176,53% | 18,60% |
| 15- Cereais, óleos e ceras, animais e vegetais | 790.328.646 | 1.485.929.172 | 1.394.763.822 | 1,68% | 1,26% | 1,01% | 76,48% | -6,14% |
| 16- Preparações de carnes, de peixes, etc | 415.707.476 | 923.113.587 | 1.203.723.886 | 0,87% | 0,78% | 0,88% | 189,56% | 30,40% |
| 68- Ocas de pedra, gesso, cimento, e semelhantes | 294.445.109 | 829.076.301 | 1.082.083.268 | 0,61% | 0,70% | 0,79% | 267,50% | 30,52% |
| 94- Móveis, mobiliário médico-cirúrgico, etc | 407.584.899 | 1.075.738.975 | 1.048.011.073 | 0,85% | 0,91% | 0,76% | 157,13% | -2,58% |
| 71- Pérdas, pedras preciosas, etc. e obras, moedas | 518.232.181 | 761.677.056 | 1.047.688.299 | 1,08% | 0,64% | 0,76% | 102,17% | 37,55% |
| 74- Cobre e suas obras | 127.531.327 | 424.202.812 | 968.423.861 | 0,27% | 0,36% | 0,71% | 660,15% | 128,53% |
| 08- Frutas, cascas de cítricos e de melões | 323.973.735 | 676.835.640 | 694.420.260 | 0,67% | 0,57% | 0,51% | 114,34% | 2,60% |
| 21- Preparações alimentícias diversas | 400.089.888 | 618.147.732 | 675.315.053 | 0,83% | 0,52% | 0,49% | 68,79% | 9,25% |
| 52- Algodão | 202.506.294 | 779.121.359 | 670.644.937 | 0,42% | 0,66% | 0,49% | 231,17% | -13,92% |
| 25- Sólidos de terras e pedras, gesso, cal, cimento | 222.947.240 | 534.575.061 | 645.551.229 | 0,46% | 0,45% | 0,47% | 189,55% | 20,76% |
| 90- Instrumentos e apar. de óptica, fotografia, etc | 436.924.571 | 512.031.241 | 628.521.027 | 0,91% | 0,43% | 0,46% | 43,85% | 22,75% |
| 30- Produtos farmacêuticos | 231.557.930 | 473.289.888 | 620.654.734 | 0,48% | 0,40% | 0,45% | 168,03% | 31,14% |
| 10- Cereais | 21.924.782 | 195.535.427 | 607.889.218 | 0,05% | 0,17% | 0,44% | 2672,61% | 210,88% |
| 69- Produtos cerâmicos | 243.213.248 | 554.315.492 | 605.878.668 | 0,51% | 0,47% | 0,44% | 149,11% | 9,30% |
| 38- Produtos diversos das indústrias químicas | 316.775.342 | 521.256.802 | 599.174.298 | 0,66% | 0,44% | 0,44% | 89,15% | 14,95% |
| 33- Óleos essenciais e resinóides, etc | 117.120.296 | 377.090.361 | 457.559.187 | 0,24% | 0,32% | 0,33% | 290,67% | 21,34% |
| 82- Ferramentas, artefatos de ourivesaria, talheres | 190.047.483 | 379.954.080 | 380.640.796 | 0,40% | 0,32% | 0,28% | 100,29% | 0,18% |
| 18- Cacaue e suas preparações | 158.088.391 | 386.806.921 | 362.218.465 | 0,33% | 0,33% | 0,26% | 129,17% | -6,36% |
| 03- Peixes e crustáceos, moluscos, etc | 125.578.446 | 390.324.352 | 351.504.888 | 0,26% | 0,33% | 0,26% | 179,91% | -9,95% |
| 63- Outros artefatos têxteis confeccionados, etc | 231.316.976 | 405.430.374 | 340.181.757 | 0,48% | 0,34% | 0,25% | 47,06% | -16,09% |
| 32- Extratos, tanantes, tintóias, tintas, etc | 199.999.754 | 277.187.805 | 333.312.348 | 0,42% | 0,23% | 0,24% | 66,66% | 20,25% |
| 75- Niquel e suas obras | 114.975.179 | 254.884.396 | 321.977.219 | 0,24% | 0,22% | 0,23% | 180,04% | 26,32% |
| 70- Vidro e suas obras | 182.097.430 | 280.309.983 | 283.749.691 | 0,38% | 0,24% | 0,21% | 55,82% | 1,23% |

Tabela 2.6
Exportações Brasileiras por Capítulos NCM
Anos Seleccionados - (Ranking 2006)

(conclusão)

| CAPÍTULOS NCM | Valores- US\$ FOB | | | Part % | | | Var (%) | |
|--|-----------------------|------------------------|------------------------|----------------|----------------|----------------|----------------|---------------|
| | 1999 | 2005 | 2006 | 1999 | 2005 | 2006 | 2006/1999 | 2006/2005 |
| TOTAL GERAL | 48.011.444,084 | 118.308.387,113 | 137.468.700,421 | 100,00% | 100,00% | 100,00% | 186,3% | 16,2% |
| 86- Veículos e material para vias férreas, etc | 26.422.191 | 269.072.707 | 244.020.981 | 0,05% | 0,23% | 0,18% | 823,55% | -9,31% |
| 83- Outras diversas de metais comuns | 60.294.899 | 175.727.015 | 231.107.634 | 0,13% | 0,15% | 0,17% | 283,30% | 31,52% |
| 35- Matérias alumínicas, óxidos, enzimas, etc | 95.738.299 | 194.215.659 | 219.665.046 | 0,20% | 0,16% | 0,16% | 129,46% | 13,11% |
| 79- Zinco e suas obras | 28.966.786 | 97.168.613 | 215.924.620 | 0,06% | 0,08% | 0,16% | 645,42% | 122,22% |
| 34- Sabões, ceras artificiais, etc | 93.084.493 | 171.738.270 | 197.030.779 | 0,19% | 0,15% | 0,14% | 111,78% | 14,73% |
| 04- Leite e lactínicos, ovos de aves, mel, etc | 15.688.405 | 180.609.930 | 191.104.135 | 0,03% | 0,15% | 0,14% | 1120,46% | 5,81% |
| 05- Produtos de origem animal n.e | 74.180.735 | 172.807.643 | 187.868.711 | 0,15% | 0,15% | 0,14% | 153,24% | 8,71% |
| 56- Pastas, filtros e falsos tecidos, etc | 102.984.723 | 134.997.895 | 181.480.933 | 0,21% | 0,11% | 0,13% | 76,23% | 34,44% |
| 31- Adubos e fertilizantes | 38.291.468 | 172.927.038 | 164.694.086 | 0,08% | 0,15% | 0,12% | 330,11% | -4,76% |
| 61- Vestuário e seus acessórios de malha | 107.680.492 | 194.514.337 | 160.853.834 | 0,22% | 0,16% | 0,12% | 49,38% | -17,30% |
| 55- Fibras sintéticas ou artificiais, descontínuas | 58.848.403 | 125.228.267 | 148.949.417 | 0,12% | 0,11% | 0,11% | 153,11% | 18,94% |
| 19- Preparações a base de cereais, farinhas, etc | 42.512.594 | 117.978.467 | 137.462.542 | 0,09% | 0,10% | 0,10% | 223,35% | 16,51% |
| 93- Amas em uniões, suas partes e acessórios | 58.325.406 | 109.641.834 | 134.363.951 | 0,12% | 0,09% | 0,10% | 130,37% | 22,55% |
| 96- Outras diversas | 81.947.806 | 115.101.334 | 132.546.100 | 0,17% | 0,10% | 0,10% | 61,74% | 15,16% |
| 42- Outras de couro, artigos de viagem, bolsas, etc | 60.312.205 | 138.942.099 | 130.535.566 | 0,13% | 0,12% | 0,09% | 116,43% | -6,05% |
| 37- Produtos para fotografia e cinematografia | 220.575.213 | 140.368.868 | 115.302.421 | 0,46% | 0,12% | 0,08% | -47,73% | -17,86% |
| 62- Vestuário e seus acessórios, exceto de malha | 59.154.751 | 142.244.418 | 112.121.781 | 0,12% | 0,12% | 0,08% | 89,54% | -21,18% |
| 54- Filamentos sintéticos ou artificiais | 53.915.587 | 124.370.613 | 108.681.239 | 0,11% | 0,11% | 0,08% | 101,58% | -12,62% |
| 59- Tecidos em pregados, revestidos, etc | 37.399.764 | 85.288.538 | 90.416.820 | 0,08% | 0,07% | 0,07% | 141,76% | 6,01% |
| 01- Animais vivos | 7.776.547 | 43.187.668 | 88.853.468 | 0,02% | 0,04% | 0,06% | 1042,58% | 105,74% |
| 81- Outros metais comuns e suas obras | 28.151.634 | 79.538.997 | 78.720.175 | 0,06% | 0,07% | 0,06% | 179,63% | -1,10% |
| 58- Tecidos especiais, rendas, tapeçarias, etc | 21.512.799 | 33.541.508 | 66.690.896 | 0,04% | 0,03% | 0,05% | 205,36% | 95,85% |
| 60- Tecidos de malha | 21.852.450 | 52.169.301 | 60.671.553 | 0,05% | 0,04% | 0,04% | 177,64% | 16,30% |
| 49- Livros, jornais, gravuras e outs. prod. gráficos | 31.555.353 | 55.156.831 | 58.857.751 | 0,07% | 0,05% | 0,04% | 89,63% | 8,44% |
| 53- Outras fibras têxteis vegetais | 18.585.139 | 47.548.218 | 54.006.377 | 0,04% | 0,04% | 0,04% | 190,43% | 13,58% |
| 13- Gomas, resinas, outros sucos e extratos vegetais | 33.248.294 | 46.015.444 | 46.321.770 | 0,07% | 0,04% | 0,03% | 39,32% | 0,67% |
| 50- Seda | 52.280.760 | 33.547.228 | 42.162.752 | 0,11% | 0,03% | 0,03% | -19,32% | 25,68% |
| 80- Eslarfo e suas obras | 31.707.457 | 42.408.851 | 41.541.397 | 0,07% | 0,04% | 0,03% | 31,01% | -2,05% |
| 95- Biquilicxos, jogos, artigos p/divert. e esportes | 23.147.070 | 38.544.964 | 37.492.128 | 0,05% | 0,03% | 0,03% | 61,97% | -2,73% |
| 11- Produtos da indústria de moagem, malte, etc | 9.787.478 | 25.512.075 | 35.815.809 | 0,02% | 0,02% | 0,03% | 265,94% | 40,39% |
| 06- Plantas vivas e produtos da floricultura | 13.123.664 | 25.822.533 | 29.644.752 | 0,03% | 0,02% | 0,02% | 125,89% | 14,80% |
| 89- Estruturas e estruturas flutuantes | 12.454.515 | 19.420.147 | 29.614.971 | 0,03% | 0,16% | 0,02% | 137,79% | -84,75% |
| 43- Pele de animais e suas obras, pele de animais artificial | 6.424.453 | 18.013.649 | 27.601.071 | 0,01% | 0,02% | 0,02% | 329,62% | 53,22% |
| 36- Pólvoras, explosivos, fósforos, etc | 11.738.352 | 25.723.371 | 26.614.891 | 0,02% | 0,02% | 0,02% | 126,35% | 3,47% |
| 51- Lã, pelos, fios e tecidos de oira | 22.280.047 | 21.676.983 | 24.883.488 | 0,05% | 0,02% | 0,02% | 11,79% | 14,79% |
| 57- Tapetes e outros revestimentos, de mat. têxteis | 19.543.937 | 22.174.857 | 21.089.710 | 0,04% | 0,02% | 0,02% | 7,91% | -4,89% |
| 07- Prod. hortícolas, plantas, raízes, etc, com est | 27.366.181 | 15.587.447 | 17.407.310 | 0,06% | 0,01% | 0,01% | -36,37% | 11,68% |
| 97- Objetos de arte de coleção e antiguidades | 671.437 | 52.732.246 | 10.994.842 | 0,00% | 0,00% | 0,01% | 1537,51% | 108,50% |
| 14- Matérias p/tranc. e prod. de orig. veg. n.e | 1.745.318 | 4.785.573 | 9.216.753 | 0,00% | 0,00% | 0,01% | 428,08% | 92,59% |
| 92- Instrumentos musicais, suas partes/acessórios | 3.957.882 | 6.911.966 | 7.617.077 | 0,01% | 0,01% | 0,01% | 92,45% | 10,20% |
| 65- Chapéus e artigos de uso semelhante, s partes | 2.154.854 | 42.157.321 | 43.12.961 | 0,00% | 0,00% | 0,00% | 100,15% | 2,31% |
| 91- Relógios e apar. semelhantes e suas partes | 2.803.114 | 2.732.240 | 2.126.911 | 0,01% | 0,00% | 0,00% | -24,12% | -22,16% |
| 45- Cortiça e suas obras | 723.547 | 1.724.140 | 1.983.262 | 0,00% | 0,00% | 0,00% | 174,10% | 15,03% |
| 78- Chumbo e suas obras | 785.900 | 869.800 | 736.117 | 0,00% | 0,00% | 0,00% | -6,33% | -15,37% |
| 46- Outras de esportaria ou de cestaria | 114.896 | 168.754 | 200.788 | 0,00% | 0,00% | 0,00% | 74,76% | 18,98% |
| 67- Penas e penugens preparadas, e suas obras, etc | 36.109 | 124.072 | 178.290 | 0,00% | 0,00% | 0,00% | 383,76% | 43,70% |
| 66- Guardachuvas, guarda-sóis, bengalas, etc | 340.260 | 304.914 | 142.412 | 0,00% | 0,00% | 0,00% | -58,15% | -53,29% |
| 99- TRANSACÇÕES ESPECIAIS | 823.755,241 | 2.178.928,054 | 2.613.789,254 | 1,72% | 1,84% | 1,90% | 217,30% | 19,96% |

Fonte: SECEX/MDIC (2007). Elaboração IPECE.

2.2.4. Exportações Brasileiras por Produtos, Blocos Econômicos e Países de Destino

O estudo ao nível de produto visa avaliar o desempenho das exportações, considerando quais os bens comercializados. Esta abordagem individualizada complementa as demais⁸ e permite observar movimentos não captados quando da avaliação das seções e capítulos (definições NCM), verificando a possibilidade do bem em questão apresentar um desempenho diverso daquele registrado pelo grupo do qual faz parte⁹.

Com relação aos países de destinos das exportações, a intenção é identificar quais os compradores internacionais dos produtos brasileiros e analisar seus comportamentos de compra, o que acaba fornecendo informações sobre a demanda externa para as exportações nacionais. Neste caso, a análise se concentra em blocos econômicos e em países.

Para o caso das exportações brasileiras, foi feita apenas uma apresentação dos cem primeiros produtos em valor exportado, responsáveis por 69,3% do valor total vendido ao exterior pelo país em 2006. Vale salientar que apenas 32 produtos responderam por metade do valor da pauta de exportações brasileiras e que apenas dezoito deles exportaram mais de 1% naquele ano.

Os produtos que mais participaram da pauta, em 2006, foram: *Óleos brutos de petróleo; Minérios de ferro não aglomerados e seus concentrados; Outros grãos de soja, mesmo triturados; Açúcar de cana, em bruto; Minérios de ferro aglomerados e seus concentrados; Automóveis c/motor a explosão, 1500<cm3<=3000, AT e Café não torrado, não descafeinado, em grão*, todos com participações acima de 2% na pauta.

Dentre os cem produtos analisados, setenta e oito apresentaram crescimento. Os quatro produtos que mais incrementaram suas exportações, foram: *Milho em grão, exceto para semeadura; Catodos de cobre refinado/seus elementos, em f; Lamin. ferro/aço, quente, l>=60cm, n/enrolado, e>1 e "Gasoleo" (oleo diesel)*, todos em mais de cem por cento. Vale enfatizar que estes produtos apresentaram baixa participação na pauta de exportações, todos abaixo de 0,5%.

Os produtos que mais contribuíram, em valor absoluto, para o crescimento das exportações brasileiras, em 2006, foram: *Óleos brutos de petróleo; Açúcar de cana, em bruto;*

⁸ A saber: avaliação das exportações por setor de contas nacionais, por fator agregado, por seções e capítulos NCM.

⁹ Assim como para o estudo dos Capítulos, os principais produtos são identificados com aqueles, que em ordem decrescente de valor exportado, somam em conjunto 90% do total exportado pelo Estado, no período a ser considerado.

Minérios de ferro não aglomerados e seus concentrados, com valores de US\$ 2,7 bilhões, US\$ 1,5 bilhão e US\$ 1,3 bilhão, respectivamente.

Os dados acima revelam a importância destes três produtos para as exportações nacionais, tanto em participação relativa, quanto em contribuição ao crescimento das exportações brasileiras.

Tabela 2.7
Brasil: Principais Produtos Exportados – 2005 e 2006
(US\$ Mil FOB)

| Ord | PRINCIPAIS PRODUTOS | 2006 | | 2005 | | Var% |
|-----|---|---------------|-------|---------------|-------|--------|
| | | US\$ F.O.B. | Part% | US\$ F.O.B. | Part% | |
| 1 | OLEOS BRUTOS DE PETROLEO | 6.894.288.712 | 5,02 | 4.164.449.735 | 3,52 | 65,55 |
| 2 | MINERIOS DE FERRO NAO AGLOMERADOS E SEUS CONC | 5.750.494.719 | 4,18 | 4.434.976.343 | 3,75 | 29,66 |
| 3 | OUTROS GRAOS DE SOJA,MESMO TRITURADOS | 5.659.661.309 | 4,12 | 5.341.289.686 | 4,51 | 5,96 |
| 4 | ACUCAR DE CANA,EM BRUTO | 3.935.802.320 | 2,86 | 2.382.147.090 | 2,01 | 65,22 |
| 5 | MINERIOS DE FERRO AGLOMERADOS E SEUS CONCENTR | 3.198.375.466 | 2,33 | 2.861.654.947 | 2,42 | 11,77 |
| 6 | AUTOMOVEIS C/MOTOR EXPLOSAO,1500<CM3<=3000,AT | 3.007.486.661 | 2,19 | 2.838.339.831 | 2,4 | 5,96 |
| 7 | CAFE NAO TORRADO,NAO DESCAFEINADO,EM GRAO | 2.928.192.629 | 2,13 | 2.516.093.149 | 2,13 | 16,38 |
| 8 | TERMINAIS PORTATEIS DE TELEFONIA CELULAR | 2.660.429.758 | 1,94 | 2.406.273.044 | 2,03 | 10,56 |
| 9 | CARNES DESOSADAS DE BOVINO,CONGELADAS | 2.463.005.568 | 1,79 | 1.789.960.968 | 1,51 | 37,6 |
| 10 | PASTA QUIM.MADEIRA DE N/CONIF.A SODA/SULFATO, | 2.428.551.045 | 1,77 | 1.975.669.421 | 1,67 | 22,92 |
| 11 | BAGACOS E OUTS.RESIDUOS SOLIDOS,DA EXTR.DO OL | 2.418.672.730 | 1,76 | 2.864.212.408 | 2,42 | -15,56 |
| 12 | OUTROS AVIOES/VEICULOS AEREOS,PESO>15000KG,VA | 2.362.328.728 | 1,72 | 1.804.936.023 | 1,53 | 30,88 |
| 13 | OUTS.ACUCARES DE CANA,BETERRABA,SACAROSE QUIM | 2.231.157.864 | 1,62 | 1.536.681.134 | 1,3 | 45,19 |
| 14 | PEDACOS E MIUDEZAS,COMEST.DE GALOS/GALINHAS,C | 1.983.250.122 | 1,44 | 2.234.811.510 | 1,89 | -11,26 |
| 15 | "FUEL-OIL" | 1.943.484.851 | 1,41 | 1.408.535.261 | 1,19 | 37,98 |
| 16 | FERRO FUNDIDO BRUTO NAO LIGADO,C/PESO<=0.5% D | 1.637.332.696 | 1,19 | 1.810.414.984 | 1,53 | -9,56 |
| 17 | ALUMINIO NAO LIGADO EM FORMA BRUTA | 1.494.895.292 | 1,09 | 1.019.778.147 | 0,86 | 46,59 |
| 18 | ALCOOL ETILICO N/DESATURADO C/VOL. TEOR ALCOO | 1.437.186.000 | 1,05 | 742.535.769 | 0,63 | 93,55 |
| 19 | CONSUMO DE BORDO - COMBUSTIVEIS E LUBRIF.P/EM | 1.309.892.188 | 0,95 | 1.091.515.739 | 0,92 | 20,01 |
| 20 | FUMO N/MANUF.TOTAL/PARC.DESTAL.FLS.SECAS,ETC. | 1.297.414.939 | 0,94 | 1.307.402.732 | 1,11 | -0,76 |
| 21 | OUTRAS GASOLINAS | 1.195.992.837 | 0,87 | 1.055.860.013 | 0,89 | 13,27 |
| 22 | OUTROS PRODS.SEMIMANUF.FERRO/ACO.C<0.25%,SEC. | 1.156.791.705 | 0,84 | 1.076.554.633 | 0,91 | 7,45 |
| 23 | CONSUMO DE BORDO - COMBUSTIVEIS E LUBRIF.P/AE | 1.128.836.185 | 0,82 | 929.961.807 | 0,79 | 21,39 |
| 24 | AUTOMOVEIS C/MOTOR EXPLOSAO,1000<CM3<=1500,AT | 1.110.061.499 | 0,81 | 1.026.507.938 | 0,87 | 8,14 |
| 25 | ALUMINA CALCINADA | 1.087.810.259 | 0,79 | 563.418.414 | 0,48 | 93,07 |
| 26 | OUTROS CALCADOS DE COURO NATURAL | 1.070.570.222 | 0,78 | 1.090.741.774 | 0,92 | -1,85 |
| 27 | SUCOS DE LARANJAS,CONGELADOS,NAO FERMENTADOS | 1.043.141.403 | 0,76 | 796.132.243 | 0,67 | 31,03 |
| 28 | OUTRAS PARTES E ACESS.P/TRATORES E VEICULOS A | 1.002.582.264 | 0,73 | 879.817.641 | 0,74 | 13,95 |
| 29 | CARNES DE GALOS/GALINHAS,N/CORTADAS EM PEDACO | 936.857.085 | 0,68 | 1.087.038.826 | 0,92 | -13,82 |
| 30 | OLEO DE SOJA,EM BRUTO,MESMO DEGOMADO | 828.702.023 | 0,6 | 1.022.015.451 | 0,86 | -18,91 |
| 31 | OUTS.AVIOES A TURBOJATO,ETC.7000KG<PESO<=1500 | 801.968.541 | 0,58 | 1.262.760.624 | 1,07 | -36,49 |
| 32 | TRATORES RODOVIARIOS P/SEMI-REBOQUES | 783.798.835 | 0,57 | 679.527.600 | 0,57 | 15,34 |
| 33 | OUTRAS CARNES DE SUINO, CONGELADAS | 772.329.710 | 0,56 | 835.549.413 | 0,71 | -7,57 |
| 34 | CARNES DESOSADAS DE BOVINO,FRESCAS OU REFRIG | 666.471.396 | 0,48 | 627.093.471 | 0,53 | 6,28 |
| 35 | OURO EM BARRAS,FIOS,PERFIS DE SEC.MACICA,BULH | 658.533.459 | 0,48 | 458.865.553 | 0,39 | 43,51 |
| 36 | PREPARACOES ALIMENTICIAS E CONSERVAS,DE BOVIN | 654.166.619 | 0,48 | 524.703.617 | 0,44 | 24,67 |
| 37 | CHASSIS C/MOTOR P/VEICS.AUTOMOVEIS TRANSP.PES | 625.675.533 | 0,46 | 575.013.952 | 0,49 | 8,81 |
| 38 | MOTOCOMPRESSOR HERMETICO,CAPACIDADE<4700 FRIG | 625.402.235 | 0,45 | 541.112.760 | 0,46 | 15,58 |
| 39 | OUTROS GRANITOS TRABALHADOS DE OUTRO MODO E S | 602.519.598 | 0,44 | 403.665.706 | 0,34 | 49,26 |
| 40 | OUTROS MOTORES DE EXPLOSAO,P/VEIC.CAP.87,SUP. | 599.343.897 | 0,44 | 523.107.931 | 0,44 | 14,57 |
| 41 | LIGAS DE ALUMINIO EM FORMA BRUTA | 586.720.720 | 0,43 | 378.948.203 | 0,32 | 54,83 |
| 42 | FERRONIOBIO | 543.997.562 | 0,4 | 423.722.620 | 0,36 | 28,39 |
| 43 | OUTROS MOTORES DIESEL/SEMIDIESEL,P/VEIC.DO CA | 521.189.354 | 0,38 | 416.543.355 | 0,35 | 25,12 |
| 44 | SULFETOS DE MINERIOS DE COBRE | 502.679.111 | 0,37 | 299.237.327 | 0,25 | 67,99 |
| 45 | OUTS.COUIROS/P.ELES.INT.BOVINOS,PRE PARS,ETC. | 480.297.367 | 0,35 | 288.006.363 | 0,24 | 66,77 |
| 46 | BLOCOS DE CILINDROS,CABECOTES,ETC.P/MOTORES D | 462.475.565 | 0,34 | 360.388.225 | 0,3 | 28,33 |
| 47 | MILHO EM GRAO,EXCETO PARA SEMEADURA | 459.907.343 | 0,33 | 101.921.869 | 0,09 | 351,24 |
| 48 | OUTROS TRATORES | 454.574.833 | 0,33 | 558.771.322 | 0,47 | -18,65 |
| 49 | OUTROS "BULLDOZERS" E "ANGLEDZERS",DE LAGART | 448.907.987 | 0,33 | 381.178.427 | 0,32 | 17,77 |
| 50 | OUTROS PNEUS NOVOS PARA ONIBUS OU CAMINHOS | 439.265.607 | 0,32 | 346.933.375 | 0,29 | 26,61 |
| 51 | OUTS.MADEIRAS COMPENSADAS,COM FOLHAS DE ESPES | 438.017.861 | 0,32 | 510.052.713 | 0,43 | -14,12 |
| 52 | OUTROS VEICULOS AUTOMOVEIS C/MOTOR DIESEL,P/C | 432.669.567 | 0,31 | 477.761.747 | 0,4 | -9,44 |
| 53 | PRODS.SEMIMANUFAT.DE FERRO/ACO,N/LIGADOS,CARB | 420.471.563 | 0,31 | 420.236.366 | 0,36 | 0,06 |
| 54 | OUTROS POLIETILENOS S/CARGA,D=>0.94,EM FORMAS | 418.711.449 | 0,3 | 252.361.528 | 0,21 | 65,92 |
| 55 | CHASSIS C/MOTOR DIESEL E CABINA,5T<CARGA<=20T | 417.444.772 | 0,3 | 414.216.011 | 0,35 | 0,78 |
| 56 | CHASSIS C/MOTOR DIESEL E CABINA,CARGA>20T | 409.941.976 | 0,3 | 324.080.298 | 0,27 | 26,49 |
| 57 | OUTROS LADRILHOS,ETC.DE CERAMICA,VIDRADOS,ESM | 406.730.234 | 0,3 | 356.431.351 | 0,3 | 14,11 |
| 58 | OUTROS VEICULOS AUTOMOVEIS C/MOTOR EXPLOSAO,C | 402.060.737 | 0,29 | 296.889.064 | 0,25 | 35,42 |
| 59 | OUTROS NIVELADORES | 396.907.697 | 0,29 | 341.965.189 | 0,29 | 16,07 |

(continua)

Tabela 2.7
Brasil: Principais Produtos Exportados – 2005 e 2006
(US\$ Mil FOB)

(conclusão)

| Ord | PRINCIPAIS PRODUTOS | 2006 | | 2005 | | Var% |
|-----|--|------------------------|--------------|------------------------|--------------|-------------|
| | | US\$ F.O.B. | Part% | US\$ F.O.B. | Part% | |
| 60 | CARROCARIAS P/VEIC.AUTOMOV.TRANSP>=10PESSOAS | 391.324.528 | 0,28 | 338.165.358 | 0,29 | 15,72 |
| 61 | MADEIRA DE NAO CONIFERAS,PERFILADA | 387.517.515 | 0,28 | 288.693.181 | 0,24 | 34,23 |
| 62 | PNEUS NOVOS PARA AUTOMOVEIS DE PASSAGEIROS | 387.204.805 | 0,28 | 320.334.363 | 0,27 | 20,88 |
| 63 | CAFE SOLUVEL, MESMO DESCAFEINADO | 383.146.044 | 0,28 | 362.638.079 | 0,31 | 5,66 |
| 64 | OUTROS FREIOS E SUAS PARTES,P/TRATORES/VEIC.A | 382.113.975 | 0,28 | 398.026.654 | 0,34 | -4 |
| 65 | CATODOS DE COBRE REFINADO/SEUS ELEMENTOS,EM F | 379.723.790 | 0,28 | 114.380.213 | 0,1 | 231,98 |
| 66 | OLEO DE SOJA, REFINADO, EM RECIPIENTES COM CAPA | 377.574.480 | 0,27 | 222.686.319 | 0,19 | 69,55 |
| 67 | FIOS DE COBRE REFINADO, MAIOR DIMENSAO DA SEC. | 360.238.272 | 0,26 | 241.587.380 | 0,2 | 49,11 |
| 68 | BILLETS DE FERRO/ACO, C<0,25%, SEC. TRANSV. QUAD | 354.485.256 | 0,26 | 353.849.646 | 0,3 | 0,18 |
| 69 | OUTRAS PARTES E ACESS. DE CARROCARIAS P/VEIC.A | 348.373.123 | 0,25 | 205.798.653 | 0,17 | 69,28 |
| 70 | POLIETILENO LINEAR, DENSIDADE<0,94, EM FORMA PR | 347.200.105 | 0,25 | 222.193.956 | 0,19 | 56,26 |
| 71 | OUTRAS MADEIRAS SERRADAS/CORTADAS EM FOLHAS, E | 335.880.756 | 0,24 | 352.550.890 | 0,3 | -4,73 |
| 72 | PARTES DE OUTROS MOTORES/GERADORES/GRUPOS ELE | 325.386.998 | 0,24 | 223.754.526 | 0,19 | 45,42 |
| 73 | CAIXAS DE MARCHAS P/VEICULOS AUTOMOVEIS | 320.193.562 | 0,23 | 275.732.747 | 0,23 | 16,12 |
| 74 | LAMIN.FERRO/ACO, QUENTE, L>=60CM/N ENROLADO, E>1 | 314.982.678 | 0,23 | 132.805.023 | 0,11 | 137,18 |
| 75 | "GASOLEO" (OLEO DIESEL) | 300.761.732 | 0,22 | 128.415.192 | 0,11 | 134,21 |
| 76 | PRODUTOS SEMI MANUFATURADOS, DE OUTRAS LIGAS DE | 296.241.661 | 0,22 | 388.640.603 | 0,33 | -23,77 |
| 77 | ALGODAO SIMPLEMENTE DEBULHADO, NAO CARDADO NE | 289.834.999 | 0,21 | 313.829.836 | 0,27 | -7,65 |
| 78 | OUTROS LAMIN.FERRO/ACO, L>=6DM, QUENTE, R.CLOS, E< | 289.788.383 | 0,21 | 339.844.194 | 0,29 | -14,73 |
| 79 | PAPEL FIBRA MEC<=10%, 40<P<=150GM2, FLS. LADO< | 288.397.641 | 0,21 | 261.938.184 | 0,22 | 10,1 |
| 80 | OUTROS MOVEIS DE MADEIRA | 288.251.503 | 0,21 | 314.458.095 | 0,27 | -8,33 |
| 81 | MOVEIS DE MADEIRA P/QUARTOS DE DORMIR | 288.184.873 | 0,21 | 310.961.146 | 0,26 | -7,32 |
| 82 | OUTRAS CHAPAS E TIRAS, DE LIGAS ALUMINIO, ESP>0 | 281.190.039 | 0,2 | 176.212.941 | 0,15 | 59,57 |
| 83 | PREPARACOES ALIMENTICIAS E CONSERVAS, DE GALOS | 280.781.210 | 0,2 | 184.339.460 | 0,16 | 52,32 |
| 84 | BARRAS DE FERRO/ACO, LAMIN.QUENTE, DENTADAS, ETC | 277.779.498 | 0,2 | 288.600.170 | 0,24 | -3,75 |
| 85 | MADEIRA DE CONIFERAS, SERRADA/CORTADA EM FLS. E | 275.313.764 | 0,2 | 303.865.921 | 0,26 | -9,4 |
| 86 | OUTROS SILICIOS | 273.720.921 | 0,2 | 270.261.957 | 0,23 | 1,28 |
| 87 | CALLIM | 268.958.626 | 0,2 | 224.887.384 | 0,19 | 19,6 |
| 88 | OUTROS SUCOS DE LARANJAS, NAO FERMENTADOS | 268.826.238 | 0,2 | 200.526.775 | 0,17 | 34,06 |
| 89 | PORTAS, RESPECT. CAIXILHOS, ALIZARES E SOLEIRAS, | 266.834.426 | 0,19 | 225.555.003 | 0,19 | 18,3 |
| 90 | FUMON/MANUF.TOTAL/PARC.DESTAL.FLS.SECAS, TIPO | 266.434.781 | 0,19 | 239.908.646 | 0,2 | 11,06 |
| 91 | OUTS. CARREGADORAS/PAS-CARREGADORAS, DE CARREGA | 257.844.033 | 0,19 | 236.155.552 | 0,2 | 9,18 |
| 92 | BENZENO | 248.187.898 | 0,18 | 301.299.920 | 0,25 | -17,63 |
| 93 | FIO-MAQUINA DE FERRO/ACO, SEC. Q.R.C.D<14MM CARB | 240.877.344 | 0,18 | 238.313.077 | 0,2 | 1,08 |
| 94 | LAMIN.FERRO/ACO, L>=6DM, GALVAN OUTRO PROC.E<4. | 239.489.006 | 0,17 | 203.219.644 | 0,17 | 17,85 |
| 95 | OUTS. COUROS BOVINOS, INCL. BUFALOS, N DIV. UMID.P | 236.008.415 | 0,17 | 160.212.222 | 0,14 | 47,31 |
| 96 | OUTS. COUROS/PELES BOVINOS, SECOS, PENNA FLOR | 219.536.553 | 0,16 | 212.188.785 | 0,18 | 3,46 |
| 97 | MADEIRA DE CONIFERAS, PERFILADA | 218.032.356 | 0,16 | 137.815.638 | 0,12 | 58,21 |
| 98 | OUTS. COUROS BOVINOS, INCL. BUFALOS, DIV. UMID.P | 215.302.758 | 0,16 | 145.638.038 | 0,12 | 47,83 |
| 99 | CATODOS DE NIQUEL, NAO LIGADO, EM FORMA BRUTA | 212.633.858 | 0,15 | 169.175.611 | 0,14 | 25,69 |
| 100 | LAMIN.FERRO/ACO, A FRIO, L>=6DM, EM ROLOS, 1MM<E< | 207.653.461 | 0,15 | 134.225.151 | 0,11 | 54,71 |
| 101 | DEMAIS PRODUTOS | 42.241.058.350 | 30,73 | 38.703.928.339 | 32,71 | 9,14 |
| | TOTAL DOS PRINCIPAIS PRODUTOS EXPORTADOS | 95.228.642.071 | 69,27 | 79.604.458.774 | 67,29 | 16,2 |
| | TOTAL DA AREA | 137.469.700.421 | 100 | 118.308.387.113 | 100 | 16,2 |

Fonte: SECEX/MDIC (2007); Elaboração IPECE.

Com relação aos destinos, os dois principais blocos econômicos importadores do Brasil, nos anos de 1999 a 2004, foram a União Européia e os EUA. Em 1999, o primeiro participou com 29,4% e o segundo com 22,6%, enquanto, em 2004, estes passaram a participar com 25,1% e 21,1%, respectivamente. O bloco dos EUA perdeu sua segunda posição no destino das exportações brasileiras para o bloco da Associação Latino-Americana de Integração (ALADI)¹⁰, inclusive Mercosul, em 2005, quando este último participou com 21,5% contra os 19,2% da participação americana. Já em 2006, o Bloco da ALADI assumiu o primeiro lugar no destino das exportações brasileiras, com participação de 22,8% seguido do bloco da União Européia com 22,1% e do bloco dos EUA com 18,0%. Isso mostra que tanto os blocos da União Européia (UE) quanto dos EUA perderam participação para outras regiões.

Além da ALADI, ganharam participação o Bloco da Ásia (Exclusive Oriente Médio) e Demais destinos (exceto EUA, Ásia, UE e ALADI). A participação do Bloco da Ásia nas exportações brasileiras passou de 11,9% em 1999 para 15,1% em 2006, um crescimento de participação de 26,7% entre os anos analisados. Enquanto isso, o crescimento da participação dos Demais destinos foi de 54,8%, passando de 14,2% em 1999 para 22,0% em 2006, revelando um substancial ganho de participação relativa. Isso revela uma tendência à desconcentração nos destinos das exportações brasileiras por bloco econômico.

Tabela 2.8
Exportações Brasileiras por Blocos Econômicos – 1994 a 2005
(US\$ Milhões FOB)

| Ano | EUA* | ÁSIA** | União Européia | ALADI | Demais | Total |
|--------------------|--------|--------|----------------|--------|--------|---------|
| 1994 | 8.951 | 7.047 | 12.594 | 9.745 | 5.207 | 43.545 |
| 1995 | 8.798 | 8.192 | 13.289 | 9.975 | 6.252 | 46.506 |
| 1996 | 9.312 | 7.814 | 13.341 | 10.928 | 6.352 | 47.747 |
| 1997 | 9.407 | 7.730 | 15.010 | 13.599 | 7.248 | 52.994 |
| 1998 | 9.872 | 5.616 | 15.131 | 13.327 | 7.194 | 51.140 |
| 1999 | 10.849 | 5.732 | 14.111 | 10.494 | 6.825 | 48.011 |
| 2000 | 13.366 | 6.324 | 15.276 | 12.902 | 7.218 | 55.086 |
| 2001 | 14.378 | 6.949 | 15.270 | 12.225 | 9.401 | 58.223 |
| 2002 | 15.535 | 8.791 | 15.438 | 9.866 | 10.731 | 60.362 |
| 2003 | 16.900 | 11.676 | 18.404 | 12.920 | 14.184 | 74.084 |
| 2004 | 20.341 | 14.564 | 24.213 | 19.699 | 17.657 | 96.475 |
| 2005 | 22.741 | 18.552 | 26.560 | 25.428 | 25.026 | 118.308 |
| 2006 | 24.679 | 20.793 | 30.373 | 31.382 | 30.243 | 137.470 |
| Var. (%) 2006/1999 | 127,5 | 262,7 | 115,2 | 199,0 | 343,1 | 186,3 |

Fonte: SECEX/MDIC(2007); Elaboração IPECE.

(*) Inclusive Porto Rico, (**) Exclusive Oriente Médio

¹⁰ A ALADI reúne doze países classificados em três categorias, de acordo com as características econômico-estruturais: 1) De Menor Desenvolvimento Econômico Relativo - PMDER: Bolívia, Equador e Paraguai; 2) De Desenvolvimento Intermediário – PDI: Chile, Colômbia, Peru, Uruguai, Venezuela e Cuba; e 3) Demais países: Argentina, Brasil e México.

Considerando os países individualmente, um total de quarenta e oito comprou 90,2% das exportações brasileiras no ano de 2006. Destes, apenas oito foi destino de 49,6% do total exportado pelo Brasil naquele ano, são eles: EUA, Argentina, China, Países Baixos (Holanda), Alemanha, México, Chile e Japão. Vale salientar que os dois principais destinos vêm perdendo participação relativa entre os anos de 1999 e 2006.

Tabela 2.9
Exportações Brasileiras por Países de Destino – Anos Seleccionados
(US\$ Milhões FOB)

| Ranking | | | PAÍSES | 2006 (A) | | 2005 (B) | | 1999 (C) | | Var. % A/B |
|---------|------|------|----------------------------|------------------|---------|------------------|---------|------------------|---------|---------------|
| 1999 | 2005 | 2006 | | US\$ MILHÕES FOB | Part. % | US\$ MILHÕES FOB | Part. % | US\$ MILHÕES FOB | Part. % | |
| 1 | 1 | 1 | Estados Unidos | 24.431 | 17,77 | 22.472 | 18,99 | 10.675 | 22,23 | 8,72 |
| 2 | 2 | 2 | Argentina | 11.714 | 8,52 | 9.915 | 8,38 | 5.364 | 11,17 | 18,14 |
| 15 | 3 | 3 | China | 8.400 | 6,11 | 6.834 | 5,78 | 676 | 1,41 | 22,91 |
| 3 | 4 | 4 | Países Baixos (Holanda) | 5.744 | 4,18 | 5.283 | 4,47 | 2.594 | 5,4 | 8,72 |
| 4 | 5 | 5 | Alemanha | 5.675 | 4,13 | 5.023 | 4,25 | 2.544 | 5,3 | 12,98 |
| 11 | 6 | 6 | México | 4.440 | 3,23 | 4.064 | 3,43 | 1.068 | 2,22 | 9,27 |
| 12 | 7 | 7 | Chile | 3.896 | 2,83 | 3.612 | 3,05 | 896 | 1,87 | 7,86 |
| 5 | 8 | 8 | Japão | 3.884 | 2,83 | 3.476 | 2,94 | 2.193 | 4,57 | 11,73 |
| 6 | 9 | 9 | Itália | 3.829 | 2,79 | 3.224 | 2,72 | 1.845 | 3,84 | 18,78 |
| 18 | 13 | 10 | Venezuela | 3.555 | 2,59 | 2.216 | 1,87 | 537 | 1,12 | 60,41 |
| 13 | 10 | 11 | Rússia, Federação da | 3.443 | 2,5 | 2.917 | 2,47 | 746 | 1,55 | 18,02 |
| 7 | 15 | 12 | Bélgica | 2.994 | 2,18 | 2.143 | 1,81 | 1.817 | 3,78 | 39,72 |
| 8 | 11 | 13 | Reino Unido | 2.822 | 2,05 | 2.591 | 2,19 | 1.437 | 2,99 | 8,89 |
| 9 | 12 | 14 | França | 2.663 | 1,94 | 2.502 | 2,11 | 1.200 | 2,5 | 6,41 |
| 10 | 14 | 15 | Espanha | 2.324 | 1,69 | 2.173 | 1,84 | 1.169 | 2,44 | 6,94 |
| 19 | 16 | 16 | Canadá | 2.275 | 1,66 | 1.944 | 1,64 | 513 | 1,07 | 17,04 |
| 24 | 19 | 17 | Colômbia | 2.129 | 1,55 | 1.406 | 1,19 | 403 | 0,84 | 51,45 |
| 17 | 17 | 18 | Coreia, República da (Sul) | 1.962 | 1,43 | 1.896 | 1,6 | 628 | 1,31 | 3,47 |
| 20 | 24 | 19 | Irã, República Islâmica do | 1.568 | 1,14 | 968 | 0,82 | 495 | 1,03 | 61,9 |
| 29 | 27 | 20 | Peru | 1.501 | 1,09 | 933 | 0,79 | 265 | 0,55 | 60,88 |
| 23 | 21 | 21 | Arábia Saudita | 1.485 | 1,08 | 1.203 | 1,02 | 419 | 0,87 | 23,44 |
| 25 | 23 | 22 | Portugal | 1.461 | 1,06 | 1.015 | 0,86 | 334 | 0,7 | 43,96 |
| 31 | 20 | 23 | África do Sul | 1.459 | 1,06 | 1.369 | 1,16 | 237 | 0,49 | 6,57 |
| 91 | 18 | 24 | Bahamas | 1.456 | 1,06 | 1.488 | 1,26 | 19 | 0,04 | -2,16 |
| 33 | 26 | 25 | Nigéria | 1.373 | 1 | 953 | 0,81 | 227 | 0,47 | 44,1 |
| 28 | 30 | 26 | Egito | 1.349 | 0,98 | 868 | 0,73 | 292 | 0,61 | 55,42 |
| 14 | 25 | 27 | Paraguai | 1.231 | 0,9 | 961 | 0,81 | 744 | 1,55 | 28,03 |
| 42 | 34 | 28 | Emirados Árabes Unidos | 1.045 | 0,76 | 728 | 0,62 | 160 | 0,33 | 43,55 |
| 22 | 28 | 29 | Hong Kong | 1.030 | 0,75 | 888 | 0,75 | 442 | 0,92 | 15,9 |
| 16 | 31 | 30 | Uruguai | 1.006 | 0,73 | 850 | 0,72 | 670 | 1,39 | 18,42 |
| 35 | 32 | 31 | Singapura | 943 | 0,69 | 844 | 0,71 | 213 | 0,44 | 11,74 |
| 27 | 22 | 32 | Índia | 937 | 0,68 | 1.137 | 0,96 | 314 | 0,65 | -17,61 |
| 51 | 36 | 33 | Equador | 873 | 0,64 | 646 | 0,55 | 104 | 0,22 | 35,16 |
| 36 | 40 | 34 | Suíça | 846 | 0,62 | 534 | 0,45 | 207 | 0,43 | 58,35 |
| 65 | 41 | 35 | Angola | 836 | 0,61 | 520 | 0,44 | 64 | 0,13 | 60,66 |
| 26 | 33 | 36 | Taiwan (Formosa) | 759 | 0,55 | 826 | 0,7 | 334 | 0,7 | -8,12 |
| 41 | 29 | 37 | Tailândia | 731 | 0,53 | 887 | 0,75 | 166 | 0,35 | -17,6 |
| 21 | 37 | 38 | Bolívia | 694 | 0,5 | 580 | 0,49 | 443 | 0,92 | 19,63 |
| 39 | 47 | 39 | Malásia | 647 | 0,47 | 406 | 0,34 | 176 | 0,37 | 59,38 |
| 37 | 38 | 40 | Turquia | 590 | 0,43 | 559 | 0,47 | 183 | 0,38 | 5,48 |
| 38 | 44 | 41 | Noruega | 584 | 0,42 | 444 | 0,38 | 181 | 0,38 | 31,37 |
| 57 | 35 | 42 | Trinidade e Tobago | 555 | 0,4 | 691 | 0,58 | 82 | 0,17 | -19,63 |
| 30 | 43 | 43 | Austrália | 509 | 0,37 | 462 | 0,39 | 242 | 0,51 | 10,16 |
| 32 | 39 | 44 | Suécia | 495 | 0,36 | 547 | 0,46 | 237 | 0,49 | -9,38 |
| 34 | 42 | 45 | Índonesia | 481 | 0,35 | 498 | 0,42 | 221 | 0,46 | -3,4 |
| 47 | 49 | 46 | Finlândia | 458 | 0,33 | 362 | 0,31 | 131 | 0,27 | 26,26 |

Fonte: SECEX/MDIC (2007); Elaboração IPECE.

Os três países que apresentaram as maiores taxas de crescimento dos valores importados do Brasil, todas acima de 1000%, entre os anos de 1999 e 2006, foram: Bahamas com 7532,8%; Angola com 1204,3% e China com 1142,3%. Esse desempenho da China fez com que este país ganhasse várias posições no ranking dos destinos das exportações nacionais, passando do décimo quinto lugar em 1999 para o terceiro lugar em 2006.

Os países que mais contribuíram para o crescimento das exportações nacionais, entre os anos de 1999 e 2006, foram: EUA com US\$ 13,7 bilhões, China com US\$ 7,7 bilhões e Argentina com US\$ 6,3 bilhões em importações de produtos brasileiros. Numa análise mais recente, observam-se quais os países que mais aumentaram suas importações do Brasil. A saber: Irã, Peru, Angola e Venezuela, todos com crescimento acima de 60% entre os anos de 2005 e 2006.

Os resultados apresentados mostraram a dinâmica da pauta de exportações nacionais, indicando as mudanças ocorridas. A reversão do déficit na balança comercial brasileira a partir de 2001, é uma das importantes conseqüências do crescimento das vendas do país ao exterior, já comentada nas etapas anteriores do trabalho.

Considerando a classificação por setores de contas nacionais e por fator agregado, os resultados indicaram que as vendas brasileiras ao exterior concentraram-se em bens intermediários e em bens industrializados manufaturados. Tal concentração revelou o predomínio nas exportações nacionais de produtos com relativo grau de elaboração e destinados principalmente a abastecer de insumos as economias que importam do país, especialmente quando se constata que os bens intermediários se concentraram em insumos industriais.

Os bens de consumo foram a segunda categoria de uso mais importante dos produtos destinados ao exterior. Correspondem a bens acabados, dedicados ao consumo final nas economias importadoras, e quanto mais elaborados e presentes na pauta, maior a competitividade das exportações. No caso brasileiro tem-se, entretanto, uma participação reduzida de bens de consumo, sendo esta ainda concentrada em produtos menos complexos, os bens de consumo não-duráveis.

Alguns movimentos mereceram destaques, como os aumentos das exportações de combustíveis e lubrificantes e de produtos básicos. Ambas as categorias apresentaram crescimento nos valores exportados e elevaram suas participações nas vendas ao exterior realizadas pela economia nacional. O desempenho dos produtos básicos, com ganhos de participação em detrimento dos bens industrializados, reverteu a tendência de participação crescente destes últimos existente até então.

As exportações nacionais concentradas em bens intermediários (insumos industriais) e o aquecimento da economia mundial indicam a influência da demanda internacional nas vendas do País ao exterior, explicando em parte o desempenho observado: o crescimento da economia mundial aumentou as vendas dos insumos brasileiros. A forte presença de bens de consumo não-duráveis e o crescimento dos produtos básicos na pauta exportadora confirmam a influência da demanda mundial, e colocam a taxa de câmbio, o preço internacional de algumas *commodities* (ferro, aço, entre outros) e a maior competitividade na produção de outros bens (soja, carnes, etc) como outras explicativas para a expansão registrada.

A especificação dos produtos através das definições NCM (capítulos e produtos) complementou os resultados. Os capítulos que mais se destacaram foram: *automóveis, suas partes e acessórios* (capítulo 87), *máquinas, aparelhos e instrumentos mecânicos* (capítulo 84) e *combustíveis e óleos minerais* (capítulo 27) por registrarem exportações, acima dos US\$ 10,0 bilhões; além de *cereais* (capítulo 10), *bebidas e líquidos alcoólicos* (capítulo 22) e *animais vivos e produtos comestíveis do reino animal* (capítulos 01 e 04), com fortes crescimentos entre 1999 e 2006.

Quanto aos produtos individualmente, dentre os principais têm-se óleos de petróleo, minérios de ferro, soja, açúcar, automóveis e café. Esses resultados especificam quais bens integram as seções e os capítulos em destaque e complementam as constatações anteriores.

A avaliação dos compradores, agrupados em blocos econômicos ou por países individualmente, revelou a dinâmica da demanda internacional para os produtos brasileiros. Compradores tradicionais perderam espaços como destinos externos dos produtos brasileiros, como o caso do bloco dos Estados Unidos e o bloco da União Européia, ao passo que outros ganharam importância como o bloco da ALADI. Dentre os países, coube destacar: (a) a importância dos Estados Unidos e da Argentina, embora ambos com menores participações no *ranking* dos maiores compradores, além da China, Holanda, Alemanha, México, Chile e Japão; e (b) o crescimento das exportações para o mercado chinês e para outros países (verificado pela maior participação do grupo dos demais países como destino externo dos produtos nacionais).

Em um ambiente de crescimento da economia mundial, em boa parte influenciado pela expansão das maiores economias internacionais, a redução no ritmo das exportações destinadas a estes países sinalizam uma perda de oportunidades para novos negócios e de intensificação das relações comerciais com nações mais ricas. Por outro lado, a expansão de novos mercados, em um processo de diversificação não deixou de ser um ponto positivo, em especial quando se observou o desempenho das vendas para economia chinesa.

Em um movimento de ampliação de mercados, os esforços devem considerar o tamanho da economia em questão e sua capacidade de absorver os produtos nacionais. O comportamento pretendido deve conciliar o aprofundamento das relações comerciais com as nações mais ricas, com as quais estas relações já existam e a busca de novos mercados, preferencialmente desenvolvidos ou em desenvolvimento.

3. CARACTERIZAÇÃO DO SETOR EXPORTADOR CEARENSE

Nesta etapa é analisado o desempenho das exportações cearenses. O objetivo é realizar uma avaliação quantitativa, considerando a dinâmica da pauta exportadora do Estado, observando sua composição e as modificações ocorridas, bem como as alterações nos valores exportados.

Assim como no caso da avaliação das exportações brasileiras, a análise sobre o Ceará é realizada considerando o comportamento da balança comercial e o desempenho exportador do Estado, com base nas seguintes informações: (a) exportações cearenses por setores de contas nacionais e por fator agregado; (b) exportações cearenses por capítulos e produtos (definições NCM); (c) avaliação das exportações considerando os principais destinos, ou principais compradores (blocos econômicos e países). Mais abrangente do que a análise ao nível nacional, o estudo das vendas cearenses ao exterior considera ainda dois outros critérios: (d) exportações por municípios; e por fim, (e) exportações por empresas¹¹.

Os resultados alcançados, além de permitir relacionar a performance local à observada para economia nacional, oferece condições para um estudo qualitativo das vendas cearenses ao exterior. As informações ora apresentadas permitem conclusões importantes sobre as modificações ocorridas nas exportações locais, apresentando e quantificando esses movimentos. Esta análise da dinâmica das exportações estaduais constitui a primeira fase de um estudo maior, sendo complementada por uma avaliação qualitativa, a ser apresentada na seção seguinte.

3.1. Balança Comercial Cearense

As exportações cearenses, durante os últimos anos, têm seguido a mesma tendência das vendas externas nordestinas e nacionais.

Considerando a balança comercial, o Estado do Ceará alcançou o superávit em 2003, revertendo uma tendência de déficit comercial desde 1993. Vale destacar que a reversão do saldo comercial negativo para a economia brasileira ocorreu já em 2001.

No período de 2004 a 2006, a expansão das exportações cearenses apresentou tendência de crescimento a taxas decrescentes, passando de 12,9% em 2004, para 8,3% em 2005 e 2,9%, em 2006. Esta retração nas taxas mostra-se mais intensa que aquela observada

¹¹ Aspectos conceituais e metodológicos serão apresentados no decorrer do estudo.

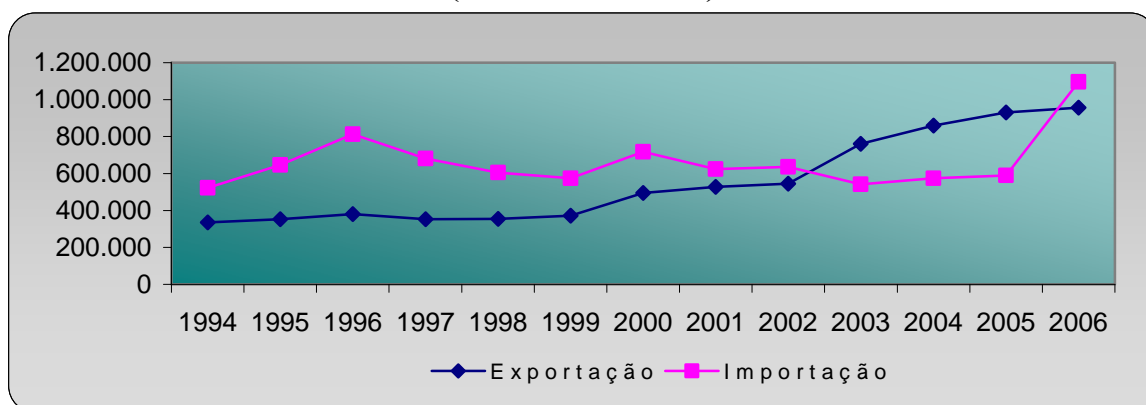
para o Brasil e Nordeste. No caso da economia nacional, os percentuais foram de 32,0%, 22,6% e 16,2%, entre 2004 e 2006, ao passo que para a Região Nordeste foram de 31,6%, 31,3% e 10,1% no mesmo período.

Tabela 3.1
Evolução do Saldo da Balança Comercial Cearense – 1999 a 2005
(US\$ Mil FOB)

| Período | CEARÁ | | | | |
|------------------------------|------------|---------------|------------|--------------|-----------|
| | EXPORTAÇÃO | | IMPORTAÇÃO | | SALDO |
| | Valor (A) | Var (%) | Valor (B) | Var (%) | (A) - (B) |
| 1999 | 371.206 | 4,5% | 573.475 | 61,4% | (202.269) |
| 2000 | 495.098 | 33,4% | 717.933 | 25,2% | (222.835) |
| 2001 | 527.051 | 6,5% | 623.492 | -13,2% | (96.440) |
| 2002 | 543.902 | 3,2% | 635.910 | 2,0% | (92.007) |
| 2003 | 760.927 | 39,9% | 540.776 | -15,0% | 220.151 |
| 2004 | 859.369 | 12,9% | 573.593 | 6,1% | 285.776 |
| 2005 | 930.451 | 8,3% | 588.895 | 2,7% | 341.556 |
| 2006 | 957.045 | 2,9% | 1.096.715 | 86,2% | (139.670) |
| Varição (%) 2006/1999 | | 157,8% | | 91,2% | |

Fonte: SECEX/MDIC (2007); Elaboração IPECE

Gráfico 3.1
Evolução da Balança Comercial Cearense – 1994 a 2006
(US\$ Milhões FOB)



Fonte: SECEX/MDIC (2007); Elaboração IPECE

3.2. Desempenho das Exportações Cearenses

Verifica-se que as exportações do Estado do Ceará cresceram 157,8% entre os anos de 1999 e 2006. Este desempenho foi inferior ao apresentado pelo Brasil, cujo crescimento acumulado foi de 186,3%. Com relação ao Nordeste este resultado se repete, dado que a região registrou expansão de 246,3% entre os dois anos.

Tabela 3.2
Exportações por Regiões e Unidades da Federação - Anos Selecionados

| Região Geográfica | Unidade Federativa | Exportação US\$ Mil FOB | | | Participação Relativa UF/Brasil 1999 | Participação Relativa UF/Brasil 2006 | Var(%) 2006/1999 | Var(%) 2006/2005 |
|---------------------|---------------------|-------------------------|--------------------|-------------------|--------------------------------------|--------------------------------------|------------------|------------------|
| | | 1999 | 2005 | 2006 | | | | |
| Norte | RONDONIA | 55.652 | 202.674 | 308.019 | 0,12% | 0,22% | 453,48% | 51,98% |
| | ACRE | 1.294 | 11.362 | 17.796 | 0,00% | 0,01% | 1274,78% | 56,63% |
| | AMAZONAS | 429.451 | 2.143.979 | 1.522.851 | 0,89% | 1,11% | 254,60% | -28,97% |
| | RORAIMA | 1.713 | 8.483 | 15.358 | 0,00% | 0,01% | 796,82% | 81,04% |
| | PARA | 2.135.947 | 4.807.638 | 6.707.603 | 4,45% | 4,88% | 214,03% | 39,52% |
| | AMAPA | 45.028 | 76.511 | 127.980 | 0,09% | 0,09% | 184,22% | 67,27% |
| | TOCANTINS | 8.024 | 158.736 | 203.887 | 0,02% | 0,15% | 2440,85% | 28,44% |
| | TOTAL | 2.677.108 | 7.409.383 | 8.903.494 | 5,58% | 6,48% | 232,58% | 20,17% |
| Nordeste | MARANHAO | 662.962 | 1.501.034 | 1.712.701 | 1,38% | 1,25% | 158,34% | 14,10% |
| | PIAUI | 49.138 | 58.661 | 47.127 | 0,10% | 0,03% | -4,09% | -19,66% |
| | CEARA | 371.206 | 930.451 | 957.045 | 0,77% | 0,70% | 157,82% | 2,86% |
| | RIO GRANDE DO NORTE | 115.473 | 413.317 | 371.503 | 0,24% | 0,27% | 221,72% | -10,12% |
| | PARAIBA | 62.685 | 228.007 | 208.589 | 0,13% | 0,15% | 232,76% | -8,52% |
| | PERNAMBUCO | 265.878 | 784.888 | 780.340 | 0,55% | 0,57% | 193,50% | -0,58% |
| | ALAGOAS | 224.948 | 583.790 | 692.543 | 0,47% | 0,50% | 207,87% | 18,63% |
| | SERGIPE | 21.958 | 66.424 | 78.939 | 0,05% | 0,06% | 259,50% | 18,84% |
| | BAHIA | 1.581.146 | 5.987.744 | 6.771.981 | 3,29% | 4,93% | 328,30% | 13,10% |
| TOTAL | 3.355.394 | 10.554.317 | 11.620.770 | 6,99% | 8,45% | 246,33% | 10,10% | |
| Sudeste | MINAS GERAIS | 6.382.001 | 13.500.887 | 15.638.137 | 13,29% | 11,38% | 145,04% | 15,83% |
| | ESPIRITO SANTO | 2.447.098 | 5.591.454 | 6.720.018 | 5,10% | 4,89% | 174,61% | 20,18% |
| | RIO DE JANEIRO | 1.640.815 | 8.191.295 | 11.469.574 | 3,42% | 8,34% | 599,02% | 40,02% |
| | SAO PAULO | 17.541.838 | 38.007.693 | 45.929.528 | 36,54% | 33,41% | 161,83% | 20,84% |
| | TOTAL | 28.011.751 | 65.291.329 | 79.757.257 | 58,34% | 58,02% | 184,73% | 22,16% |
| Sul | PARANA | 3.932.564 | 10.022.669 | 10.001.941 | 8,19% | 7,28% | 154,34% | -0,21% |
| | SANTA CATARINA | 2.567.364 | 5.584.125 | 5.965.687 | 5,35% | 4,34% | 132,37% | 6,83% |
| | RIO GRANDE DO SUL | 4.998.720 | 10.453.684 | 11.774.412 | 10,41% | 8,57% | 135,55% | 12,63% |
| | TOTAL | 11.498.649 | 26.060.478 | 27.742.040 | 23,95% | 20,18% | 141,26% | 6,45% |
| Centro-Oeste | MATO GROSSO | 741.095 | 4.151.611 | 4.333.376 | 1,54% | 3,15% | 484,73% | 4,38% |
| | GOIAS | 325.885 | 1.816.294 | 2.092.028 | 0,68% | 1,52% | 541,95% | 15,18% |
| | DISTRITO FEDERAL | 9.012 | 59.683 | 65.750 | 0,02% | 0,05% | 629,61% | 10,16% |
| | MATO GROSSO DO SUL | 218.323 | 1.149.018 | 1.004.204 | 0,45% | 0,73% | 359,96% | -12,60% |
| | TOTAL | 1.294.315 | 7.176.606 | 7.495.358 | 2,70% | 5,45% | 479,10% | 4,44% |
| OPERAÇÕES ESPECIAIS | 1.174.227 | 1.816.274 | 1.950.781 | 2,45% | 1,42% | 66,13% | 7,41% | |
| BRASIL | 48.011.444 | 118.308.387 | 137.469.700 | 100,00% | 100,00% | 186,33% | 16,20% | |

Fonte: SECEX/MDIC (2007); Elaboração IPECE.

Considerando a posição ocupada pelo Estado nas exportações nacionais, entre os anos de 1999 e 2006, verifica-se que o Ceará perdeu colocações passando da décima terceira para a décima quinta entre os anos analisados. Os estados de São Paulo, Minas Gerais e Rio Grande do Sul mantiveram as três primeiras posições no *ranking* das exportações nacionais nesse período. Com relação à Região Nordeste, o Estado do Ceará preservou a terceira posição no *ranking* em todos os anos analisados, ficando atrás somente dos estados da Bahia e do Maranhão.

O desempenho das exportações cearenses comparado com o Brasil revelou que o Estado sofreu pequena perda de participação relativa, passando de 0,77% em 1999 para 0,70% em 2006, após alcançar 0,79% das exportações nacionais em 2005. Quanto à região Nordeste,

o Ceará teve uma forte perda de participação passando de 11,06% em 1999 para 8,24% das exportações nordestinas em 2006.

Observando a taxa média de crescimento calculada para o período de 1999 a 2006, verifica-se que o Estado do Ceará ocupou a oitava posição dentre os estados da Região Nordeste. Apresentando um crescimento médio de 15,3%, o Estado superou apenas o desempenho apresentado pelo Piauí, cuja performance foi de 2,8%. Nota-se, ainda, que o Estado do Ceará cresceu menos que as médias nacional e nordestina, explicando a sua perda de participação relativa mencionada anteriormente.

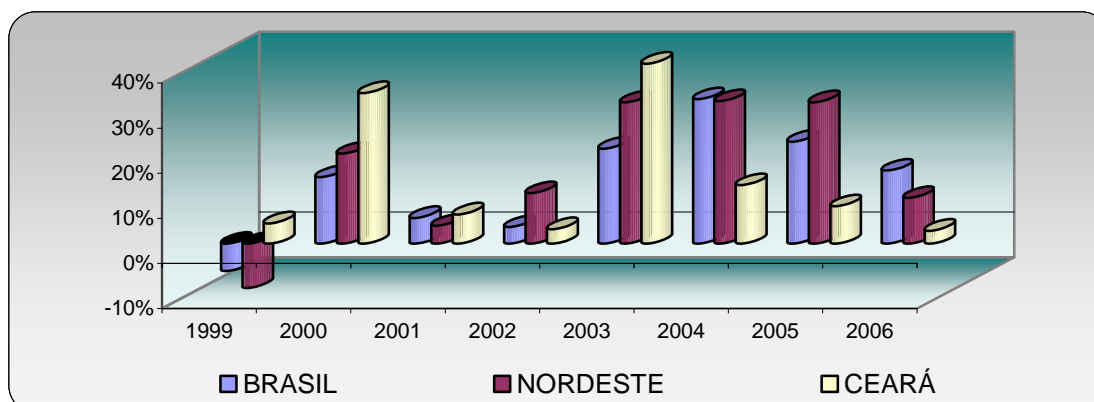
Tabela 3.3
Taxas Médias de Crescimento das Exportações
Brasil, Nordeste e Estados Seleccionados
1999 a 2006

| Crescimento Médio % (2006/1999) | |
|--|--------------|
| Bahia | 23,7% |
| Maranhão | 17,4% |
| Ceará | 15,3% |
| Pernambuco | 18,0% |
| Alagoas | 18,2% |
| R. G. do Norte | 22,8% |
| Paraíba | 19,9% |
| Sergipe | 24,4% |
| Piauí | 2,8% |
| Nordeste | 19,9% |
| Brasil | 16,6% |

Fonte: SECEX/MDIC (2007). Elaboração IPECE.

Considerando as taxas anuais de 2003, as vendas cearenses ao exterior alcançaram o maior ritmo de crescimento do período analisado, 39,9%, superando o verificado tanto para o País (21,1%) como para o Nordeste (31,3%). Neste ano, o Ceará foi o segundo melhor estado em termos de crescimento das exportações da região Nordeste, ficando atrás somente do Estado da Paraíba, cuja expansão foi de 43,2%. A partir de 2003, observou-se uma forte tendência de queda nas taxas cearenses, que passaram para 12,9% em 2004, 8,3% em 2005 e 2,9% em 2006.

Gráfico 3.2
Taxas de Crescimento das Exportações Brasil, Nordeste e Ceará
1999 a 2006



Fonte: SECEX/MDIC (2007). Elaboração IPECE

Os efeitos das alterações no câmbio, ocorridas em janeiro de 1999, foram mais fortemente sentidos nos anos anteriores a 2003. De fato, no ano seguinte, em 2000, as exportações locais cresceram 33,4%. Tais resultados indicam a maior sensibilidade das exportações cearenses ao câmbio, quando comparadas às nacionais e às nordestinas, que cresceram, respectivamente, 14,73% e 19,9% em 2000. Em 2006, com a volta do câmbio sobrevalorizado, observou-se que o Estado cresceu a taxas menores do que o Brasil e a Região Nordeste, confirmando a idéia acima.

3.2.1. Exportações Cearenses por Setor de Contas Nacionais

A abordagem das exportações estaduais pela classificação de contas nacionais, como explicada anteriormente na análise para o caso brasileiro, fornece uma ótica alternativa e complementar de avaliação das vendas para o exterior. Por esta análise, consegue-se identificar a utilização dada pelos países compradores aos bens adquiridos junto ao Ceará. Em outras palavras, identifica-se qual a demanda ou consumo que as exportações atendem, fornecendo indicações para qualificação da pauta.

O setor que mais participou nas exportações cearenses, no ano de 2006, foi o de bens de consumo, respondendo por 59,6% do total exportado, o equivalente a US\$ 571,1 milhões. Entretanto, o setor vem perdendo participação relativa ao longo dos anos analisados, dado que em 1999 este percentual foi de 64,7% das exportações cearenses.

Dentre os bens de consumo, os que mais se destacaram foram os bens de consumo não duráveis. O valor exportado foi superior a US\$ 543,8 milhões, refletindo uma participação

de 56,8% do total das exportações cearenses no ano de 2006. Embora com uma participação ainda elevada, tal categoria vem perdendo importância relativa nos anos analisados. Esse movimento é explicado pelo forte crescimento das exportações de bens intermediários, em especial os insumos industriais, bem como pelo crescimento das exportações de bens de consumo duráveis. É importante frisar a participação de duas empresas cearenses que exportaram bens de consumo duráveis no ano de 2005: a Esmaltec S/A e a Troller Veículos Especiais S/A, representando mais da metade das exportações cearenses neste setor, com participações de 1,08% e 0,42%, respectivamente¹².

Tabela 3.4
Valor das Exportações Cearenses por Setor de Contas Nacionais – Anos Selecionados (US\$ FOB)

| Descrição | 2006 | | 2005 | | 1999 | | Var % (2006/99) |
|---|--------------------|--------------|--------------------|--------------|--------------------|--------------|--------------------|
| | US\$ F.O.B. | Part% | US\$ F.O.B. | Part% | US\$ F.O.B. | Part% | |
| BENS DE CAPITAL | 5.626.962 | 0,59 | 6.698.884 | 0,72 | 3.282.408 | 0,88 | 171,4% |
| BENS DE CAPITAL (EXC.EQUIP.DE TRANSPORTE USO INDUSTRI.) | 5.467.767 | 0,57 | 6.661.953 | 0,72 | 3.243.058 | 0,87 | 168,6% |
| EQUIPAMENTOS DE TRANSPORTE DE USO INDUSTRIAL | 159.195 | 0,02 | 36.931 | --- | 39.350 | 0,01 | 404,6% |
| BENS INTERMEDIARIOS | 358.836.220 | 37,49 | 343.148.465 | 36,88 | 120.738.709 | 32,53 | 297,2% |
| ALIMENTOS E BEBIDAS DESTINADOS A INDUSTRIA | 3.579.913 | 0,37 | 1.943.904 | 0,21 | 821.270 | 0,22 | 435,9% |
| INSUMOS INDUSTRIAIS | 344.638.934 | 36,01 | 327.132.171 | 35,16 | 117.644.739 | 31,69 | 292,9% |
| PECAS E ACESSORIOS DE EQUIPAMENTOS DE TRANSPORTE | 10.617.373 | 1,11 | 14.072.390 | 1,51 | 2.272.700 | 0,61 | 467,2% |
| BENS DE CONSUMO | 571.149.689 | 59,68 | 573.755.344 | 61,66 | 240.346.177 | 64,75 | 237,6% |
| BENS DE CONSUMO DURAVEIS | 27.345.840 | 2,86 | 21.731.874 | 2,34 | 5.813.226 | 1,57 | 470,4% |
| BENS DE CONSUMO NAO DURAVEIS | 543.803.849 | 56,82 | 552.023.470 | 59,33 | 234.532.951 | 63,18 | 231,9% |
| COMBUSTIVEIS E LUBRIFICANTES | 5.260.105 | 0,55 | 665 | --- | --- | --- | --- |
| DEMAIS OPERACOES | 16.172.100 | 1,69 | 6.847.498 | 0,74 | 6.838.435 | 1,84 | 236,5% |
| TOTAL DO PERÍODO | 957.045.076 | 100 | 930.450.856 | 100 | 371.205.729 | 100 | 257,8% |

Fonte: SECEX/MDIC (2007); Elaboração IPECE.

(*) Participação percentual sobre o total do período

Os bens intermediários responderam por 37,5% do total exportado em 2006, ganhando forte participação relativa com relação ao ano de 1999. Dentre estes, como dito acima, destacam-se os insumos industriais com 36,0% do total exportado pelo Estado no último ano da série. Os bens de capital, por ser turno, apresentaram pequena participação relativa, com um percentual de 0,59% do total das exportações cearenses em 2006.

Outra categoria que merece atenção especial é a de combustíveis e lubrificantes. Em 2006, suas exportações representaram 0,55% do valor total exportado pelo Estado, perfazendo em termos de valores mais de US\$ 5,2 milhões. Esta categoria não estava presente na pauta em 1999.

¹² Na seção sobre exportações cearenses por empresas, na sequência do trabalho, o comportamento empresarial foi avaliado com mais detalhes.

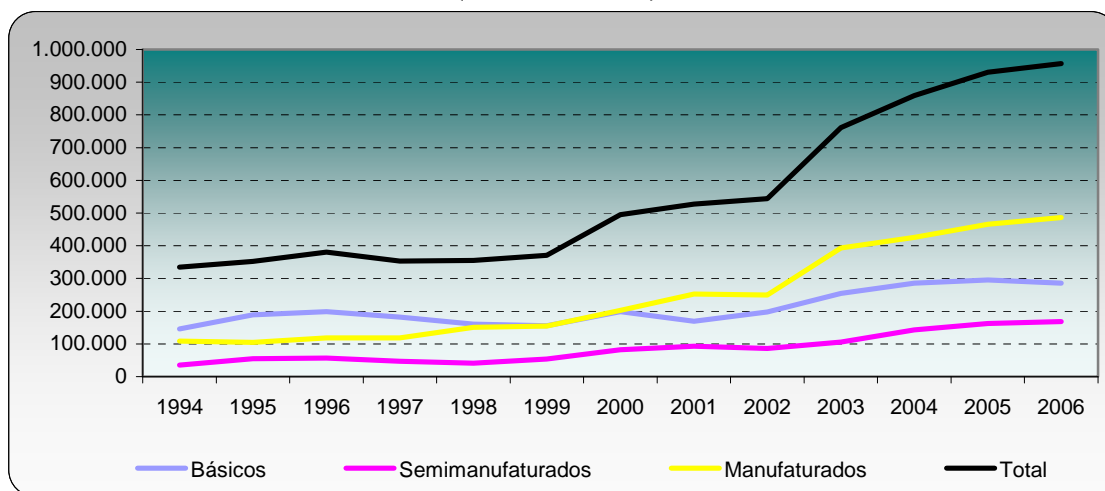
Os resultados mostram a ainda forte concentração das exportações cearenses no setor de bens de consumo não duráveis. A avaliação das vendas externas por produtos, apresentada mais adiante neste trabalho, permitirá identificar quais são estes.

3.2.2. Exportações Cearenses por Fator Agregado

Como comentado anteriormente, esta abordagem fornece indicações à respeito do grau de industrialização dos produtos comercializados, que são classificados como básicos e industrializados (manufaturados ou semimanufaturados).

Entre 1999 e 2006, observa-se um crescimento de aproximadamente 157,8% das exportações cearenses, resultado, principalmente, do crescimento das vendas de bens industrializados. Tal categoria cresceu 214,5%, ao passo que os bens básicos tiveram crescimento de 83,0% entre os dois anos considerados. O comportamento cearense apresenta-se distinto do observado para o país, onde os produtos básicos têm ganhado espaço, revertendo uma tendência verificada para as últimas décadas.

Gráfico 3.3
Evolução das Exportações Cearenses por Fator Agregado – 1994 - 2006
(US\$ Mil FOB)



Fonte: SECEX/MDIC (2007); Elaboração IPECE.

Os bens industrializados semimanufaturados cresceram 214,9%, enquanto os bens industrializados manufaturados cresceram 214,4%. Estes ocuparam em 2006 a primeira posição no *ranking* das exportações cearenses, com valor de US\$ 486,5 milhões, frente um total de US\$ 957,5 milhões exportados pelo Estado. Em segundo lugar, encontram-se os bens

básicos, com o valor de US\$ 285,5 milhões, e em terceiro, os bens semimanufaturados, com o valor de US\$ 168,6 milhões.

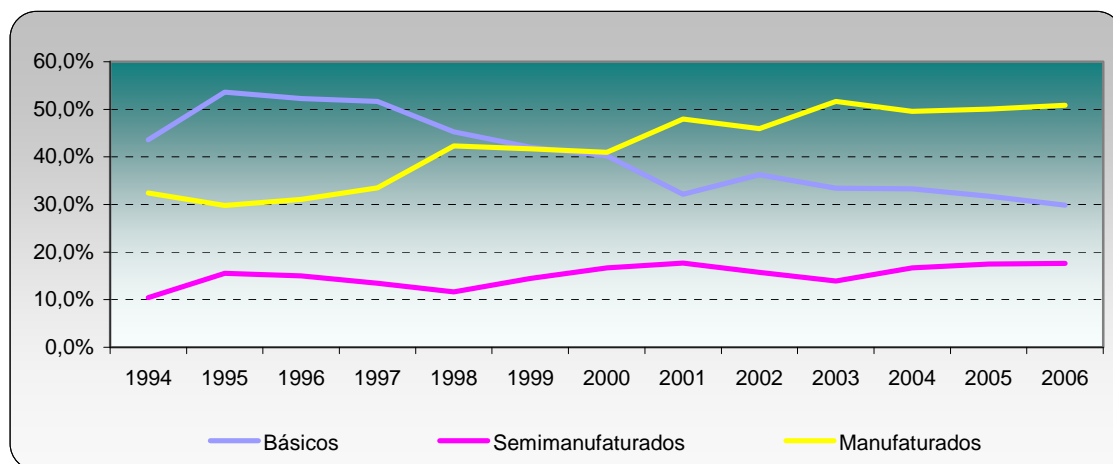
A partir de 1998, a pauta de exportações cearenses sofreu uma notável transformação com relação à classificação por fator agregado, com os produtos industrializados ganhando participação relativa frente aos produtos básicos a partir deste ano. Em 2000, os produtos industrializados manufaturados já assumiam a primeira posição com relação ao valor exportado, elevando sua participação até 2006. Neste ano, os produtos industrializados passaram a responder por 68,5% da pauta de exportações e os produtos básicos apenas 29,8%.

Tabela 3.5
Exportações Cearenses por Fator Agregado
(US\$ Mil FOB)

| Ano/Mês | Básicos | Part (%) | Industrializados (A+B) | Part (%) | Semimanufaturados (A) | Part (%) | Manufaturados (B) | Part (%) | Total |
|-------------|---------|----------|------------------------|----------|-----------------------|----------|-------------------|----------|---------|
| 1994 | 145.912 | 43,6% | 143.332 | 42,8% | 34.869 | 10,4% | 108.463 | 32,4% | 334.861 |
| 1995 | 188.697 | 53,6% | 159.714 | 45,4% | 54.801 | 15,6% | 104.913 | 29,8% | 352.131 |
| 1996 | 198.729 | 52,2% | 175.217 | 46,1% | 56.949 | 15,0% | 118.267 | 31,1% | 380.434 |
| 1997 | 182.422 | 51,7% | 165.785 | 47,0% | 47.447 | 13,4% | 118.338 | 33,5% | 353.002 |
| 1998 | 160.906 | 45,3% | 191.690 | 54,0% | 41.312 | 11,6% | 150.377 | 42,3% | 355.246 |
| 1999 | 156.045 | 42,0% | 208.323 | 56,1% | 53.563 | 14,4% | 154.760 | 41,7% | 371.206 |
| 2000 | 199.049 | 40,2% | 285.199 | 57,6% | 82.444 | 16,7% | 202.756 | 41,0% | 495.098 |
| 2001 | 169.372 | 32,1% | 345.804 | 65,6% | 93.193 | 17,7% | 252.610 | 47,9% | 527.051 |
| 2002 | 197.214 | 36,3% | 335.624 | 61,7% | 85.683 | 15,8% | 249.941 | 46,0% | 543.902 |
| 2003 | 254.336 | 33,4% | 498.655 | 65,5% | 105.797 | 13,9% | 392.858 | 51,6% | 760.927 |
| 2004 | 286.030 | 33,3% | 569.210 | 66,2% | 143.193 | 16,7% | 426.016 | 49,6% | 859.369 |
| 2005 | 295.329 | 31,7% | 628.274 | 67,5% | 162.910 | 17,5% | 465.364 | 50,0% | 930.451 |
| 2006 | 285.599 | 29,8% | 655.274 | 68,5% | 168.682 | 17,6% | 486.592 | 50,8% | 957.045 |
| Var (06/05) | -3,29% | **** | 4,30% | **** | 3,54% | **** | 4,56% | **** | 2,86% |
| Var (06/99) | 83,02% | **** | 214,55% | **** | 214,92% | **** | 214,42% | **** | 157,82% |

Fonte: SECEX/MDIC (2007). Elaboração IPECE.

Gráfico 3.4
Evolução das Participações Relativas das Exportações Cearenses por Fator Agregado
1994 - 2006



Fonte: SECEX/MDIC (2007). Elaboração IPECE.

Associando as avaliações do desempenho das exportações sob a classificação por contas nacionais e por fator agregado, conclui-se que o crescimento das vendas externas de produtos industrializados deve-se ao crescimento da participação dos bens de consumo duráveis e dos bens intermediários. Sob a ótica da agregação de valor, este fato revela uma melhora da composição da pauta de exportações cearense, em virtude do crescimento da participação de produto de maior valor agregado. Esse resultado é, em parte, explicado pela política de atração de empresas via Fundo de Desenvolvimento Industrial (FDI), implantado com maior intensidade a partir de meados da década de noventa. Isto explica a mudança na especialização da pauta das exportações cearenses já mencionadas.

3.2.3. Exportações Cearenses por Capítulos (definição NCM)

A classificação dos capítulos utilizada nesta etapa do trabalho segue a definição da Nomenclatura Comum do Mercosul (NCM). Aqui, os capítulos (ou setores), em um total de noventa e nove (classificados de 01 a 99), representam agrupamento de produtos que possuem características comuns. A classificação NCM utilizada nesse trabalho é a mesma empregada pela Secretaria de Comércio Exterior (SECEX) do Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio (MDIC) na apresentação das estatísticas do comércio exterior brasileiro.

A avaliação dos capítulos é realizada a partir daqueles classificados como principais, complementada pela adoção de um critério adicional. O grupo dos principais capítulos (ou setores) é formado por aqueles que, em ordem decrescente e em conjunto, respondem por aproximadamente 90% do valor total exportado pelo estado em cada ano a ser considerado. Com o intuito de tornar a análise mais abrangente, além deste critério, foram avaliados os capítulos que, mesmo não pertencendo ao grupo dos principais, alcançaram participação mínima de 1% no valor total exportado no período considerado.

Em 1999, o Ceará exportou produtos distribuídos em 58 capítulos diferentes. Entretanto, apenas *oito* desses capítulos representavam conjuntamente 89,97% do valor total exportado, formando o grupo dos principais capítulos neste ano¹³. Foram eles: (08) *Frutas, Cascas de Cítricos e de Melões* (31,76%); (64) *Calçados, Polainas e Artefatos Semelhantes, e suas Partes* (19,30%); (52) *Algodão* (12,02%); (03) *Peixes e Crustáceos, Moluscos e Ous. Invertebr. Aquáticos* (9,99%); (41) *Peles, Exceto a Peleteria (Peles com Pêlo), e Couros* (6,41%); (15) *Gorduras, Óleos e Ceras Animais ou Vegetais, etc.* (5,72%); (55) *Fibras*

¹³ Para maiores detalhes consultar a metodologia.

Sintéticas ou Artificiais, Descontínuas (3,37%); e (13) *Gomas, Resinas e Outros Sucos e Extratos Vegetais* (1,40%).

Além desses capítulos, outro que não fazia parte dos principais, mas que participava com mais de um por cento (1%) do valor da pauta de exportações cearenses naquele mesmo ano foi (73) *Obras de Ferro Fundido, Ferro ou Aço* (1,27%).

Tabela 3.6
Exportações Cearenses por Capítulos (NCM)

| Anos | 1999 | 2000 | 2001 | 2002 | 2003 | 2004 | 2005 | 2006 |
|--|------|------|------|------|------|------|------|------|
| Nº de Capítulos Exportados | 57 | 56 | 69 | 66 | 68 | 75 | 75 | 74 |
| Nº de Capítulos Principais(*) (**) | 8 | 10 | 12 | 10 | 10 | 12 | 11 | 12 |
| Nº de Capítulos com mais de 1% (**) | 9 | 8 | 10 | 9 | 10 | 11 | 12 | 13 |

Fonte: SECEX/MDIC(2007). Elaboração IPECE.

(*) Participação conjunta próxima de 90%.

(**) Exclui-se o capítulos (99) Transações Especiais.

Em 2005, o Ceará exportou produtos classificados em 75 capítulos (exceto o setor 99) da NCM, dos quais apenas onze representavam 90,20% do valor total da pauta exportadora. A maior quantidade de capítulos comercializados não significou uma desconcentração significativa em termos de valores exportados.

Em 2006, doze capítulos representaram o grupo dos principais, foram eles:

Tabela 3.7
Principais Capítulos NCM nas Exportações Cearenses em 2006

| CAPITULOS NCM | 2006 | 1999 |
|---|-------------|-------------|
| | Part (%) | Part (%) |
| 64 - Calçados, Polainas e Artefatos Semelhantes, e suas Partes | 24,8 | 19,3 |
| 08 - Frutas, Cascas de Cítricos e de Melões | 19,3 | 31,7 |
| 41 - Peles, Exceto a Peleteria (Peles com Pêlo), e Couros | 13,3 | 6,4 |
| 52 - Algodão | 11,5 | 12,0 |
| 03 - Peixes e Crustáceos, Moluscos e Outs. Invertebr. Aquáticos | 9,5 | 9,9 |
| 15 - Gorduras, Óleos e Ceras Animais ou Vegetais, etc. | 2,6 | 5,7 |
| 72 - Ferro fundido, ferro e aço | 1,9 | 0,9 |
| 68 - Obras de pedra, gesso, cimento, e semelhantes | 1,5 | 0,8 |
| 20 - Preparações de produtos hortícolas, frutas, etc | 1,3 | 0,6 |
| 73 - Obras de ferro fundido, ferro ou aço | 1,3 | 1,2 |
| 87 - Veículos automóveis, tratores, ciclos, etc | 1,3 | 0,6 |
| 83 - Obras diversas de metais comuns | 1,1 | 0,0 |
| Total | 89,4 | 89,1 |

Fonte: SECEX/MDIC (2007); Elaboração IPECE

Vale ressaltar que esse último setor não era exportado em 1999, e em 2006, apresentou-se dentre os principais da pauta de exportações cearenses. Além disso, os

capítulos (55) *Fibras Sintéticas ou Artificiais, Descontínuas* e (13) *Gomas, Resinas e Outros Sucos e Extratos Vegetais*, que ocupavam o grupo dos principais em 1999, com participações de 3,37% e 1,40% das exportações do Estado, passaram em 2006, a participar com apenas 0,24% e 0,45%, respectivamente, deixando de integrá-lo.

Destaca-se o setor (25) *Sal; enxofre; terras e pedras; gesso, cal, cimento*, que não ocupou o grupo dos principais em 2006, mas exportou mais de 1% naquele ano, quando em 1999 participou com apenas 0,16%.

Tabela 3.8
Exportações Cearenses por Capítulos NCM
Anos Selecionados - (Ranking 2006)

| CAPÍTULOS NCM | Valores - US\$ FOB | | | Participações % - Xice | | |
|---|--------------------|--------------------|--------------------|------------------------|----------------|----------------|
| | 1999 | 2005 | 2006 | 1999 | 2005 | 2006 |
| TOTAL GERAL | 371.205.729 | 930.450.856 | 957.045.076 | 100,00% | 100,00% | 100,00% |
| 64 - Calçados, polainas, etc. e suas partes | 71.651.803 | 205.201.999 | 237.714.309 | 19,30% | 22,05% | 24,84% |
| 08 - Frutas, cascas de cítricos e de melões | 117.901.147 | 181.136.182 | 185.615.452 | 31,76% | 19,47% | 19,39% |
| 41 - Peles (exceto peleteria), e couros | 23.793.790 | 117.109.354 | 127.891.898 | 6,41% | 12,59% | 13,36% |
| 52 - Algodão | 44.616.154 | 112.429.833 | 110.512.856 | 12,02% | 12,08% | 11,55% |
| 03 - Peixes e crustáceos, moluscos, etc | 37.070.909 | 108.326.155 | 91.580.676 | 9,99% | 11,64% | 9,57% |
| 15 - Gorduras, óleos e ceras, animais e vegetais | 21.217.831 | 25.221.530 | 25.046.544 | 5,72% | 2,71% | 2,62% |
| 72 - Ferro fundido, ferro e aço | 3.503.249 | 32.790.708 | 18.397.112 | 0,94% | 3,52% | 1,92% |
| 68 - Obras de pedra, gesso, cimento, e semelhantes | 3.053.039 | 9.753.451 | 14.916.430 | 0,82% | 1,05% | 1,56% |
| 20 - Preparações de produtos hortícolas, frutas, etc | 2.346.108 | 11.708.916 | 13.160.929 | 0,63% | 1,26% | 1,38% |
| 73 - Obras de ferro fundido, ferro ou aço | 4.726.184 | 8.395.563 | 13.040.908 | 1,27% | 0,90% | 1,36% |
| 87 - Veículos automóveis, tratores, ciclos, etc | 2.257.264 | 18.073.102 | 12.672.620 | 0,61% | 1,94% | 1,32% |
| 83 - Obras diversas de metais comuns | - | 8.823.409 | 11.240.403 | 0,00% | 0,95% | 1,17% |
| 25 - Sal; enxofre; terras e pedras; gesso, cal, cimento | 578.704 | 3.342.511 | 9.998.593 | 0,16% | 0,36% | 1,04% |
| 84 - Reator nuclear, cald., maq., apar., instr. mecân | 1.112.129 | 4.957.940 | 8.238.358 | 0,30% | 0,53% | 0,86% |
| 27 - Combustíveis, óleos e ceras minerais, etc | - | 161 | 5.260.105 | 0,00% | 0,00% | 0,55% |
| 56 - Pastas, feltros e falsos tecidos, etc | 1.117.642 | 3.019.174 | 5.200.024 | 0,30% | 0,32% | 0,54% |
| 04 - Leite e laticínios, ovos de aves, mel, etc | - | 3.444.435 | 4.583.670 | 0,00% | 0,37% | 0,48% |
| 60 - Tecidos de malha | 1.081.075 | 3.800.155 | 4.418.647 | 0,29% | 0,41% | 0,46% |
| 13 - Gomas, resinas, outros sucos extratos vegetais | 5.205.211 | 5.149.064 | 4.354.316 | 1,40% | 0,55% | 0,45% |
| 94 - Móveis, mobiliário médico-cirúrgico, etc | 517.629 | 4.639.947 | 3.670.108 | 0,14% | 0,50% | 0,38% |
| 61 - Vestuário e seus acessórios de malha | 1.656.772 | 4.776.525 | 3.521.366 | 0,45% | 0,51% | 0,37% |
| 89 - Embarcações e estruturas flutuantes | 485.000 | 2.800.000 | 3.482.539 | 0,13% | 0,30% | 0,36% |
| 42 - Obras de couro, artigos de viagem, bolsas, etc. | 147.626 | 10.253.307 | 3.447.348 | 0,04% | 1,10% | 0,36% |
| 63 - Outros artefatos têxteis confeccionados, etc. | 2.364.651 | 3.950.653 | 3.309.750 | 0,64% | 0,42% | 0,35% |
| 90 - Instrumentos e apar. de ótica, fotografia, etc. | 2.181.022 | 2.034.894 | 3.222.871 | 0,59% | 0,22% | 0,34% |
| 39 - Plásticos e suas obras | 332.498 | 2.216.491 | 3.128.570 | 0,09% | 0,24% | 0,33% |
| 06 - Plantas vivas e produtos da floricultura | 64.155 | 1.679.578 | 2.366.972 | 0,02% | 0,18% | 0,25% |
| 55 - Fibras sintéticas ou artificiais, descontínuas | 12.500.076 | 2.348.093 | 2.309.125 | 3,37% | 0,25% | 0,24% |
| 62 - Vestuário e seus acessórios, exceto de malha. | 869.318 | 17.029.328 | 2.157.680 | 0,23% | 1,83% | 0,23% |
| 85 - Máquinas, aparelhos e mats. elétricos, etc | 119.986 | 2.406.424 | 1.530.139 | 0,03% | 0,26% | 0,16% |
| 22 - Bebidas, líquidos alcoólicos e vinagres | 242.880 | 737.974 | 1.022.309 | 0,07% | 0,08% | 0,11% |
| 54 - Filamentos sintéticos ou artificiais | 77.818 | 851.648 | 697.805 | 0,02% | 0,09% | 0,07% |
| 35 - Matérias albuminóides, colas, enzimas, etc | - | 583.961 | 587.268 | 0,00% | 0,06% | 0,06% |
| 69 - Produtos cerâmicos | 11.024 | 232.956 | 515.028 | 0,00% | 0,03% | 0,05% |
| 05 - Produtos de origem animal n.e | 56.194 | 159.497 | 386.240 | 0,02% | 0,02% | 0,04% |
| 09 - Café, chá, mate e especiarias | 16.535 | 538.904 | 272.311 | 0,00% | 0,06% | 0,03% |
| 11 - Produtos da indústria de moagem, malte, etc | 813.854 | 523.078 | 261.925 | 0,22% | 0,06% | 0,03% |
| 59 - Tecidos impregnados, revestidos, etc | 4.582 | 144.058 | 131.799 | 0,00% | 0,02% | 0,01% |
| 70 - Vidro e suas obras | 2.018 | 229.200 | 110.782 | 0,00% | 0,02% | 0,01% |
| 71 - Pérolas, pedras preciosas, etc. e s/obras, moedas | 25.940 | 184.281 | 87.936 | 0,01% | 0,02% | 0,01% |
| 40 - Borracha e suas obras | - | 21.559 | 87.866 | 0,00% | 0,00% | 0,01% |
| 65 - Chapéus e artigos de uso semelhante, s/partes | 136.516 | 202.364 | 82.679 | 0,04% | 0,02% | 0,01% |
| 12 - Sementes e frutos oleaginosos, grãos, etc | 61.266 | 686 | 74.005 | 0,02% | 0,00% | 0,01% |
| 23 - Resíduos e desperdícios das ind. alim., etc. | - | 69.344 | 65.522 | 0,00% | 0,01% | 0,01% |
| 14 - Matérias p/tranc. e prods. de orig. veg. n.e | 108.000 | 52.245 | 58.199 | 0,03% | 0,01% | 0,01% |
| 44 - Madeira e suas obras, carvão vegetal | 13.130 | 208.265 | 52.374 | 0,00% | 0,02% | 0,01% |
| 29 - Produtos químicos orgânicos | - | 537 | 50.624 | 0,00% | 0,00% | 0,01% |
| 49 - Livros, jornais, gravuras e outs. prod. gráficos | 14.981 | 47.509 | 44.145 | 0,00% | 0,01% | 0,00% |

(continua)

Tabela 3.8
Exportações Cearenses por Capítulos NCM
Anos Selecionados - (Ranking 2006)

(conclusão)

| CAPÍTULOS NCM | Valores - US\$ FOB | | | Participações % - Xice | | |
|--|--------------------|-----------|------------|------------------------|-------|-------|
| | 1999 | 2005 | 2006 | 1999 | 2005 | 2006 |
| 48 - Papel e cartão e suas obras | 4.958 | 84.713 | 36.006 | 0,00% | 0,01% | 0,00% |
| 17 - Açúcares e produtos de confeitaria | 659 | 79.224 | 30.994 | 0,00% | 0,01% | 0,00% |
| 02 - Carnes e miudezas comestíveis | - | - | 30.625 | 0,00% | 0,00% | 0,00% |
| 21 - Preparações alimentícias diversas | 694 | 276.808 | 26.811 | 0,00% | 0,03% | 0,00% |
| 74 - Cobre e suas obras | - | 88 | 22.349 | 0,00% | 0,00% | 0,00% |
| 26 - Minérios, escórias e cinzas | 83.032 | 22.272 | 22.272 | 0,02% | 0,00% | 0,00% |
| 32 - Extratos tanantes e tintoriais,tintas, etc | - | 17.567 | 17.518 | 0,00% | 0,00% | 0,00% |
| 33 - Óleos essenciais e resinóides, etc | - | 57.995 | 14.879 | 0,00% | 0,01% | 0,00% |
| 07 - Prods. horticolas,plantas,raizes,etc,comest | 22.000 | 124.021 | 14.237 | 0,01% | 0,01% | 0,00% |
| 38 - Produtos diversos das industrias químicas | - | 18.698 | 13.841 | 0,00% | 0,00% | 0,00% |
| 76 - Alumínio e suas obras | 184.422 | 854.932 | 12.102 | 0,05% | 0,09% | 0,00% |
| 58 - Tecidos especiais, rendas, tapeçarias, etc | - | 83.687 | 11.677 | 0,00% | 0,01% | 0,00% |
| 34 - Sabões, ceras artificiais, etc | 2.460 | 105.421 | 11.395 | 0,00% | 0,01% | 0,00% |
| 53 - Outras fibras têxteis vegetais | - | - | 8.438 | 0,00% | 0,00% | 0,00% |
| 18 - Cacau e suas preparações | - | 292 | 5.655 | 0,00% | 0,00% | 0,00% |
| 28 - Produtos químicos inorgânicos | - | 3.910 | 3.426 | 0,00% | 0,00% | 0,00% |
| 95 - Brinquedos,jogos,artigos p/divert. e esportes | 1.243 | 984 | 2.726 | 0,00% | 0,00% | 0,00% |
| 96 - Obras diversas | 30 | 103.020 | 2.628 | 0,00% | 0,01% | 0,00% |
| 57 - Tapetes e outros revestimentos,de mat.têxteis | 751 | 5.533 | 2.370 | 0,00% | 0,00% | 0,00% |
| 97 - Objetos de arte,de coleção e antiguidades | - | - | 1.569 | 0,00% | 0,00% | 0,00% |
| 82 - Ferramentas, artefatos de cutelaria, talheres | 1.453 | 5.059 | 1.389 | 0,00% | 0,00% | 0,00% |
| 30 - Produtos farmacêuticos | 5.133 | 28.554 | 314 | 0,00% | 0,00% | 0,00% |
| 19 - Preparações a base de cereais, farinhas, etc. | 278 | 104.723 | 236 | 0,00% | 0,01% | 0,00% |
| 46 - Obras de espartaria ou de cestaria | 390 | 11.773 | 198 | 0,00% | 0,00% | 0,00% |
| 78 - Chumbo e suas obras | - | 100 | 100 | 0,00% | 0,00% | 0,00% |
| 45 - Cortiça e suas obras | - | - | 84 | 0,00% | 0,00% | 0,00% |
| 01 - Animais vivos | - | - | - | 0,00% | 0,00% | 0,00% |
| 10 - Cereais | - | - | - | 0,00% | 0,00% | 0,00% |
| 16 - Preparações de carnes, de peixes, etc | - | 1.052 | - | 0,00% | 0,00% | 0,00% |
| 24 - Fumo (tabaco) e seus sucedâneos manufaturados | - | - | - | 0,00% | 0,00% | 0,00% |
| 31 - Adubos e fertilizantes | - | - | - | 0,00% | 0,00% | 0,00% |
| 36 - Pólvoras, explosivos, fósforos, etc | 675 | - | - | 0,00% | 0,00% | 0,00% |
| 37 - Produtos para fotografia e cinematografia | - | - | - | 0,00% | 0,00% | 0,00% |
| 43 - Peleteria e suas obras, peleteria artificial. | - | 4.162 | - | 0,00% | 0,00% | 0,00% |
| 47 - Pastas de madeira ou outras mat.fibrosas,etc. | - | - | - | 0,00% | 0,00% | 0,00% |
| 50 - Seda | - | - | - | 0,00% | 0,00% | 0,00% |
| 51 - Lã, pelos, fios e tecidos de crina | - | - | - | 0,00% | 0,00% | 0,00% |
| 66 - Guarda-chuvas, guarda-sóis, bengalas, etc | - | 1.232 | - | 0,00% | 0,00% | 0,00% |
| 67 - Penas e penugens preparadas, e suas obras,etc | - | - | - | 0,00% | 0,00% | 0,00% |
| 75 - Níquel e suas obras | - | - | - | 0,00% | 0,00% | 0,00% |
| 79 - Zinco e suas obras | - | - | - | 0,00% | 0,00% | 0,00% |
| 80 - Estanho e suas obras | - | 18 | - | 0,00% | 0,00% | 0,00% |
| 81 - Outros metais comuns e suas obras | - | - | - | 0,00% | 0,00% | 0,00% |
| 86 - Veículos e material para vias férreas, etc | - | - | - | 0,00% | 0,00% | 0,00% |
| 88 - Aeronaves,outros ap.aéreos/espaciais e partes | 3.406 | - | - | 0,00% | 0,00% | 0,00% |
| 91 - Relógios e apar. semelhantes e suas partes | - | - | - | 0,00% | 0,00% | 0,00% |
| 92 - Instrumentos musicais,suas partes/acessórios. | - | 572 | - | 0,00% | 0,00% | 0,00% |
| 93 - Armas e munições, suas partes e acessórios | - | - | - | 0,00% | 0,00% | 0,00% |
| 99 - TRANSAÇÕES ESPECIAIS | 6.838.435 | 6.847.498 | 16.172.100 | 1,84% | 0,74% | 1,69% |

Fonte: SECEX/MDIC (2007); Elaboração IPECE.

Nota: Xice – exportações do capítulo i no total exportado pelo Ceará

Analisando-se a recorrência na pauta, observou-se que alguns capítulos apresentaram-se como os grandes responsáveis pela participação do Estado do Ceará no comércio internacional. Alguns capítulos podem, então, ser classificados como tradicionalmente exportadores, revelando o perfil da pauta de exportações do Estado.

No período de 1999 a 2006, alguns capítulos estiveram presentes em todos os anos na pauta de exportações do Estado. Entretanto, integraram o grupo dos principais capítulos em um número de anos inferior ao período analisado. Esta constatação permite observar a irregularidade do desempenho exportador apresentado por determinados grupos de produtos

cearenses. A seguir são apresentados os capítulos enquadrados nesta situação conforme o número de anos em que integraram o grupo dos principais capítulos:

Quadro 3.1
Dinâmica de setores (ou capítulos NCM) selecionados

| Nº. de anos (*) | Capítulo (Setor) |
|-----------------|--|
| 4 | <p><u>Setor (72) Ferro Fundido, Ferro e Aço</u>: ganhou importância a partir de 2003, com suas exportações representando mais de 1% da pauta, ingressando no grupo dos principais capítulos. Esse ganhou participação relativa na pauta entre os anos de 2003 (1,58%) e</p> <p><u>Setor (20) Preparações de Produtos Hortícolas, de Frutas, etc.</u>: apareceu entre os principais capítulos a partir de 2002, permanecendo nos demais anos, com exceção de 2003. No ano de 2002, este respondia por menos de 1% da pauta revertendo esta situação a</p> |
| 3 | <p>Setor (13) Gomas, Resinas e Outros Sucos e Extratos Vegetais: apareceu com mais de 1% do valor das exportações e dentre os principais capítulos nos anos de 1999 e 2000. Em 2001, esse setor apareceu dentre os principais, mas não com uma participação de 1%</p> <p><u>Setor (63) Outros artefatos têxteis confeccionados, Sortidos, etc.</u>: compôs o grupo dos principais capítulos entre 2000 e 2002, mas somente representando mais de 1% da pauta no último ano. Em 2006, participou com apenas 0,35%.</p> <p>Setor (62) Vestuários e seus Acessórios, Exceto de Malha: apareceu dentre os principais capítulos exportadores com mais de 1% da pauta nos anos de 2001, 2004 e 2005. Esse setor ganhou participação relativa, passando de 1,33% em 2001 para 1,83% em 2005. E</p> <p><u>Setor (73) Obras de Ferro Fundido, Ferro ou Aço</u>: representava mais de 1% da pauta de exportações, apesar de não estar dentre os principais capítulos no ano de 1999. No ano de 2000, isso se inverteu, passou a constar dentre os principais capítulos, mas co</p> |
| 2 | <p>Setor (55) Fibras Sintéticas ou Artificiais, Descontínuas: representava mais de 1% da pauta exportadora e estava entre os principais nos anos de 1999 e 2000. A partir de 2001, esse sofreu sucessivas perdas de participação relativa, passando de 3,37% em 1</p> <p><u>Setor (68) Obras de Pedra, Gesso, Cimento, Amianto, Mica e etc.</u>: apareceu no ano de 2001 dentre os principais capítulos, com participação de 1,01% do valor da pauta de exportações cearenses e, em 2006, com 1,56% voltando a estar dentre os principais.</p> |
| 1 | <p>Setor (25) Sal, Enxofre, Terras e Pedras, Gesso, Cal e Cimento: apareceu dentre os principais capítulos somente em 2004, mas com menos de 1% de participação relativa no valor da pauta das exportações do Estado. Em 2006, apesar de participar com 1,04% não</p> |

Fonte: SECEX/MDIC (2007); Elaboração IPECE.

(*) Número de anos como capítulo da NCM integrante do grupo dos principais ao longo do período analisado, de 1999 a 2006.

Atentando para o crescimento nos valores exportados, os capítulos que apresentaram os melhores resultados foram (96), (70), (17) e (69), com taxas acima dos 4500%. Todos esses capítulos apresentaram baixa participação relativa na pauta no ano de 2006, todas abaixo de 1%. Outro a se destacar foi o setor (85) *Máquinas, aparelhos e materiais elétricos, etc*, cujas exportações cresceram 1175% no período analisado (1999 – 2006). Contudo, no movimento mais recente, este apresentou queda em sua exportação com relação ao ano de 2005, de 36,41%. Por outro lado, as maiores quedas registradas nas exportações ficaram por conta dos capítulos (30) *Produtos farmacêuticos* e (76) *Alumínio e suas obras*, ambos acima dos 93%.

Dentro do grupo dos principais itens exportados, merece destaque o crescimento nas vendas dos capítulos (64) *Calçados, polainas, etc. e suas partes* com 232%, (41) *Peles (exceto*

peleteria), e couros com 438%, (72) *Ferro fundido, ferro e aço* com 425%, (20) *Preparações de produtos hortícolas, frutas, etc* com 461% e (87) *Veículos automóveis, tratores, ciclos, etc* com 461%, entre os anos de 1999 e 2006. Dentro do grupo dos principais, entre os anos de 2005 e 2006, cinco capítulos apresentaram queda de suas exportações, foram eles: (52), (03), (15), (72) e (87), merecendo destaque os dois últimos capítulos que tiveram quedas de 44% e 30%, respectivamente.

Observando o movimento dos últimos dois anos (2005-2006), os capítulos que registraram os maiores crescimentos foram (27) *Combustíveis, óleos e ceras minerais, etc*, (74) *Cobre e suas obras*, (12) *Sementes e frutos oleaginosos, grãos, etc* e (29) *Produtos químicos orgânicos*, todos acima dos 9000%. Contudo, apesar deste forte crescimento, estes capítulos ainda participaram com menos de 1% das exportações cearenses no último ano.

Dos doze capítulos que representam o grupo dos principais produtos, dez foram os que mais contribuíram para o aumento das exportações cearenses entre os anos de 1999 e 2006, são eles: (64) *Calçados, polainas, etc. e suas partes*, (41) *Peles (exceto peleteria), e couros*, (08) *Frutas, cascas de cítricos e de melões*, (52) *Algodão*, (03) *Peixes e crustáceos, moluscos, etc*, (72) *Ferro fundido, ferro e aço*, (68) *Obras de pedra, gesso, cimento, e semelhantes*, (83) *Obras diversas de metais comuns*, (20) *Preparações de produtos hortícolas, frutas, etc*, (87) *Veículos automóveis, tratores, ciclos, etc*, todos acima dos US\$ 10 milhões. Dentre estes, destaque para os dois primeiros que contribuíram com mais de US\$ 100 milhões cada. Os capítulos (73) *Obras de ferro fundido, ferro ou aço* e (15) *Gorduras, óleos e ceras, animais e vegetais*, que também compõem o grupo dos principais no ano de 2006, contribuíram com os seguintes valores US\$ 8,3 milhões e US\$ 3,8 milhões. Por outro lado, dentre aqueles que contribuíram negativamente para as exportações neste período, merece atenção o setor (55) *Fibras sintéticas ou artificiais, descontínuas* com redução do valor exportado em US\$ 10,2 milhões.

A abordagem exposta permitiu verificar os movimentos de maior relevância ocorridos nas exportações cearenses no período analisado, indicando, dentre outros, a dinâmica existente, os capítulos que ganharam importância e aqueles que perderam participação. Além de revelar a estrutura da pauta ao longo dos anos, o movimento mostrou a forte concentração que ainda existe nas exportações do Estado e a dependência do comércio externo em relação a poucos capítulos.

Em resumo, no período analisado, dos noventa e nove capítulos elencados na classificação da Nomenclatura Comum do Mercosul (NCM), o Ceará exportou, pelo menos em uma oportunidade, oitenta e sete deles. Em outras palavras, o Estado vendeu para o

exterior algum dos produtos que integram estes capítulos. Neste quadro, vale ressaltar que alguns capítulos foram recorrentes e representativos na pauta das exportações do Estado neste período.

3.2.4. Exportações Cearenses por Produtos

A classificação utilizada para os produtos exportados, assim como no caso dos capítulos (ou setores NCM), segue a Nomenclatura Comum do Mercosul (NCM). A análise por produto busca identificar movimentos que não são percebidos no estudo mais agregado ao nível de setores. A justificativa está na possibilidade de o bem em questão, individualmente, apresentar um desempenho diverso daquele registrado pelo grupo do qual faz parte.

A abordagem por produtos foi realizada com base em três critérios diferentes. No primeiro, a pauta de exportações cearenses foi analisada pela quantidade total de produtos vendidos ao exterior entre os anos de 1999 e 2006. Deste modo, buscou-se avaliar a dinâmica existente considerando os produtos que passaram a ser exportados e aqueles que deixaram de integrar as exportações do Estado nos anos considerados.

O segundo critério adotado consistiu em reduzir o universo de análise para os cem primeiros produtos em valor exportado pelo Ceará em cada ano. Esta análise permitiu um maior detalhamento das informações, cuja percepção se mostra prejudicada quando se considera a totalidade dos bens exportados. Outro ponto a favorecer a abordagem considerando os cem primeiros, é a grande representatividade da pauta que estes possuem (em conjunto, respondem por mais de 95% das exportações estaduais).

O terceiro critério adotado consistiu em avaliar os produtos que integram o grupo dos principais bens exportados, ou seja, aqueles que respondem conjuntamente por 90% da pauta de exportações. O objetivo é analisar o desempenho apresentado pelo grupo de produtos de maior importância nas exportações do Estado, complementado as avaliações baseadas nos dois critérios anteriores.

A abordagem considerando os parâmetros acima se justifica pela possibilidade de um melhor refino da análise sobre setores (definição NCM) realizada anteriormente. Em associação às anteriores, a avaliação por produtos fornece indicações valiosas à respeito do comportamento exportador das atividades econômicas cearenses bem como favorece a identificação de novas oportunidades para as exportações do Estado.

Análise da Quantidade Total de Produtos Exportados pelo Ceará (Critério 1)

No ano de 1999, o Ceará exportou 361 produtos diferentes que somados perfaziam o valor total de US\$ 371 milhões. O número de produtos exportados foi crescente ao longo dos anos, alcançando, em 2005, seu máximo de 807 tipos diferentes que representavam um valor total de US\$ 930,5 milhões.

Pode-se dizer que a diversificação da pauta foi um dos elementos que ajudaram a melhorar as exportações cearenses. De fato, o número de produtos foi sempre crescente entre os anos de 1999 e 2005, e isto contribuiu para o incremento das exportações ano a ano. A diferença de US\$ 559,2 milhões entre o valor das exportações no ano de 1999 e em 2005 é explicada pelo ingresso de 447 novos produtos, cujo valor exportado somou no período, pelos produtos recorrentes na pauta, responsáveis por US\$ 191,3 milhões. Como dito anteriormente, em 2003 o Ceará incrementou fortemente suas exportações, movimento este provocado principalmente pelo câmbio desvalorizado. A partir deste ano o quadro se inverte com o Estado registrando crescimento de apenas 8,2% em suas vendas ao exterior no ano de 2005.

O ano de 2006 reforçou essa tendência de queda nas taxas de crescimento das exportações cearenses. Neste ano, o Estado registrou um crescimento de apenas 2,86%, a menor desde 1999. A redução das taxas de crescimento entre 2005 e 2006 confirmou algumas previsões derivadas da sobrevalorização cambial. Estes fatos fizeram reduzir o número de produtos exportados de oitocentos e sete, em 2005, para seiscentos e trinta e quatro em 2006. Esta redução é uma das explicações para o baixo crescimento das exportações do Estado.

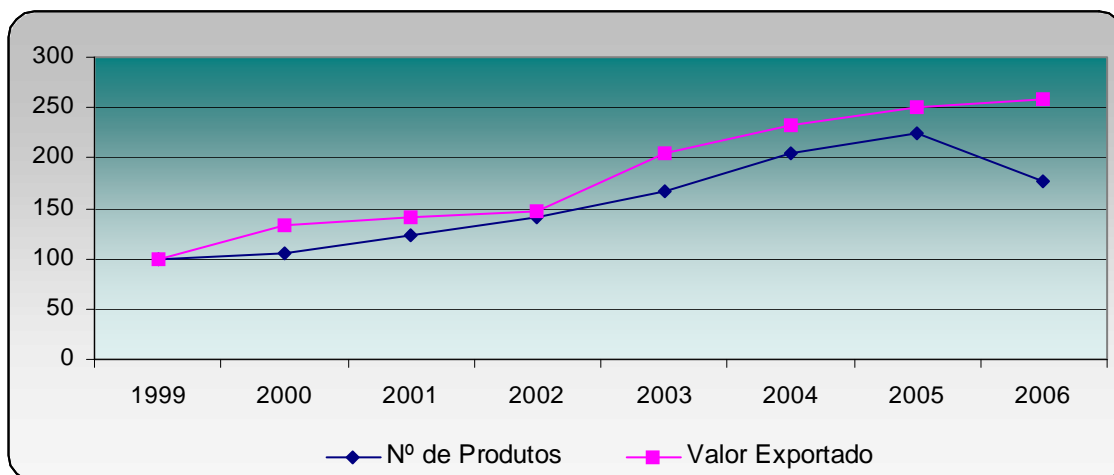
Tabela 3.9
Ceará: Número de produtos e Valor Exportado – 1999 a 2006

| Anos | 1999 | 2000 | 2001 | 2002 | 2003 | 2004 | 2005 | 2006 |
|-----------------------|-------------|-------------|-------------|-------------|-------------|-------------|-------------|-------------|
| Nº de Produtos | 361 | 382 | 443 | 512 | 600 | 737 | 807 | 634 |
| Valor Exportado | 371.205.729 | 495.097.834 | 527.051.145 | 543.902.399 | 760.927.314 | 859.369.027 | 930.450.856 | 957.045.076 |
| Δ Nº de Produtos | 40 | 21 | 61 | 69 | 88 | 137 | 70 | -173 |
| Δ Valor Exportado | 15.959.487 | 123.892.105 | 31.953.311 | 16.851.254 | 217.024.915 | 98.441.713 | 71.081.829 | 26.594.220 |
| Tx Cresc. Nº Produtos | 12,5% | 5,8% | 16,0% | 15,6% | 17,2% | 22,8% | 9,5% | -21,4% |
| Tx. Cresc. Valor Exp. | 4,49 | 33,38 | 6,45 | 3,2 | 39,9 | 12,94 | 8,27 | 2,86 |

Fonte: SECEX/MDIC (2007); Elaboração IPECE.

O Gráfico 3.5 abaixo mostra o comportamento entre o número de produtos exportados e o valor das exportações cearenses (a partir de taxas de crescimento, tomando 1999 como ano base (1999=100)). O ano de 2006 marca a maior diferença entre o comportamento destes dois conjuntos de dados.

Gráfico 3.5
Relação entre Número de Produtos Exportados e Valor das Exportações Cearenses



Fonte: SECEX/MDIC (2007); Elaboração IPECE.

Análise das Exportações com Base nos Cem Primeiros e nos Principais Produtos Exportados pelo Ceará (Critérios 2 e 3)

Os critérios dois e três foram avaliados conjuntamente, uma vez que o grupo dos cem primeiros bens exportados contém aqueles que compõem o grupo dos principais produtos exportados. Antes, porém, da apresentação dos resultados, alguns esclarecimentos se fazem necessários.

A lógica da avaliação realizada segue os seguintes pontos:

1. Com relação aos anos considerados (intervalo entre 1999 e 2006), algumas adaptações se fizeram necessárias, dada a quantidade de informações disponíveis. Em particular, foi observado o ano de 1999, que marca o início da série, e os anos de 2005 e 2006, que revelam o movimento recente das vendas do Estado ao exterior.
2. A análise parte do desempenho registrado no ano de 2006 e segue observando o comportamento dos anos anteriores. Deste modo, são observados os movimentos nos anos de 1999 e 2006 (período 1) e 2005 e 2006 (período 2).
3. Em cada período são observados os seguintes pontos, nessa ordem: a) movimento no grupo dos principais produtos, considerando o desempenho dos recorrentes (exportados em todos os anos considerados), os produtos que passaram a integrar e os que deixaram de participar de tal grupo no período

analisado; b) movimento no grupo dos cem primeiros, considerando, como no caso anterior, o desempenho dos recorrentes, os produtos que passaram a integrar e os que deixaram de participar de tal grupo no período analisado¹⁴; e c) avaliação dos produtos que mais cresceram e daqueles que registraram reduções nos valores exportados em cada intervalo de tempo.

Realizadas as considerações metodológicas, alguns resultados merecem ser destacados. Em 2006, os cem primeiros produtos em valor exportado representaram 97,88% das exportações cearenses. Destes, os primeiros quarenta e cinco formavam o grupo dos principais bens exportados, somando 90,02% das vendas internacionais do Estado. Nos demais anos, a relação foi a seguinte: a) em 2005, os cem primeiros corresponderam a 97,35%, e quarenta e seis somaram 90% das exportações cearenses, compondo estes últimos o grupo dos principais produtos; e b) em 1999, os bens observados representaram 97,77% do valor total exportado pela economia local, sendo o grupo dos principais produtos formado por vinte e um bens, que responderam por 90,35% das vendas do Ceará ao mercado externo. Os percentuais acima revelam a representatividade da pauta exportadora que os bens analisados possuem.

Em uma primeira avaliação, dois movimentos importantes são percebidos. O primeiro, refere-se à concentração da pauta, mantida entre 1999 e 2006. O percentual com que os cem primeiros produtos participam das exportações estaduais, sempre acima dos 97%, confirma este comportamento. A constatação é comprovada quando se considera que o total de bens exportados em 1999 foi de 361 tipos diferentes de produtos, 807 em 2005 e 634 no ano de 2006.

O segundo movimento, positivo para economia cearense e em oposição ao primeiro, indica um comportamento de diversificação da pauta de exportações do Estado, em especial no grupo dos principais produtos exportados (que representam aproximadamente 90% do valor das exportações do Estado). Entre 1999 e 2006 a quantidade de bens nesta classificação passou de 21 para 45, revelando o surgimento de produtos com relativa importância para vendas cearenses aos mercados internacionais.

¹⁴ Para o ano de 1999 foram considerados setenta e quatro produtos, e não cem, resultado da tabulação dos dados que eliminou alguns produtos, cujo valor das exportações foi muito pequeno.

Tabela 3.10
Resumo das Exportações Cearenses por Produtos – Anos Selecionados

| ANO | PRODUTOS EXPORTADOS | | |
|------|------------------------------|---|---------------------|
| | Quantidade Total | Participação nas exportações | Valor (em US\$ mil) |
| 1999 | 361 | 100,00% | 371.205 |
| 2003 | 600 | 100,00% | 760.927 |
| 2005 | 807 | 100,00% | 930.450 |
| 2006 | 634 | 100,00% | 957.045 |
| ANO | CEM PRIMEIROS ⁽¹⁾ | | |
| | Participação nas exportações | Percentual no total dos produtos exportados | Valor (em US\$ mil) |
| 1999 | 97,77% | 20,49% | 362.927 |
| 2003 | 98,46% | 16,66% | 749.281 |
| 2005 | 97,35% | 12,37% | 905.814 |
| 2006 | 97,88% | 15,69% | 936.840 |
| ANO | PRINCIPAIS PRODUTOS | | |
| | Quantidade | Participação nas exportações | Valor (em US\$ mil) |
| 1999 | 21 | 90,35% | 335.384 |
| 2003 | 33 | 90,06% | 685.204 |
| 2005 | 46 | 90,00% | 837.392 |
| 2006 | 45 | 90,02% | 861.634 |

Fonte: SECEX/MDIC (2007); Elaboração IPECE

NOTA: (1) Corresponde aos cem primeiros produtos em ordem decrescente do valor exportado

A avaliação considerando os desempenhos entre anos específicos permite uma melhor compreensão do exposto acima.

Avaliação dos Anos de 1999 e 2006 (período 1)

A) Movimento no grupo dos principais produtos exportados

Analisando os anos de 1999 e 2006, tem-se que de um total de 100 produtos, 46 registraram exportações em ambos os anos considerados. Esses produtos responderam em 2006 por US\$ 593,6 milhões, ou 61,9% do total exportado pelo Estado neste ano. Dentre estes 46 bens recorrentes, 13 integraram o grupo das principais mercadorias exportadas em 1999 e em 2006¹⁵. Tratam-se de bens tradicionalmente exportados pelo Estado, com destaque no comércio internacional cearense.

¹⁵ A quantificação dos bens em movimentos de entrada, permanência ou saída, nos grupos definidos para o estudo, a saber: (1) cem primeiros em valores exportados e (2) principais produtos nas exportações cearenses, busca avaliar a dinâmica existente na pauta exportadora entre os anos considerados.

Dentre estes treze principais, apresentaram maior relevância (a) *castanha de caju, seca ou fresca, sem casca*; (b) *outros calçados de couro natural*; (c) *calçados de borracha/plástico com parte superior em tiras*; (d) *tecido de algodão ≥ 85%, fio colorido, denim, índigo*. Destacam-se ainda *outros freios e suas partes, para tratores/veículos automóveis* que registrou uma elevação significativa em sua participação nas exportações cearenses, de 0,58% em 1999 para 1,08% em 2006. Em valores, seu movimento foi de US\$ 2,1 milhões para US\$ 8,7 milhões, um crescimento próximo a 375% entre os anos considerados. Vale frisar que nesse mesmo intervalo de tempo, as exportações realizadas pela economia cearense expandiram-se em 157,82%.

No grupo dos principais produtos exportados nos anos de 1999 e 2006, alguns bens perderam participação neste período. *Castanha de caju, seca ou fresca, sem casca* e *ceras vegetais*, passaram a responder por uma menor parcela das exportações estaduais, com redução em suas participações, respectivamente, de 31,19% e 5,43% em 1999 para 14,23% e 2,60% em 2006. *Sucos e extratos de outros vegetais* apresentou queda no valor exportado, de 16,35%, refletida na redução em sua participação de 1,40% para 0,45% entre 1999 e 2006,

Algumas mercadorias exportadas em 1999 que não integravam o grupo dos principais produtos neste ano, passaram a integrá-lo no ano de 2006. Um total de dez produtos apresentou esse comportamento e respondeu em 2006 por US\$ 102,2 milhões ou 10,6% do total das exportações cearenses. Dentre estes merecem destaque: *melões frescos* cuja participação saltou de apenas 0,52% em 1999 para atuais 3,04% em 2006, uma expansão em termos de valor exportado de 1.413% (US\$ 1,9 milhão em 1999 para US\$ 29,1 milhões em 2006); *outros calçados de matéria têxtil, sola de borracha/plástico* com participação passando de 0,27% para 1,59% entre 1999 e 2006, reflexo de um aumento nas exportações de US\$ 991,7 mil para US\$ 15,2 milhões no mesmo período; e *calçados para outros esportes de borracha/plástico* cuja participação nas exportações estaduais passou de 0,06% em 1999 para 1,34% em 2006, um crescimento de US\$ 207,3 mil para US\$ 12,8 milhões nesse período.

Outros produtos apresentaram movimento contrário, deixando de fazer parte daqueles que formam o grupo dos principais. Entre 1999 e 2006 um total de quatro produtos registrou esse desempenho. Em destaque, *fio de fibras de poliésteres com algodão*, com redução em sua participação de 2,97% em 1999 para 0,10% no final do período, (US\$ 11 milhões em 1999 para US\$ 892,1 mil em 2006).

B) Movimento no grupo dos cem primeiros produtos em valores exportados

Considerando o conjunto dos cem primeiros produtos em valor exportado no ano de 2006, e confrontando-os com os de 1999, observa-se que um total de 28 deles não é observado no ano mais recente da série. Dentre estes produtos, que perderam importância na pauta de exportações cearenses, quatro, pelo fraco desempenho apresentado, merecem atenção. Tais produtos, além de estarem entre os cem primeiros, encontravam-se no grupo dos principais bens exportados em 1999, são eles: *lagostas (palinurus, palinurus e jasus) congeladas; outros couros/peles de bovinos/equídeos preparadas plena flor; camarões congelados; outros couros/peles de bovinos/equídeos curtidos ou recurtidos*. A colocação ocupada no ano inicial evidencia a dimensão negativa do movimento apresentado.

C) Avaliação do desempenho dos produtos que mais cresceram e daqueles que registraram reduções nos valores exportados

A avaliação dos bens de maior crescimento e daqueles com maiores reduções nos valores exportados, entre 1999 e 2006, fornece resultados adicionais. Dentre os 46 produtos que se repetem em 1999 e 2006, quarenta registraram expansão no valor exportado e apenas seis apresentaram desempenho inverso. No grupo dos que obtiveram crescimento nas vendas internacionais, destacam-se: *granito talhado ou cerrado de superfície plana e calçados para outros esportes de borracha/plástico*, com incrementos superiores a 6.000% no valor comercializado; *outras obras de couro natural ou reconstituído* (3.900%); *sucos de outras frutas ou de produtos hortícolas não fermentados; outros calçados de couro natural e sola exterior de couro; e outros calçados de borracha ou plástico*, com expansões superiores a 1.500%; *outras calçados de matéria têxtil, sola de borracha ou plástico e melões frescos* com crescimentos acima dos 1.400%. Todos estes produtos integram o grupo dos principais bens exportados em 2006, revelando a importância dos desempenhos observados.

É importante frisar que a grande maioria dos bens que apresentaram crescimento nos valores exportados quando considerados os anos de 1999 e 2006, registraram elevações significativas. Os resultados indicam que em 2006 os valores superaram, no mínimo, o dobro daqueles obtidos em 1999. Dentre os que não tiveram tal desempenho, tem-se: *tecido de algodão ($\geq 85\%$), fio colorido, denim, índigo* (96,63%); *placas, folhas ou tiras de mica,*

aglomerada ou reconstituída (91%); ceras vegetais (23,45%); castanha de caju, fresca ou seca, sem casca (17,60%).

No conjunto dos produtos que registraram reduções nos valores exportados, destacam-se: *fio de fibras de poliésteres com algodão (-90,19%); outros calçados impermeáveis de borracha ou plástico sem costura (-83,58%); fio de algodão ($\geq 85\%$), cru, simples, fibra penteada ($192.3D \leq T < 232.56D$) (-51,67%); ferrossilício contendo peso ($> 55\%$) de silício (-44,06%); e sucos e extratos de outros vegetais (-8,25%). Com exceção deste último, todos os outros deixaram em 2006 de compor o grupo dos principais bens exportados pelo Estado, posição que ocupavam em 1999.*

Tabela 3.11
Produtos Exportados pelo Ceará em 1999 e 2006 (Grupo dos Cem Primeiros)

| PRODUTOS ⁽¹⁾ | Seção | Capítulo | 2006 ⁽²⁾ | | | 1999 ⁽²⁾ | |
|--|-------|----------|---------------------|--------|------|---------------------|--------|
| | | | Valor (US\$ mil) | Part X | Rank | Valor (US\$ mil) | Part X |
| 1 CASTANHA DE CAJU,FRESCA OU SECA,SEM CASCA | 2 | 08 | 136.161 | 14,23 | 1 | 115.786 | 31,19 |
| 2 OUTROS CALCADOS DE COURO NATURAL | 12 | 64 | 98.511 | 10,29 | 3 | 37.141 | 10,01 |
| 3 CALCADOS DE BORRACHA/PLAST.C/PARTE SUPER.EM T | 12 | 64 | 72.103 | 7,53 | 4 | 22.118 | 5,96 |
| 4 TECIDO DE ALGODAO>=85%,FIO COLOR.DENIM,INDIGO | 11 | 52 | 56.506 | 5,90 | 5 | 28.737 | 7,74 |
| 5 MELOES FRESCOS | 2 | 08 | 29.108 | 3,04 | 8 | 1.923 | 0,52 |
| 6 CERAS VEGETAIS | 3 | 15 | 24.881 | 2,60 | 9 | 20.155 | 5,43 |
| 7 OUTS.CALCADOS DE MATERIA TEXTIL,SOLA DE BORRACHA/PLAST. | 12 | 64 | 15.246 | 1,59 | 10 | 992 | 0,27 |
| 8 CONSUMO DE BORDO - COMBUSTIVEIS E LUBRIF.P/EM | 21 | 99 | 13.756 | 1,44 | 11 | 6.236 | 1,68 |
| 9 CALCADOS P/OUTROS ESPORTES,DE BORRACHA OU PLA | 12 | 64 | 12.825 | 1,34 | 12 | 207 | 0,06 |
| 10 OUTROS CALCADOS DE COURO NATURAL,COBRINDO O TORNOZELO | 12 | 64 | 12.461 | 1,30 | 13 | 2.754 | 0,74 |
| 11 APARELHOS P/COZINHAR/AQUECER,DE FERRO,ETC.COM | 15 | 73 | 10.893 | 1,14 | 14 | 4.683 | 1,26 |
| 12 OUTROS FREIOS E SUAS PARTES,P/TRATORES/VEIC.AUTOMOVEIS | 17 | 87 | 10.299 | 1,08 | 15 | 2.166 | 0,58 |
| 13 GRANITO TALHADO OU SERRADO,DE SUPERFICIE PLAN | 13 | 68 | 9.361 | 0,98 | 18 | 149 | 0,04 |
| 14 SUCOS DE OUTRAS FRUTAS,PRODS.HORTICOLAS,NAO F | 4 | 20 | 9.129 | 0,95 | 19 | 461 | 0,12 |
| 15 OUTROS CALCADOS DE BORRACHA OU PLASTICO | 12 | 64 | 9.123 | 0,95 | 20 | 544 | 0,15 |
| 16 FIO ALGODAO>=85%,SIMPLES,FIBRA PENT.232.56D<=T<714.29D | 11 | 52 | 6.614 | 0,69 | 23 | 3.164 | 0,85 |
| 17 OUTS.TECIDOS DE ALGODAO>=85%,FIO COLOR.DENIN,P>200G/M2 | 11 | 52 | 5.752 | 0,60 | 29 | 2.505 | 0,67 |
| 18 PLACAS/FOLHAS OU TIRAS,DE MICA AGLOMERADA/RECONSTITUIDA | 13 | 68 | 5.268 | 0,55 | 31 | 2.758 | 0,74 |
| 19 OUTS.CALCADOS DE COURO NATURAL E SOLA EXTERIOR DE COURO | 12 | 64 | 5.118 | 0,53 | 33 | 292 | 0,08 |
| 20 CALCADOS P/ESPORTES,ETC.DE MAT.TEXT.SOLA BARR | 12 | 64 | 5.084 | 0,53 | 34 | 419 | 0,11 |
| 21 SUCOS E EXTRATOS,DE OUTROS VEGETAIS | 2 | 13 | 4.354 | 0,45 | 36 | 5.205 | 1,40 |
| 22 OUTS.FRUTAS DE CASCA RIJA,OUTS.SEMENTES,PREPA | 4 | 20 | 3.898 | 0,41 | 40 | 1.881 | 0,51 |
| 23 OUTRAS OBRAS DE COURO NATURAL OU RECONSTITUID | 8 | 42 | 3.326 | 0,35 | 42 | 83 | 0,02 |
| 24 TECIDO DE ALGODAO>=85%,TINTO,PONTO SARJADO,PESO>200G/M2 | 11 | 52 | 3.053 | 0,32 | 46 | 1.617 | 0,44 |
| 25 CALCADOS P/OUTROS ESPORTES,DE COURO NATURAL | 12 | 64 | 2.912 | 0,30 | 47 | 132 | 0,04 |
| 26 OUTROS CONTADORES MONOFASICOS,P/CORR.ELETR.AL | 18 | 90 | 2.705 | 0,28 | 49 | 1.181 | 0,32 |
| 27 FIO ALGODAO>=85%,SIMPLES,FIBRA N/PENT.232.56<=T<714.29D | 11 | 52 | 2.353 | 0,25 | 52 | 436 | 0,12 |
| 28 ARTIGOS PARA ACAMPAMENTO,DE ALGODAO | 11 | 63 | 2.206 | 0,23 | 56 | 1.935 | 0,52 |
| 29 FALSOS TECIDOS DE OUTROS FILAM.SINT/ARTIF.25<P<=70G/M2 | 11 | 56 | 2.180 | 0,23 | 58 | 296 | 0,08 |
| 30 FERROSSILICIO CONTENDO PESO>55% DE SILICIO | 15 | 72 | 1.958 | 0,20 | 61 | 3.500 | 0,94 |

(CONTINUA)

Tabela 3.11
Produtos Exportados pelo Ceará em 1999 e 2006 (Grupo dos cem primeiros)

| PRODUTOS ⁽¹⁾ | Seção | Capítulo | 2006 ⁽²⁾ | | | 1999 ⁽²⁾ | |
|--|-------|----------|---------------------|--------|------|---------------------|-------------|
| | | | Valor (US\$ mil) | Part X | Rank | Valor (US\$ mil) | Part X |
| 31 FIO ALGODAO>=85%,CRU,SIMPL.FIBRA PENT.192.3D<=T<232.56D | 11 | 52 | 1.888 | 0,20 | 63 | 3.906 | 1,05 |
| 32 MOVEIS DE MADEIRA P/QUARTOS DE DORMIR | 20 | 94 | 1.491 | 0,16 | 66 | 139 | 0,04 |
| 33 CONSUMO DE BORDO - COMBUSTIVEIS E LUBRIF.P/AE | 21 | 99 | 1.461 | 0,15 | 67 | 570 | 0,15 |
| 34 FIO ALGODAO>=85%,SIMPLES,FIBRA PENT.125D<=TIT<192.31D | 11 | 52 | 1.421 | 0,15 | 68 | 584 | 0,16 |
| 35 REDES DE MALHAS COM NOS,ETC.DE OUTRAS MATERIA | 11 | 56 | 1.355 | 0,14 | 69 | 599 | 0,16 |
| 36 PELES DEPILAD.DE OVINOS,CURT.CROMO "WET BLUE" | 8 | 41 | 1.125 | 0,12 | 72 | 1.226 | 0,33 |
| 37 FIO DE FIBRAS DE POLIESTERES COM ALGODAO | 11 | 55 | 1.082 | 0,11 | 73 | 11.025 | 2,97 |
| 38 OUTROS CALCADOS IMPERMEAV.DE BORRACHA/PLAST.SEM COSTURA | 12 | 64 | 994 | 0,10 | 75 | 6.053 | 1,63 |
| 39 CACHACA E CANINHA (RUM E TAFIA) | 4 | 22 | 952 | 0,10 | 77 | 238 | 0,06 |
| 40 FALSOS TECIDOS DE OUTS.FILAMENTOS SINT/ARTIF.P<=25G/M2 | 11 | 56 | 888 | 0,09 | 80 | 108 | 0,03 |
| 41 OUTROS PEIXES FRESCOS,REFRIG.EXC.FILES,OUTS.C | 1 | 03 | 771 | 0,08 | 85 | 263 | 0,07 |
| 42 FALSOS TECIDOS DE OUTROS FILAM.SINT/ARTIF.70<P<=150G/M2 | 11 | 56 | 767 | 0,08 | 86 | 98 | 0,03 |
| 43 SUTIAS E "BUSTIERS" ("SOUTIENS" DE COS ALTO) | 11 | 62 | 599 | 0,06 | 91 | 201 | 0,05 |
| 44 MAQS.P/LIMPEZA,SELECAO,ETC.DE GRAOS,PRODS.HORTIC.SECOS | 16 | 84 | 593 | 0,06 | 92 | 212 | 0,06 |
| 45 TECIDO POLIEST<85% C/ALGOD.P<=170G/M2,TAFETA, | 11 | 55 | 592 | 0,06 | 93 | 550 | 0,15 |
| 46 FENOL-FORMALDEIDO,LIPOSSOLUVEL,PURO OU MODIFI | 7 | 39 | 523 | 0,05 | 98 | 321 | 0,09 |
| TOTAL | | | 593.649 | 61,99 | | 295.547 | 79,61 |

Fonte: SECEX/MDIC (2007); Elaboração IPECE

(1) Produto, Seção e Setor seguem definições NCM

(2) Participações em destaque indicam que o produto integra o grupo dos principais bens exportados pela economia cearense no ano considerado.

Part X - participação nas exportações

Tabela 3.12
Produtos Exportados pelo Ceará Presentes no Grupo dos Principais em 2006 e Ausentes neste Grupo em 1999

| PRODUTOS ⁽¹⁾ | Seção | Capítulo | 2006 ⁽²⁾ | | | 1999 | |
|---|-------|----------|---------------------|--------|------|------------------|--------|
| | | | Valor (US\$ mil) | Part X | Rank | Valor (US\$ mil) | Part X |
| 1 MELOES FRESCOS | 2 | 08 | 29.108 | 3,04 | 8 | 1.923 | 0,52 |
| 2 OUTS.CALCADOS DE MATERIA TEXTIL,SOLA DE BORRACHA/PLAST. | 12 | 64 | 15.246 | 1,59 | 10 | 992 | 0,27 |
| 3 CALCADOS P/OUTROS ESPORTES,DE BORRACHA OU PLA | 12 | 64 | 12.825 | 1,34 | 12 | 207 | 0,06 |
| 4 GRANITO TALHADO OU SERRADO,DE SUPERFICIE PLAN | 13 | 68 | 9.361 | 0,98 | 18 | 149 | 0,04 |
| 5 SUCOS DE OUTRAS FRUTAS,PRODS.HORTICOLAS,NAO F | 4 | 20 | 9.129 | 0,95 | 20 | 461 | 0,12 |
| 6 OUTROS CALCADOS DE BORRACHA OU PLASTICO | 12 | 64 | 9.123 | 0,95 | 19 | 544 | 0,15 |
| 7 OUTS.CALCADOS DE COURO NATURAL E SOLA EXTERIOR DE COURO | 12 | 64 | 5.118 | 0,53 | 33 | 292 | 0,08 |
| 8 CALCADOS P/ESPORTES,ETC.DE MAT.TEXT.SOLA BARR | 12 | 64 | 5.084 | 0,53 | 34 | 419 | 0,11 |
| 9 OUTS.FRUTAS DE CASCA RIJA,OUTS.SEMENTES,PREPA | 4 | 20 | 3.898 | 0,41 | 40 | 1.881 | 0,51 |
| 10 OUTRAS OBRAS DE COURO NATURAL OU RECONSTITUID | 8 | 42 | 3.326 | 0,35 | 42 | 83 | 0,02 |
| TOTAL | | | 102.220 | 10,67 | | 6.950 | 0,52 |

Fonte: SECEX/MDIC (2007); Elaboração IPECE

(1) Produto, Seção e Setor seguem definições NCM

(2) Participações em destaque indicam que o produto integra o grupo dos principais bens exportados pela economia cearense no ano considerado.

Part X - participação nas exportações

Tabela 3.13
Produtos Exportados pelo Ceará Presentes no Grupo dos Principais em 1999 e Ausentes neste Grupo em 2006

| PRODUTOS ⁽¹⁾ | Seção | Capítulo | 2006 | | | 1999 ⁽²⁾ | |
|---|-------|----------|------------------|--------|------|---------------------|--------|
| | | | Valor (US\$ mil) | Part X | Rank | Valor (US\$ mil) | Part X |
| 1 FERROSSILICIO CONTENDO PESO>55% DE SILICIO | 15 | 72 | 1.958 | 0,20 | 61 | 3.500 | 0,94 |
| 2 FIO ALGODAO>=85%,CRU,SIMPL.FIBRA PENT.192.3D<=T<232.56D | 11 | 52 | 1.888 | 0,20 | 63 | 3.906 | 1,05 |
| 3 FIO DE FIBRAS DE POLIESTERES COM ALGODAO | 11 | 55 | 1.082 | 0,11 | 73 | 11.025 | 2,97 |
| 4 OUTROS CALCADOS IMPERMEAV.DE BORRACHA/PLAST.SEM COSTURA | 12 | 64 | 994 | 0,10 | 75 | 6.053 | 1,63 |
| TOTAL | | | 5.921 | 0,61 | | 24.484 | 6,59 |

Fonte: SECEX/MDIC (2007); Elaboração IPECE

(1) Produto, Seção e Setor seguem definições NCM

(2) Participações em destaque indicam que o produto integra o grupo dos principais bens exportados pela economia cearense no ano considerado.

Part X - participação nas exportações

Tabela 3.14
Produtos Presentes na Pauta de Exportações Cearenses em 1999 e Ausentes em 2006 (Grupo dos cem primeiros)

| PRODUTOS ⁽¹⁾ | Seção | Capítulo | 1999 ⁽²⁾ | |
|---|-------|----------|---------------------|--------|
| | | | Valor (US\$ mil) | Part X |
| 1 LAGOSTAS (PALINURUS, PANULIRUS E JASUS) CONGELADAS | 1 | 03 | 29.638 | 7,98 |
| 2 OUTS.COUIROS/PELES,DE BOVINO/EQUIDEO,PREPARS.PLENA FLOR | 8 | 41 | 18.692 | 5,04 |
| 3 CAMARÕES CONGELADOS | 1 | 03 | 6.229 | 1,68 |
| 4 OUTS.COUIROS E PELES,DE BOVINOS/EQUIDEOS,CURTIDOS,RECURT | 8 | 41 | 2.993 | 0,81 |
| 5 FIO ALGODAO>=85%,CRU,SIMPL.FIBRA N/PENT.192.3<=T<232.5D | 11 | 52 | 1.894 | 0,51 |
| 6 OUTROS TECIDOS DE MALHA DE ALGODAO | 11 | 60 | 1.068 | 0,29 |
| 7 OUTRAS GORDURAS E OLEOS,VEGETAIS,FIXOS,MESMO REFINADOS | 3 | 15 | 1.063 | 0,29 |
| 8 FARINHAS,SEMOLAS E POS,DE FRUTAS,CASCAS DE CI | 2 | 11 | 814 | 0,22 |
| 9 CALCADOS IMPERMEAV.DE BORRACHA/PLAST.COBRINDO TORNOZELO | 12 | 64 | 601 | 0,16 |
| 10 CUECAS E CEROULAS,DE MALHA DE ALGODAO | 11 | 61 | 595 | 0,16 |
| 11 FILES DE OUTROS PEIXES,CONGELADOS | 1 | 03 | 496 | 0,13 |
| 12 BARCOS A MOTOR,EXC.COM MOTOR FORA-DE-BORDA | 17 | 89 | 485 | 0,13 |
| 13 OUTROS CONTADORES BIFASICOS DE ELETRICIDADE | 18 | 90 | 333 | 0,09 |
| 14 FIO DE FIBRAS DE POLIESTERES>=85%,SIMPLES | 11 | 55 | 301 | 0,08 |
| 15 SOLAS EXTERIORES E SALTOS,DE BORRACHA OU PLASTICO | 12 | 64 | 286 | 0,08 |
| 16 MICA EM BRUTO OU CLIVADA EM FOLHAS,LAMELAS IRREGULARES | 5 | 25 | 223 | 0,06 |
| 17 FIO DE FIBRAS ARTIFICIAIS>=85%,SIMPLES | 11 | 55 | 216 | 0,06 |
| 18 OUTROS ASSENTOS | 20 | 94 | 205 | 0,06 |
| 19 CRE | 5 | 25 | 186 | 0,05 |
| 20 COLCHAS DE ALGODAO,EXC.DE MALHA | 11 | 63 | 181 | 0,05 |
| 21 FIO DE FIBRAS DE POLIESTERES COM FIBRAS ARTIFICIAIS | 11 | 55 | 146 | 0,04 |
| 22 PEIXES ORNAMENTAIS,VIVOS | 1 | 03 | 146 | 0,04 |
| 23 CALCINHAS DE MALHA DE FIBRAS SINTETICAS OU ARTIFICIAIS | 11 | 61 | 107 | 0,03 |
| 24 OUTS.COUIROS/PELES BOVINAS,PREPAR.CURT.PLENA FLOR,S/ACAB | 8 | 41 | 103 | 0,03 |
| 25 FIO DE FIBRAS ACRILICAS/MODACRILICAS COM ALGODAO | 11 | 55 | 99 | 0,03 |
| 26 TECIDO DE ALGODAO>=85%,FIO COLOR.PTO.SARJADO, | 11 | 52 | 144 | 0,04 |
| 27 CALCAS,JARDINEIRAS,ETC.DE ALGODAO,USO MASCULI | 11 | 62 | 231 | 0,06 |
| 28 TECIDO DE ALGODAO>=85%,CRU,PONTO SARJADO,PESO | 11 | 52 | 84 | 0,02 |
| TOTAL | | | 67.561 | 18,21 |

Fonte: SECEX/MDIC (2007); Elaboração IPECE

(1) Produto, Seção e Setor seguem definições NCM

(2) Participações em destaque indicam que o produto integra o grupo dos principais bens exportados pela economia cearense no ano considerado.
Part X - participação nas exportações

Tabela 3.15
Produtos Cearenses que Registraram Crescimento nas Exportações entre 1999 e 2006

| PRODUTOS ⁽¹⁾ | Seção | Capítulo | 2006/ 2003 ⁽²⁾ | 2006 ⁽³⁾ | | | 1999 ⁽³⁾ | |
|--|-------|----------|------------------------------|---------------------|--------|------|---------------------|--------|
| | | | | Valor (US\$ mil) | Part X | Rank | Valor (US\$ mil) | Part X |
| 1 GRANITO TALHADO OU SERRADO,DE SUPERFICIE PLAN | 13 | 68 | 6180,34% | 9.361 | 0,98 | 18 | 149 | 0,04 |
| 2 CALCADOS P/OUTROS ESPORTES,DE BORRACHA OU PLA | 12 | 64 | 6084,79% | 12.825 | 1,34 | 12 | 207 | 0,06 |
| 3 OUTRAS OBRAS DE COURO NATURAL OU RECONSTITUID | 8 | 42 | 3927,53% | 3.326 | 0,35 | 42 | 83 | 0,02 |
| 4 CALCADOS P/OUTROS ESPORTES,DE COURO NATURAL | 12 | 64 | 2113,68% | 2.912 | 0,30 | 47 | 132 | 0,04 |
| 5 SUCOS DE OUTRAS FRUTAS,PRODS.HORTICOLAS,NAO F | 4 | 20 | 1879,61% | 9.129 | 0,95 | 19 | 461 | 0,12 |
| 6 OUTS.CALCADOS DE COURO NATURAL E SOLA EXTERIOR DE COURO | 12 | 64 | 1653,81% | 5.118 | 0,53 | 33 | 292 | 0,08 |
| 7 OUTROS CALCADOS DE BORRACHA OU PLASTICO | 12 | 64 | 1576,33% | 9.123 | 0,95 | 20 | 544 | 0,15 |
| 8 OUTS.CALCADOS DE MATERIA TEXTIL,SOLA DE BORRACHA/PLAST. | 12 | 64 | 1437,36% | 15.246 | 1,59 | 10 | 992 | 0,27 |
| 9 MELOES FRESCOS | 2 | 08 | 1413,56% | 29.108 | 3,04 | 8 | 1.923 | 0,52 |
| 10 CALCADOS P/ESPORTES,ETC.DE MAT.TEXT.SOLA BORR | 12 | 64 | 1114,69% | 5.084 | 0,53 | 34 | 419 | 0,11 |
| 11 MOVEIS DE MADEIRA P/QUARTOS DE DORMIR | 20 | 94 | 971,29% | 1.491 | 0,16 | 66 | 139 | 0,04 |
| 12 FALSOS TECIDOS DE OUTS.FILAMENTOS SINT/ARTIF.P<=25G/M2 | 11 | 56 | 720,87% | 888 | 0,09 | 80 | 108 | 0,03 |
| 13 FALSOS TECIDOS DE OUTROS FILAM.SINT/ARTIF.70<P<=150G/M2 | 11 | 56 | 682,04% | 767 | 0,08 | 86 | 98 | 0,03 |
| 14 FALSOS TECIDOS DE OUTROS FILAM.SINT/ARTIF.25<P<=70G/M2 | 11 | 56 | 636,06% | 2.180 | 0,23 | 58 | 296 | 0,08 |
| 15 FIO ALGODAO>=85%,SIMPLES,FIBRA N/PENT.232.56<=T<714.29D | 11 | 52 | 440,22% | 2.353 | 0,25 | 52 | 436 | 0,12 |
| 16 OUTROS FREIOS E SUAS PARTES,P/TRATORES/VEIC.AUTOMOVEIS | 17 | 87 | 375,54% | 10.299 | 1,08 | 15 | 2.166 | 0,58 |
| 17 OUTROS CALCADOS DE COURO NATURAL,COBRINDO O TORNOZELO | 12 | 64 | 352,49% | 12.461 | 1,30 | 13 | 2.754 | 0,74 |
| 18 CACHACA E CANINHA (RUM E TAFIA) | 4 | 22 | 299,22% | 952 | 0,10 | 77 | 238 | 0,06 |
| 19 CALCADOS DE BORRACHA/PLAST.C/PARTE SUPER.EM T | 12 | 64 | 225,99% | 72.103 | 7,53 | 4 | 22.118 | 5,96 |
| 20 SUTIAS E "BUSTIERS" ("SOUTIENS" DE COS ALTO) | 11 | 62 | 198,56% | 599 | 0,06 | 91 | 201 | 0,05 |
| 21 OUTROS PEIXES FRESCOS,REFRIG.EXC.FILES,OUTS.C | 1 | 03 | 193,67% | 771 | 0,08 | 85 | 263 | 0,07 |
| 22 MAQS.P/LIMPEZA,SELECAO,ETC.DE GRAOS,PRODS.HORTIC.SECOS | 16 | 84 | 180,34% | 593 | 0,06 | 92 | 212 | 0,06 |
| 23 OUTROS CALCADOS DE COURO NATURAL | 12 | 64 | 165,24% | 98.511 | 10,29 | 3 | 37.141 | 10,01 |
| 24 CONSUMO DE BORDO - COMBUSTIVEIS E LUBRIF.P/AE | 21 | 99 | 156,33% | 1.461 | 0,15 | 67 | 570 | 0,15 |
| 25 FIO ALGODAO>=85%,SIMPLES,FIBRA PENT.125D<=TIT<192.31D | 11 | 52 | 143,41% | 1.421 | 0,15 | 68 | 584 | 0,16 |
| 26 APARELHOS P/COZINHAR/AQUECER,DE FERRO,ETC.COM | 15 | 73 | 132,59% | 10.893 | 1,14 | 14 | 4.683 | 1,26 |
| 27 OUTS.TECIDOS DE ALGODAO>=85%,FIO COLOR.DENIN,P>200G/M2 | 11 | 52 | 129,63% | 5.752 | 0,60 | 29 | 2.505 | 0,67 |
| 28 OUTROS CONTADORES MONOFASICOS,P/CORR.ELETR.AL | 18 | 90 | 129,11% | 2.705 | 0,28 | 49 | 1.181 | 0,32 |
| 29 REDES DE MALHAS COM NOS,ETC.DE OUTRAS MATERIA | 11 | 56 | 126,30% | 1.355 | 0,14 | 69 | 599 | 0,16 |
| 30 CONSUMO DE BORDO - COMBUSTIVEIS E LUBRIF.P/EM | 21 | 99 | 120,58% | 13.756 | 1,44 | 11 | 6.236 | 1,68 |

(CONTINUA)

Tabela 3.15
Produtos Cearenses que Registraram Crescimento nas Exportações entre 1999 e 2006

(conclusão)

| PRODUTOS ⁽¹⁾ | Seção | Capítulo | 2006/ 2003 ⁽²⁾ | 2006 ⁽³⁾ | | | 1999 ⁽³⁾ | |
|--|-------|----------|------------------------------|---------------------|--------------|-----------|---------------------|--------------|
| | | | | Valor (US\$ mil) | Part X | Rank | Valor (US\$ mil) | Part X |
| 31 FIO ALGODAO>=85%,SIMPLES,FIBRA PENT.232.56D<=T<714.29D | 11 | 52 | 109,05% | 6.614 | 0,69 | 23 | 3.164 | 0,85 |
| 32 OUTS.FRUTAS DE CASCA RIJA,OUTS.SEMENTES,PREPA | 4 | 20 | 107,28% | 3.898 | 0,41 | 40 | 1.881 | 0,51 |
| 33 TECIDO DE ALGODAO>=85%,FIO COLOR.DENIM,INDIGO | 11 | 52 | 96,63% | 56.506 | 5,90 | 5 | 28.737 | 7,74 |
| 34 PLACAS/FOLHAS OU TIRAS,DE MICA AGLOMERADA/RECONSTITUIDA | 13 | 68 | 91,00% | 5.268 | 0,55 | 31 | 2.758 | 0,74 |
| 35 TECIDO DE ALGODAO>=85%,TINTO,PONTO SARJADO,PESO>200G/M2 | 11 | 52 | 88,86% | 3.053 | 0,32 | 46 | 1.617 | 0,44 |
| 36 FENOL-FORMALDEIDO,LIPOSSOLUVEL,PURO OU MODIFI | 7 | 39 | 63,22% | 523 | 0,05 | 98 | 321 | 0,09 |
| 37 CERAS VEGETAIS | 3 | 15 | 23,45% | 24.881 | 2,60 | 9 | 20.155 | 5,43 |
| 38 CASTANHA DE CAJU,FRESCA OU SECA,SEM CASCA | 2 | 08 | 17,60% | 136.161 | 14,23 | 1 | 115.786 | 31,19 |
| 39 ARTIGOS PARA ACAMPAMENTO,DE ALGODAO | 11 | 63 | 14,01% | 2.206 | 0,23 | 56 | 1.935 | 0,52 |
| 40 TECIDO POLIEST<85% C/ALGOD.P<=170G/M2,TAFETA, | 11 | 55 | 7,61% | 592 | 0,06 | 93 | 550 | 0,15 |

Fonte: SECEX/MDIC (2007); Elaboração IPECE

(1) Produto, Seção e Setor seguem definições NCM

(2) Indica o crescimento ocorrido entre os anos considerados

(3) Participações em destaque indicam que o produto integra o grupo dos principais bens exportados pela economia cearense no ano considerado.

Part X - participação nas exportações

Tabela 3.16
Produtos Cearenses que Registraram Redução nas Exportações entre 1999 e 2006

| PRODUTOS ⁽¹⁾ | Seção | Capítulo | 2006/ 2003 ⁽²⁾ | 2006 ⁽³⁾ | | | 1999 ⁽³⁾ | |
|--|-------|----------|------------------------------|---------------------|-------------|-----------|---------------------|-------------|
| | | | | Valor (US\$ mil) | Part X | Rank | Valor (US\$ mil) | Part X |
| 41 PELES DEPILAD.DE OVINOS,CURT.CROMO "WET BLUE" | 8 | 41 | -8,25% | 1.125 | 0,12 | 72 | 1.226 | 0,33 |
| 42 SUCOS E EXTRATOS,DE OUTROS VEGETAIS | 2 | 13 | -16,35% | 4.354 | 0,45 | 36 | 5.205 | 1,40 |
| 43 FERROSSILICIO CONTENDO PESO>55% DE SILICIO | 15 | 72 | -44,06% | 1.958 | 0,20 | 61 | 3.500 | 0,94 |
| 44 FIO ALGODAO>=85%,CRU,SIMPL.FIBRA PENT.192.3D<=T<232.56D | 11 | 52 | -51,67% | 1.888 | 0,20 | 63 | 3.906 | 1,05 |
| 45 OUTROS CALCADOS IMPERMEAV.DE BORRACHA/PLAST.SEM COSTURA | 12 | 64 | -83,58% | 994 | 0,10 | 75 | 6.053 | 1,63 |
| 46 FIO DE FIBRAS DE POLIESTERES COM ALGODAO | 11 | 55 | -90,19% | 1.082 | 0,11 | 73 | 11.025 | 2,97 |

Fonte: SECEX/MDIC (2007); Elaboração IPECE

(1) Produto, Seção e Setor seguem definições NCM

(2) Indica o crescimento ocorrido entre os anos considerados

(3) Participações em destaque indicam que o produto integra o grupo dos principais bens exportados pela economia cearense no ano considerado.

Part X - participação nas exportações

Avaliação dos Anos de 2005 e 2006 (Período 2)

A) Movimento no Grupo dos Principais Produtos Exportados

Como afirmado anteriormente, a observação dos anos de 2005 e 2006 tem como objetivo abordar o movimento recente do comércio externo cearense, obtendo indicações do padrão atual das exportações estaduais.

Os produtos recorrentes na pauta de exportações cearenses nos anos de 2005 e 2006, em um total de 79 bens, classificados dentre os cem primeiros em valores exportados no último ano, responderam por US\$ 903,8 milhões ou 94,4% do total exportado pelo Estado em 2006.

Considerando o grupo dos 45 principais produtos nas exportações cearenses em 2006, destes, 37 ocuparam o mesmo grupo em 2005. Dentre estes, destacam-se os seguintes movimentos: *consumo de bordo – combustíveis e lubrificantes para embarcações* com um crescimento de 125,56% entre 2005 e 2006, elevando os valores exportados de US\$ 6,0 milhões para US\$ 13,7 milhões e sua participação nas exportações cearenses de 0,66% para 1,44% no período; *aparelhos para cozinhar ou aquecer de ferro, etc*, cujos valores expandiram-se de US\$ 7,7 milhões para US\$ 10,8 milhões, uma elevação de 40,54% entre 2005 e 2006 com reflexos em sua participação nas vendas externas, que passou de 0,83% para 1,14% neste intervalo. Outros a se destacar foram *granito talhado ou cerrado de superfície plana; rolhas ou outras tampas e acessórios para embalagens de metal*.

Alguns produtos ingressaram no grupo dos principais bens exportados em 2006, perfazendo um total de oito bens. Três desses não integravam o grupo dos cem primeiros no ano de 2005 e os outros cinco, embora integrando o grupo dos cem primeiros, não faziam parte do grupo dos principais naquele ano. Esses oito produtos foram responsáveis por US\$ 38,4 milhões ou 4,0% das exportações cearenses em 2006.

Dentre os outros cinco produtos citados acima, destaque para *cimentos não pulverizados (“clinkers”)* com um valor exportado de US\$ 6,0 milhões e participação de 0,63% nas exportações totais do Estado.

Os outros três primeiros produtos citados acima são: *máquinas de costura de uso doméstico*, com US\$ 6,4 milhões e participação de 0,68% no total das exportações cearenses; *óleos lubrificantes e aditivos*, com 0,55% de participação e US\$ 5,2 milhões exportados; e *bananas frescas ou secas* com US\$ 4,1 milhões exportados e respondendo por 0,43% das vendas

da economia cearense ao exterior. Estes produtos, juntamente com outros sete bens, completam a lista das novas mercadorias (passam a fazer parte dos cem primeiros bens) exportados pela economia cearense em 2006.

Tabela 3.17
Novos Produtos da Pauta de Exportações Cearenses em 2006

| PRODUTOS ⁽¹⁾ | Seção | Capítulo | 2006 ⁽²⁾ | | |
|--|-------|----------|---------------------|-------------|-----------|
| | | | Valor (US\$ mil) | Part X | Rank |
| 1 MAQUINAS DE COSTURA DE USO DOMESTICO | 16 | 84 | 6.463 | 0,68 | 24 |
| 2 OLEOS LUBRIFICANTES SEM ADITIVOS | 5 | 27 | 5.260 | 0,55 | 32 |
| 3 BANANAS FRESCAS OU SECAS | 2 | 08 | 4.115 | 0,43 | 38 |
| 4 PARTES DE APARELHOS P/COZINHA, ETC. DE FERRO/A | 15 | 73 | 1.243 | 0,13 | 71 |
| 5 LAGOSTAS INTEIRAS, CONGELADAS | 1 | 08 | 923 | 0,10 | 79 |
| 6 OUTRAS OBRAS DE FERRO OU AÇO | 15 | 73 | 657 | 0,07 | 87 |
| 7 MAMOES (PAPAIAS) FRESCOS | 2 | 08 | 650 | 0,07 | 88 |
| 8 GESSO MOIDO, APTO PARA USO ODONTOLÓGICO | 5 | 25 | 524 | 0,05 | 97 |
| 9 LIQUIDIFICADOR DE ALIMENTOS, COM MOTOR ELETR. USO | 16 | 85 | 496 | 0,05 | 99 |
| 10 OUTROS LADRILHOS, ETC. DE CERÂMICA, VIDRADOS, ESM | 13 | 69 | 495 | 0,05 | 100 |
| TOTAL | | | 20.826 | 2,18 | |

Fonte: SECEX/MDIC (2006); Elaboração IPECE

(1) Denominação, Seção e Setor seguem definições NCM

(2) Números e valores em negrito indicam que o produto integra o grupo dos principais bens exportados pela economia cearense no ano considerado

Part X - participação nas exportações

Em movimento contrário, um total de cinco produtos deixou em 2006 de ocupar a classificação de principal produto exportado que possuía em 2005, com destaque para *calçados de couro natural com sola de couro cobrindo o tornozelo*, cuja redução no valor comercializado foi de 76,52%, passando de US\$ 6,5 milhões para US\$ 1,5 milhão entre 2005 e 2006.

B) Movimento no Grupo dos Cem Primeiros Produtos Exportados

Considerando o conjunto dos cem primeiros produtos exportados, um total de 21 bens integrantes deste grupo em 2005, o deixaram em 2006. Dentre estes, destacam-se alguns que também pertenciam ao grupo dos principais no ano inicial, 2005: *calças jardineiras de algodão de uso feminino*; *calças jardineiras de algodão de uso masculino*, *billets de ferro ou aço c<0,25%, sec transv quad*; *margarina, exceto margarina líquida*.

C) Avaliação do desempenho dos produtos que mais cresceram e daqueles que registraram reduções nos valores exportados

Observando os produtos pertencentes ao grupo dos cem primeiros em valor exportado, que cresceram ou tiveram suas exportações reduzidas entre 2005 e 2006, tem-se como resultado que dos 79 bens com vendas para o exterior em ambos os anos, 43 apresentaram expansão no valor comercializado, ao passo que 36 tiveram comportamento oposto, com redução das exportações.

No conjunto daqueles que registraram crescimento, destaque para *cimentos não pulverizados* (“*clinkers*”), com expansão de 272,54%, seguido por *bulbos, tubérculos, rizomas em repouso* (181,15%); *outras frutas congeladas não cozidas, ou cozidas em água* (169,84%); *fio de algodão $\geq 85\%$, simples, fibra penteada $125.3D \leq TIT < 192.31D$* (156,75%); *outros tecidos de algodão $< 85\%$, denim, fibra sintética ou artificial* (136,13%); *outros tecidos de algodão ($\geq 85\%$), fio colorido, denim, peso $> 200g/m^2$* (126,59%); e *consumo de bordo – combustíveis e lubrificantes para embarcações* (125,56%). Os demais produtos com este desempenho apresentaram crescimento inferior a 80%.

Dentre os que reduziram os valores exportados, destacam-se: *calçados de couro natural, sola couro, cobrindo o tornozelo*, com queda de 76,52%; *outras obras de couro natural ou reconstituído* (-66,97%); *móveis de madeira para quarto de dormir* (-52,12%); *automóveis com motor diesel $CM3 > 2.500$, até seis passageiros* (-51,51%). *Máquinas para limpeza, seleção, etc, de grãos ou produtos hortícolas secos* (-50,72%). Os demais produtos não registraram reduções superiores a 50%.

Tabela 3.18
Produtos Exportados pela Economia Cearense em 2005 e 2006 (Grupo dos Cem Primeiros)

| PRODUTOS ⁽¹⁾ | Seção | Capítulo | 2006 ⁽²⁾ | | | 2005 ⁽²⁾ | | |
|--|-------|----------|---------------------|--------|------|---------------------|--------|------|
| | | | Valor (US\$ mil) | Part X | Rank | Valor (US\$ mil) | Part X | Rank |
| 1 CASTANHA DE CAJU,FRESCA OU SECA,SEM CASCA | 2 | 08 | 136.161 | 14,23 | 1 | 136.506 | 14,67 | 1 |
| 2 OUTS.COUIROS/PELES,INT.BOVINOS,PENA FL.PREPARS | 8 | 41 | 111.604 | 11,66 | 2 | 99.776 | 10,72 | 2 |
| 3 OUTROS CALCADOS DE COURO NATURAL | 12 | 64 | 98.511 | 10,29 | 3 | 75.690 | 8,13 | 3 |
| 4 CALCADOS DE BORRACHA/PLAST.C/PARTE SUPER.EM T | 12 | 64 | 72.103 | 7,53 | 4 | 60.838 | 6,54 | 4 |
| 5 TECIDO DE ALGODAO>=85%,FIO COLOR.DENIM,INDIGO | 11 | 52 | 56.506 | 5,90 | 5 | 54.384 | 5,84 | 6 |
| 6 CAMAROE,INTEIROS,CONGELADOS,EXCETO "KRILL" | 1 | 03 | 48.008 | 5,02 | 6 | 57.070 | 6,13 | 5 |
| 7 OUTRAS LAGOSTAS,CONGELADAS,EXCETO AS INTEIRAS | 1 | 03 | 36.698 | 3,83 | 7 | 44.005 | 4,73 | 7 |
| 8 MELOES FRESCOS | 2 | 08 | 29.108 | 3,04 | 8 | 34.477 | 3,71 | 8 |
| 9 CERAS VEGETAIS | 3 | 15 | 24.881 | 2,60 | 9 | 21.285 | 2,29 | 9 |
| 10 OUTS.CALCADOS DE MATERIA TEXTIL,SOLA DE BORRACHA/PLAST. | 12 | 64 | 15.246 | 1,59 | 10 | 13.340 | 1,43 | 11 |
| 11 CONSUMO DE BORDO - COMBUSTIVEIS E LUBRIF.P/EM | 21 | 99 | 13.756 | 1,44 | 11 | 6.099 | 0,66 | 27 |
| 12 CALCADOS P/OUTROS ESPORTES,DE BORRACHA OU PLA | 12 | 64 | 12.825 | 1,34 | 12 | 12.198 | 1,31 | 12 |
| 13 OUTROS CALCADOS DE COURO NATURAL,COBRINDO O TORNOZELO | 12 | 64 | 12.461 | 1,30 | 13 | 9.568 | 1,03 | 16 |
| 14 APARELHOS P/COZINHAR/AQUECER,DE FERRO,ETC.COM | 15 | 73 | 10.893 | 1,14 | 14 | 7.751 | 0,83 | 21 |
| 15 OUTROS FREIOS E SUAS PARTES,P/TRATORES/VEIC.AUTOMOVEIS | 17 | 87 | 10.299 | 1,08 | 15 | 14.016 | 1,51 | 10 |
| 16 TECIDO ALGODAO<85%,INDIGO BLUE/FIBRA SINT/ART | 11 | 52 | 9.911 | 1,04 | 16 | 9.382 | 1,01 | 18 |
| 17 BARRAS DE FERRO/ACO,LAMIN.QUENTE,DENTADAS,ETC | 15 | 72 | 9.394 | 0,98 | 17 | 11.903 | 1,28 | 13 |
| 18 GRANITO TALHADO OU SERRADO,DE SUPERFICIE PLAN | 13 | 68 | 9.361 | 0,98 | 18 | 5.585 | 0,60 | 30 |
| 19 SUCOS DE OUTRAS FRUTAS,PRODS.HORTICOLAS,NAO F | 4 | 20 | 9.129 | 0,95 | 19 | 6.770 | 0,73 | 24 |
| 20 OUTROS CALCADOS DE BORRACHA OU PLASTICO | 12 | 64 | 9.123 | 0,95 | 20 | 9.513 | 1,02 | 17 |
| 21 OUTS.COUIROS/PELES INT.BOVINOS,PREPARADOS | 8 | 41 | 8.250 | 0,86 | 21 | 10.859 | 1,17 | 14 |
| 22 ROLHAS,OUTS.TAMPAS E ACESS.P/EMBALAGEM,DE MET | 15 | 83 | 7.291 | 0,76 | 22 | 4.915 | 0,53 | 33 |
| 23 FIO ALGODAO>=85%,SIMPLES,FIBRA PENT.232.56D<=T<714.29D | 11 | 52 | 6.614 | 0,69 | 23 | 8.641 | 0,93 | 20 |
| 24 CIMENTOS NAO PULVERIZADOS ("CLINKERS") | 5 | 25 | 6.022 | 0,63 | 25 | 1.617 | 0,17 | 61 |
| 25 ABACAXIS FRESCOS OU SECOS | 2 | 08 | 5.908 | 0,62 | 26 | 4.289 | 0,46 | 38 |
| 26 OUTROS TECIDOS DE ALGODAO>=85%,TINTO,PESO>200 | 11 | 52 | 5.804 | 0,61 | 27 | 6.761 | 0,73 | 25 |
| 27 OUTS.COUIROS/PELES,BOVINOS,INCL.BUFALOS,UMIDOS | 8 | 41 | 5.778 | 0,60 | 28 | 4.778 | 0,51 | 36 |
| 28 OUTS.TECIDOS DE ALGODAO>=85%,FIO COLOR.DENIN,P>200G/M2 | 11 | 52 | 5.752 | 0,60 | 29 | 2.538 | 0,27 | 53 |
| 29 PRODS.SEMIMANUFAT.DE FERRO/ACO,N/LIGADOS,CARB | 15 | 72 | 5.609 | 0,59 | 30 | 9.358 | 1,01 | 19 |
| 30 PLACAS/FOLHAS OU TIRAS,DE MICA AGLOMERADA/RECONSTITUIDA | 13 | 68 | 5.268 | 0,55 | 31 | 3.605 | 0,39 | 45 |
| 31 OUTS.CALCADOS DE COURO NATURAL E SOLA EXTERIOR DE COURO | 12 | 64 | 5.118 | 0,53 | 33 | 4.907 | 0,53 | 34 |
| 32 CALCADOS P/ESPORTES,ETC.DE MAT.TEXT.SOLA BORR | 12 | 64 | 5.084 | 0,53 | 34 | 4.055 | 0,44 | 40 |
| 33 MEL NATURAL | 1 | 04 | 4.584 | 0,48 | 35 | 3.442 | 0,37 | 46 |
| 34 SUCOS E EXTRATOS,DE OUTROS VEGETAIS | 2 | 13 | 4.354 | 0,45 | 36 | 5.149 | 0,55 | 31 |
| 35 MELANCIAS FRESCAS | 2 | 08 | 4.136 | 0,43 | 37 | 2.549 | 0,27 | 52 |
| 36 CAPSULAS DE COROA,DE METAIS COMUNS,P/EMBALAGE | 15 | 83 | 3.942 | 0,41 | 39 | 3.900 | 0,42 | 41 |
| 37 OUTS.FRUTAS DE CASCA RIJA,OUTS.SEMENTES,PREPA | 4 | 20 | 3.898 | 0,41 | 40 | 4.600 | 0,49 | 37 |
| 38 OUTS.BARCOS/EMBARCACOES DE RECREIO/ESPORTE,IN | 17 | 89 | 3.480 | 0,36 | 41 | 2.800 | 0,30 | 50 |
| 39 OUTRAS OBRAS DE COURO NATURAL OU RECONSTITUID | 8 | 42 | 3.326 | 0,35 | 42 | 10.071 | 1,08 | 15 |

(CONTINUA)

Tabela 3.18
Produtos Exportados pela Economia Cearense em 2005 e 2006 (Grupo dos Cem Primeiros)

(conclusão)

| PRODUTOS ⁽¹⁾ | Seção | Capítulo | 2006 ⁽²⁾ | | | 2005 ⁽²⁾ | | |
|--|-------|----------|---------------------|--------|------|---------------------|--------|------|
| | | | Valor (US\$ mil) | Part X | Rank | Valor (US\$ mil) | Part X | Rank |
| 40 OUTROS CAMARÕES CONGELADOS,EXCETO "KRILL" | 1 | 03 | 3.235 | 0,34 | 43 | 5.007 | 0,54 | 32 |
| 41 OUTRAS FRUTAS CONGELAD./N/COZIDAS,COZIDAS EM A | 2 | 08 | 3.216 | 0,34 | 44 | 1.192 | 0,13 | 68 |
| 42 TECIDO DE ALGODAO>=85%,BRANQUEADO,PTO.SARJADO,P>200G/M2 | 11 | 52 | 3.147 | 0,33 | 45 | 5.764 | 0,62 | 28 |
| 43 TECIDO DE ALGODAO>=85%,TINTO,PONTO SARJADO,PESO>200G/M2 | 11 | 52 | 3.053 | 0,32 | 46 | 5.658 | 0,61 | 29 |
| 44 CALCADOS P/OUTROS ESPORTES,DE COURO NATURAL | 12 | 64 | 2.912 | 0,30 | 47 | 4.133 | 0,44 | 39 |
| 45 OUTS.TECIDOS ALGODAO<85%,DENIM/FIBRA SINT/ART | 11 | 52 | 2.730 | 0,29 | 48 | 1.156 | 0,12 | 69 |
| 46 OUTROS CONTADORES MONOFASICOS,P/CORR.ELETR.AL | 18 | 90 | 2.705 | 0,28 | 49 | 1.681 | 0,18 | 60 |
| 47 OUTS.TECIDOS DE MALHA,DE ALGODAO,TINGIDOS | 11 | 60 | 2.430 | 0,25 | 50 | 2.071 | 0,22 | 55 |
| 48 TECIDO DE ALGODAO>=85%,FIO COLOR.PTO.SARJADO,P>200G/M2 | 11 | 52 | 2.418 | 0,25 | 51 | 1.805 | 0,19 | 58 |
| 49 FIO ALGODAO>=85%,SIMPLES,FIBRA N/PENT.232.56<=T<714.29D | 11 | 52 | 2.353 | 0,25 | 52 | 3.817 | 0,41 | 43 |
| 50 BULBOS,TUBERCULOS,RIZOMAS,ETC.EM REPOUSO VEGE | 2 | 06 | 2.243 | 0,23 | 54 | 798 | 0,09 | 83 |
| 51 MANGÁS FRESCAS OU SECAS | 2 | 08 | 2.229 | 0,23 | 55 | 1.394 | 0,15 | 64 |
| 52 ARTIGOS PARA ACAMPAMENTO,DE ALGODAO | 11 | 63 | 2.206 | 0,23 | 56 | 2.601 | 0,28 | 51 |
| 53 DESPERDICIOS,RESIDUOS E APARAS,DE OUTROS PLAS | 7 | 39 | 2.194 | 0,23 | 57 | 1.271 | 0,14 | 65 |
| 54 FIO ALGODAO>=85%,SIMPLES,FIBRA PENT.106.38D<= | 11 | 52 | 2.110 | 0,22 | 59 | 2.041 | 0,22 | 56 |
| 55 OUTROS TECIDOS DE ALGODAO>=85%,BRANQUEADO,PES | 11 | 52 | 1.989 | 0,21 | 60 | 2.026 | 0,22 | 57 |
| 56 FERROSSILICIO CONTENDO PESO>55% DE SILICIO | 15 | 72 | 1.958 | 0,20 | 61 | 1.128 | 0,12 | 70 |
| 57 FIO ALGODAO>=85%,CRU,SIMPL.FIBRA N/PENT.192.3 | 11 | 52 | 1.890 | 0,20 | 62 | 3.070 | 0,33 | 49 |
| 58 FIO ALGODAO>=85%,CRU,SIMPL.FIBRA PENT.192.3D<=T<232.56D | 11 | 52 | 1.888 | 0,20 | 63 | 3.094 | 0,33 | 48 |
| 59 AUTOMOVEIS C/MOTOR DIESEL,CM3>2500,ATE 6 PASS | 17 | 87 | 1.864 | 0,19 | 64 | 3.845 | 0,41 | 42 |
| 60 CALCADOS DE COURO NATURAL,SOLA COURO,COBRINDO | 12 | 64 | 1.543 | 0,16 | 65 | 6.572 | 0,71 | 26 |
| 61 MOVEIS DE MADEIRA P/QUARTOS DE DORMIR | 20 | 94 | 1.491 | 0,16 | 66 | 3.114 | 0,33 | 47 |
| 62 FIO ALGODAO>=85%,SIMPLES,FIBRA PENT.125D<=TIT<192.31D | 11 | 52 | 1.421 | 0,15 | 68 | 554 | 0,06 | 95 |
| 63 REDES DE MALHAS COM NOS,ETC.DE OUTRAS MATERIA | 11 | 56 | 1.355 | 0,14 | 69 | 2.154 | 0,23 | 54 |
| 64 OUTROS MOVEIS DE MADEIRA | 20 | 94 | 1.315 | 0,14 | 70 | 744 | 0,08 | 85 |
| 65 FIO DE FIBRAS DE POLIESTERES COM ALGODAO | 11 | 55 | 1.082 | 0,11 | 73 | 892 | 0,10 | 77 |
| 66 OUTROS FERROLIGAS | 15 | 72 | 1.012 | 0,11 | 74 | 1.713 | 0,18 | 59 |
| 67 OUTROS CALCADOS IMPERMEAV.DE BORRACHA/PLAST.SEM COSTURA | 12 | 64 | 994 | 0,10 | 75 | 990 | 0,11 | 72 |
| 68 OUTROS CALCADOS DE BORRACHA/PLASTICO,COBRINDO | 12 | 64 | 959 | 0,10 | 76 | 1.422 | 0,15 | 63 |
| 69 CACHACA E CANINHA (RUM E TAFIA) | 4 | 22 | 952 | 0,10 | 77 | 695 | 0,07 | 86 |
| 70 CAMISETAS "T-SHIRTS",ETC.DE MALHA DE ALGODAO | 11 | 61 | 826 | 0,09 | 81 | 916 | 0,10 | 75 |
| 71 PARTES DE OUTROS MOTORES/GERADORES/GRUPOS ELE | 16 | 85 | 815 | 0,09 | 82 | 1.517 | 0,16 | 62 |
| 72 OUTROS PEIXES CONGELADOS,EXC.FILES,OUTROS CARNES,ETC. | 1 | 03 | 814 | 0,09 | 83 | 916 | 0,10 | 76 |
| 73 CAMISETAS "T-SHIRTS",ETC.DE MALHA DE OUTS.MAT | 11 | 61 | 802 | 0,08 | 84 | 600 | 0,06 | 90 |
| 74 OUTS.TECIDOS DE MALHA,DE ALGODAO,CRUS OU BRAN | 11 | 60 | 627 | 0,07 | 89 | 573 | 0,06 | 94 |
| 75 OUTS.TECIDOS DE MALHA,FIBRAS SINTET,TINGIDOS | 11 | 60 | 624 | 0,07 | 90 | 891 | 0,10 | 78 |
| 76 MAQS.P/LIMPEZA,SELECAO,ETC.DE GRAOS,PRODS.HORTIC.SECOS | 16 | 84 | 593 | 0,06 | 92 | 1.204 | 0,13 | 67 |
| 77 TECIDO POLIEST<85% C/ALGOD.P<=170G/M2,TAFETA, | 11 | 55 | 592 | 0,06 | 93 | 594 | 0,06 | 91 |
| 78 OUTROS ADESIVOS A BASE DE PLASTICOS | 6 | 35 | 532 | 0,06 | 95 | 582 | 0,06 | 92 |
| 79 CONSUMO DE BORDO - QQ. OUTRA MERCADORIA P/AERO | 21 | 99 | 527 | 0,06 | 96 | 488 | 0,05 | 100 |
| TOTAL | | | 903.845 | 94,44 | | 869.669 | 93,44 | |

Fonte: SECEX/MDIC (2007); Elaboração IPECE

(1) Denominação, Seção e Setor seguem definições NCM

(2) Números e valores em negrito indicam que o produto integra o grupo dos principais bens exportados pela economia cearense no ano considerado

Part X - participação nas exportações

Tabela 3.19
Produtos Exportados pelo Ceará Presentes no Grupo dos Principais em 2006 e Ausentes neste Grupo em 2005

| PRODUTOS ⁽¹⁾ | Seção | Capítulo | 2006 ⁽²⁾ | | | 2005 | | |
|--|-------|----------|---------------------|-------------|-----------|------------------|--------|------|
| | | | Valor (US\$ mil) | Part X | Rank | Valor (US\$ mil) | Part X | Rank |
| 1 CIMENTOS NAO PULVERIZADOS ("CLINKERS") | 5 | 25 | 6.022 | 0,63 | 25 | 1.617 | 0,17 | 61 |
| 2 OUTS.TECIDOS DE ALGODAO>=85%,FIO COLOR.DENIN,P>200G/M2 | 11 | 52 | 5.752 | 0,60 | 29 | 2.538 | 0,27 | 53 |
| 3 MELANCIAS FRESCAS | 2 | 08 | 4.136 | 0,43 | 37 | 2.549 | 0,27 | 52 |
| 4 OUTS.BARCOS/EMBARCACOES DE RECREIO/ESPORTE,IN | 17 | 89 | 3.480 | 0,36 | 41 | 2.800 | 0,30 | 50 |
| 5 OUTRAS FRUTAS CONGELAD.N/COZIDAS,COZIDAS EM A | 2 | 08 | 3.216 | 0,34 | 44 | 1.192 | 0,13 | 68 |
| TOTAL | | | 22.607 | 2,36 | | 10.696 | 1,14 | |

Fonte: SECEX/MDIC (2007); Elaboração IPECE

(1) Denominação, Seção e Setor seguem definições NCM

(2) Números e valores em negrito indicam que o produto integra o grupo dos principais bens exportados pela economia cearense no ano considerado
Part X - participação nas exportações

Tabela 3.20

Produtos Exportados pelo Ceará Presentes no Grupo dos Principais em 2005 e Ausentes neste Grupo em 2006

| PRODUTOS ⁽¹⁾ | Seção | Capítulo | 2006 | | | 2005 ⁽²⁾ | | |
|---|-------|----------|------------------|--------|------|---------------------|-------------|-----------|
| | | | Valor (US\$ mil) | Part X | Rank | Valor (US\$ mil) | Part X | Rank |
| 1 TECIDO DE ALGODAO>=85%,TINTO,PONTO SARJADO,PESO>200G/M2 | 11 | 52 | 3.053 | 0,32 | 46 | 5.658 | 0,61 | 29 |
| 2 CALCADOS P/OUTROS ESPORTES,DE COURO NATURAL | 12 | 64 | 2.912 | 0,30 | 47 | 4.133 | 0,44 | 39 |
| 3 FIO ALGODAO>=85%,SIMPLES,FIBRA N/PENT.232.56<=T<714.29D | 11 | 52 | 2.353 | 0,25 | 52 | 3.817 | 0,41 | 43 |
| 4 AUTOMOVEIS C/MOTOR DIESEL,CM3>2500,ATE 6 PASS | 17 | 87 | 1.864 | 0,19 | 64 | 3.845 | 0,41 | 42 |
| 5 CALCADOS DE COURO NATURAL,SOLA COURO,COBRINDO | 12 | 64 | 1.543 | 0,16 | 65 | 6.572 | 0,71 | 26 |
| TOTAL | | | 11.726 | 1,22 | | 24.025 | 2,58 | |

Fonte: SECEX/MDIC (2007); Elaboração IPECE

(1) Denominação, Seção e Setor seguem definições NCM

(2) Números e valores em negrito indicam que o produto integra o grupo dos principais bens exportados pela economia cearense no ano considerado
Part X - participação nas exportações

Tabela 3.21
Produtos Presentes na Pauta de Exportações Cearenses em 2005 e Ausentes em 2006
(Grupo dos cem primeiros)

| PRODUTOS ⁽¹⁾ | Seção | Capítulo | 2005 ⁽²⁾ | | |
|--|-------|----------|---------------------|-------------|-----------|
| | | | Valor (US\$ mil) | Part X | Rank |
| 1 CALÇAS, JARDINEIRAS, ETC. DE ALGODÃO, DE USO FEMINIL | 11 | 62 | 7.667 | 0,82 | 22 |
| 2 CALÇAS, JARDINEIRAS, ETC. DE ALGODÃO, USO MASCULINO | 11 | 62 | 6.796 | 0,73 | 23 |
| 3 BILLETES DE FERRO/ AÇO, C < 0,25%, SEC. TRANSV. QUAD. | 15 | 72 | 4.836 | 0,52 | 35 |
| 4 MARGARINA, EXCETO A MARGARINA LÍQUIDA | 3 | 15 | 3.812 | 0,41 | 44 |
| 5 OUTROS FIOS DE FERRO/ AÇO, N. LIGADOS, N. REVESTIDOS | 15 | 72 | 1.262 | 0,14 | 66 |
| 6 BARRAS DE FERRO/ AÇO, LAMIN. ETC. QUENTE, SEC. TRAN | 15 | 72 | 1.108 | 0,12 | 71 |
| 7 REFRIGERADORES COMBIN. C/ CONGELADORES, PORTA EX | 16 | 84 | 976 | 0,10 | 73 |
| 8 CALÇAS, ETC. DE MALHA DE ALGODÃO, DE USO FEMINIL | 11 | 61 | 924 | 0,10 | 74 |
| 9 CALÇADOS DE MATÉRIA TEXTIL, COM SOLA EXTERIOR | 12 | 64 | 891 | 0,10 | 79 |
| 10 SAIAS E SAIAS-CALÇAS, DE ALGODÃO | 11 | 62 | 849 | 0,09 | 80 |
| 11 OUTS. COURO INT. BOVINOS, "WET BLUE", S <= 2,6 M ² | 8 | 41 | 808 | 0,09 | 81 |
| 12 OUTRAS BÂSCULAS DOSADORAS | 16 | 84 | 806 | 0,09 | 82 |
| 13 FLORES E SEUS BOTOES, FRESCOS, CORTADOS P/ BUQUE | 2 | 06 | 796 | 0,09 | 84 |
| 14 FIO DE FIBRAS ARTIFICIAIS >= 85%, SIMPLES | 11 | 55 | 672 | 0,07 | 87 |
| 15 ARTIGOS PARA ACAMPAMENTO, DE OUTRAS MATÉRIAS T | 11 | 63 | 661 | 0,07 | 88 |
| 16 ALUMÍNIO NÃO LIGADO EM FORMA BRUTA | 15 | 76 | 659 | 0,07 | 89 |
| 17 BARRAS DE FERRO/ AÇO, LAMIN. ETC. QUENTE, SEC. CIRC | 15 | 72 | 575 | 0,06 | 93 |
| 18 COLCHAS DE ALGODÃO, EXC. DE MALHA | 11 | 63 | 523 | 0,06 | 96 |
| 19 PERFIS DE FERRO/ AÇO, EM L, LAMIN. ETC. A QUENTE, H | 15 | 72 | 509 | 0,05 | 97 |
| 20 CONGELADORES (FREEZERS) TIPO COFRE, CAPACIDADE <= 800 L | 16 | 84 | 509 | 0,05 | 98 |
| 21 FARINHAS, SEMOLAS E POS, DE FRUTAS, CASCAS DE CI | 2 | 11 | 506 | 0,05 | 99 |
| TOTAL | | | 36.146 | 3,88 | |

Fonte: SECEX/MDIC (2007); Elaboração IPECE

(1) Denominação, Seção e Setor seguem definições NCM

(2) Números e valores em negrito indicam que o produto integra o grupo dos principais bens exportados pela economia cearense no ano considerado

Part X - participação nas exportações

Tabela 3.22
Produtos Cearenses que Registraram Crescimento nas Exportações entre 2005 e 2006

| PRODUTOS ⁽¹⁾ | Seção | Capítulo | 2006/ 2005 ⁽²⁾ | 2006 ⁽³⁾ | | | 2005 ⁽³⁾ | | |
|--|-------|----------|------------------------------|---------------------|--------------|-----------|---------------------|--------------|-----------|
| | | | | Valor (US\$ mil) | Part X | Rank | Valor (US\$ mil) | Part X | Rank |
| 1 CIMENTOS NAO PULVERIZADOS ("CLINKERS") | 5 | 25 | 272,54% | 6.022 | 0,63 | 25 | 1.617 | 0,17 | 61 |
| 2 BULBOS, TUBERCULOS, RIZOMAS, ETC. EM REPOUSO VEGE | 2 | 06 | 181,15% | 2.243 | 0,23 | 54 | 798 | 0,09 | 83 |
| 3 OUTRAS FRUTAS CONGELAD.N/COZIDAS, COZIDAS EM A | 2 | 08 | 169,84% | 3.216 | 0,34 | 44 | 1.192 | 0,13 | 68 |
| 4 FIO ALGODAO >=85%, SIMPLES, FIBRA PENT. 125D <= TIT < 192.31D | 11 | 52 | 156,75% | 1.421 | 0,15 | 68 | 554 | 0,06 | 95 |
| 5 OUTS. TECIDOS ALGODAO <85%, DENIM/FIBRA SINT/ART | 11 | 52 | 136,13% | 2.730 | 0,29 | 48 | 1.156 | 0,12 | 69 |
| 6 OUTS. TECIDOS DE ALGODAO >=85%, FIO COLOR. DENIM, P > 200G/M2 | 11 | 52 | 126,59% | 5.752 | 0,60 | 29 | 2.538 | 0,27 | 53 |
| 7 CONSUMO DE BORDO - COMBUSTIVEIS E LUBRIF. P/EM | 21 | 99 | 125,56% | 13.756 | 1,44 | 11 | 6.099 | 0,66 | 27 |
| 8 OUTROS MOVEIS DE MADEIRA | 20 | 94 | 76,73% | 1.315 | 0,14 | 70 | 744 | 0,08 | 85 |
| 9 FERROSSILICIO CONTENDO PESO > 55% DE SILICIO | 15 | 72 | 73,56% | 1.958 | 0,20 | 61 | 1.128 | 0,12 | 70 |
| 10 DESPERDICIOS, RESIDUOS E APARAS, DE OUTROS PLAS | 7 | 39 | 72,65% | 2.194 | 0,23 | 57 | 1.271 | 0,14 | 65 |
| 11 GRANITO TALHADO OU SERRADO, DE SUPERFICIE PLAN | 13 | 68 | 67,60% | 9.361 | 0,98 | 18 | 5.585 | 0,60 | 30 |
| 12 MELANCIAS FRESCAS | 2 | 08 | 62,28% | 4.136 | 0,43 | 37 | 2.549 | 0,27 | 52 |
| 13 OUTROS CONTADORES MONOFASICOS, P/CORR. ELETR. AL | 18 | 90 | 60,93% | 2.705 | 0,28 | 49 | 1.681 | 0,18 | 60 |
| 14 MANGAS FRESCAS OU SECAS | 2 | 08 | 59,89% | 2.229 | 0,23 | 55 | 1.394 | 0,15 | 64 |
| 15 ROLHAS, OUTS. TAMPAS E ACESS. P/EMBALAGEM, DE MET | 15 | 83 | 48,36% | 7.291 | 0,76 | 22 | 4.915 | 0,53 | 33 |
| 16 PLACAS/FOLHAS OU TIRAS, DE MICA AGLOMERADA/RECONSTITUIDA | 13 | 68 | 46,11% | 5.268 | 0,55 | 31 | 3.605 | 0,39 | 45 |
| 17 APARELHOS P/COZINHAR/AQUECER, DE FERRO, ETC. COM | 15 | 73 | 40,54% | 10.893 | 1,14 | 14 | 7.751 | 0,83 | 21 |
| 18 ABACAXIS FRESCOS OU SECOS | 2 | 08 | 37,74% | 5.908 | 0,62 | 26 | 4.289 | 0,46 | 38 |
| 19 CACHACA E CANINHA (RUM E TAFIA) | 4 | 22 | 36,88% | 952 | 0,10 | 77 | 695 | 0,07 | 86 |
| 20 SUCOS DE OUTRAS FRUTAS, PRODS. HORTICOLAS, NAO F | 4 | 20 | 34,84% | 9.129 | 0,95 | 19 | 6.770 | 0,73 | 24 |
| 21 TECIDO DE ALGODAO >=85%, FIO COLOR. PTO. SARJADO, P > 200G/M2 | 11 | 52 | 33,96% | 2.418 | 0,25 | 51 | 1.805 | 0,19 | 58 |
| 22 CAMISETAS "T-SHIRTS", ETC. DE MALHA DE OUTS. MAT | 11 | 61 | 33,70% | 802 | 0,08 | 84 | 600 | 0,06 | 90 |
| 23 MEL NATURAL | 1 | 04 | 33,16% | 4.584 | 0,48 | 35 | 3.442 | 0,37 | 46 |
| 24 OUTROS CALCADOS DE COURO NATURAL, COBRINDO O TORNOZELO | 12 | 64 | 30,25% | 12.461 | 1,30 | 13 | 9.568 | 1,03 | 16 |
| 25 OUTROS CALCADOS DE COURO NATURAL | 12 | 64 | 30,15% | 98.511 | 10,29 | 3 | 75.690 | 8,13 | 3 |
| 26 CALCADOS P/ESPORTES, ETC. DE MAT. TEXT. SOLA BORR | 12 | 64 | 25,38% | 5.084 | 0,53 | 34 | 4.055 | 0,44 | 40 |
| 27 OUTS. BARCOS/EMBARCACOES DE RECREIO/ESPORTE, IN | 17 | 89 | 24,29% | 3.480 | 0,36 | 41 | 2.800 | 0,30 | 50 |
| 28 FIO DE FIBRAS DE POLIESTERES COM ALGODAO | 11 | 55 | 21,25% | 1.082 | 0,11 | 73 | 892 | 0,10 | 77 |
| 29 OUTS. COUROS/PELES, BOVINOS, INCL. BUFALOS, UMIDOS | 8 | 41 | 20,93% | 5.778 | 0,60 | 28 | 4.778 | 0,51 | 36 |
| 30 CALCADOS DE BORRACHA/PLAST. C/PARTE SUPER. EM T | 12 | 64 | 18,52% | 72.103 | 7,53 | 4 | 60.838 | 6,54 | 4 |
| 31 OUTS. TECIDOS DE MALHA, DE ALGODAO, TINGIDOS | 11 | 60 | 17,33% | 2.430 | 0,25 | 50 | 2.071 | 0,22 | 55 |
| 32 CERAS VEGETAIS | 3 | 15 | 16,90% | 24.881 | 2,60 | 9 | 21.285 | 2,29 | 9 |
| 33 OUTS. CALCADOS DE MATERIA TEXTIL, SOLA DE BORRACHA/PLAST. | 12 | 64 | 14,29% | 15.246 | 1,59 | 10 | 13.340 | 1,43 | 11 |
| 34 OUTS. COUROS/PELES, INT. BOVINOS, PENNA FL. PREPARS | 8 | 41 | 11,85% | 111.604 | 11,66 | 2 | 99.776 | 10,72 | 2 |
| 35 OUTS. TECIDOS DE MALHA, DE ALGODAO, CRUS OU BRAN | 11 | 60 | 9,49% | 627 | 0,07 | 89 | 573 | 0,06 | 94 |
| 36 CONSUMO DE BORDO - QQ. OUTRA MERCADORIA P/AERO | 21 | 99 | 7,86% | 527 | 0,06 | 96 | 488 | 0,05 | 100 |
| 37 TECIDO ALGODAO <85%, INDIGO BLUE/FIBRA SINT/ART | 11 | 52 | 5,64% | 9.911 | 1,04 | 16 | 9.382 | 1,01 | 18 |
| 38 CALCADOS P/OUTROS ESPORTES, DE BORRACHA OU PLA | 12 | 64 | 5,14% | 12.825 | 1,34 | 12 | 12.198 | 1,31 | 12 |
| 39 OUTS. CALCADOS DE COURO NATURAL E SOLA EXTERIOR DE COURO | 12 | 64 | 4,30% | 5.118 | 0,53 | 33 | 4.907 | 0,53 | 34 |
| 40 TECIDO DE ALGODAO >=85%, FIO COLOR. DENIM, INDIGO | 11 | 52 | 3,90% | 56.506 | 5,90 | 5 | 54.384 | 5,84 | 6 |
| 41 FIO ALGODAO >=85%, SIMPLES, FIBRA PENT. 106.38D <= | 11 | 52 | 3,43% | 2.110 | 0,22 | 59 | 2.041 | 0,22 | 56 |
| 42 CAPSULAS DE COROA, DE METAIS COMUNS, P/EMBALAGE | 15 | 83 | 1,07% | 3.942 | 0,41 | 39 | 3.900 | 0,42 | 41 |
| 43 OUTROS CALCADOS IMPERMEAV. DE BORRACHA/PLAST. SEM COSTURA | 12 | 64 | 0,45% | 994 | 0,10 | 75 | 990 | 0,11 | 72 |

Fonte: SECEX/MDIC (2007); Elaboração IPECE

(1) Produto, Seção e Setor seguem definições NCM

(2) Indica o crescimento ocorrido entre os anos considerados

(3) Participações em destaque indicam que o produto integra o grupo dos principais bens exportados pela economia cearense no ano considerado.

Part X - participação nas exportações

Tabela 3.23
Produtos Cearenses que Registraram Redução nas Exportações entre 2003 e 2006

| PRODUTOS ⁽¹⁾ | Seção | Capítulo | 2006/ 2005 ⁽²⁾ | 2006 ⁽³⁾ | | | 2005 ⁽³⁾ | | |
|--|-------|----------|------------------------------|---------------------|--------------|-----------|---------------------|--------------|-----------|
| | | | | Valor (US\$ mil) | Part X | Rank | Valor (US\$ mil) | Part X | Rank |
| 1 TECIDO POLIEST<85% C/ALGOD.P<=170G/M2,TAFETA, | 11 | 55 | -0,22% | 592 | 0,06 | 93 | 594 | 0,06 | 91 |
| 2 CASTANHA DE CAJU,FRESCA OU SECA,SEM CASCA | 2 | 08 | -0,25% | 136.161 | 14,23 | 1 | 136.506 | 14,67 | 1 |
| 3 OUTROS TECIDOS DE ALGODAO>=85%,BRANQUEADO,PES | 11 | 52 | -1,82% | 1.989 | 0,21 | 60 | 2.026 | 0,22 | 57 |
| 4 OUTROS CALCADOS DE BORRACHA OU PLASTICO | 12 | 64 | -4,10% | 9.123 | 0,95 | 20 | 9.513 | 1,02 | 17 |
| 5 OUTROS ADESIVOS A BASE DE PLASTICOS | 6 | 35 | -8,63% | 532 | 0,06 | 95 | 582 | 0,06 | 92 |
| 6 CAMISETAS "T-SHIRTS",ETC.DE MALHA DE ALGODAO | 11 | 61 | -9,89% | 826 | 0,09 | 81 | 916 | 0,10 | 75 |
| 7 OUTROS PEIXES CONGELADOS,EXC.FILES,OUTROS CARNES,ETC. | 1 | 03 | -11,15% | 814 | 0,09 | 83 | 916 | 0,10 | 76 |
| 8 OUTROS TECIDOS DE ALGODAO>=85%,TINTO,PESO>200 | 11 | 52 | -14,16% | 5.804 | 0,61 | 27 | 6.761 | 0,73 | 25 |
| 9 ARTIGOS PARA ACAMPAMENTO,DE ALGODAO | 11 | 63 | -15,19% | 2.206 | 0,23 | 56 | 2.601 | 0,28 | 51 |
| 10 OUTS.FRUTAS DE CASCA RIJA,OUTS.SEMENTES,PREPA | 4 | 20 | -15,25% | 3.898 | 0,41 | 40 | 4.600 | 0,49 | 37 |
| 11 SUCOS E EXTRATOS,DE OUTROS VEGETAIS | 2 | 13 | -15,43% | 4.354 | 0,45 | 36 | 5.149 | 0,55 | 31 |
| 12 MELOES FRESCOS | 2 | 08 | -15,57% | 29.108 | 3,04 | 8 | 34.477 | 3,71 | 8 |
| 13 CAMAROES,INTEIROS,CONGELADOS,EXCETO "KRILL" | 1 | 03 | -15,88% | 48.008 | 5,02 | 6 | 57.070 | 6,13 | 5 |
| 14 OUTRAS LAGOSTAS,CONGELADAS,EXCETO AS INTEIRAS | 1 | 03 | -16,61% | 36.698 | 3,83 | 7 | 44.005 | 4,73 | 7 |
| 15 BARRAS DE FERRO/ACO,LAMIN.QUENTE,DENTADAS,ETC | 15 | 72 | -21,07% | 9.394 | 0,98 | 17 | 11.903 | 1,28 | 13 |
| 16 FIO ALGODAO>=85%,SIMPLES,FIBRA PENT.232.56D<=T<714.29D | 11 | 52 | -23,46% | 6.614 | 0,69 | 23 | 8.641 | 0,93 | 20 |
| 17 OUTS.COUIROS/PELES INT.BOVINOS,PREPARADOS | 8 | 41 | -24,03% | 8.250 | 0,86 | 21 | 10.859 | 1,17 | 14 |
| 18 OUTROS FREIOS E SUAS PARTES,P/TRATORES/VEIC.AUTOMOVEIS | 17 | 87 | -26,52% | 10.299 | 1,08 | 15 | 14.016 | 1,51 | 10 |
| 19 CALCADOS P/OUTROS ESPORTES,DE COURO NATURAL | 12 | 64 | -29,54% | 2.912 | 0,30 | 47 | 4.133 | 0,44 | 39 |
| 20 OUTS.TECIDOS DE MALHA,FIBRAS SINTET.TINGIDOS | 11 | 60 | -29,91% | 624 | 0,07 | 90 | 891 | 0,10 | 78 |
| 21 OUTROS CALCADOS DE BORRACHA/PLASTICO,COBRINDO | 12 | 64 | -32,54% | 959 | 0,10 | 76 | 1.422 | 0,15 | 63 |
| 22 OUTROS CAMAROES CONGELADOS,EXCETO "KRILL" | 1 | 03 | -35,39% | 3.235 | 0,34 | 43 | 5.007 | 0,54 | 32 |
| 23 REDES DE MALHAS COM NOS,ETC.DE OUTRAS MATERIA | 11 | 56 | -37,09% | 1.355 | 0,14 | 69 | 2.154 | 0,23 | 54 |
| 24 FIO ALGODAO>=85%,SIMPLES,FIBRA N/PENT.232.56<=T<714.29D | 11 | 52 | -38,35% | 2.353 | 0,25 | 52 | 3.817 | 0,41 | 43 |
| 25 FIO ALGODAO>=85%,CRU,SIMPL.FIBRA N/PENT.192.3 | 11 | 52 | -38,44% | 1.890 | 0,20 | 62 | 3.070 | 0,33 | 49 |
| 26 FIO ALGODAO>=85%,CRU,SIMPL.FIBRA PENT.192.3D<=T<232.56D | 11 | 52 | -39,00% | 1.888 | 0,20 | 63 | 3.094 | 0,33 | 48 |
| 27 PRODS.SEMIMANUFAT.DE FERRO/ACO,N/LIGADOS,CARB | 15 | 72 | -40,07% | 5.609 | 0,59 | 30 | 9.358 | 1,01 | 19 |
| 28 OUTROS FERROLIGAS | 15 | 72 | -40,91% | 1.012 | 0,11 | 74 | 1.713 | 0,18 | 59 |
| 29 TECIDO DE ALGODAO>=85%,BRANQUEADO,PTO.SARJADO,P>200G/M2 | 11 | 52 | -45,41% | 3.147 | 0,33 | 45 | 5.764 | 0,62 | 28 |
| 30 TECIDO DE ALGODAO>=85%,TINTO,PONTO SARJADO,PESO>200G/M2 | 11 | 52 | -46,04% | 3.053 | 0,32 | 46 | 5.658 | 0,61 | 29 |
| 31 PARTES DE OUTROS MOTORES/GERADORES/GRUPOS ELE | 16 | 85 | -46,23% | 815 | 0,09 | 82 | 1.517 | 0,16 | 62 |
| 32 MAQS.P/LIMPEZA,SELECAO,ETC.DE GRAOS,PRODS.HORTIC.SECOS | 16 | 84 | -50,72% | 593 | 0,06 | 92 | 1.204 | 0,13 | 67 |
| 33 AUTOMOVEIS C/MOTOR DIESEL,CM3>2500,ATE 6 PASS | 17 | 87 | -51,51% | 1.864 | 0,19 | 64 | 3.845 | 0,41 | 42 |
| 34 MOVEIS DE MADEIRA P/QUARTOS DE DORMIR | 20 | 94 | -52,12% | 1.491 | 0,16 | 66 | 3.114 | 0,33 | 47 |
| 35 OUTRAS OBRAS DE COURO NATURAL OU RECONSTITUID | 8 | 42 | -66,97% | 3.326 | 0,35 | 42 | 10.071 | 1,08 | 15 |
| 36 CALCADOS DE COURO NATURAL,SOLA COURO,COBRINDO | 12 | 64 | -76,52% | 1.543 | 0,16 | 65 | 6.572 | 0,71 | 26 |

Fonte: SECEX/MDIC (2006); Elaboração IPECE

(1) Produto, Seção e Setor seguem definições NCM

(2) Indica o crescimento ocorrido entre os anos considerados

(3) Participações em destaque indicam que o produto integra o grupo dos principais bem exportados pela economia cearense no ano considerado.

Part X - participação nas exportações

Os resultados até aqui discutidos revelaram as transformações ocorridas na pauta de exportações cearenses e ajudaram a entender a dinâmica local.

As exportações cearenses seguiram o comportamento observado para a região Nordeste e para o País. Como resultado, o Estado do Ceará alcançou o superávit comercial em 2003 revertendo uma situação de déficit existente desde 1993. A reversão tardia do déficit comercial cearense quando comparada à do país (ocorrida em 2001), é explicada pelo menor crescimento das exportações do Estado em relação às nacionais. A expansão das vendas brasileiras não ocorreu com a mesma intensidade para o comércio cearense, o que pode ser ilustrado pela perda de posições do Ceará no *ranking* dos estados exportadores.

Comparado ao desempenho da região Nordeste e dos demais estados que a compõem, a economia cearense, embora mantendo a posição de terceira maior exportadora regional, perdeu participação. Este comportamento foi fruto do fraco crescimento médio das exportações do estado entre 1999 e 2006, segundo pior dentre os outros estados nordestinos.

Os desempenhos distintos apresentados entre o estado, a região e o país podem ser associados, dentre outros fatores, às diferenças existentes na pauta de exportações. Tais diferenças ocorrem no que diz respeito à diversidade e às características dos bens comercializados, como sensibilidade ao câmbio e capacidade de atendimento da demanda mundial (vale dizer que as características dos produtos comercializados limitam a conquista de determinados mercados)¹⁶. As comparações acima demonstraram os efeitos da estrutura da pauta exportadora no aproveitamento das oportunidades para expansão do comércio externo de determinada economia. As diferentes abordagens utilizadas permitiram conhecer a pauta cearense sob pontos de vista variados.

As exportações do Estado, considerando as categorias de uso, ou setores de contas nacionais, mostraram-se concentradas em bens de consumo, com destaque para bens de consumo não-duráveis. Ambas as categorias apresentaram, nos anos analisados, redução em suas participações nas vendas cearenses ao exterior. Em sentido oposto, os bens intermediários, segunda principal categoria no comércio externo do Ceará, registrou forte crescimento em sua participação, com destaque para os insumos industriais.

A concentração das vendas em bens de consumo não garante maior competitividade às exportações do Estado, o que seria esperado dada a maior presença de tais produtos nas exportações cearenses. Isto não ocorre porque a concentração foi em bens de consumo não-

¹⁶ No caso da economia cearense, outras variáveis a influenciar o desempenho externo são: dinâmica da economia nacional e suas repercussões internas à economia cearense, estrutura e dinâmica da economia local, repercussões de decisões de políticas nacionais e locais, características do empresariado local.

duráveis, cuja complexidade tende a ser menor do que a contida nos bens de consumo duráveis.

Avaliando as exportações do Estado sob o critério do grau de industrialização (ou por fator agregado), o desempenho local sofreu maior influência do crescimento dos bens industrializados, tanto semimanufaturados quanto manufaturados. Tal categoria aumentou sua participação nas vendas externas cearenses, mantendo o primeiro lugar no *Ranking* estadual alcançado ainda em 1998. Este comportamento foi outro ponto de diferença em relação ao desempenho nacional, no qual se destacou o maior crescimento das exportações de produtos básicos. Entretanto, vale destacar que com relação ao perfil das exportações, ambos, Ceará e Brasil, se concentraram em bens industrializados manufaturados.

Dadas as características apresentadas, a expansão da demanda mundial e as alterações na taxa de câmbio parecem ter exercido maior influência sobre as vendas cearenses ao exterior do que sobre as exportações nacionais. No país, a concentração em insumos industriais e o maior crescimento dos produtos básicos forneceram maior importância ao aquecimento da economia mundial, ao preço e à competitividade na produção de algumas *commodities* e, por fim, ao câmbio como variáveis determinantes.

O detalhamento das exportações através dos conceitos de capítulos e produtos (definições NCM), complementaram os resultados.

A avaliação por capítulos revelou a existência de grupo de produtos tradicionais nas exportações do Estado e o ganho de importância por outros bens ao longo dos anos analisados. Frutas, calçados, têxteis (algodão, fios, fibras e tecidos), pescados (camarões), peles, obras de ferro e aço, foram os grupos de produtos (capítulos) com presença e destaque nas exportações do Estado. Outros ganharam importância ao longo do período (1999-2006) como ferro e aço; obras de pedra e cimento; produtos hortícolas; veículos, suas partes e acessórios.

A presença de grupo de produtos tradicionais revelou a concentração existente no comércio externo do Estado. Com relação a essa concentração, alguns comentários adicionais são necessários. É natural nas vendas externas de uma determinada economia a presença de grupo de produtos que respondam pela maior parte das exportações locais. Estes produtos revelam, de certa forma, a especialização do comércio externo da economia em questão. Entretanto, a situação se agrava quando esta concentração ocorre em poucos bens ou quando os produtos possuem pequena competitividade no mercado internacional¹⁷. Quando

¹⁷ O grau de concentração por capítulos das exportações cearenses será examinado na avaliação qualitativa (seção 6), através do Índice de concentração das exportações (ICX)

evidenciadas as fragilidades no comércio externo, o processo de diversificação ganha importância como uma alternativa para promover a comercialização de novos produtos, seja em atividades tradicionalmente exportadoras, seja em atividades com exportações recentes.

O crescimento das exportações deve, assim, estar apoiado na expansão das vendas de novos produtos das atividades tradicionais no comércio externo e na elevação do comércio de produtos das atividades menos tradicionais nas exportações, reduzindo o grau de concentração existente. Este comportamento deve ainda ser complementado pela melhoria tecnológica dos produtos comercializados, favorecendo a competição apoiada na diferenciação do produto e não apenas na escala de produção e no preço. Essa postura favorece a maior competitividade no comércio exterior e o transbordamento dos efeitos positivos das exportações (expansão do mercado, ganhos de escalas, externalidades tecnológicas, etc) para o restante da economia.

Considerando os produtos individualmente, a análise por períodos específicos e da totalidade das exportações cearenses conduziu a conclusões adicionais.

As exportações cearenses apresentaram um crescimento considerável na quantidade de produtos comercializados, indicando uma relativa diversificação da pauta exportadora e explicando, em parte, a elevação verificada nos valores exportados entre 1999 e 2006. Neste movimento de crescimento das exportações, alguns produtos ganharam importância passando a responder por maiores valores nas vendas externas e contrapondo a concentração existente. Entretanto, embora a maior quantidade de bens comercializados tenha indicado uma diversificação da pauta, esta ainda manteve certa concentração em alguns produtos.

A avaliação de cada período ajudou a explicar esses comportamentos. A análise de cada um dos períodos definidos revelou a recorrência de alguns produtos nas vendas ao exterior e a existência de produtos com peso relevante nas exportações cearenses. Esse movimento evidencia a existência de produtos tradicionais nas exportações do Estado e de atividades econômicas com viés exportador, como o caso da Indústria têxtil, da indústria calçadista e do agronegócio, em especial da fruticultura.

A existência de produtos tradicionais com maiores participações nas exportações é natural e indica, de certa forma, a especialização do Estado no comércio exterior. Entretanto, como no caso dos capítulos, a concentração ainda existente e a competitividade dos produtos podem revelar a necessidade de se intensificar o processo de diversificação, que deve estar apoiado nas atividades tradicionais e, especialmente, no surgimento e desenvolvimento de novas atividades exportadoras.

É importante frisar que a participação das atividades tidas com tradicionais no comércio externo cearense não se resumiu à produção de bens com peso relevante nas exportações do Estado. Além destes produtos, estas responderam também pela fabricação de outros bens cujas vendas externas possuem valores menos expressivos. Estas atividades e seus produtos concentraram, então, a grande parcela das exportações estaduais, respondendo pela maior parte dos valores comercializados.

O movimento apresentado pelos produtos cujas exportações foram pequenas, os quais representam a imensa maioria dos bens comercializados, exerceram importante influência no desempenho externo do Estado, fazendo com que o resultado alcançado fosse fruto não apenas do comportamento dos produtos tradicionais e daqueles com participações relevantes no comércio. Os produtos tradicionais, como castanhas de caju e outras frutas, calçados e suas partes, e fios, tecidos e suas obras, sustentaram as exportações cearenses, entretanto, o valor pequeno das exportações da grande maioria dos outros produtos não diminuiu a importância de seus movimentos. Dentre estes movimentos, o surgimento de novos produtos e o forte crescimento registrado por outros bens no período analisado, têm importante significado para exportações do Estado: fornecem indicações de possíveis oportunidades para novos negócios com os mercados internacionais.

Estas novas oportunidades podem ser aproveitadas por negócios com menor importância relativa para exportações do Estado ou pelas atividades exportadoras tradicionais. No caso das primeiras, as oportunidades favorecem o surgimento de novas atividades com ênfase para as exportações, como no caso daquelas ligadas à produção de sucos de frutas, máquinas de costuras, aparelhos para cozinha, óleos lubrificantes, granitos e cimentos, entre outros. No caso das tradicionais, as novas oportunidades contribuem para expansão, ou recuperação, da participação nos mercados internacionais, que pode ocorrer através da ampliação do leque de produtos ou da substituição daqueles que perderam competitividade externa.

As indústrias têxtil e calçadista são um bom exemplo desta possibilidade. Atuantes em um mercado de competição acirrada, em especial pela concorrência chinesa, as empresas destes setores apresentaram uma dinâmica intensa em suas pautas de exportações, com produtos perdendo espaços no mercado internacional, ao passo que outros registraram desempenhos positivos, com crescimento nos valores exportados e maior participação nas vendas externas cearenses.

Avaliados os capítulos e os produtos exportados pelo Estado e suas participações na pauta, tem-se que a economia cearense, embora venha diversificando suas exportações, ainda

se apresenta concentrada em alguns poucos capítulos e produtos. A avaliação quantitativa, por si só já revela a necessidade de se intensificar o processo de diversificação existente, expandindo a oferta de novos produtos ou o comércio dos bens já exportados. A estratégia influencia a competitividades das exportações locais e os efeitos positivos das vendas externas sobre o restante da economia local.

Os resultados apresentados retrataram a dinâmica das exportações cearenses, observada pelos movimentos de entrada, permanência e saída de grupos de produtos na pauta exportadora e pela evolução dos valores exportados. Como já mencionado, essa avaliação foi apenas uma parte da análise e deve ser complementada com um estudo qualitativo das vendas externas realizadas pela economia cearense, através do qual se pretende obter indicações à respeito de algumas questões principais como: (a) características positivas e problemas existentes na pauta de exportações; (b) competitividade das exportações cearenses; e (c) melhor definição dos fatores que exerceram influência sobre o desempenho apresentado.

De fato, esta avaliação qualitativa, ao complementar os resultados já alcançados, fornece evidências sobre a qualidade dos bens comercializados, em especial no que se refere ao conteúdo tecnológico e à dinâmica da demanda mundial. Tais evidências permitem conclusões à respeito da qualidade da concentração existente nas exportações do Estado, da competitividade dos produtos cearenses no exterior, e, por conseguinte, explicam em parte a competitividade externa das empresas cearenses¹⁸.

Esta avaliação será apresentada em uma etapa específica na seqüência do trabalho.

3.2.5. Exportações Cearenses por Blocos Econômicos e Países de Destino

A avaliação em termos de países importadores permite obter indicações sobre a composição da demanda externa pelos produtos locais¹⁹. A análise parte da observação do comportamento de compra dos países que se mostram como tradicionais compradores, bem como daqueles que surgiram como compradores recentemente. O estudo abordou os destinos por blocos econômicos e por países individualmente.

¹⁸ A competitividade externa de determinada atividade econômica é resultado de um conjunto mais amplo de variáveis, que consideram mais do que a qualidade do produto e sua demanda mundial. Nesta avaliação se inclui variáveis ligadas à própria atividade (gestão, processo produtivo, comercialização, etc) bem como variáveis sistêmicas (ambiente de negócios, tributação, infra-estrutura, políticas públicas, etc).

¹⁹ Os principais destinos, seguindo a metodologia aplicada para a avaliação dos capítulos e produtos, foram definidos como sendo aqueles, que em ordem decrescente de valores importados do Ceará, correspondem a 90% do valor total exportado pelo Estado no período considerado.

Os principais blocos de destino das exportações cearenses, no ano de 2006, foram os EUA com participação de 29,8% e o da União Européia com participação de 27,9% do valor total exportado. A composição difere para o país, cujos principais blocos de destino foram a ALADI (22,8%) e a União Européia (22,1%) no mesmo ano.

O bloco do EUA perdeu participação relativa como destino das exportações do Estado, entre os anos de 2005 e 2006, devido ao pequeno crescimento das importações americanas, de apenas 0,53%. Enquanto isso, a União Européia, o Mercosul e a Ásia (Exclusive Oriente Médio) apresentaram incremento em suas participações, com aumento nas importações em 11,5%, 11,4% e 8,3%, respectivamente. O primeiro caso é explicado pelo forte crescimento das compras italianas, de 90,1% e alemãs, de 43,5%. O segundo caso é explicado pelo aumento das exportações destinadas à Argentina (13,8%) e Paraguai (11,4%); e o terceiro pela expansão das vendas para países como a China (30,0%), Japão (20,5%) dentre outros, entre os anos de 2005 e 2006.

Com relação ao total destinado pelo Brasil para cada bloco, o Estado do Ceará participou com aproximadamente 1,2% das exportações nacionais para o Bloco do EUA, União Européia (0,9%), ALADI (inclusive Mercosul) (0,7%), Ásia (exclusive Oriente Médio) (0,3%) e demais regiões (0,4%), em 2006. Isto revela o fraco desempenho do setor exportador cearense por destino, mostrando que há ainda muito espaço a se ganhar dentro do contexto nacional, principalmente quando observamos o caso dos destinos para o continente asiático.

Tabela 3.24
Exportações Cearenses por Blocos Econômicos - 2005 e 2006

| BLOCOS ECONÔMICOS | 2006 | | 2005 | | Var % |
|---------------------------------------|--------------------|---------------|--------------------|---------------|--------------|
| | US\$ F.O.B | Part% | US\$ F.O.B | Part% | |
| ESTADOS UNIDOS (INCLUSIVE PORTO RICO) | 285.509.288 | 29,83% | 285.673.622 | 30,70 | -0,06% |
| UNIAO EUROPEIA - UE | 267.668.932 | 27,97% | 240.027.099 | 25,80 | 11,52% |
| MERCADO COMUM DO SUL - MERCOSUL | 120.457.823 | 12,59% | 108.114.697 | 11,62 | 11,42% |
| ALADI (EXCLUSIVE MERCOSUL) | 98.537.042 | 10,30% | 97.646.588 | 10,49 | 0,91% |
| ASIA (EXCLUSIVE ORIENTE MEDIO) | 60.800.292 | 6,35% | 56.114.739 | 6,03 | 8,35% |
| DEMAIS BLOCOS | 124.071.699 | 12,96% | 142.874.111 | 15,36 | -13,16% |
| TOTAL EXPORTADO | 957.045.076 | 100,00 | 930.450.856 | 100,00 | 2,86% |

Fonte: SECEX/MDIC(2007). Elaboração IPECE.

Considerando os países individualmente, durante o período de 1999 a 2006, um total de cento e sessenta e quatro países se colocou como destino, pelo menos uma vez, das exportações cearenses. Em 1999, o Estado do Ceará exportou para noventa e quatro países. Em 2001, o Estado destinou seus produtos para cento e três países. Já em 2005, o Estado passou a exportar para cento e trinta e sete países, uma variação do número de destinos das

exportações da ordem de 45,7% com relação a 1999. No ano de 2006, o Estado manteve esta quantidade.

Apesar deste forte incremento no número de países que demandam produtos cearenses entre os anos de 1999 e 2006, indicando uma tendência de desconcentração, foi observado que as vendas continuam ainda fortemente direcionadas para alguns poucos países.

Em 1999, quinze países, de uma total de noventa e quatro, foram responsáveis pelo consumo de 90,1% das exportações do Estado, ou seja, apenas 15,7% do total dos destinos. Em 2005, o número de países classificados como principais compradores passou para vinte e oito, em um universo de cento e trinta e sete nações. Em termos percentuais, 20,4% de todos os importadores de bens cearenses responderam pela compra de 90,6% de tudo o que foi exportado pelo Estado em 2005. Em 2006, vinte e quatro países responderam por 90,2% das exportações cearenses, representando uma parcela de 17,3% do total dos países compradores. Estes dados revelaram que, entre 2005 e 2006, ocorreu, embora suave, um movimento contrário ao de descontração observada desde 1999.

No ano de 1999, somente os EUA (53,8%) e a Argentina (11,3%), responderam pela compra de 65,1% das exportações do Estado. Adicionando-se outros treze países, têm-se o total de destinos responsáveis pelas importações de 90,13% do total vendido ao exterior pelo Estado, foram eles: Canadá (2,98%), Paraguai (2,9%), Alemanha (2,5%), Japão (2,2%), Itália (2,2%), Chile (2,1%), Portugal (2,0%), Reino Unido (1,63%), Países Baixos (Holanda) (1,5%), Bolívia (1,3%), Espanha (1,2%), França (1,0%) e Colômbia (1,0%).

O movimento de compra de alguns destes países merece atenção especial. Dentre os que mais perderam participação relativa, entre 1999 e 2006, estão os EUA e Argentina. Verificou-se que o primeiro país, apesar de ter sido o principal destino das exportações cearenses em todos os anos analisados, apresentou uma forte tendência de queda de participação relativa, passando de 53,84% em 1999 para 30,3% em 2005 e 29,6% em 2006. Este fenômeno ocorreu mesmo com o aumento verificado em suas importações provenientes do Ceará, que passaram de US\$ 199,8 milhões no primeiro ano para US\$ 281,9 milhões em 2005 e US\$ 283,4 milhões em 2006.

Fato semelhante ocorreu com a Argentina. Sua participação relativa como destino externo das vendas cearenses caiu de 11,3% em 1999 para 8,9% em 2005. Esse movimento ocorreu apesar do aumento do valor das suas importações do Estado, que passaram de US\$ 41,9 milhões para US\$ 83,6 milhões, no período, um crescimento de 99,5% entre os dois anos. Considerando o ano de 2006, este país recuperou participação no destino das exportações cearenses, alcançando o percentual de 9,9%, perfazendo um total de US\$ 95,2

milhões. Vale destacar, que a economia argentina permaneceu como segundo maior comprador dos produtos locais no período de 1999 a 2006, com exceção do ano de 2002, quando este país ocupou a oitava posição no *ranking*.

A Holanda passou a ocupar o terceiro lugar no *ranking* dos principais destinos em 2005, frente ao décimo lugar em 1999. Em 1999, sua participação foi de 1,5%, com um valor importado de US\$ 5,9 milhões. Em 2005, este percentual atingiu 6,0%, representando em termos de valores US\$ 56,0 milhões, um crescimento de 849,5% nas compras oriundas da economia cearense entre os dois anos. No ano de 2006, esse país passou a ocupar o quarto lugar como destino das exportações cearenses devido a uma redução das suas importações de 9,3%, alcançando US\$ 50,8 milhões.

A Espanha ocupou o quarto lugar no ano de 2005. Seu valor importado foi de US\$ 51,8 milhões, resultando em uma participação relativa de 5,6%. Em 1999, sua colocação foi a décima terceira no *ranking*, com um valor importado de US\$ 4,6 milhões e uma participação relativa de 1,2%. Este ganho de participação foi reflexo de um crescimento de 1.050% das exportações cearenses para tal país no período. No ano de 2006, o país reduziu sua participação para 3,7%, resultado de forte queda das importações originadas da economia cearense, de 31,0%, passando para US\$ 35,7 milhões.

O país que ocupou a quinta posição no *ranking*, em 2005, foi o Canadá, com participação de 4,1% frente à posição de terceiro lugar em 1999, ano em que sua participação foi de 2,9%. O resultado mostra que apesar de ter ganho participação relativa entre esses anos, isso não foi o suficiente para manter sua posição no *ranking*. Fato justificado pela forte evolução de outros destinos das exportações cearenses. Esse movimento de perda de posições no *ranking* se manteve em 2006, com o país alcançando a oitava colocação, com participação relativa de 2,8% das exportações cearenses, respondendo por US\$ 27,1 milhões.

Em 2005, quatro países adquiriram 51% exportações estaduais, são eles: Estados Unidos (30,3%), Argentina (8,9%), Países Baixos (Holanda) (6,02%) e Espanha (5,6%). Em 2006, este contexto apresentou uma pequena modificação, com a Itália assumindo a terceira colocação no *ranking*. O novo quadro apresenta as seguintes participações: Estados Unidos (29,6%), Argentina (9,9%), Itália (7,3%) e Países Baixos (Holanda) (5,3%).

Alguns países destacaram-se por seu incremento de participação na pauta das exportações cearenses, com taxas de crescimento acima de 30%, entre 2005 e 2006. Foram eles: Itália (90,1%), Bolívia (51,1%), Alemanha (43,6%), Reino Unido (34,8%) e China (30,0%). Todos estes países responderam por mais de 1% da pauta em 2006.

As exportações para os países africanos possuem alguns movimentos que devem ser destacados. Dentre os países com participação de mais de 1% da pauta em 2005, a Nigéria teve o maior incremento percentual dentre os destinos das exportações cearenses entre os anos de 1999 e 2005, com uma variação de quase 15 mil por cento, passando de US\$ 66,9 mil, em 1999, para mais de US\$ 10 milhões em 2005. Em 2006, as exportações para este país sofreram forte redução de 47,6%, passando a participar com apenas 0,5%. Com esse resultado, foi superada pelas importações realizadas por Cabo Verde, cuja participação foi de 0,6% da pauta cearense em 2006.

Os países asiáticos também merecem destaque. China e Hong Kong que participavam, conjuntamente, como destino de 0,19% das exportações cearenses em 1999, elevando esse percentual para 3,5% em 2006. Em valores absolutos, significa que as exportações para China passaram de US\$ 179,6 mil em 1999 para US\$ 20,1 milhões em 2006, um crescimento de 11.122% entre os dois anos. Enquanto isto, as exportações para Hong Kong passaram de US\$ 533,3 mil em 1999 para US\$ 13,6 milhões em 2006, um crescimento de 2.455% entre os dois anos.

Tabela 3.25
Exportações Cearenses por Principais Países de Destino – Anos Selecionados

| PRINCIPAIS PAÍSES | 1999 | | 2.005 | | 2006 | | Var(%) | | |
|---|--------------------|--------------|--------------------|--------------|--------------------|--------------|---------------|---------------|--------------|
| | US\$ FOB | Part (%) | US\$ FOB | Part (%) | US\$ FOB | Part (%) | 2006/99 | 2005/99 | 2006/05 |
| ESTADOS UNIDOS | 199.850.826 | 53,8% | 281.910.316 | 30,3% | 283.404.431 | 29,6% | 41,8% | 41,1% | 0,5% |
| ARGENTINA | 41.932.295 | 11,3% | 83.637.955 | 9,0% | 95.250.761 | 10,0% | 127,2% | 99,5% | 13,9% |
| ITALIA | 8.153.427 | 2,2% | 37.023.191 | 4,0% | 70.385.467 | 7,4% | 763,3% | 354,1% | 90,1% |
| PAISES BAIXOS (HOLANDA) | 5.901.270 | 1,6% | 56.034.558 | 6,0% | 50.847.937 | 5,3% | 761,6% | 849,5% | -9,3% |
| REINO UNIDO | 6.061.589 | 1,6% | 37.346.452 | 4,0% | 50.346.236 | 5,3% | 730,6% | 516,1% | 34,8% |
| ESPAÑA | 4.506.876 | 1,2% | 51.858.548 | 5,6% | 35.759.258 | 3,7% | 693,4% | 1050,7% | -31,0% |
| MEXICO | 2.772.355 | 0,7% | 36.149.237 | 3,9% | 33.959.332 | 3,5% | 1124,9% | 1203,9% | -6,1% |
| CANADA | 11.048.028 | 3,0% | 38.591.702 | 4,1% | 27.126.792 | 2,8% | 145,5% | 249,3% | -29,7% |
| FRANCA | 4.034.204 | 1,1% | 26.348.203 | 2,8% | 25.431.150 | 2,7% | 530,4% | 553,1% | -3,5% |
| VENEZUELA | 1.633.667 | 0,4% | 21.443.676 | 2,3% | 23.844.372 | 2,5% | 1359,6% | 1212,6% | 11,2% |
| CHINA | 179.660 | 0,0% | 15.505.342 | 1,7% | 20.161.773 | 2,1% | 11122,2% | 8530,4% | 30,0% |
| PARAGUAI | 11.039.387 | 3,0% | 17.390.797 | 1,9% | 19.373.437 | 2,0% | 75,5% | 57,5% | 11,4% |
| ALEMANHA | 9.339.576 | 2,5% | 11.375.978 | 1,2% | 16.330.522 | 1,7% | 74,9% | 21,8% | 43,6% |
| HONG KONG | 533.327 | 0,1% | 12.930.389 | 1,4% | 13.628.681 | 1,4% | 2455,4% | 2324,5% | 5,4% |
| BOLIVIA | 4.810.587 | 1,3% | 7.890.231 | 0,8% | 11.919.375 | 1,2% | 147,8% | 64,0% | 51,1% |
| JAPAO | 8.516.924 | 2,3% | 8.579.373 | 0,9% | 10.338.719 | 1,1% | 21,4% | 0,7% | 20,5% |
| COLOMBIA | 3.822.816 | 1,0% | 7.714.794 | 0,8% | 9.644.428 | 1,0% | 152,3% | 101,8% | 25,0% |
| PERU | 1.009.857 | 0,3% | 9.287.764 | 1,0% | 9.296.256 | 1,0% | 820,6% | 819,7% | 0,1% |
| PORTUGAL | 7.410.020 | 2,0% | 9.381.399 | 1,0% | 8.808.130 | 0,9% | 18,9% | 26,6% | -6,1% |
| RUSSIA, FEDERACAO DA | 107.518 | 0,0% | 7.384.537 | 0,8% | 7.954.046 | 0,8% | 7297,9% | 6768,2% | 7,7% |
| CHILE | 8.140.149 | 2,2% | 10.958.481 | 1,2% | 6.852.350 | 0,7% | -15,8% | 34,6% | -37,5% |
| NORUEGA | 99.790 | 0,0% | 8.824.462 | 0,9% | 6.732.698 | 0,7% | 6646,9% | 8743,0% | -23,7% |
| URUGUAI | 2.149.989 | 0,6% | 7.085.945 | 0,8% | 5.833.625 | 0,6% | 171,3% | 229,6% | -17,7% |
| CABO VERDE | 11.846 | 0,0% | 4.816.562 | 0,5% | 5.506.938 | 0,6% | 46387,7% | 40559,8% | 14,3% |
| NIGERIA | 66.916 | 0,0% | 10.045.967 | 1,1% | 5.260.101 | 0,5% | 7760,8% | 14912,8% | -47,6% |
| COSTA DO MARFIM | 98.210 | 0,0% | 1.709.194 | 0,2% | 5.177.577 | 0,5% | 5171,9% | 1640,3% | 202,9% |
| TAILANDIA | 195.626 | 0,1% | 8.556.838 | 0,9% | 5.133.091 | 0,5% | 2523,9% | 4274,1% | -40,0% |
| GUATEMALA | 344.832 | 0,1% | 6.581.674 | 0,7% | 4.235.041 | 0,4% | 1128,1% | 1808,7% | -35,7% |
| LIBANO | 2.162.101 | 0,6% | 4.477.039 | 0,5% | 4.041.685 | 0,4% | 86,9% | 107,1% | -9,7% |
| TOTAL DOS PRINCIPAIS PAÍSES DE DESTINO | 345.933.668 | 93,2% | 840.840.604 | 90,4% | 872.584.209 | 91,2% | 152,2% | 143,1% | 3,8% |
| DEMAIS PAÍSES | 25.272.061 | 6,8% | 89.610.252 | 9,6% | 84.460.867 | 8,8% | 234,2% | 254,6% | -5,7% |
| TOTAL | 371.205.729 | 100% | 930.450.856 | 100% | 957.045.076 | 100% | 157,8% | 150,7% | 2,9% |

Fonte: SECEX/MDIC (2007); Elaboração IPECE.

Entre 1999 e 2005, houve um crescimento no número de destinos das exportações cearenses no total de 46 novos países. Todos esses contribuíram para o aumento do número de países na faixa de participação inferior a 1% da pauta de exportações em 2005. Pode-se observar os destinos por continentes dos 46 novos países participantes da pauta de exportações cearenses no ano de 2005.

Tabela 3.26
Continentes dos 46 Novos Países que integraram a Lista dos Destinos das Exportações Cearenses em 2005

| Continentes | Países | US\$ FOB | Part (%) 2005 |
|----------------|---|----------------------|---------------|
| África | Angola, Camarões, Tunísia, Ilhas Canárias, Malta, Gana, Moçambique, Reunião, Maurício, Nâmbia, Marrocos, Gabão, Serra Leoa, Gâmbia, Congo, Togo, Madagascar, Guiné-Bissau, Mali, Senegal, Somália, e Tanzânia | 9.577.774,00 | 1,03 |
| Ásia | Vietnã, Síria, Catar, Sri Lanka, Omã, Coréia do Norte, Mongólia e Geórgia | 829.872,00 | 0,09 |
| Europa | Irlanda, Romênia, Iugoslávia, Croácia, Letônia e Luxemburgo | 1.515.510,00 | 0,16 |
| América | Haiti, Cuba, Bahamas, Anguilla, Ilhas Virgens e Ilhas Turcas e Caicos | 2.376.897,00 | 0,26 |
| Oceania | Nova Caledônia, Polinésia Francesa e Ilhas Marshall | 234.170,00 | 0,03 |
| Total | | 14.534.223,00 | 1,57 |

Fonte: SECEX/MDIC (2007). Elaboração IPECE.

A avaliação por faixa de valores revela o desempenho de compra dos novos destinos.

Tabela 3.27
Participação Relativa nos Destinos por Faixa de Participação 1999 e 2005

| X = Participação Relativa nos destinos | 1999 | | 2005 | | Var (%) (2005/99) Nº de países |
|--|--------------|--------------------|--------------|--------------------|-----------------------------------|
| | Nº de países | (%) valor da pauta | Nº de países | (%) valor da pauta | |
| X < 1% | 79 | 8,74 | 119 | 16,87 | 50,6 |
| 1% ≤ X < 2% | 6 | 7,85 | 8 | 10,41 | 33,3 |
| 2% ≤ X < 10% | 7 | 17,15 | 9 | 41,75 | 28,6 |
| X ≥ 10% | 2 | 65,13 | 1 | 30,3 | -50 |
| Total | 94 | 98,87 | 137 | 99,33 | 45,7 |

Fonte: SECEX/MDIC (2007). Elaboração IPECE.

O número de países que tinham participação relativa entre um e dois por cento exclusive, e entre dois e dez por cento exclusive (as duas faixas intermediárias na primeira coluna da tabela 3.27) cresceu em 33,3% e 28,6%, respectivamente, entre 1999 e 2005. Em termos absolutos isto não significa muito, dado que o saldo final foi de apenas dois países a mais em cada uma das faixas, no último ano.

Contudo, observando-se o número de países que participaram com menos de 1% da pauta de exportações cearenses no ano de 2005, verificou-se que este número cresceu em 50,6% entre os anos analisados, ou seja, uma variação absoluta de quarenta e três países. Isto foi resultado da entrada de quarenta e seis novos países na lista dos destinos das exportações e da saída de três que eram presentes em 1999.

Desta forma, pode-se afirmar, dado o aumento no número de destinos das exportações cearenses, que o Estado do Ceará diversificou suas exportações mais em número de destinos do que em valor exportado, no período analisado entre 1999 e 2005. Tal resultado é confirmado pela avaliação por faixa de valores, que mostrou a manutenção da quantidade de países com importações igual ou superior a 1%.

A demanda internacional pelas exportações cearenses apresenta, então, duas características principais: (a) poucos países consomem a imensa parte dos produtos cearenses destinados ao exterior; (b) uma pequena parcela das vendas externa do Estado é fragmentada em um grande número de países que respondem por pequenas parcelas.

A participação dos novos países africanos nos destinos das exportações cearenses é, sem dúvida, algo relevante, principalmente, quando considerados conjuntamente, pois representaram um valor acima de US\$ 9,5 milhões, uma participação de 1,02% do total exportado pelo Estado. Somente a Angola participou com mais de um terço do valor exportado para esses novos países.

3.2.6. Exportações por Municípios

Na caracterização das exportações por municípios do Estado, foram analisadas as participações relativas daqueles que se apresentaram como os mais importantes, ou seja, aqueles que responderam por 90% do valor total das exportações do Estado, além daqueles que participaram com mais de 1% da pauta. A análise por município permite identificar a recorrência, a localização das empresas exportadoras e a concentração geográfica das exportações do Estado em determinado ano e sua evolução.

Em 2006, dentre os cento e oitenta e quatro municípios cearenses, apenas 47 participaram das exportações do Estado, número idêntico ao observado no ano anterior. Destes, um total de treze representaram os principais municípios, que responderam conjuntamente por 89,9% das exportações, perfazendo um total de US\$ 897,3 milhões no ano de 2006. Em 2005, uma quantidade igual de municípios (treze) respondeu conjuntamente por

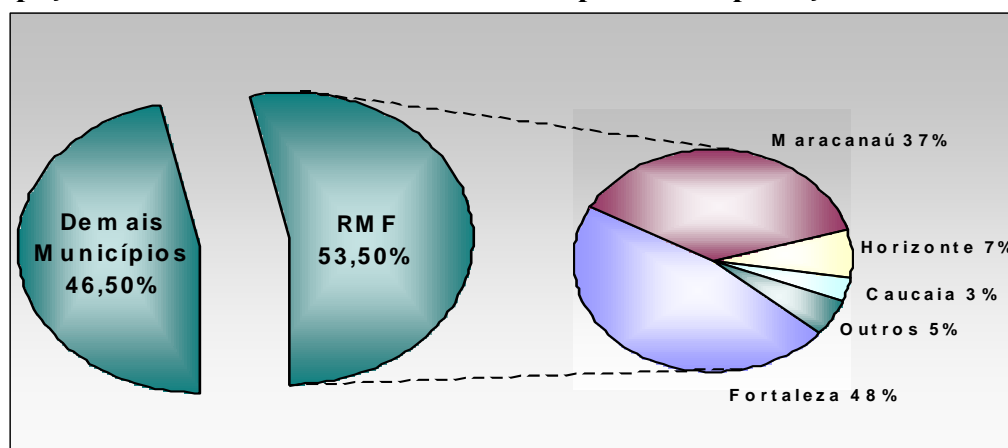
90,5% das exportações. Tal resultado revela uma situação estável em termos de concentração no valor por município exportador.

Dos quarenta e sete municípios exportadores cearenses, quarenta e um foram recorrentes nos anos de 2005 e 2006. Os municípios de Fortim, Amontada, Russas, Pindoretama, Canindé e Quixadá não exportaram em 2005. Enquanto isso, os municípios de Beberibe, Iguatu, Jucás, Pentecoste, Tianguá e Trairi deixaram de exportar em 2006.

Os municípios de Fortaleza, Maracanaú, Cascavel e Sobral são recorrentes entre os anos de 2005 e 2006 mantendo suas posições relativas no *ranking*. Em conjunto, tais cidades responderam por 64,9% das exportações cearenses em ambos os anos analisados.

Aqueles que registraram os maiores crescimentos entre os anos de 2005 e 2006 foram Barbalha, Juazeiro do Norte e Jaguaribe. Destes, Juazeiro merece especial atenção devido a sua maior participação, que passou para 1,8% da pauta em 2006 contra os 0,1% registrados em 2005.

Gráfico 3.6
Participação Relativa da RMF e Demais Municípios nas Exportações do Ceará - 2006



Fonte: SECEX/MDIC (2007). Elaboração IPECE.

Tabela 3.28
Exportações Cearenses por Municípios – 2005 e 2006 (US\$ FOB)

| Município | 2006 | Part(%) | 2005 | Part(%) | Var (%) |
|--------------------------|--------------------|---------------|--------------------|---------------|-------------|
| Fortaleza | 251.240.144 | 25,2% | 235.496.459 | 24,7% | 6,7% |
| Maracanaú | 199.758.537 | 20,0% | 195.506.700 | 20,5% | 2,2% |
| Cascavel | 119.994.431 | 12,0% | 127.495.684 | 13,4% | -5,9% |
| Sobral | 77.320.415 | 7,7% | 61.577.493 | 6,4% | 25,6% |
| Itapagé | 48.271.922 | 4,8% | 37.618.190 | 3,9% | 28,3% |
| Aracati | 42.674.352 | 4,3% | 48.169.601 | 5,0% | -11,4% |
| Horizonte | 36.642.514 | 3,7% | 34.724.401 | 3,6% | 5,5% |
| Quixeramobim | 28.229.448 | 2,8% | 22.149.723 | 2,3% | 27,4% |
| Quixeré | 24.674.785 | 2,5% | 20.173.822 | 2,1% | 22,3% |
| Caucaia | 18.115.944 | 1,8% | 22.253.266 | 2,3% | -18,6% |
| Juazeiro do Norte | 17.891.340 | 1,8% | 1.233.863 | 0,1% | 1350,0% |
| Uruburetama | 17.108.453 | 1,7% | 36.454.291 | 3,8% | -53,1% |
| Camocim | 15.373.213 | 1,5% | 21.695.934 | 2,3% | -29,1% |
| Itarema | 12.955.529 | 1,3% | 7.515.127 | 0,8% | 72,4% |
| Limoeiro do Norte | 10.841.039 | 1,1% | 4.894.618 | 0,5% | 121,5% |
| Crato | 7.796.659 | 0,8% | 8.510.460 | 0,9% | -8,4% |
| Aquiraz | 7.749.166 | 0,8% | 1.729.631 | 0,2% | 348,0% |
| Maranguape | 7.617.690 | 0,8% | 8.940.630 | 0,9% | -14,8% |
| Icapuí | 7.586.785 | 0,8% | 3.195.117 | 0,3% | 137,4% |
| Chorozinho | 7.124.218 | 0,7% | 15.336.207 | 1,6% | -53,5% |
| Senador Pompeu | 4.160.664 | 0,4% | 2.929.319 | 0,3% | 42,0% |
| Paraipaba | 3.716.642 | 0,4% | 2.586.348 | 0,3% | 43,7% |
| Banabuiú | 2.992.152 | 0,3% | 2.862.828 | 0,3% | 4,5% |
| Pacajus | 2.915.463 | 0,3% | 5.125.631 | 0,5% | -43,1% |
| Itapipoca | 2.851.950 | 0,3% | 2.198.436 | 0,2% | 29,7% |
| Jaguaruana | 2.810.062 | 0,3% | 2.550.358 | 0,3% | 10,2% |
| Morada Nova | 2.755.973 | 0,3% | 4.515.217 | 0,5% | -39,0% |
| Barroquinha | 2.028.139 | 0,2% | 1.406.991 | 0,1% | 44,1% |
| Santa Quitéria | 1.982.094 | 0,2% | 587.807 | 0,1% | 237,2% |
| Aracá | 1.952.766 | 0,2% | 3.573.833 | 0,4% | -45,4% |
| Marco | 1.947.743 | 0,2% | 3.376.421 | 0,4% | -42,3% |
| Fortim | 1.829.276 | 0,2% | - | 0,0% | - |
| Ubajara | 1.527.793 | 0,2% | 1.413.837 | 0,1% | 8,1% |
| Pacatuba | 1.323.947 | 0,1% | 1.148.695 | 0,1% | 15,3% |
| Montada | 727.386 | 0,1% | - | 0,0% | - |
| Russas | 703.490 | 0,1% | - | 0,0% | - |
| São Gonçalo do | 702.179 | 0,1% | 467.416 | 0,0% | 50,2% |
| Euzébio | 699.077 | 0,1% | 970.817 | 0,1% | -28,0% |
| Barreira | 443.951 | 0,0% | 523.975 | 0,1% | -15,3% |
| Paracuru | 417.127 | 0,0% | 262.893 | 0,0% | 58,7% |
| Jaguaribe | 314.184 | 0,0% | 54.466 | 0,0% | 476,8% |
| Indoretama | 223.437 | 0,0% | - | 0,0% | - |
| Itaitinga | 200.836 | 0,0% | 83.153 | 0,0% | 141,5% |
| Canindé | 51.680 | 0,0% | - | 0,0% | - |
| Barbalha | 42.589 | 0,0% | 100 | 0,0% | 42489,0% |
| São Benedito | 40.661 | 0,0% | 759.414 | 0,1% | -94,6% |
| Quixadá | 9.937 | 0,0% | - | 0,0% | - |
| Tianguá | - | 0,0% | 2.175.534 | 0,2% | -100,0% |
| Jucás | - | 0,0% | 339.970 | 0,0% | -100,0% |
| Beberibe | - | 0,0% | 313.982 | 0,0% | -100,0% |
| Trairi | - | 0,0% | 26.961 | 0,0% | -100,0% |
| Iguatu | - | 0,0% | 7.191 | 0,0% | -100,0% |
| Pentecoste | - | 0,0% | 14 | 0,0% | -100,0% |
| RMF | 534.089.715 | 53,5% | 521.783.006 | 54,6% | 2,4% |
| Demais Municípios | 464.248.067 | 46,5% | 433.149.818 | 45,4% | 7,2% |
| Total | 957.045.076 | 100,0% | 930.450.856 | 100,0% | 2,9% |

Fonte: SECEX/MDIC (2007). Elaboração IPECE.

(1) Conforme informação fornecida pela SECEX, os valores exportados pelos municípios totalizam valor diferente do total exportado pelo Estado, em função de serem apurados junto a cada uma das empresas exportadoras, incorrendo-se em imprecisões.

(2) As participações relativas aqui apresentadas foram calculadas em relação ao total dos valores de exportação municipal.

Vale destacar o papel importante da Região Metropolitana de Fortaleza. Sua participação nas exportações do estado foi de 53,5% em 2006 contra os 54,6% em 2005²⁰.

²⁰ Um total de treze municípios compõem a Região Metropolitana de Fortaleza (RMF), são eles, Aquiraz, Caucaia, Chorozinho, Euzébio, Fortaleza, Guaiúba, Horizonte, Itaitinga, Maracanaú, Maranguape, Pacajús, Pacatuba e São Gonçalo do Amarante.

3.2.7. Exportações por Empresas

A análise das vendas cearenses ao mercado internacional através da avaliação do desempenho por empresas exportadoras permite o estudo ao nível dos agentes produtivos. A abordagem fornece indicações sobre quais empresas se mostraram tradicionalmente exportadoras e quais passaram a exportar recentemente. Os dados fornecem ainda informações sobre: o número de empresas por faixa de valor, as atividades desenvolvidas e seus produtos, além da localização no Estado.

A análise por empresas está apoiada em dois critérios: (1) considera as quarenta principais entre os anos de 2003 e 2006²¹; e (2) leva em consideração aquelas que responderam, em conjunto e em ordem decrescente de valor exportado, por 50% do valor total vendido ao exterior pelo Estado.

Analisando-se o número de empresas exportadoras por faixa de valor, dentre as quarenta principais empresas entre 2003 e 2006, conclui-se que o número daquelas que exportaram acima de US\$ 50 milhões cresceu, passando de duas em 2003 para quatro em 2006. Em 2003, as empresas nesta faixa de valor exportado representaram 23,3% (ou US\$ 177,3 milhões) do total das exportações do Estado, enquanto em 2006, este percentual foi de 38,4% (US\$ 367,9 milhões).

Tabela 3.29
Número de Empresas por Faixa de Valor Exportado dentre as Quarenta Principais 2003 a 2006

| Anos | Acima de US\$ 50 milhões | | Entre US\$ 10 e 50 milhões | | Entre US\$ 5 e 10 milhões | | Até US\$ 5 milhões | | Valor Total Exportado |
|------|--------------------------|-----------|----------------------------|-----------|---------------------------|-----------|--------------------|-----------|-----------------------|
| | Nº | Valor (%) | Nº | Valor (%) | Nº | Valor (%) | Nº | Valor (%) | US\$ FOB |
| 2003 | 2 | 23,3 | 9 | 28,6 | 15 | 13,7 | 14 | 5,1 | 760.927.314 |
| 2004 | 3 | 33,1 | 16 | 36 | 15 | 12,2 | 6 | 2,9 | 859.369.027 |
| 2005 | 4 | 36,9 | 19 | 41,1 | 7 | 4,9 | 10 | 4,6 | 930.450.856 |
| 2006 | 4 | 38,4 | 18 | 36,6 | 15 | 10,4 | 3 | 1,4 | 957.045.076 |

Fonte: SECEX/MDIC (2007). Elaboração IPECE.

Valor (%) indica a participação no valor total exportado pelo Estado em cada ano considerado.

O número de empresas que exportaram na faixa entre US\$ 10 e 50 milhões também cresceu. A quantidade passou de nove empresas em 2003 para dezoito em 2006, tendo representado a maior variação absoluta do número de empresas por faixa, entre os dois anos analisados. Em 2003, as empresas desta faixa exportaram 28,6% do valor da pauta (ou seja, US\$ 217,7 milhões); já em 2006 exportaram 36,6% (US\$ 350,6 milhões).

²¹ A análise se concentrou entre os anos de 2003 e 2006 devido à indisponibilidade de informações referentes aos anos anteriores.

Com relação às empresas que exportaram na faixa entre US\$ 5 e 10 milhões, essas mantiveram o mesmo número entre os anos analisados. Em termos de participação, as empresas nesta faixa responderam por 13,7% (US\$ 104,7 milhões) do valor exportado em 2003. Em 2006, essa participação foi de 10,5% (US\$ 100,2 milhões), revelando uma redução de participação relativa derivada da redução do valor exportado dentro desta faixa, apesar de manter o número de empresas.

Já na faixa daquelas que exportaram até US\$ 5 milhões, o número diminuiu de catorze para três, representando a única queda dentre as faixas analisadas. Em 2003, essas empresas responderam por 5,1% do valor exportado (US\$ 38,6 milhões). Em 2006, essa participação caiu para 1,36% (US\$ 13,1 milhões).

Segundo estes dados, conclui-se que entre os anos de 2003 e 2006, ocorreu um aumento do valor exportado por empresas. Tal movimento deu-se principalmente pelo aumento do número de empresas nas faixas de maior valor, ou seja, aquelas acima de US\$ 10 milhões, em detrimento daquelas de menor valor, nas faixas até US\$ 10 milhões.

Segundo dados da Secretaria de Comércio Exterior (SECEX/MDIC), no ano de 2006, vinte e duas empresas participaram com mais de 1% das exportações cearenses, respondendo por 75,1% do valor vendido ao exterior pelo Estado. Em 2003, apenas dez empresas participaram individualmente com mais de 1% das exportações estaduais, sendo responsáveis por 58,4% do valor dos bens destinados ao mercado internacional. O resultado confirma o crescimento no número de empresas no mercado exportador cearense que participam com mais de 1% da pauta, além do aumento da concentração das exportações cearenses por parte das maiores empresas.

Tabela 3.30
Números das Principais Empresas Exportadoras Cearenses - 2003 a 2006

| Anos | Participação > 1% | | Totalizam 50% da Pauta | |
|-------------|-------------------|-----------|------------------------|-----------|
| | Nº | Valor (%) | Nº | Valor (%) |
| 2003 | 10 | 58,4 | 10 | 50,5 |
| 2004 | 20 | 70,3 | 8 | 50,1 |
| 2005 | 24 | 79,0 | 8 | 51,6 |
| 2006 | 22 | 75,1 | 8 | 51,6 |

Fonte: MDIC/SECEX (2007). Elaboração IPECE.

Na análise do grau de concentração das exportações cearenses por agentes produtivos, selecionou-se o número de empresas que responderam conjuntamente por aproximadamente 50% do valor das exportações em cada ano. Tais agentes são denominados, aqui, como principais empresas exportadoras. É interessante observar a possível recorrência

das empresas no comércio exterior do Estado. A existência de empresas que mantêm vendas regulares aos mercados internacionais é um fato positivo para a economia cearense ao fornecer indicações sobre a competitividade dessas, em especial quando o valor comercializado é expressivo.

Quando se analisa o grupo de empresas que exportaram conjuntamente esse percentual, observa-se que este número decresceu entre os anos de 2003 e 2006. Em 2003, essas empresas eram em um total de dez e exportaram conjuntamente um valor de US\$ 384,1 milhões. Neste ano, as exportações cearenses foram de US\$ 760,9 milhões. Em outras palavras, essas empresas participaram com 50,5% do valor total exportado pelo Estado. As principais empresas exportadoras, em ordem decrescente, nesse ano, foram: *Bermas Indústria e Comércio Ltda* (12,9%); *Vicunha Têxtil Ltda* (10,4%); *Disport Nordeste Ltda* (5,5%); *Kraft Foods do Brasil S.A.* (5,1%); *Compescal Comércio de Pescados Aracatiense Ltda* (3,6%); *TBM – Têxtil Bezerra de Menezes* (3,3%); *Grendene S.A.* (2,8%); *Companhia Brasileira de Resinas-Resibras* (2,5%); *Cascaju Agroindustrial S.A.* (2,3%) e *Pesqueira Maguary Ltda* (2,1%).

Em 2005, um total de oito empresas respondeu por um percentual próximo à cinqüenta por cento do total das exportações do Estado. Esse conjunto vendeu ao exterior um valor de US\$ 479,7 milhões, perfazendo uma participação de 51,55% do valor total exportado. As principais empresas exportadoras em 2005, foram: *Bermas Indústria e Comércio Ltda* (13,6%); *Vicunha Têxtil Ltda* (10,2%); *Grendene S.A.* (7,0%); *Disport Nordeste Ltda* (6,2%); *Iracema Indústria e Comércio de Castanhas de Caju Ltda* (5,1%); *Compescal Comércio de Pescados Aracatiense Ltda* (3,6%); *Vulcabras do Nordeste S.A.* (3,0%) e *Gerdau Aço Minas S.A.* (2,9%).

Em 2006, oito empresas se colocaram como as principais exportadoras. Esse conjunto exportou em valores, US\$ 494,2 milhões. Neste ano, a participação foi de 51,64% do total exportado pelo Estado. As principais empresas exportadoras, em 2006, foram: *Bermas Indústria e Comércio Ltda* (13,5%); *Vicunha Têxtil Ltda* (10,1%); *Grendene S.A.* (7,9%); *Disport Nordeste Ltda* (6,8%); *Iracema Indústria e Comércio de Castanhas de Caju Ltda* (4,5%); *Vulcabras do Nordeste S.A.* (3,2); *Calçados Aniger Nordeste Ltda* (2,9%) e *Compescal Comércio de Pescados Aracatiense Ltda* (2,6%).

Dentre aquelas que integraram o grupo das principais empresas exportadoras do Estado, as que apresentaram as maiores taxas de crescimento foram: *Calçados Aniger Nordeste Ltda* com variação de 23,4%, *Grendene S.A.* com 16,9% e *Disport Nordeste Ltda*,

revelando o forte incremento da participação da seção de calçados na pauta de exportações cearenses.

Dentre as maiores empresas exportadoras, destacam-se sete como grandes empresas importadoras do Estado. Dentre elas, têm-se: *Bermas Indústria e Comércio Ltda*, *Vicunha Têxtil S/A*, *Grendene S/A*, *Vulcabrás do Nordeste S/A*, *Calçados Aniger Nordeste Ltda*. Estes resultados mostram que boa parte dos insumos utilizados por estas empresas têm origem fora do Estado e a importância do acesso aos mercados internacionais como fornecedores de matérias-primas.

Tabela 3.31
Exportações Cearenses por Empresas – 2000 e 2006
(US\$ FOB)

| PRINCIPAIS EMPRESAS | 2006 (Jan/Dez) | | 2005 (Jan/Dez) | | Var% 06/05 |
|---|--------------------|--------------|--------------------|--------------|---------------|
| | US\$ F.O.B. | Part% | US\$ F.O.B. | Part% | |
| BERMAS INDUSTRIA E COMERCIO LTDA | 129.526.085 | 13,53 | 126.232.820 | 13,57 | 2,61 |
| VICUNHA TEXTIL S/A. | 96.953.056 | 10,13 | 94.837.766 | 10,19 | 2,23 |
| GRENDENE S A | 76.143.189 | 7,96 | 65.153.930 | 7 | 16,87 |
| DISPORT NORDESTE LTDA. | 65.357.975 | 6,83 | 57.481.442 | 6,18 | 13,7 |
| IRACEMA INDUSTRIA E COMERCIO DE CASTANHAS DE CAJU | 42.856.078 | 4,48 | 47.866.150 | 5,14 | -10,47 |
| VULCABRAS DO NORDESTE S/A | 30.641.784 | 3,2 | 27.599.909 | 2,97 | 11,02 |
| CALCADOS ANIGER NORDESTE LTDA | 27.337.286 | 2,86 | 22.149.723 | 2,38 | 23,42 |
| COMPESCAL COMERCIO DE PESCADO ARACATIENSE LTDA | 25.404.955 | 2,65 | 33.532.737 | 3,6 | -24,24 |
| COMPANHIA BRASILEIRA DE RESINAS-RESIBRAS | 24.746.122 | 2,59 | 24.852.886 | 2,67 | -0,43 |
| DEL MONTE FRESH PRODUCE BRASIL LTDA | 20.458.912 | 2,14 | 16.559.700 | 1,78 | 23,55 |
| PETROLEO BRASILEIRO S A PETROBRAS | 18.963.777 | 1,98 | 6.098.579 | 0,66 | 210,95 |
| OLAM BRASIL LTDA | 18.840.242 | 1,97 | 17.985.648 | 1,93 | 4,75 |
| CIA INDUSTRIAL DE OLEOS DO NORDESTE CIONE | 17.636.401 | 1,84 | 23.847.719 | 2,56 | -26,05 |
| CASCAJU AGROINDUSTRIAL S A | 16.936.675 | 1,77 | 14.856.122 | 1,6 | 14 |
| TBM TRADE - IMPORTACAO E EXPORTACAO S.A. | 16.890.393 | 1,76 | 19.632.461 | 2,11 | -13,97 |
| AMENDOAS DO BRASIL LTDA | 16.183.087 | 1,69 | 12.074.251 | 1,3 | 34,03 |
| GERDAU ACOS LONGOS S.A. | 15.077.897 | 1,58 | 2.804.689 | 0,3 | 437,6 |
| PESQUEIRA MAGUARY LTDA | 14.359.075 | 1,5 | 19.017.747 | 2,04 | -24,5 |
| ESMALTEC S/A | 12.578.314 | 1,31 | 10.056.664 | 1,08 | 25,07 |
| COMPEX INDUSTRIA E COMERCIO DE PESCA E | 10.974.934 | 1,15 | 10.617.223 | 1,14 | 3,37 |
| H.BETTARELLO CURTIDORA E CALCADOS LTDA | 10.431.574 | 1,09 | 9.710.543 | 1,04 | 7,43 |
| DURAMETAL S/A | 10.298.583 | 1,08 | 14.016.169 | 1,51 | -26,52 |
| MM MONTEIRO PESCA E EXPORTACAO LTDA | 9.136.836 | 0,95 | 5.413.577 | 0,58 | 68,78 |
| INTERMELON COMERCIAL EXPORTADORA E IMPORTADORA | 7.458.798 | 0,78 | 15.722.332 | 1,69 | -52,56 |
| NETUNO ALIMENTOS S/A | 7.390.676 | 0,77 | 14.225.115 | 1,53 | -48,04 |
| CIA METALIC NORDESTE | 7.281.870 | 0,76 | 4.778.713 | 0,51 | 52,38 |
| GRANITOS S A | 7.239.882 | 0,76 | 3.911.378 | 0,42 | 85,1 |
| FONCEPI COMERCIAL EXPORTADORA LTDA | 7.234.577 | 0,76 | 6.172.451 | 0,66 | 17,21 |
| CERAPELES LTDA | 7.072.128 | 0,74 | 4.881.781 | 0,52 | 44,87 |
| DAFRUTA INDUSTRIA E COMERCIO S/A | 6.998.586 | 0,73 | 4.621.673 | 0,5 | 51,43 |
| SINGER DO BRASIL INDUSTRIA E COMERCIO LTDA | 6.463.438 | 0,68 | --- | --- | --- |
| DAKOTA NORDESTE S/A | 6.070.314 | 0,63 | 7.272.257 | 0,78 | -16,53 |
| EMPRESA NAO CADASTRADA | 6.022.312 | 0,63 | 1.616.569 | 0,17 | 272,54 |
| WAXTRADE INDUSTRIAL DE CERAS LTDA | 5.655.914 | 0,59 | 3.127.223 | 0,34 | 80,86 |
| USIBRAS USINA BRASILEIRA DE OLEOS E CASTANHA LT | 5.529.830 | 0,58 | 1.178.412 | 0,13 | 369,26 |
| J.S. TROPICAL COMERCIO DE FRUTAS LTDA | 5.405.090 | 0,56 | 667.624 | 0,07 | 709,6 |
| VON ROLL DO BRASIL LTDA | 5.277.798 | 0,55 | 3.624.475 | 0,39 | 45,62 |
| PONTES INDUSTRIA DE CERA LTDA | 4.483.206 | 0,47 | 5.130.844 | 0,55 | -12,62 |
| PE DE FERRO NORDESTE LTDA | 4.446.762 | 0,46 | 2.271.031 | 0,24 | 95,8 |
| CALCADOS SENADOR POMPEU LTDA. | 4.160.664 | 0,43 | 2.749.884 | 0,3 | 51,3 |
| TOTAL DAS PRINCIPAIS EMPRESAS | 831.925.075 | 86,93 | 764.350.217 | 82,15 | 8,84 |
| DEMAIS EMPRESAS | 125.120.001 | 13,07 | 166.100.639 | 17,85 | -24,67 |
| TOTAL EXPORTADO | 957.045.076 | 100 | 930.450.856 | 100 | 2,86 |

FONTE: SECEX/MDIC (2007). Elaboração IPECE.

Algumas considerações acerca do comportamento da participação das principais empresas exportadoras do Estado merecem destaque. A análise individual das principais empresas permite uma melhor caracterização dos agentes produtivos responsáveis pela maior parcela dos produtos cearenses destinados ao mercado internacional. Outro ponto a ser identificado é a recorrência em anos diferentes. As empresas são apresentadas a seguir:

1. A **Bermas Indústria e Comércio Ltda**, empresa do ramo de couros, localizada nos municípios de Cascavel (CE) e Maracanaú (CE), manteve o primeiro lugar no *ranking* das maiores empresas exportadoras cearenses com exportações sempre crescentes entre os quatro anos analisados. Em 2003, esta empresa exportou US\$ 98,3 milhões passando a exportar US\$ 129,5 milhões em 2006, representando 13,5% do total exportado pelo Estado.
2. A **Vicunha Têxtil Ltda**, empresa localizada nos municípios de Fortaleza (CE), Maracanaú (CE) e Pacajus (CE), produtora de Índigos, Brins, Malhas, Tecidos Sintéticos, Filamentos e Fibras e Químicos Pet, com escritórios na Ásia, Europa, EUA, Argentina, Colômbia e Brasil, e tendo quatorze fábricas no Brasil, foi a segunda no *ranking* das maiores exportadoras do Estado entre os anos de 2003 a 2006. Apresentou crescimento de suas exportações de 2,2% com pequena perda de participação no último ano com relação a 2005.
3. A **Grendene S.A.**, empresa localizada nos municípios de Fortaleza (CE), Crato (CE) e Sobral (CE), maior fabricante de calçados do país, ocupava a sétima posição no *ranking* no ano de 2003 das maiores exportadoras, passando a ocupar o terceiro lugar nos anos seguintes, devido ao forte crescimento das suas exportações verificado no ano de 2004, registrando uma variação de mais de 225%. Em 2005, esta empresa sofreu perda de participação relativa em relação ao ano de 2004, devido à queda sofrida de suas exportações de mais de US\$ 5 milhões. Em 2006, recuperou o desempenho passando a exportar o valor de US\$ 76,1 milhões. Vale destacar que entre os 2003 e 2006, essa empresa foi a que mais contribuiu para o aumento do valor total exportado pelo Estado com US\$ 54,5 milhões.
4. A empresa **Disport Nordeste Ltda**, localizada nos municípios de Itapajé (CE), Pentecoste (CE) e Uruburetama (CE), é fabricante de calçados de borracha, plástico ou

couro natural. Esta empresa ocupava o terceiro lugar no *ranking* no ano de 2003, passando a ocupar o quarto lugar no *ranking* nos anos seguintes. A perda de posição ocorreu apesar do forte crescimento de suas vendas para o exterior de 56,5% e de sua crescente participação relativa entre os anos de 2003 e 2006, com uma variação absoluta de US\$ 23,6 milhões.

5. A empresa ***Iracema Indústria e Comércio de Castanha de Caju Ltda***, localizada no município de Fortaleza (CE), não exportava no ano de 2003, iniciando sua atividade exportadora a partir de 2004 já como quinta no *ranking* das maiores empresas exportadoras do Estado do Ceará. Tal posição foi mantida no ano de 2006, embora tenha apresentado redução do valor exportado com relação a 2005, passando de US\$ 47,8 milhões para US\$ 42,8 milhões. Dentre as oito principais empresas, esta apresentou a segunda maior redução de valor exportado em relação ao ano de 2005.
6. A empresa ***Vulcabras do Nordeste S.A***, localizada no município de Horizonte (CE), exportadora de calçados, ocupava a vigésima posição no *ranking* das maiores empresas exportadoras do Estado do Ceará, em 2003. Esta posição sobe para décima primeira, em 2004, resultado do incremento de exportações de aproximadamente US\$ 10,2 milhões com variação percentual de 150%. Em 2005, a empresa ocupou a sétima posição com um crescimento das exportações de 63% com relação ao ano anterior. O crescimento de 11,2% de suas exportações, em 2006, resultou em aumento de participação relativa e ganho de colocação no *ranking*, passando a ocupar a sexta posição. Em 2003, exportava US\$ 6,7 milhões, passando para US\$ 30,6 milhões em 2006. Tais valores revelam um ótimo desempenho ao longo dos quatro anos.
7. A ***Calçados Aniger Nordeste Ltda***, empresa exportadora de calçados, localizada no município de Quixeramobim (CE), ocupava em 2005 a décima primeira posição no *ranking* com o valor de US\$ 22,1 milhões. Em 2006, passou a ocupar a sétima posição com US\$ 27,3 milhões exportados, tendo apresentado o maior crescimento dentre as principais empresas. Vale salientar que em 2003, esta empresa ocupava a décima nona posição no *ranking* com o valor exportado de US\$ 6,9 milhões.
8. A ***Compescal Comércio de Pescado Aracatiense Ltda***, empresa localizada no município de Aracati (CE), exportadora de camarões, passou a ocupar a sexta posição no *ranking*

em 2005 frente à quinta posição em 2003. Em 2006, a maior queda de valor exportado dentre as principais empresas foi registrada por esta com o percentual de 24,2%. Este desempenho resultou tanto em perda de participação relativa nas exportações, reduzindo-a de 3,6% em 2005 para 2,6% em 2006, quanto em perda de posição no *ranking*, passando a ocupar a oitava posição neste último ano.

9. A empresa ***Gerdau Aço Minas S.A.***, localizada no município de Maracanaú (CE), uma das mais importantes siderúrgicas do país, possui um *mix* de produtos variados. Atuando nos mercados brasileiro e mundial, a empresa produz tarugos, placas e blocos, com aplicação nas indústrias naval, automobilística, construção civil e construção mecânica, não participava das exportações cearenses no ano de 2003. Em 2004, passou a ocupar a décima terceira posição no *ranking* das maiores exportadoras do Estado e em 2005 passou a ser a oitava, com um crescimento de 68,14%, o que lhe fez ganhar participação relativa entre os dois anos. No ano de 2005, essa empresa exportou US\$ 27 milhões, valor muito próximo do exportado pela *Vulcabras do Nordeste S.A.* que foi de US\$ 27,6 milhões, que ocupava o sétimo lugar nesse ano. Vale destacar que no ano de 2006, esta empresa não mais compunha o quadro das quarenta maiores empresas exportadoras do Estado do Ceará.

10. A empresa ***Kraft Foods Brasil S.A.*** localizada no município de Aracati e atuante no ramo de produtos alimentares, ocupava a quarta posição no *ranking* das maiores empresas exportadoras do Estado do Ceará no ano de 2003, tendo exportado o valor de US\$ 38,8 milhões. Em 2004, suas exportações decresceram 47% passando a exportar US\$ 20,6 milhões e a ocupar a oitava posição no *ranking*. Em 2005, esta empresa não apareceu mais no grupo das quarenta maiores empresas. Se compararmos suas exportações em 2003 com as principais empresas exportadoras em 2006, podemos concluir que se mantida suas exportações esta ocuparia a sexta posição no *ranking* nesse último ano.

11. A empresa ***Cascaju Agroindustrial S.A.***, localizada no município de Cascavel (CE), é uma empresa do Grupo Edson Queiroz, uma das maiores corporações do Nordeste do Brasil, exportadora de castanhas de caju, ocupava a nona posição no *ranking* das principais empresas exportadoras do Estado do Ceará no ano de 2003, com uma exportação de US\$ 17,5 milhões. Em 2004, a empresa perdeu posição no *ranking* e

passou a ocupar a décima segunda posição com o valor exportado de US\$ 16,1 milhões. Esta queda do valor exportado também gerou perda de participação relativa entre esses anos. Em 2005, a situação ficou ainda pior quando suas exportações alcançaram apenas US\$ 14,8 milhões. Com o resultado, passou a ocupar a décima sétima posição no *ranking* das maiores exportadoras do Estado, com uma participação relativa de 1,6% contra 2,31% verificada em 2003. No ano de 2006, aumentou suas exportações em 14%, passando a ocupar a décima quarta posição no ranking com o valor de US\$ 16,9 milhões. O comportamento observado por esta difere daquele observado para a empresa *Iracema Indústria e Comércio de Castanhas de Caju*, que tem revelado um forte desempenho nos últimos anos.

12. A empresa *Pesqueira Maguary Ltda*, empresa localizada no município de Camocim (CE), exportadora de camarões, em 2003 ocupava a décima posição no *ranking* das maiores exportadores do Estado. Em 2004, ganhou participação relativa, passando para nona posição devido ao acréscimo de 26,4% do valor exportado. Em 2005, passou a ocupar a décima terceira posição no *ranking* com uma redução do valor exportado de 3,62% com relação a 2004, totalizando US\$ 19 milhões em exportações em 2005. A forte queda de exportações verificada entre os anos de 2006 e 2005, de 24,5%, resultou em perda de participação passando a ocupar a décima oitava posição no ranking. Esta empresa revelou o mesmo comportamento da *Compescal*, empresa do mesmo ramo, que também apresentou queda do valor exportado nos últimos dois anos.

A análise acima corroborou o caráter de recorrência das principais empresas nas exportações cearenses. Todas as oito principais empresas foram recorrentes entre os anos de 2003 e 2006, com exceção da *Iracema Indústria e Comércio de Castanhas de Caju* que passou a exportar a partir do ano de 2004.

A recorrência é reforçada pela constatação de que do total das oito principais empresas exportadoras no ano de 2005, sete ocupavam as primeiras colocações no ano de 2006, ou seja; *Bermas Indústria e Comércio Ltda*; *Vicunha Têxtil Ltda*; *Grendene S.A.*; *Disport Nordeste Ltda*; *Iracema Indústria e Comércio de Castanhas Ltda*; *Vulcabrás do Nordeste S.A.*; e *Compescal Comércio de Pescados Aracatiense Ltda*.

As principais empresas exportadoras concentram-se na exportação de bens de consumo não duráveis, tais como castanhas de caju, têxteis, calçados, couros e peles, frutas e pescados. Vale salientar que dentre as principais empresas exportadoras de castanha de caju,

principal produto exportado pelo Estado no ano de 2006, temos a *Iracema Indústria e Comércio de Castanhas de Caju* (US\$ 42,8 milhões), *Cascaju Agroindustrial S/A* (US\$ 14,8 milhões) e *Amendoas do Brasil Ltda* (US\$ 16,9 milhões).

Os resultados das avaliações sobre o destino das exportações do Estado e sobre os municípios e empresas exportadoras, permitiram conhecer a demanda externa existente (países de destino) para os produtos cearenses no período recente, a localização da produção dos bens exportados (municípios) e os agentes produtivos responsáveis por ela (empresas).

Considerando as exportações destinadas aos blocos econômicos, entre 2005 e 2006, Estados Unidos (EUA) e União Européia (UE) colocaram-se como principais blocos compradores dos produtos cearenses. Neste período se destacaram, além da UE, o Mercosul e a Ásia, como os blocos que mais aumentaram suas participações no ranking dos principais destinos, ao passo que o EUA perdeu peso nesta classificação. O crescimento apresentado por tais blocos foi influenciado especialmente pela expansão das vendas locais aos mercados da Alemanha e Itália (UE), Argentina e Paraguai (Mercosul), China e Japão (Ásia).

Observando os países individualmente, o Ceará aumentou o número de compradores internacionais e intensificou as relações com nações com as quais já comercializava. Os novos países surgiram como compradores pouco expressivos, fato natural no início, e se apresentam como possibilidades para novos negócios em um movimento de amadurecimento da relação comercial, que deve ser explorado. A intensificação das relações já existentes foi percebida pela maior participação como destinos das exportações cearenses de alguns países, como o caso da Itália, Holanda e Reino Unido. Os países que mais se destacaram como compradores de produtos do Estado foram Estados Unidos, Argentina, Itália, Holanda, Canadá, Alemanha, Reino Unido e China, seja pela forte participação como destino ou pelo crescimento de suas importações do Ceará.

A economia cearense seguiu um processo interessante na expansão de mercados para os seus produtos. Ao passo que iniciou relações com novos países, intensificou as vendas aos parceiros já existentes, em especial às nações mais ricas. Desta forma combinou crescimento em novos mercados e crescimento em mercados ricos e tradicionais, adotando uma postura bastante positiva.

Entretanto, assim como para o caso brasileiro, a economia cearense ainda concentrou o maior volume de vendas para poucos países. O processo de diversificação deve seguir a lógica já apresentada: “Em um movimento de ampliação de mercados, os esforços devem considerar o tamanho da economia em questão e sua capacidade de absorver os produtos locais. O comportamento pretendido deve conciliar o aprofundamento das relações

comerciais com as nações mais ricas com as quais essas relações já existam e a busca de novos mercados, preferencialmente desenvolvidos ou em desenvolvimento”. A economia cearense parece ter seguido esta proposta²².

A análise dos municípios exportadores mostrou a localização da produção dos bens exportados. Tal produção se concentrou na Região Metropolitana de Fortaleza (RMF) e em outros centros urbanos de destaque no Estado como Sobral, Juazeiro e Barbalha.

A identificação dos municípios exportadores ajudou a localizar os agentes produtivos responsáveis pela produção cearense destinada ao exterior. A avaliação das empresas exportadoras revelou um universo reduzido de empresas respondendo por maiores parcelas das exportações locais e sugere que o crescimento das vendas do estado ao exterior foi fruto mais da expansão das exportações das empresas já exportadoras do que de novas atividades no comércio externo cearense.

Estes resultados evidenciam a necessidade de aumentar/incentivar a participação e o número de agentes produtivos e municípios envolvidos nas exportações locais. Essa estratégia promove para o restante da economia e do Estado cearense os já mencionados transbordamentos oriundos das vendas de produtos ao exterior. É válido frisar a importância de maiores esforços em favorecer o ingresso de pequenas e médias atividades nas exportações, além da expansão das vendas daquelas pequenas e médias que já exportam, dado os obstáculos e as fragilidades existentes para este grupo.

²² A utilização de períodos diferentes nas análises do Ceará e do Brasil não permitiu uma comparação mais aprofundada.

4. ANÁLISE QUALITATIVA DAS EXPORTAÇÕES CEARENSES

As etapas anteriores se dedicaram a avaliar a dinâmica das exportações estaduais, apresentando e quantificando os movimentos existentes. Entretanto, estes movimentos precisam ser qualificados a fim de que se obtenham indicações a respeito de algumas questões principais, como por exemplo, (a) características positivas e problemas existentes na pauta de exportações; (b) competitividade das exportações cearenses; e (c) fatores que exerceram influência sobre o desempenho apresentado.

Deste modo, busca-se nesta etapa do trabalho conhecer algumas características qualitativas da pauta de exportações do Estado do Ceará. De início conheceu-se a evolução do grau de concentração da pauta. Na seqüência, procurou-se saber em quais capítulos o Ceará apresentou algum tipo de especialização em relação ao país.

As exportações foram também analisadas segundo o dinamismo da demanda mundial e da intensidade tecnológica por capítulo, identificando a participação dos capítulos dinâmicos e intensivos em tecnologia na pauta. Para finalizar, realizou-se uma análise mais específica e detalhada dos principais produtos da pauta em 2006, buscando identificar possíveis oportunidades de negócio ou perdas de esforços.

4.1. Análise da Concentração das Exportações

Índice de Concentração das Exportações por Setores (ICXce)

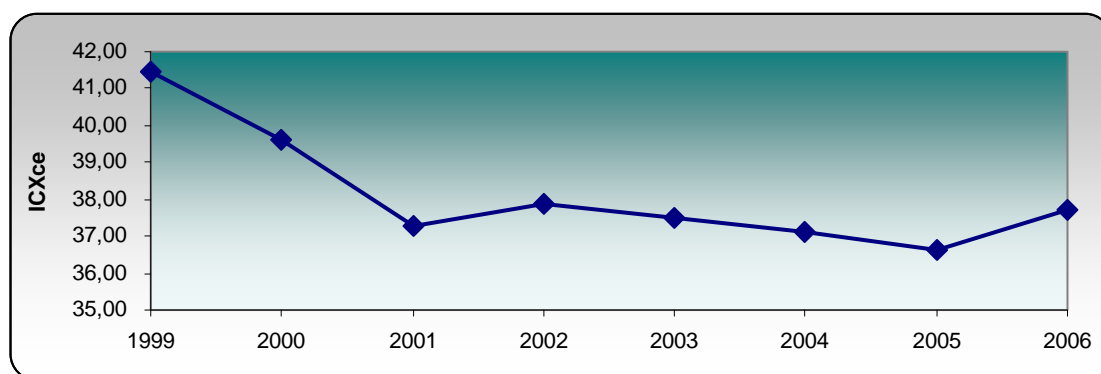
Para verificar a evolução do grau de concentração das vendas externas por setor (ou capítulo NCM) no Estado do Ceará, foi utilizado o índice de concentração das exportações chamado coeficiente de *Gini-Hirschman*:

$$ICXce = 100 \cdot \sqrt{\sum_i \left(\frac{X_i}{X} \right)^2}$$

Onde X representa o total das exportações do Estado e X_i o total das exportações do Estado do setor i. O valor do índice de concentração das exportações, ICX, pode assumir grandezas de 0 a 100. Quando $ICX=0$ indica baixa concentração das exportações revelando uma distribuição mais uniforme entre os diferentes setores exportados. Quando $ICX=100$ isto corresponde ao grau de concentração mais intenso, revelando que a pauta de exportações do Estado seria composta por apenas um único produto.

O resultado do índice reflete o efeito conjunto do número de setores que participaram da pauta e a participação relativa destes nas exportações totais do Estado em um dado ano. No período de 1999 a 2006 verificou-se uma tendência de queda na concentração das exportações, revelando uma maior diversificação da pauta, especialmente quando se considera que o número de setores exportadores aumentou entre estes anos, passando de 57 em 1999 para 74 em 2006.

Gráfico 4.1 - Índice de Concentração das Exportações Cearenses por Setor (ICXce) - 1999 a 2005



Fonte: SECEX/MDIC(2007); Elaboração IPECE.

Entretanto, quando se observou as participações relativas na pauta de exportações, foi percebido que poucos setores responderam por grande parte das vendas externas do Estado. Este movimento afetou o índice em sentido oposto ao efeito resultante do maior número de setores. Logo, apesar do processo de diversificação verificado nos últimos anos, com o ICXce passando de 41,5 em 1999 para 37,7 em 2006, as exportações cearenses ainda encontram-se concentradas.

Esta conclusão é resultado da comparação do índice de concentração calculado a partir dos valores reais exportados por cada setor do Estado com aquele índice resultante de uma situação ideal. Supondo que os 57 setores presentes na pauta de exportações cearenses em 1999 apresentassem a mesma participação relativa, o índice ICXce seria igual a 13,2 e não, 41,5. Em 2006, para os 74 setores, o resultado do ICXce seria de 11,6 e não, 37,7. Desta forma, se houvesse ocorrido uma maior desconcentração das participações relativas dos setores na pauta de exportações, os índices ICXce de 1999 e 2006, seriam menores do que aqueles apresentados no cálculo real.

Em 1999, oito setores responderam por aproximadamente 90% da pauta de exportações. Em 2006, este número cresceu para onze. Desta forma, embora com

maior quantidade de setores participando da pauta de exportações, os resultados indicam o pequeno valor comercializado dos novos em comparação ao total exportado pelo Ceará, o que comprova a manutenção da concentração em termos de valor exportado por setor. Se por um lado, o movimento de aumento do número de setores desconcentrou a pauta, por outro lado, a manutenção da forte participação relativa em alguns poucos setores, reduziu este efeito ao longo dos anos analisados. É importante frisar que este índice não embute juízo de valor, ou seja, não qualifica a concentração como perversa ou não, apenas a identifica.

Índice de Concentração das Exportações por Destinos (ICDce)

Da mesma forma que o coeficiente de Gini-Hirschman foi utilizado para medir a evolução do grau de concentração das exportações cearenses por setores, ele também será utilizado para verificar a evolução do grau de concentração das exportações cearenses por destino, sendo dado pela expressão abaixo:

$$ICDce = 100 \cdot \sqrt{\sum_p \left(\frac{X_{jp}}{X_j} \right)^2}$$

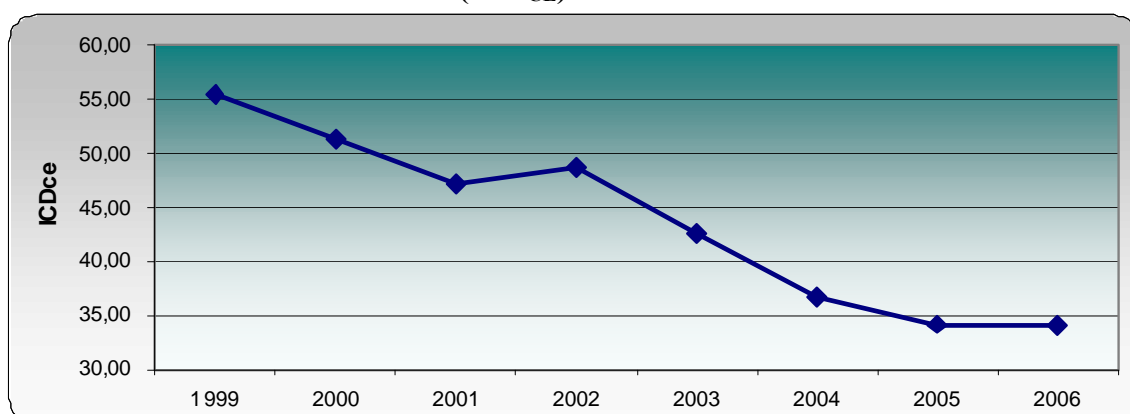
Onde X_{jp} representa o total das exportações do Estado j para o país p e X_j as exportações totais do Estado j . O valor do índice de concentração das exportações, $ICDce$, pode assumir grandezas de 0 a 100. Um valor mais próximo de 100 indicaria uma alta concentração em torno de destinos o que poderia revelar vulnerabilidade, em termos de barreiras à entrada de produtos, impostas pelos poucos parceiros. Um valor mais próximo de zero significaria maior diversidade de parceiros participando com participações praticamente iguais na compra das exportações do Estado j .

Semelhante ao anterior, o resultado do índice, neste caso, reflete o efeito conjunto do número de parceiros comerciais e da participação relativa destes como destino das exportações totais do Estado em um dado ano. No período de 1999 a 2006, verificou-se uma tendência de queda do $ICDce$, revelando uma maior diversificação nos destinos das exportações, com o número de parceiros comerciais aumentando entre estes anos, passando de 94 em 1999 para 139 em 2006.

Entretanto, quando se observa as participações relativas na pauta de exportações, conclui-se que poucos destinos responderam ainda por grande parte das compras dos produtos exportados pelo Estado isto afetou o índice de concentração em sentido oposto ao efeito resultante do maior número de parceiros comerciais.

Esses movimentos quando confrontados através do índice de concentração, indicaram que apesar do processo de desconcentração verificado nos últimos anos, com o ICDce passando de a 55,5 em 1999 para 34,0 em 2006, as exportações cearenses ainda encontram-se concentradas em alguns países. Esta conclusão, assim como no caso para setores, é resultado da comparação do índice de concentração calculado a partir dos valores reais exportados para cada destino com aquele índice resultante de uma situação ideal. Supondo que os 94 países que foram destinos das exportações cearenses em 1999 apresentassem a mesma participação relativa, o índice ICDce seria igual a 10,3 e não, 55,5. Em 2006, para os 139 países o resultado do ICDce ideal seria de 8,5 e não 34,0. Desta forma, conclui-se que, se houvesse ocorrido uma maior desconcentração das participações relativas dos destinos das exportações cearenses, os índices ICDce de 1999 e 2006 deveriam ser menores do que àqueles apresentados no cálculo real.

Gráfico 4.2 - Índice de Concentração das Exportações Cearenses por Destino (ICD_{CE}) - 1999 a 2006



Fonte: SECEX/MDIC(2007); Elaboração IPECE.

Em 1999, 15 países responderam por aproximadamente 90% da pauta de exportações, enquanto em 2006, este número passou para 25 países. Desta forma, embora com maior quantidade de países participando como destinos das exportações do Estado, os resultados indicam o pequeno valor comercializado dos novos compradores em comparação ao total exportado pelo Ceará, o que comprova a manutenção da concentração em termos de valor exportado por país de destino. A manutenção da forte participação relativa em alguns poucos parceiros comerciais, anulou parte do efeito desconcentrador provocado pela expansão na quantidade de parceiros.

4.2. Análise da Especialização da Pauta

A análise da especialização relativa por setores NCM foi realizada através do cálculo do coeficiente de especialização relativa (CSRice). Este tipo de análise permite captar em que setores o Estado do Ceará revelou-se especializado em relação ao país entre os anos analisados.

O Coeficiente de especialização relativa é calculado a partir da razão entre a participação das exportações do setor *i* no Estado (X_{ice}) nas exportações totais do Estado (X_{ce}) e a participação das exportações do setor *i* no país (X_{ibr}) nas exportações totais do país (X_{br}). Se $CSR_{ice} > 1$, tem-se uma especialização das exportações do Estado no setor específico em relação ao País. Se $CSR_{ice} < 1$, o Estado não se mostra especialização no setor específico quando comparado ao país. Como visto a especialização é identificada quando um setor é mais representativo nas exportações cearenses do que nas exportações brasileiras. Este resultado indica ainda em quais grupos de produtos a economia local apresenta certa vantagem quando comparada à economia nacional.

$$CSR_{ice} = \frac{X_{ice}/X_{ce}}{X_{ibr}/X_{br}}$$

Dentre os 74 setores exportados pelo Estado em 2006, apenas 24 apresentaram $CSR_{ice} > 1$, dos quais 14 registraram crescimento do coeficiente em relação a 1999, ao passo que 8 registraram redução no valor²³. Os setores que apresentaram os maiores coeficientes de especialização relativa no ano de 2006 foram: (08) *Frutas; cascas de cítricos e de melões* com um valor de 38,4; (03) *Peixes e crustáceos, moluscos e os outros invertebrados aquáticos* com 37,4; (52) *Algodão* com 23,7; (64) *Calçados, polainas e artefatos semelhantes, e suas partes* com 17,4; (89) *Embarcações e estruturas flutuantes* com 16,9; (13) *Gomas, resinas e outros sucos e extratos vegetais* com 13,5; (06) *Plantas vivas e produtos de floriculturas* com 11,5; (60) *Tecidos de malha* com 10,5; e (41) *Peles, exceto a peleiteira (peles com pêlo), e couros* com 9,8.

O movimento do indicador revela a evolução da especialização, bem como das vantagens existentes em relação ao país. Dentre os setores nos quais o Ceará apresentou especialização relativa, merecem destaque aqueles que aumentaram significativamente

²³ Dois setores não estavam presentes na pauta de exportações em 1999, não sendo possível avaliar suas evoluções entre os anos

o valor do coeficiente entre 1999 e 2006. São eles: (06) *Plantas vivas e produtos de floricultura* com crescimento no valor do coeficiente em 1.713%; (42) *Obras de couro; artigo de correio ou de seleiro; artigos de viagem, bolsas e artefatos semelhantes; obras de tripa* com 1.098%; (25) *Sal; enxofre; terras e pedras; gesso, cal e cimento* com 562% e (20) *Preparações de produtos hortícolas, de frutas ou de outras partes de plantas* com 409%.

Por outro lado, dentre os que registraram redução do coeficiente, destacaram-se: (55) *Fibras sintéticas ou artificiais, descontínuas* com uma redução de 92%; (11) *Produtos da indústria de moagem; malte; amidos e féculas; inulina; glúten de trigo* cuja queda foi de 90%; (08) *Frutas; cascas de cítricos e de melões* com 38,4 em 2006 contra 47,1 em 1999; (52) *Algodão* com 23,7 em 2006 contra 28,5 em 1999 e (13) *Gomas, resinas e outros sucos e extratos vegetais* com 13,5 em 2006 contra 20,2 em 1999.

4.3. Análise dos Setores Segundo o Dinamismo da Demanda Mundial e Intensidade Tecnológica da Pauta

A presente seção tem como objetivo principal avaliar duas questões de grande importância para o desempenho das exportações do Estado do Ceará: o dinamismo da demanda mundial e a intensidade tecnológica da pauta de exportações.

O primeiro ponto analisa as exportações do Estado sob a ótica da demanda mundial para cada conjunto de produtos específicos, (setores ou capítulos NCM). A demanda internacional para cada grupo de produtos, através de uma metodologia específica baseada no volume de comércio mundial, é classificada em diferentes níveis que indicam seu desempenho. Segundo esta classificação, pode se tratar, por exemplo, de um grupo cuja demanda mundial é crescente ou declinante. A análise consiste, então, em identificar o desempenho da demanda existente para os bens exportados pelo Ceará.

A questão seguinte avalia o conteúdo tecnológico dos produtos exportados, sendo a intensidade tecnológica dos bens mensurada pelo volume de gasto em pesquisa e desenvolvimento (P&D) nos seus processos produtivos.

Nesta seção são utilizadas duas classificações baseadas no trabalho realizado pelo Instituto de Estudos para o Desenvolvimento Industrial - IEDI (2003). Uma das classificações buscou qualificar o dinamismo das exportações cearenses, a partir da

análise das exportações mundiais entre os anos de 1996 e 2001. Neste intuito, foi necessário compatibilizar a classificação setorial da SECEX/MDIC com a da Standard International Trade Classification (STIC), revisão 3, utilizada pelo IEDI para identificar os setores de acordo com o dinamismo da demanda mundial.

A outra classificação refere-se à intensidade tecnológica dos setores exportados e tem como base o estudo desenvolvido pela Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico – OCDE. Tal estudo considerou os gastos em P&D em proporção à produção e ao valor adicionado de cada grupo setorial, classificando os setores como de baixa, média baixa, média alta e alta intensidade tecnológica. Contudo, para realizar esta qualificação para as exportações cearenses seguiu-se uma simplificação desta classificação, utilizada no trabalho do IEDI (2003) que posiciona os setores como de Alta, Média Alta e Não Alta/Média Alta intensidade tecnológica.

Segundo os dados da tabela 4.1, pode-se observar que ao longo do período de 1999 a 2005, os setores componentes da pauta de exportações cearenses concentraram-se em setores de demanda decadentes. Em outras palavras, compreendiam setores cujo crescimento foi negativo entre os anos de 1996 e 2001. As exportações apresentaram uma tendência de aumento no número destes setores, mas com redução do valor exportado.

Nota-se a forte concentração de setores de demanda decadentes e em regressão na pauta, em 2005. Em um universo de 75 setores, 52 deles estão nestes critérios de classificação. Ambas as categorias representam, conjuntamente, 93,4% do valor da pauta de exportações.

Tabela 4.1
Exportações Cearenses por Setor segundo a Dinâmica da Demanda Mundial
1999 - 2005

| Classificação do Dinamismo | 1999 | | 2005 | | Var (%) 05/99 Valor |
|----------------------------|-----------------|--------------|-----------------|--------------|------------------------|
| | Nº de Capítulos | Part (%)** | Nº de Capítulos | Part (%)** | |
| Em Decadência | 29 | 88,4 | 40 | 77,96 | -12% |
| Em Regressão | 11 | 8,04 | 12 | 15,42 | 92% |
| Intermediário | 4 | 0,17 | 6 | 0,41 | 141% |
| Dinâmicos | 6 | 1,51 | 8 | 4,34 | 187% |
| Muito Dinâmicos | 7 | 0,05 | 9 | 1,14 | 2180% |
| Total (*) | 57 | 98,17 | 75 | 99,27 | -12% |

Fonte: SECEX/MDIC, IEDI(2007). Elaboração IPECE.

(*) Excluiu-se da análise o setor (99) Transações especiais que complementaria os 100% da pauta de exportações cearenses.

(**) Participação referente ao valor do total exportado pelo Ceará em cada ano.

Vale notar, entretanto, que a participação dos setores (ou capítulos NCM) Dinâmicos e Muito Dinâmicos ainda é muito pequena na pauta de exportações cearenses, mas com uma tendência de crescimento do valor exportado, entre os anos analisados. Isto reflete certa melhoria nas exportações, principalmente à medida que o valor exportado pelos setores de demanda em decadência diminui.

No tocante à classificação da demanda mundial alguns comentários se tornam aqui necessários. Setores de demanda em decadência ou em regressão não devem ser taxados como algo desinteressante ao desempenho externo do Estado, e isto por alguns motivos específicos: (a) embora assim classificados, podem conter produtos que apresentam uma demanda melhor classificada e interessante para as atividades que os produzem e exportam, bem como para o Estado; (b) embora assim classificados, podem a curto (mais) e a médio prazo (menos) continuar a contribuir para a expansão das vendas externas do Estado, levando-se em conta as características e a competitividade da economia cearense e dos produtos exportados hoje existentes e o tempo necessário para serem melhoradas; e (c) assim classificados, são setores teoricamente de mais fácil acesso à grande maioria das empresas que desejam participar, ou aumentar sua participação no mercado externo dada a menor atratividade que oferecem aos concorrentes internacionais. Esta participação no comércio internacional traz vários outros ganhos às empresas envolvidas que não em termos de recursos financeiros e que são tão importantes quanto este, como o conhecimento de novas práticas de negociação e de novos mercados, entre outros.

Entretanto, os pontos positivos aqui identificados devem fazer parte de uma estratégia maior que garanta a sustentabilidade do desempenho externo alcançado, uma vez que tais vantagens têm efeitos reduzidos e decrescentes no tempo.

Com relação à intensidade tecnológica da pauta de exportações, verificou-se que o número de setores de alta intensidade tecnológica permaneceu o mesmo à medida que os de média alta intensidade tecnológica aumentaram de sete para onze, uma pequena variação entre os dois anos.

Tabela 4.2
Exportações Cearenses por Setores segundo a Intensidade Tecnológica
1999 – 2005

| Classificação da Intensidade Tecnológica | 1999 | | 2005 | | Var (%) da Participação 2005/99 |
|--|-----------------|--------------|-----------------|--------------|------------------------------------|
| | Nº de Capítulos | Part (%) | Nº de Capítulos | Part (%) | |
| Alta | 2 | 0,0023 | 2 | 0,01 | 304% |
| Média Alta | 7 | 4,62 | 11 | 2,84 | -39% |
| Não A/MA | 49 | 93,54 | 63 | 96,41 | 3% |
| Total | 57 | 98,17 | 75 | 99,27 | 1% |

Fonte: SECEX/MDIC, IEDI (2007). Elaboração IPECE.

(*) Excluiu-se da análise o setor (99) Transações especiais que complementaria os 100% da pauta de exportações cearenses.

Nota-se, desta forma, a forte concentração em setores de baixa Não Alta/Média Alta intensidade tecnológica, que representaram 83% do número total de setores exportados cearenses em 2005. Estes setores exportaram 96,41% do valor total das exportações cearenses no mesmo ano.

4.4. Análise de produto Segundo o Dinamismo, Potencial Importador a ser Explorado, Performance, Desempenho Exportador do Estado e Preço Médio

Nesta seção, realizou-se uma análise dos cinco produtos mais importantes nas exportações estaduais, que representaram conjuntamente 51,6% do valor total exportado pelo Estado no ano de 2006²⁴. Esta análise foi realizada através da classificação desenvolvida pelo sistema Radar Comercial do Ministério de Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior (MDIC), com base nas exportações ocorridas entre os anos de 2003 e 2005. Vale restaltar que este sistema considera como produto a classificação do Sistema Harmonizado da Nomenclatura Comum do Mercosul (NCM) até o sexto dígito, enquanto os produtos que perfazem os principais na pauta de exportações cearenses são classificados até o oitavo dígito. Desta forma, para realizar tal estudo, utilizaram-se apenas seis dígitos como uma aproximação dos produtos selecionados.

²⁴ A opção de não se utilizar o critério de identificar os principais produtos como sendo aqueles que, em conjunto e em ordem decrescente de valor exportado, somam 90% das exportações do estado em cada ano, é justificada pela grande quantidade de dados que deveria ser trabalhada, o que prejudicaria a qualidade no repasse das informações.

A análise que se segue levou em conta os seguintes critérios: a) Importação do produto selecionado: mundo e países selecionados; b) Desempenho exportador do Estado (DEST); c) Dinamismo; d) Performance; e) Potencial importador a ser explorado (PIE); f) preço médio; e g) Oportunidade de negócios. Os produtos selecionados apresentam-se abaixo:

Tabela 4.3
Produtos Selecionados para Análise Segundo Critérios do Radar Comercial

| Produtos | US\$ Mil FOB | Part % |
|---|----------------|--------------|
| 1 – Castanha de Caju, Fresca ou Seca, sem Casca (08013200) | 136.161 | 14,8 |
| 2 – Outs. Couros/Peles, Int.Bovinos, Pena Fl.Prepar. (41071120) | 111.604 | 12,1 |
| 3 – Outros Calçados de Couro Natural (64039900) | 98.511 | 10,7 |
| 4 – Calçados de Borracha/Plast.c/Parte Super.em Tiras, etc. (64022000) | 72.103 | 7,8 |
| 5 – Tecidos de Algodão>=85%, Fio Color. Denim, Índigo, P>200g/M2 (52094210) | 56.506 | 6,1 |
| Total Exportações Produtos Selecionados | 474.885 | 51,6 |
| Total Exportações Cearenses | 920.347 | 100,0 |

Fonte: SECEX/MDIC (2007). Elaboração IPECE.

4.4.1. Castanha de Caju, Fresca ou Seca, sem Casca – NCM (08013200)

A. Importação: mundo e países selecionados

O mundo importou deste produto uma média de US\$ 1,05 bilhão, ao ano entre 2003 e 2005. As importações mundiais foram crescentes entre estes anos passando de US\$ 824,3 milhões em 2003 para US\$ 1,26 bilhão em 2005, um crescimento de 53%.

O país que mais importou este produto foi os EUA, com importações médias de US\$ 494 milhões ao ano, entre 2003 e 2005. No último ano, suas importações representaram 43,5% do total importado deste produto pelo mundo. Neste mesmo ano, depois dos EUA apareceram os Países Baixos, com importações de US\$ 168,7 milhões e Reino Unido com US\$ 92 milhões. Dentre os maiores importadores, vale destacar o Reino Unido e a Espanha que aumentaram as importações deste produto em 104,4% entre os anos de 2003 e 2005.

Tabela 4.4
Castanha de Caju - Importação Total por Países Selecionados (2003 a 2005)

| País | Importações Totais do País Selec. | | | Média 2003-2005 | Part (%) 2005 | Var (%) 2003/05 |
|-----------------------------------|-----------------------------------|------------------|------------------|------------------|---------------|-----------------|
| | US\$ MIL FOB | | | | | |
| | 2003 | 2004 | 2005 | | | |
| Estados Unidos | 384.026 | 549.007 | 549.167 | 494.067 | 43,5% | 43,0% |
| Países Baixos | 118.540 | 118.750 | 168.725 | 135.338 | 13,4% | 42,3% |
| Reino Unido | 45.027 | 69.909 | 92.048 | 68.995 | 7,3% | 104,4% |
| Alemanha | 45.849 | 45.572 | 67.206 | 52.876 | 5,3% | 46,6% |
| Austrália | 38.415 | 50.933 | 62.016 | 50.455 | 4,9% | 61,4% |
| Canadá | 37.466 | 49.720 | 52.613 | 46.600 | 4,2% | 40,4% |
| Japão | 21.506 | 31.246 | 32.870 | 28.541 | 2,6% | 52,8% |
| França | 14.099 | 18.001 | 27.420 | 19.840 | 2,2% | 94,5% |
| Bélgica | 15.945 | 19.968 | 26.707 | 20.873 | 2,1% | 67,5% |
| Espanha | 10.793 | 16.781 | 22.057 | 16.544 | 1,7% | 104,4% |
| Itália | 10.712 | 12.385 | 17.608 | 13.568 | 1,4% | 64,4% |
| Luxemburgo | 11.726 | 13.881 | 16.295 | 13.967 | 1,3% | 39,0% |
| Totais Países Selecionados | 754.104 | 996.153 | 1.134.732 | 961.663 | 89,9% | 50,5% |
| Mundo | 824.279 | 1.088.976 | 1.261.665 | 1.058.307 | 100,0% | 53,1% |

Fonte: SECEX/MDIC, Radar Comercial (2007). Elaboração IPECE

B. Desempenho exportador do Estado (DEST)

As exportações cearenses deste produto somaram, em média, US\$ 129,5 milhões por ano entre 2003 e 2005. Estas exportações apresentaram crescimento de 24,2% neste período, passando de US\$ 109,9 milhões em 2003, para US\$ 136,5 milhões em 2005. Neste último, o Estado atendeu 10,8% das importações mundiais.

Entre os anos de 2003 a 2005, o Estado do Ceará exportou castanha de caju para 36 países dos 66 que compõem a base de dados do Sistema Radar Comercial do MDIC. Os EUA apareceram como o principal destino das exportações cearenses deste produto nos três anos analisados. Este país importou em média US\$ 90,9 milhões por ano, entre 2003 e 2005. Apresentou incremento de 10,4% de suas importações entre estes anos, atingindo a participação de 65,3% das exportações cearenses no último ano.

O segundo principal destino é o Canadá, com importações médias de US\$ 10,5 milhões por ano, apresentando, entretanto, um decréscimo nas suas importações de 1,5% entre os anos de 2003 e 2005. A participação deste país nas exportações do Estado deste produto, em 2005, atingiu os 7,3%.

Os dez principais destinos das exportações cearenses deste produto totalizaram 90,4% do total exportado pelo Estado em 2005. Vale salientar o forte crescimento das importações do Reino Unido no período, que foi de 707,3%.

Tabela 4.5
Castanha de Caju - Exportações Cearenses para Países Selecionados (2003 a 2006)

| País | Exportações do Ceará para o País Selec. | | | Média 2003/05 | Var(%) 2003/05 | Part(%) 2005 |
|------------------------------------|---|----------------|----------------|------------------|-------------------|-----------------|
| | US\$ MIL FOB | | | | | |
| | 2003 | 2004 | 2005 | | | |
| Estados Unidos | 80.716 | 102.916 | 89.107 | 90.913 | 10,4% | 65,3% |
| Canadá | 10.067 | 11.630 | 9.921 | 10.539 | -1,5% | 7,3% |
| Reino Unido | 519 | 1.732 | 4.190 | 2.147 | 707,3% | 3,1% |
| Itália | 3.263 | 3.465 | 3.367 | 3.365 | 3,2% | 2,5% |
| França | 1.096 | 1.691 | 3.321 | 2.036 | 203,0% | 2,4% |
| África do Sul | 1.481 | 2.970 | 3.320 | 2.590 | 124,2% | 2,4% |
| Países Baixos | 969 | 1.739 | 2.917 | 1.875 | 201,0% | 2,1% |
| Rússia | 1.015 | 2.107 | 2.897 | 2.006 | 185,4% | 2,1% |
| México | 1.494 | 2.461 | 2.856 | 2.270 | 91,2% | 2,1% |
| Portugal | 708 | 1.231 | 1.456 | 1.132 | 105,6% | 1,1% |
| Total dos países selec. | 101.328 | 131.942 | 123.352 | 118.874 | 1629,9% | 90,4% |
| Mundo | 109.947 | 142.109 | 136.506 | 129.521 | 24,2% | 100,0% |

Fonte: SECEX/MDIC, Radar Comercial (2007). Elaboração IPECE

C. Dinamismo

O mundo apresentou um comportamento dinâmico entre os anos de 2003 e 2005 para as importações deste produto. Este dinamismo revela que na economia mundial o crescimento da demanda por este produto é superior ao crescimento médio da

demanda por todos os produtos, indicando ganho de participação relativa das importações deste produto no total das importações globais²⁵.

A definição de dinamismo para o comércio mundial é igualmente válida para o comércio de cada país individualmente. Dentre os 66 países analisados, 46 apresentaram comportamento dinâmico, 9 registraram um comportamento estável, 8 em declínio e para 3 países não foi possível a avaliação. Todos os dez principais importadores mundiais deste produto, os quais totalizaram 89,9% da demanda mundial, apresentaram um comportamento dinâmico no período analisado.

Tabela 4.6
Castanha de Caju - DINAMISMO por Países Seleccionados (2003 a 2005)

| País | Importações Totais do País Selec. | | | Dinamismo | Part(%) 2005 |
|-----------------------------------|-----------------------------------|------------------|------------------|-----------------|-----------------|
| | US\$ MIL FOB | | | | |
| | 2003 | 2004 | 2005 | | |
| Estados Unidos | 384.026 | 549.007 | 549.167 | Dinâmico | 43,5% |
| Países Baixos | 118.540 | 118.750 | 168.725 | Dinâmico | 13,4% |
| Reino Unido | 45.027 | 69.909 | 92.048 | Dinâmico | 7,3% |
| Alemanha | 45.849 | 45.572 | 67.206 | Dinâmico | 5,3% |
| Austrália | 38.415 | 50.933 | 62.016 | Dinâmico | 4,9% |
| Canadá | 37.466 | 49.720 | 52.613 | Dinâmico | 4,2% |
| Japão | 21.506 | 31.246 | 32.870 | Dinâmico | 2,6% |
| França | 14.099 | 18.001 | 27.420 | Dinâmico | 2,2% |
| Bélgica | 15.945 | 19.968 | 26.707 | Dinâmico | 2,1% |
| Espanha | 10.793 | 16.781 | 22.057 | Dinâmico | 1,7% |
| Itália | 10.712 | 12.385 | 17.608 | Dinâmico | 1,4% |
| Luxemburgo | 11.726 | 13.881 | 16.295 | Dinâmico | 1,3% |
| Total Países Seleccionados | 754.104 | 996.153 | 1.134.732 | | 89,9% |
| Mundo | 824.279 | 1.088.976 | 1.261.665 | Dinâmico | 100,0% |

Fonte: SECEX/MDIC, Radar Comercial (2007). Elaboração IPECE

D. Performance

O Ceará apresentou uma performance decrescente das exportações de castanha de caju. Esta performance significa que a participação relativa das exportações cearenses nas importações mundiais deste produto decresceu ao longo do período de 2003 a 2005.

Como no item anterior, a definição de performance aplicada à economia mundial é a mesma utilizada para a avaliação por país individualmente. Dentre os dez principais destinos das exportações cearenses deste produto, o Ceará apresentou uma performance decrescente em cinco deles. Vale destacar que a maior parte das

²⁵ É importante frisar que o dinamismo discutido nesta etapa (6.4) difere conceitualmente daquele analisado na etapa anterior (6.3). Nesta, o dinamismo considerado classificava o desempenho da demanda mundial por grupo de produtos específicos a partir do seu **volume mundial de comércio**; na etapa atual (6.4), o dinamismo indica que a demanda para **determinada produto** apresentou um comportamento relativamente melhor do que os demais, evidenciado pelo **ganho de participação relativa nas importações mundiais**. Vale frisar, que as ressalvas válidas aqui (seção 6.4) quanto à classificação desse dinamismo e o decorrente posicionamento da economia cearense são as mesmas existentes na seção anterior (6.3).

exportações do Estado destina-se a um país cuja participação das exportações cearenses no total das importações deste produto por parte deste país é decrescente.

Observa-se, adicionalmente, que o Ceará aproveitou oportunidades de negócios em países como o Reino Unido e a França, já que a performance das exportações cearenses é crescente nestes países, que apresentam comportamento dinâmico para suas importações de castanha de caju.

Tabela 4.7
Castanha de Caju – PERFORMANCE por Países Selecionados (2003 a 2005)

| País | Exportações do Ceará para o País Selec. | | | Performance | Part(%) 2005 |
|----------------------------------|---|----------------|----------------|--------------------|-----------------|
| | US\$ MIL FOB | | | | |
| | 2003 | 2004 | 2005 | | |
| Estados Unidos | 80.716 | 102.916 | 89.107 | Decrescente | 65,3% |
| Canadá | 10.067 | 11.630 | 9.921 | Decrescente | 7,3% |
| Reino Unido | 519 | 1.732 | 4.190 | Crescente | 3,1% |
| Itália | 3.263 | 3.465 | 3.367 | Decrescente | 2,5% |
| França | 1.096 | 1.691 | 3.321 | Crescente | 2,4% |
| África do Sul | 1.481 | 2.970 | 3.320 | Decrescente | 2,4% |
| Países Baixos | 969 | 1.739 | 2.917 | Decrescente | 2,1% |
| Rússia | 1.015 | 2.107 | 2.897 | Crescente | 2,1% |
| México | 1.494 | 2.461 | 2.856 | Crescente | 2,1% |
| Portugal | 708 | 1.231 | 1.456 | Crescente | 1,1% |
| Total países selecionados | 101.328 | 131.942 | 123.352 | | 90,4% |
| Mundo | 109.947 | 142.109 | 136.506 | Decrescente | 100,0% |

Fonte: SECEX/MDIC, Radar Comercial (2007). Elaboração IPECE

E. Potencial importador a ser explorado (PIE)

O mundo apresentou no período analisado um potencial importador a ser explorado pelo Estado do Ceará de US\$ 891,9 milhões, equivalente a 84,2% da demanda mundial para este produto. Este resultado indica o espaço para crescimento das exportações cearenses de castanha de caju. O Estado do Ceará participou, em média, atendendo 15,8% das importações mundiais neste período.

Como destacado na metodologia, o PIE é construído a partir da diferença entre a média dos valores totais importados anualmente do produto pela economia mundial, no período analisado, e a média dos valores importados do Estado do Ceará no mesmo período.

Dentre os 66 países analisados, o Ceará não exportou para trinta deles entre 2003 e 2005. Isto representa um potencial importador médio a ser explorado de US\$ 94,9 milhões. Dentre estes países, destacam-se o Japão com um potencial importador a ser explorado de US\$ 28,5 milhões e Luxemburgo com 13,9 milhões, que apresentam comportamento dinâmico para suas importações de castanha de caju.

Dentre os países para os quais o Ceará já exporta este produto, ainda existe uma grande demanda potencial a ser explorada, no valor médio de US\$ 797,7 milhões. Este valor representa 75,4 % do valor total importado no mundo. Os dez maiores potenciais importadores a ser explorados no mundo representam 88,0% do total do potencial global. O país que apresenta o maior potencial importador a ser explorado é o EUA, com US\$ 370,5 milhões, em seguida aparece os Países Baixos com US\$ 132,5 milhões. Observa-se que, entre 2003 e 2005, estes dois países apresentaram dinamismo nas importações deste produto e o Estado Ceará apresentou performance decrescente nas exportações da castanha de caju para os mesmos.

O Ceará somente supriu, em média, 25% da demanda americana e 2,2% da demanda dos Países Baixos. Este fato sinaliza a perda de oportunidade de realização de negócios com grandes importadores mundiais da castanha de caju e a necessidade de estimular o comércio deste produto, a curto prazo, principalmente com os EUA e Países Baixos.

Tabela 4.8
Castanha de Caju – Potencial Importador a ser Explorado pelo Ceará (2003 a 2005)

| País | Dinamismo | PIE US\$ 1000 FOB | Part. (%) | Performance | Prioridade | DEST US\$ 1000 FOB | Part(%) PIE |
|--------------------------------|-----------------|-------------------|-------------|--------------------|-------------|--------------------|---------------|
| Estados Unidos | Dinâmico | 370.484 | 74,9 | Decrescente | Curto Prazo | 129.520 | 41,5% |
| Países Baixos | Dinâmico | 132.463 | 97,8 | Decrescente | Curto Prazo | 129.520 | 14,9% |
| Reino Unido | Dinâmico | 66.775 | 96,7 | Crescente | - | 129.520 | 7,5% |
| Alemanha | Dinâmico | 51.256 | 96,9 | Decrescente | - | 129.520 | 5,7% |
| Austrália | Dinâmico | 49.720 | 98,5 | Crescente | Curto Prazo | 129.520 | 5,6% |
| Canadá | Dinâmico | 32.978 | 70,7 | Decrescente | - | 129.520 | 3,7% |
| Japão | Dinâmico | 28.540 | 100,0 | - | - | 129.520 | 3,2% |
| Bélgica | Dinâmico | 20.641 | 98,8 | Crescente | - | 129.520 | 2,3% |
| França | Dinâmico | 17.302 | 87,2 | Crescente | - | 129.520 | 1,9% |
| Espanha | Dinâmico | 15.054 | 90,9 | Crescente | - | 129.520 | 1,7% |
| Total dos países selec. | | 785.213 | | | | | 88,0% |
| Mundo | Dinâmico | 891.925 | 84,2 | Decrescente | - | 129.520 | 100,0% |

Fonte: SECEX/MDIC, Radar Comercial (2007). Elaboração IPECE

F. Preço médio

O país que pagou o melhor **preço médio por quilo** na aquisição deste produto no mundo, em 2005, foi o Paraguai com o valor de US\$/KGL 14,19. Em seguida veio Luxemburgo com US\$/KGL 10,14 e o Panamá com US\$/KGL 8,69. Dentre os dez maiores preços, vale salientar que as maiores variações de preço ocorridas, entre os anos de 2003 e 2005, foram da Guatemala com 95,4%, da Croácia com 83,8% e do Paraguai com 83,1%.

O Ceará não participa das importações dos dez países que melhor pagam em média no mundo por este produto. O preço médio de compra deste produto praticado

por estes países é superior ao preço médio praticado pelo Ceará, no ano de 2005, US\$/KGL 4,48, nas exportações realizadas para o mundo. Estes dados revelam perda de oportunidade de crescimento no valor exportado, devido à disparidade entre os preços praticados nestes países e a média do Estado.

Tabela 4.9
Castanha de Caju – PREÇO MÉDIO DE COMPRA (US\$ FOB/KGL): Países Seleccionados (2003 a 2005)

| País | Importações Totais do País Selec. | | | Var (%) 2003/05 |
|------------|-----------------------------------|--------|--------|--------------------|
| | US\$ FOB/KGL | | | |
| | 2003 | 2004 | 2005 | |
| Paraguai | 7,750 | 0,388 | 14,188 | 83,1% |
| Luxemburgo | 11,843 | 11,348 | 10,141 | -14,4% |
| Panamá | 7,074 | 7,104 | 8,693 | 22,9% |
| Guatemala | 4,126 | 4,185 | 8,063 | 95,4% |
| Croácia | 4,255 | 7,066 | 7,822 | 83,8% |
| Eslovênia | 6,051 | 6,593 | 7,573 | 25,2% |
| Finlândia | 5,687 | 7,184 | 7,474 | 31,4% |
| Irlanda | 5,343 | 5,674 | 7,462 | 39,7% |
| Áustria | 7,560 | 5,588 | 6,716 | -11,2% |
| Dinamarca | 5,260 | 6,868 | 6,473 | 23,1% |

Fonte: SECEX/MDIC, Radar Comercial (2007). Elaboração IPECE

Dentre os países que pagaram os melhores preços pelas importações deste produto do Ceará, neste mesmo ano, pode-se citar Taiwan com US\$/KGL 6,00 e a Turquia com US\$/KGL 5,73. Vale salientar que, neste ano, todos os países pagaram mais pelo produto cearense do que por suas importações médias deste produto no mundo, à exceção do Peru e do Chile.

G. Oportunidade de Negócios

Conclui-se, com base no exposto anteriormente, que o Estado do Ceará possui para este produto um amplo espaço potencial a ser explorado dentre os países com os quais ele já mantém relações comerciais, pois são, também, os seus maiores consumidores. Além disto, valeria a pena diversificar os destinos para alguns países que ainda não são compradores das exportações cearenses mas figuram dentre os maiores importadores mundiais, como é o caso do Japão que importa em média US\$ 28,5 milhões e ocupa a sétima posição. Exportar para países que praticam preços bem superiores à média recebida pelo Estado, tais como Luxemburgo, Suécia, Irlanda e Áustria poderia ser uma forma de aumentar o valor de nossas exportações.

O país que possui o maior potencial importador a ser explorado deste produto pelos exportadores cearenses é os **EUA**, apresentando, também, um comportamento

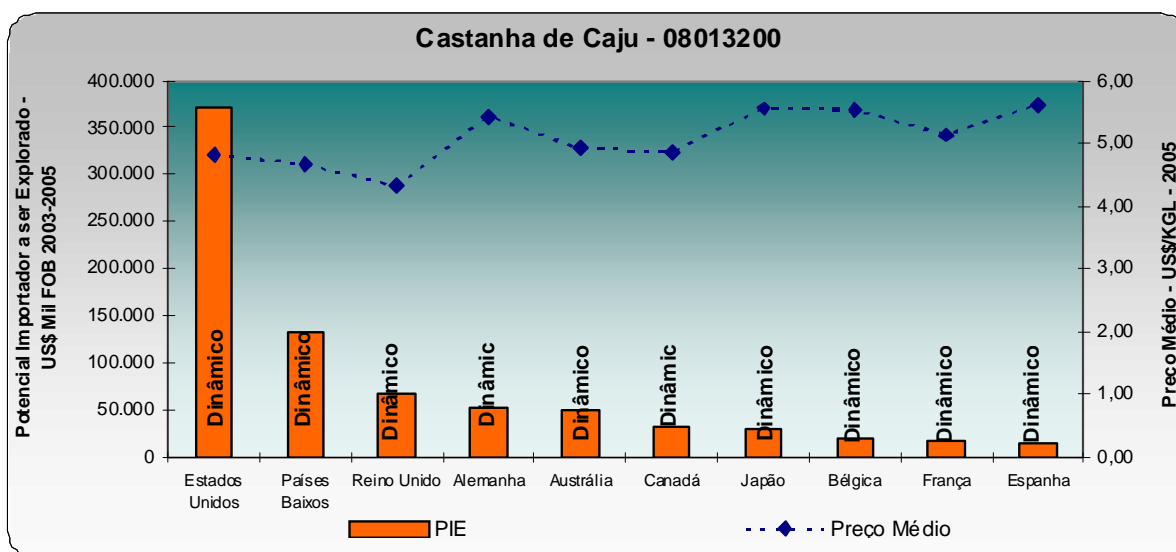
dinâmico das importações de tal bem. Este país não vem praticando os melhores preços por quilo, pagando US\$/KGL 4,82, entretanto, apresenta-se pouco superior ao preço médio das exportações cearenses deste produto em 2005. Diante destes dados, os EUA representam uma boa oportunidade de negócio para os exportadores cearenses.

Os **Países Baixos** representam o segundo maior potencial importador de **Castanha de Caju** a ser explorado no mundo, têm comportamento dinâmico para as importações deste bem e o preço médio de compra praticado no mundo é pouco superior ao preço médio das exportações cearenses. Nestas condições, a orientação é a mesma dada para as exportações cearenses junto aos EUA.

Merece destaque a **Espanha**, que na décima colocação dentre os dez maiores PIE's mundiais para este produto, apresenta comportamento dinâmico das importações e o maior preço pago no mundo entre os dez maiores PIE's, de US\$ 5,62.

Os dez países que representam os maiores PIE's para este produto no mundo apresentam comportamento dinâmico.

Gráfico 4.3
Castanha de Caju – Oportunidade de Negócio para Ceará



Fonte: SECEX/MDIC, Radar Comercial (2007). Elaboração IPECE

A análise segue agora em relação aos concorrentes do Estado do Ceará nas importações dos países selecionados acima:

a) EUA

Os principais concorrentes dos exportadores cearenses nas importações americanas deste produto são a China com participação de 76,80%, e Japão com 12,90%. Vale salientar o incremento de exportações do primeiro país para EUA, da ordem de 69,78% entre os anos de 2003 e 2005.

b) Países Baixos (Holanda)

Os principais concorrentes dos exportadores cearenses nas importações holandesas deste produto são a Itália com participação de 31,56%, a Espanha com 26,81% e a Grécia com 8,13%. Vale salientar o incremento de importações do primeiro país da ordem de 35,25% entre os anos de 2003 e 2005.

c) Espanha

Os principais concorrentes dos exportadores cearenses nas importações espanholas deste produto são a China com participação de 73,84% e o Japão com 8,95%. Vale salientar o incremento de exportações do primeiro país para a Espanha de 71,23% entre os anos de 2003 e 2005.

4.4.2. Couros e peles inteiros, de bovinos ou de eqüídeos, preparados após curtimenta ou secagem, plena flor, não divididos – NCM (41071120)

A. Importação: mundo e países selecionados

O mundo importou deste produto uma média anual de US\$ 928,5 milhões, entre os anos de 2003 e 2005. As importações mundiais foram crescentes entre estes anos, passando de US\$ 869,7 milhões em 2003 para US\$ 935,7 milhões em 2005, um crescimento de 7,6%.

O país que mais importou este produto no mundo foi os EUA, com importações anuais médias de US\$ 288,2 milhões, entre 2003 e 2005. No último ano, as importações deste país representaram 28,2% do total importado deste produto pelo mundo. Entretanto, vale salientar que as importações do mesmo produto pela economia americana caíram em 9,4%. Em segundo lugar, no ano de 2005, apareceu a China, com importações médias de US\$ 112,6 milhões e em terceiro, Hong Kong com US\$ 41,3 milhões.

Dentre os maiores importadores, vale destacar o México que aumentou as importações deste produto em 4.653,3% entre os anos de 2003 e 2005, revelando o maior crescimento dentre todos os países analisados. Este feito resultou na quarta posição dentre os grandes importadores de couros e peles no ano de 2005.

Tabela 4.10
Couros e Peles - Importação Total por Países Seleccionados (2003 a 2005)

| País | Importações Totais do País Selec. | | | Média 2003-2005 | Part(%) 2005 | Var(%) 2003/05 |
|----------------------------|-----------------------------------|----------------|----------------|-----------------|---------------|----------------|
| | US\$ MIL FOB | | | | | |
| | 2003 | 2004 | 2005 | | | |
| Estados Unidos | 291.072 | 309.821 | 263.778 | 288.224 | 28,2% | -9,4% |
| China | 111.460 | 141.415 | 85.019 | 112.631 | 9,1% | -23,7% |
| Hong Kong | 34.241 | 18.458 | 71.458 | 41.386 | 7,6% | 108,7% |
| México | 1.390 | 46.046 | 66.071 | 37.836 | 7,1% | 4653,3% |
| Romênia | 46.865 | 58.089 | 64.709 | 56.554 | 6,9% | 38,1% |
| Polônia | 57.649 | 55.904 | 52.238 | 55.264 | 5,6% | -9,4% |
| Alemanha | 49.633 | 58.468 | 43.391 | 50.497 | 4,6% | -12,6% |
| Marrocos | 19.275 | 23.907 | 33.299 | 25.494 | 3,6% | 72,8% |
| Hungria | 13.464 | 37.683 | 30.324 | 27.157 | 3,2% | 125,2% |
| Espanha | 29.001 | 27.001 | 25.406 | 27.136 | 2,7% | -12,4% |
| Total Países Selec. | 654.050 | 776.792 | 735.693 | 722.178 | 79% | 12,5% |
| Mundo | 869.749 | 980.046 | 935.755 | 928.517 | 100,0% | 7,6% |

Fonte: SECEX/MDIC, Radar Comercial (2007). Elaboração IPECE

B. Desempenho exportador do Estado (DEST)

O Estado do Ceará exportou em média, entre os anos de 2003 e 2005, o valor de US\$ 88,2 milhões. Isto representa apenas 9,5% da média das importações mundiais neste período. O valor das exportações deste produto, pelo Estado, foi crescente entre os anos, passando de US\$ 75,7 milhões em 2003, para US\$ 99,7 milhões em 2005.

O país que mais importou este produto do Ceará foi a Itália, no valor anual médio de US\$ 22,9 milhões entre os anos de 2003 e 2005. A participação relativa da Itália nas exportações cearenses deste produto foi de 24,4% em 2005. Em segundo lugar apareceu o Canadá, com média anual de importações de US\$ 15,7 milhões, seguido pelos EUA com US\$ 11,9 milhões.

Vale salientar que Hong Kong, Noruega, Tailândia, Malásia e Países Baixos (Holanda) apresentaram crescimentos significativos de suas importações cearenses deste produto. A China apareceu, em 2005, como oitavo maior importador do Estado neste produto, apesar de nada importar desta mercadoria em 2003.

Alguns países deixaram de comprar do Estado, tais como: Taiwan que importava US\$ 708 mil, Finlândia com US\$ 336 mil e Cingapura com US\$ 89 mil.

Tabela 4.11
Couros e Peles - Exportações Cearenses para Países Selecionados (2003 a 2006)

| País | Exportações do Ceará para o País Selec. | | | Média 2003-2005 | Part (%) 2005 | Var(%) |
|----------------------------|---|---------------|---------------|-----------------|---------------|--------------|
| | US\$ MIL FOB | | | | | |
| | 2003 | 2004 | 2005 | | | |
| Itália | 20.167 | 24.237 | 24.338 | 22.914 | 24,4% | 20,7% |
| Canadá | 19.866 | 11.931 | 15.333 | 15.710 | 15,4% | -22,8% |
| Estados Unidos | 11.970 | 10.934 | 12.816 | 11.907 | 12,8% | 7,1% |
| Hong Kong | 5.476 | 8.963 | 10.054 | 8.164 | 10,1% | 83,6% |
| Noruega | 4.225 | 4.448 | 8.797 | 5.823 | 8,8% | 108,2% |
| Tailândia | 1.203 | 4.631 | 7.474 | 4.436 | 7,5% | 521,3% |
| Malásia | 2.270 | 9.278 | 5.436 | 5.661 | 5,4% | 139,5% |
| China | 0 | 1.130 | 4.515 | 1.882 | 4,5% | |
| Países Baixos | 2.092 | 3.040 | 3.383 | 2.838 | 3,4% | 61,7% |
| Austrália | 2.678 | 3.293 | 2.615 | 2.862 | 2,6% | -2,4% |
| Dinamarca | 1.746 | 2.619 | 2.394 | 2.253 | 2,4% | 37,1% |
| Africa do Sul | 1.931 | 1.748 | 785 | 1.488 | 0,8% | -59,3% |
| Suécia | 0 | 355 | 481 | 279 | 0,5% | |
| Turquia | 266 | 559 | 469 | 431 | 0,5% | 76,3% |
| México | 627 | 1.547 | 437 | 870 | 0,4% | -30,3% |
| Romênia | 0 | 0 | 275 | 92 | 0,3% | |
| Bélgica | 0 | 0 | 140 | 47 | 0,1% | |
| Estônia | 0 | 7 | 16 | 8 | 0,0% | |
| Reino Unido | 17 | 13 | 8 | 13 | 0,0% | -52,9% |
| Total Países Selec. | 74.534 | 88.733 | 99.766 | 87.678 | 100,0% | 33,9% |
| Mundo | 75.756 | 89.067 | 99.776 | 88.200 | 100,0% | 31,7% |

Fonte: SECEX/MDIC, Radar Comercial (2007). Elaboração IPECE

C. Dinamismo

Analisando a dinâmica deste produto ao nível mundial observa-se que o mesmo é **estável**, ou seja, a variação de suas importações foi positiva, mas ficaram abaixo da variação das importações totais mundiais. Isto significa que as importações deste produto perderam participação relativa nas importações mundiais, apesar de seu crescimento.

Dentre os 61 países que importam este produto no mundo, 22 apresentaram um comportamento dinâmico, 7 um comportamento estável, 23 apresentaram um comportamento de declínio e para 9 países não foi possível a avaliação.

Os dois maiores importadores mundiais de **Couros e Peles**, EUA e China, apresentaram queda de suas importações no período, provocando declínio de participação relativa de tal bem em suas importações totais. Hong Kong e México apresentaram um comportamento de forte dinamismo. Já a Romênia apresentou um comportamento estável entre os anos de 2003 e 2005. Enfim, dos vinte maiores importadores, apenas seis países apresentaram um comportamento dinâmico das importações deste produto.

Tabela 4.12

Couros e Peles - DINAMISMO por Países Seleccionados (2003 a 2005)

| País | Importações Totais do País Selec. | | | Dinamismo | Part(%) 2005 |
|--------------------------------|-----------------------------------|----------------|----------------|----------------|-----------------|
| | US\$ MIL FOB | | | | |
| | 2003 | 2004 | 2005 | | |
| Estados Unidos | 291.072 | 309.821 | 263.778 | Em declínio | 28,2% |
| China | 111.460 | 141.415 | 85.019 | Em declínio | 9,1% |
| Hong Kong | 34.241 | 18.458 | 71.458 | Dinâmico | 7,6% |
| México | 1.390 | 46.046 | 66.071 | Dinâmico | 7,1% |
| Romênia | 46.865 | 58.089 | 64.709 | Estável | 6,9% |
| Polônia | 57.649 | 55.904 | 52.238 | Em declínio | 5,6% |
| Alemanha | 49.633 | 58.468 | 43.391 | Em declínio | 4,6% |
| Marrocos | 19.275 | 23.907 | 33.299 | Dinâmico | 3,6% |
| Hungria | 13.464 | 37.683 | 30.324 | Dinâmico | 3,2% |
| Espanha | 29.001 | 27.001 | 25.406 | Em declínio | 2,7% |
| Itália | 26.158 | 21.787 | 24.453 | Em declínio | 2,6% |
| Canadá | 15.727 | 20.567 | 17.628 | Estável | 1,9% |
| República Eslovaca | 30.501 | 15.464 | 15.186 | Em declínio | 1,6% |
| Reino Unido | 22.534 | 23.756 | 14.672 | Em declínio | 1,6% |
| República Tcheca | 5.044 | 7.079 | 14.567 | Dinâmico | 1,6% |
| África do Sul | 12.412 | 14.543 | 14.082 | Estável | 1,5% |
| França | 16.915 | 15.632 | 13.413 | Em declínio | 1,4% |
| Portugal | 17.252 | 16.182 | 12.847 | Em declínio | 1,4% |
| Coréia | 6.766 | 10.846 | 11.817 | Dinâmico | 1,3% |
| Croácia | 8.487 | 7.541 | 9.780 | Estável | 1,0% |
| Total dos países selec. | 815.846 | 930.189 | 884.138 | | 94,5% |
| Mundo | 869.749 | 980.046 | 935.755 | Estável | 100,0% |

Fonte: SECEX/MDIC, Radar Comercial (2007). Elaboração IPECE

D. Performance

O Ceará apresenta uma performance crescente em relação ao mundo. Isto significa que a participação do Ceará nas importações mundiais deste produto foi crescente no período 2003 a 2005. Em 2003, a participação das exportações cearenses deste produto no total mundial foi de 8,7%, passando para 10,7%, em 2005. A média da participação das exportações cearenses no período entre 2003 e 2005, foi de 9,5% ao ano.

A economia cearense vendeu tal bem, em 2005, para dezenove países. O Estado aumentou sua participação relativa nas importações deste produto em doze deles, entre os anos de 2003 e 2005, apresentando uma performance crescente de suas exportações. Para os sete outros a participação do Estado nas importações foi decrescente. Vale salientar que a Itália foi o principal destino das exportações cearenses e que no ano de 2005 o Ceará respondeu por quase a totalidade das importações daquele país.

Tabela 4.13

Couros e Peles - PERFORMANCE por Países Seleccionados (2003 a 2005)

| País | Exportações do Ceará para o País Selec. | | | Performance | Part(%) 2005 |
|--------------------------------|---|---------------|---------------|------------------|-----------------|
| | US\$ MIL FOB | | | | |
| | 2003 | 2004 | 2005 | | |
| Itália | 20.167 | 24.237 | 24.338 | Crescente | 24,4% |
| Canadá | 19.866 | 11.931 | 15.333 | Decrescente | 15,4% |
| Estados Unidos | 11.970 | 10.934 | 12.816 | Crescente | 12,8% |
| Hong Kong | 5.476 | 8.963 | 10.054 | Crescente | 10,1% |
| Noruega | 4.225 | 4.448 | 8.797 | Decrescente | 8,8% |
| Tailândia | 1.203 | 4.631 | 7.474 | Crescente | 7,5% |
| Malásia | 2.270 | 9.278 | 5.436 | Crescente | 5,4% |
| China | 0 | 1.130 | 4.515 | Crescente | 4,5% |
| Países Baixos | 2.092 | 3.040 | 3.383 | Crescente | 3,4% |
| Austrália | 2.678 | 3.293 | 2.615 | Decrescente | 2,6% |
| Dinamarca | 1.746 | 2.619 | 2.394 | Decrescente | 2,4% |
| África do Sul | 1.931 | 1.748 | 785 | Decrescente | 0,8% |
| Suécia | 0 | 355 | 481 | Crescente | 0,5% |
| Turquia | 266 | 559 | 469 | Crescente | 0,5% |
| México | 627 | 1.547 | 437 | Decrescente | 0,4% |
| Romênia | 0 | 0 | 275 | Crescente | 0,3% |
| Bélgica | 0 | 0 | 140 | Crescente | 0,1% |
| Estônia | 0 | 7 | 16 | Crescente | 0,0% |
| Reino Unido | 17 | 13 | 8 | Decrescente | 0,0% |
| Total dos países selec. | 74.534 | 88.733 | 99.766 | | 100,0% |
| Mundo | 75.756 | 89.067 | 99.776 | Crescente | 100,0% |

Fonte: SECEX/MDIC, Radar Comercial (2007). Elaboração IPECE

E. Potencial Importador a ser Explorado (PIE)

O Estado do Ceará supriu, em média, 10,9% da demanda mundial no período de 2003 a 2005, revelando um potencial importador a ser explorado de 89,1%.

Alguns países nada compraram do Ceará, mas importaram do mundo um valor de US\$ 291,2 milhões, representando uma participação de 35% do valor total avaliado como PIE. Dentre estes países, temos: Polônia com US\$ 55,2 milhões, Alemanha com US\$ 50,3 milhões, Hungria com US\$ 27,1 milhões, Espanha com US\$ 26,8 milhões, Marrocos com US\$ 25,4 milhões, República Eslovaca com US\$ 20,3 milhões e França com US\$ 15,3 milhões.

Vale também observar o potencial importador daqueles países que já demandam este produto do Estado do Ceará. Os EUA apresentaram-se com um potencial importador de US\$ 275,2 milhões, o maior dentre todos os países. A China aparece em segundo lugar com US\$ 110,5 milhões e a Romênia com US\$ 56,4 milhões. Estes países representaram, conjuntamente, 52,4% do potencial importador a ser explorado no mundo. Estes dados refletem a pequena participação do Estado do Ceará nas importações deste produto por tais países: 4,6%, 1,9% e 0,2%, respectivamente.

Tabela 4.14
Couros e Peles - Potencial Importador a ser Explorado pelo Ceará (2003 a 2005)

| País | Dinamismo | PIE US\$ 1000 FOB | Part. (%) | Performance | Prioridade | DEST US\$ 1000 FOB | Part(%) no total da PIE |
|--------------------------------|----------------|-------------------|-------------|------------------|-------------|--------------------|-------------------------|
| Estados Unidos | Em declínio | 275.219 | 95,4 | Crescente | - | 88199 | 33,2% |
| China | Em declínio | 110.529 | 98,1 | Crescente | - | 88199 | 13,3% |
| Romênia | Estável | 56.462 | 99,8 | Crescente | Curto Prazo | 88199 | 6,8% |
| México | Dinâmico | 36.962 | 97,6 | Decrescente | Curto Prazo | 88199 | 4,5% |
| Hong Kong | Dinâmico | 27.541 | 66,5 | Crescente | - | 88199 | 3,3% |
| Reino Unido | Em declínio | 20.307 | 99,9 | Decrescente | - | 88199 | 2,5% |
| África do Sul | Estável | 12.070 | 88,2 | Decrescente | Curto Prazo | 88199 | 1,5% |
| Total dos países selec. | | 539.090 | | | | | 65,1% |
| Mundo | Estável | 828.021 | 89,1 | Crescente | - | 88199 | 100,0% |

Fonte: SECEX/MDIC, Radar Comercial (2007). Elaboração IPECE

F. Preço Médio

Os países que praticaram os maiores preços por quilo em 2005, foram: Venezuela US\$/Kg 74,91; Islândia US\$/Kg 57,62; Argélia US\$/Kg 39,48; e Índia US\$/Kg 33,46. Dentre estes, o país que mais incrementou seus preços no período 2003 e 2005 foi Islândia com uma variação de 78%.

Tabela 4.15
Couros e Peles - PREÇO MÉDIO DE COMPRA (US\$ FOB/KGL): Países Seleccionados (2003 a 2005)

| País | Importações Totais do País Selec. | | | Var(%) (2003/05) |
|--------------|-----------------------------------|--------|--------|------------------|
| | 2003 | 2004 | 2005 | |
| US\$ FOB/KGL | | | | |
| Venezuela | 0,000 | 0,000 | 74,913 | |
| Islândia | 32,352 | 53,167 | 57,625 | 78% |
| Argélia | 0,000 | 0,000 | 39,486 | |
| Índia | 29,597 | 30,244 | 33,460 | 13% |
| Suíça | 32,141 | 24,261 | 32,979 | 3% |
| Marrocos | 24,877 | 28,454 | 29,279 | 18% |
| Argentina | 24,400 | 31,220 | 28,009 | 15% |
| Noruega | 25,560 | 34,043 | 23,674 | -7% |
| Cingapura | 14,760 | 19,263 | 23,258 | 58% |
| Hong Kong | 18,600 | 18,620 | 19,706 | 6% |

Fonte: SECEX/MDIC, Radar Comercial (2007). Elaboração IPECE

G. Oportunidade de Negócios

Para realizar tal análise foram consideradas três das classificações anteriormente definidas, isto é, o potencial importador a ser explorado, o dinamismo e os preços médios, com base no preço em dólar por quilo.

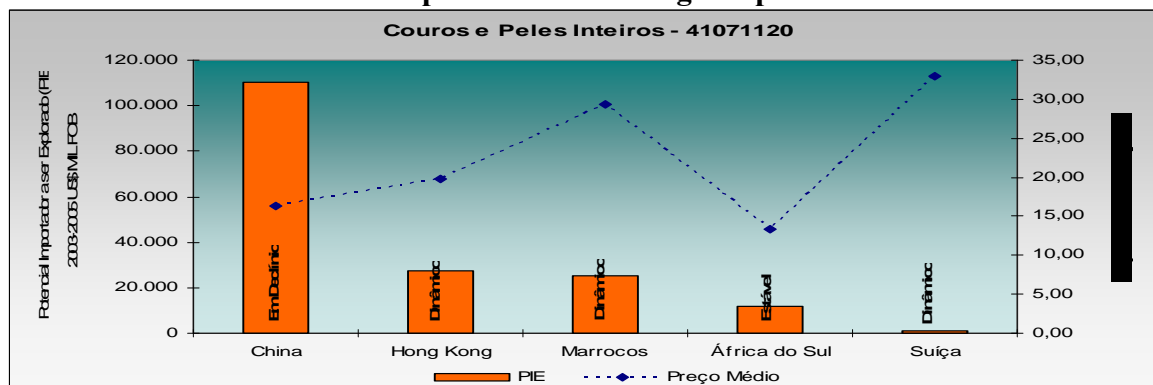
Na primeira, conclui-se que dentre os países que apresentam o maior potencial importador a ser explorado, apenas dois apresentam-se como dinâmicos, **México** e **Hungria**. Dentre estes, a Hungria tem praticado um preço superior ao do México.

Em 2003, as importações mexicanas eram de US\$ 1,3 milhão e em 2005, este valor saltou para US\$ 66,0 milhões. Enquanto isto, as exportações do Ceará para o México caíram de US\$ 627 mil em 2003, para apenas US\$ 437 mil em 2005. Isto revela que as exportações cearenses deste produto para o México tem tido uma performance decrescente nos últimos anos não aproveitando a oportunidade do dinamismo deste país. Com isto, os exportadores cearenses deste produto devem priorizar, no curto prazo, seus esforços para atender a maior demanda mexicana. Já com relação à **Hungria**, este país representa uma das melhores oportunidades de negócios para exportadores cearenses deste produto, dado que tem o sexto maior PIE, o mercado é dinâmico. Este país representa uma nova oportunidade de mercado para o produto cearense.

Vale restaltar que a **Romênia** também aparece como uma grande oportunidade de negócio, pois apesar de apresentar um dinamismo estável, detém o segundo maior potencial importador a ser explorado, e preço médio superior ao praticado pelo México e Hungria. **Hong Kong** e **Marrocos** são países com grande potencial importador a ser explorado e apresentam dinamismo nas importações deste produto, com preços também superiores à média praticada pelas exportações cearenses de Couros e Peles.

Desta forma, estes países aparecem, também, além dos já citados, como grandes oportunidades de negócio para este produto cearense. No caso de Hong Kong, o Estado do Ceará já despertou para esta oportunidade, mas ainda há muito a ser explorado. Já no caso de Marrocos, o Ceará nada exporta, representando, desta forma, uma oportunidade totalmente nova para os exportadores locais, que deve ser atendida prioritariamente no curto prazo, para não deixar passar o crescimento de importações verificado naquele país.

Gráfico 4.4
Couros e Peles - Oportunidade de Negócio para o Produto



Fonte: SECEX/MDIC, Radar Comercial (2007). Elaboração IPECE

A análise segue agora em relação aos concorrentes do Estado do Ceará nas importações dos países selecionados:

a) México

Observa-se que a **Argentina e EUA** são os principais concorrentes cearenses nas importações mexicanas. A Argentina participou com 80,6% deste mercado em 2005, seguida dos EUA que participou com 18,2%. Vale enfatizar que a Argentina cresceu sua participação de 1,2% em 2003, para 80,6% em 2005, ganhando mercado de outros países do mundo a exceção dos EUA.

b) Hungria

A **Alemanha e Itália** aparecem como os principais fornecedores deste produto para aquele país. O primeiro participou com 63,4% e o segundo com 26,2% nas importações da Hungria. Logo, estes países são os principais concorrentes dos exportadores cearenses. Vale salientar que a Espanha, terceiro maior fornecedor de **Couros e Peles**, variou em 170% sua participação nas importações daquele país, passando de 1,07% em 2003, para 2,75% em 2005.

c) Romênia

Os principais concorrentes dos exportadores cearenses são a **Itália e a Índia** com participações de 84,6% e 5,3% nas importações da Romênia em 2005, respectivamente. A Índia destacou-se entre os anos de 2003 e 2005 por apresentar um grande crescimento de sua participação relativa nas importações romenas deste produto, passando de 0,17% no primeiro ano para 5,36% no segundo.

d) Hong Kong

Quatro países representam 90% das importações de Hong Kong de couros e peles inteiros. Em 2005, a **Itália** participou com 39,5%, **China** com 28,2%, **Coréia** com 16,3% e **Estados Unidos** com 6,5%. A Itália merece ser destacada, pois apresentou um crescimento significativo de sua participação relativa, de 80,7%, entre os anos de 2003 e 2005.

e) Marrocos

Espanha, Itália e França correspondem aos principais países fornecedores deste produto para o Marrocos, com participações relativas de 48,6%, 23,9% e 20,7%, respectivamente, em 2005. Enquanto o principal país ganhou participação entre 2003 e 2005, os outros dois países perderam participação. Vale restaltar o grande crescimento de participação relativa da Romênia, que no triênio, aumentou em 200%.

4.4.3. Outros Calçados de Couro Natural – NCM (64039900)

A. Importação: mundo e países selecionados

O mundo importou deste produto uma média anual de US\$ 22,5 bilhões entre 2003 e 2005. Nestes três anos, o comportamento das importações mundiais é ascendente, passando de US\$ 20,7 bilhões em 2003, para US\$ 24,5 bilhões em 2005, apresentando uma variação de 18,6%.

Os principais importadores de **Outros Calçados de Couro Natural** foram os EUA, Hong Kong e Alemanha com participações nas importações mundiais de 31,1%, 10,8% e 8,5% respectivamente, em 2005. Estes três países representam 50,4% das importações globais deste produto.

Dentre os maiores importadores, a Espanha foi o que mais aumentou suas importações no período, com uma variação de 63,2%, seguida da Itália com 35,6% e da Bélgica com 32,1%.

Tabela 4.16
Calçados de couro natural - Importação Total por Países Selecionados
(2003 a 2005)

| País | Importações Totais do Produto por País Selec. | | | Média 2003/05 | Var(%) 2003/05 | Part(%) 2005 |
|------------------------------------|---|-------------------|-------------------|-------------------|-------------------|-----------------|
| | US\$ MIL FOB | | | | | |
| | 2003 | 2004 | 2005 | | | |
| Estados Unidos | 7.049.132 | 7.225.746 | 7.634.589 | 7.303.156 | 8,3% | 31,1% |
| Hong Kong | 2.540.940 | 2.455.964 | 2.648.946 | 2.548.617 | 4,3% | 10,8% |
| Alemanha | 2.027.361 | 2.153.927 | 2.093.046 | 2.091.445 | 3,2% | 8,5% |
| Reino Unido | 1.550.547 | 1.775.615 | 1.858.857 | 1.728.340 | 19,9% | 7,6% |
| França | 1.323.748 | 1.463.974 | 1.656.307 | 1.481.343 | 25,1% | 6,7% |
| Itália | 1.068.359 | 1.229.077 | 1.448.844 | 1.248.760 | 35,6% | 5,9% |
| Países Baixos | 621.671 | 700.293 | 819.437 | 713.800 | 31,8% | 3,3% |
| Bélgica | 488.685 | 545.218 | 645.683 | 559.862 | 32,1% | 2,6% |
| Japão | 526.350 | 547.887 | 594.650 | 556.296 | 13,0% | 2,4% |
| Espanha | 336.854 | 415.215 | 549.788 | 433.952 | 63,2% | 2,2% |
| Total dos países selec. | 17.533.647 | 18.512.916 | 19.950.147 | 18.665.570 | 13,8% | 81,2% |
| Mundo | 20.715.900 | 22.383.575 | 24.568.233 | 22.555.903 | 18,6% | 100,0% |

Fonte: SECEX/MDIC, Radar Comercial (2007). Elaboração IPECE

B. Desempenho exportador do Estado (DEST)

O Ceará exportou, em média, US\$ 72,6 milhões deste produto para o mundo entre os anos de 2003 e 2005. As exportações cearenses de **outros calçados de couro natural** cresceram apenas 2,2% entre os anos de 2003 e 2005, passando de US\$ 74 milhões em 2003, para US\$ 75,7 milhões em 2005. Este produto ocupou a terceira posição na pauta de exportações cearenses neste último ano.

O país que mais comprou este produto do Ceará foi os EUA, com uma importação média anual de US\$ 56,6 milhões entre 2003 e 2005, tendo uma participação de 73,5% em 2005. O Reino Unido aparece em seguida com importação média de US\$ 5,5 milhões e a Argentina com US\$ 1,1 milhão. A participação conjunta destes três países no destino das exportações cearenses foi de 90% no ano de 2005. Vale destacar, que o primeiro diminuiu suas compras do Ceará, enquanto os outros dois aumentaram significativamente.

Dentre os maiores demandantes deste produto do Ceará, restalta-se aquele que teve a maior variação nas importações, o Uruguai, com uma variação de 1.152%, entre os anos de 2003 e 2005.

Tabela 4.17
Calçados de couro natural - Exportações Cearenses para Países Selecionados (2003 a 2005)

| País | Exportações do Ceará para o País Selec. | | | Média 2003/05 | Var(%) 2003/05 | Part(%) 2005 |
|--------------------------------|---|---------------|---------------|---------------|-------------------|-----------------|
| | US\$ MIL FOB | | | | | |
| | 2003 | 2004 | 2005 | | | |
| Estados Unidos | 62.606 | 53.309 | 54.162 | 56.692 | -13,5% | 73,5% |
| Reino Unido | 2.531 | 3.672 | 10.514 | 5.572 | 315,4% | 14,3% |
| Argentina | 199 | 1.452 | 1.860 | 1.170 | 834,7% | 2,5% |
| Venezuela | 171 | 702 | 1.303 | 725 | 662,0% | 1,8% |
| Espanha | 528 | 981 | 1.062 | 857 | 101,1% | 1,4% |
| Equador | 460 | 674 | 572 | 569 | 24,3% | 0,8% |
| Canadá | 1.229 | 627 | 564 | 807 | -54,1% | 0,8% |
| Colômbia | 113 | 297 | 458 | 289 | 305,3% | 0,6% |
| Alemanha | 445 | 496 | 419 | 453 | -5,8% | 0,6% |
| Uruguai | 27 | 181 | 338 | 182 | 1151,9% | 0,5% |
| Total dos países selec. | 68.309 | 62.391 | 71.252 | 67.317 | 4,3% | 96,7% |
| Mundo | 72.613 | 66.484 | 73.664 | 70.920 | 1,4% | 100,0% |

Fonte: SECEX/MDIC, Radar Comercial (2007). Elaboração IPECE

Nota: o valor das exportações cearenses para o mundo representa o total das exportações para os países que fazem parte da base de dados do Radar Comercial (MDIC)

C. Dinamismo

Este produto apresenta um comportamento estável com relação as suas importações. Isto significa que suas importações mundiais variaram menos que as importações mundiais totais no período de 2003 a 2005. Este comportamento revela uma perda, ao longo do tempo, de participação relativa no comércio mundial.

Dentre os 66 países analisados, 37 apresentaram um comportamento dinâmico com relação às importações deste produto, 24 apresentaram um comportamento estável, 4 apresentaram declínio, e 1 país não foi passível avaliação.

Os quatro maiores importadores mundiais apresentaram um comportamento estável com relação às importações deste bem. Isto significa que a participação das importações deste produto nas importações totais de tais países é decrescente. Dentre seus dez maiores importadores no mundo, apenas três apresentaram um comportamento dinâmico: França, Itália e Espanha.

Tabela 4.18
Calçados de couro natural - DINAMISMO por Países Seleccionados (2003 a 2005)

| País | Importações Totais do Produto por País Selec. | | | Dinamismo | Part(%) 2005 |
|------------------------------------|---|-------------------|-------------------|----------------|-----------------|
| | US\$ MIL FOB | | | | |
| | 2003 | 2004 | 2005 | | |
| Estados Unidos | 7.049.132 | 7.225.746 | 7.634.589 | Estável | 31,1% |
| Hong Kong | 2.540.940 | 2.455.964 | 2.648.946 | Estável | 10,8% |
| Alemanha | 2.027.361 | 2.153.927 | 2.093.046 | Estável | 8,5% |
| Reino Unido | 1.550.547 | 1.775.615 | 1.858.857 | Estável | 7,6% |
| França | 1.323.748 | 1.463.974 | 1.656.307 | Dinâmico | 6,7% |
| Itália | 1.068.359 | 1.229.077 | 1.448.844 | Dinâmico | 5,9% |
| Países Baixos | 621.671 | 700.293 | 819.437 | Estável | 3,3% |
| Bélgica | 488.685 | 545.218 | 645.683 | Estável | 2,6% |
| Japão | 526.350 | 547.887 | 594.650 | Estável | 2,4% |
| Espanha | 336.854 | 415.215 | 549.788 | Dinâmico | 2,2% |
| Total dos países selec. | 17.533.647 | 18.512.916 | 19.950.147 | | 81,2% |
| Mundo | 20.715.900 | 22.383.575 | 24.568.233 | Estável | 100,0% |

Fonte: SECEX/MDIC, Radar Comercial (2007). Elaboração IPECE

D. Performance

A participação das exportações do Estado do Ceará nas importações mundiais de outros calçados de couro natural foi decrescente ao longo do período entre 2003 e 2005. Este comportamento revela que o mundo tem importado cada vez menos do Estado. As importações mundiais cresceram 18,6% ao passo que as exportações do Estado apenas 1,4% neste período.

Os EUA, principal destino das exportações cearenses deste produto, têm diminuído sua procura ao longo dos três anos, evidenciando uma performance negativa das exportações do Estado para este país. Dentre os dez principais destinos das exportações cearenses para o produto em questão, sete apresentaram performance crescente, ou seja, no total importado do produto, a participação do Ceará tem sido crescente.

Tabela 4.19
Calçados de couro natural – PERFORMANCE por Países Selecionados (2003 a 2005)

| País | Exportações do Ceará para o País Selec. | | | Performance | Part(%) 2005 |
|----------------------------------|---|---------------|---------------|--------------------|---------------|
| | US\$ MIL FOB | | | | |
| | 2003 | 2004 | 2005 | | |
| Estados Unidos | 62.606 | 53.309 | 54.162 | Decrescente | 73,5% |
| Reino Unido | 2.531 | 3.672 | 10.514 | Crescente | 14,3% |
| Argentina | 199 | 1.452 | 1.860 | Decrescente | 2,5% |
| Venezuela | 171 | 702 | 1.303 | Crescente | 1,8% |
| Espanha | 528 | 981 | 1.062 | Crescente | 1,4% |
| Equador | 460 | 674 | 572 | Decrescente | 0,8% |
| Canadá | 1.229 | 627 | 564 | Crescente | 0,8% |
| Colômbia | 113 | 297 | 458 | Crescente | 0,6% |
| Alemanha | 445 | 496 | 419 | Crescente | 0,6% |
| Uruguai | 27 | 181 | 338 | Crescente | 0,5% |
| Total países selecionados | 68.309 | 62.391 | 71.252 | | 96,7% |
| Mundo | 72.613 | 66.484 | 73.664 | Decrescente | 100,0% |

Fonte: SECEX/MDIC, Radar Comercial (2007). Elaboração IPECE

E. Potencial Importador a ser Explorado (PIE)

O mundo apresenta um potencial importador a ser explorado de US\$ 21,5 bilhões. Este valor mostra que o Ceará responde por apenas 4,6% da demanda mundial deste produto.

O país que apresenta o maior potencial importador é os EUA com média anual de US\$ 6,5 bilhões entre 2003 e 2005. Na seqüência, Hong Kong com US\$ 2,5 bilhões e Alemanha com US\$ 2,0 bilhões. A participação das exportações cearenses no total das importações deste produto por tais países foi de 9,7%, 0,2% e 0,5%, respectivamente. Estes dados revelam que o Ceará tem participado muito pouco nas importações dos grandes compradores mundiais de **outros calçados de couro natural**.

Tabela 4.20
Calçados de couro natural – Potencial Importador a ser Explorado pelo Ceará (2003 a 2005)

| País | Dinamismo | PIE US\$ 1000 FOB | Part. (%) | Performance | Prioridade | DEST US\$ 1000 FOB | Part(%) PIE |
|----------------------------------|----------------|-------------------|-------------|--------------------|--------------------|--------------------|---------------|
| Estados Unidos | Estável | 6.598.959 | 90,3 | Decrescente | Curto Prazo | 72.682 | 30,6% |
| Hong Kong | Estável | 2.544.651 | 99,8 | Crescente | Curto Prazo | 72.682 | 11,8% |
| Alemanha | Estável | 2.081.351 | 99,5 | Crescente | Curto Prazo | 72.682 | 9,7% |
| Reino Unido | Estável | 1.643.347 | 95,0 | Crescente | Curto Prazo | 72.682 | 7,6% |
| França | Dinâmico | 1.474.098 | 99,5 | Crescente | Curto Prazo | 72.682 | 6,8% |
| Itália | Dinâmico | 1.234.922 | 98,8 | Crescente | Curto Prazo | 72.682 | 5,7% |
| Países Baixos | Estável | 703.705 | 98,5 | Crescente | Curto Prazo | 72.682 | 3,3% |
| Bélgica | Estável | 558.688 | 99,7 | Crescente | Curto Prazo | 72.682 | 2,6% |
| Japão | Estável | 553.445 | 99,4 | Crescente | Curto Prazo | 72.682 | 2,6% |
| Espanha | Dinâmico | 411.725 | 94,8 | Crescente | Curto Prazo | 72.682 | 1,9% |
| Total Países Selecionados | | 17.804.891 | | | | | 82,7% |
| Mundo | Estável | 21.538.792 | 95,4 | Decrescente | Curto Prazo | 72.682 | 100,0% |

Fonte: SECEX/MDIC, Radar Comercial (2007). Elaboração IPECE

F. Preço Médio

A análise do preço médio leva em consideração basicamente a medida do valor por pares. O país que pagou em média o maior preço médio por pares na aquisição de **outros calçados de couro natural**, em 2005, foi Luxemburgo com o preço médio US\$/PRS 33,12. Em seguida, apareceu a Turquia com US\$/PRS 32,74, a Islândia com US\$/PRS 30,99 e a Noruega com US\$/PRS 25,84. Vale salientar a forte elevação dos preços médios da Turquia, de Malta e da Islândia.

Tabela 4.21
Calçados de couro natural – PREÇO MÉDIO COMPRA (US\$ FOB/PRS): Países Seleccionados (2003 a 2005)

| País | Importações Totais do País Selec. | | | Var(%) 2003/05 |
|------------|-----------------------------------|--------|--------|-------------------|
| | 2003 | 2004 | 2005 | |
| | US\$ FOB/PRS | | | |
| Luxemburgo | 29,465 | 31,655 | 33,129 | 12,4% |
| Turquia | 20,442 | 24,030 | 32,748 | 60,2% |
| Islândia | 23,053 | 28,202 | 30,998 | 34,5% |
| Noruega | 22,341 | 24,112 | 25,842 | 15,7% |
| Suíça | 23,647 | 24,673 | 25,583 | 8,2% |
| China | 27,637 | 27,188 | 25,466 | -7,9% |
| Chipre | 23,895 | 19,964 | 24,007 | 0,5% |
| Malta | 15,493 | 19,065 | 22,424 | 44,7% |
| Dinamarca | 19,999 | 21,553 | 21,305 | 6,5% |
| Irlanda | 19,089 | 20,661 | 21,150 | 10,8% |
| Japão | 20,120 | 20,937 | 20,898 | 3,9% |
| Lituânia | 19,664 | 20,464 | 20,369 | 3,6% |

Fonte: SECEX/MDIC, Radar Comercial (2007). Elaboração IPECE

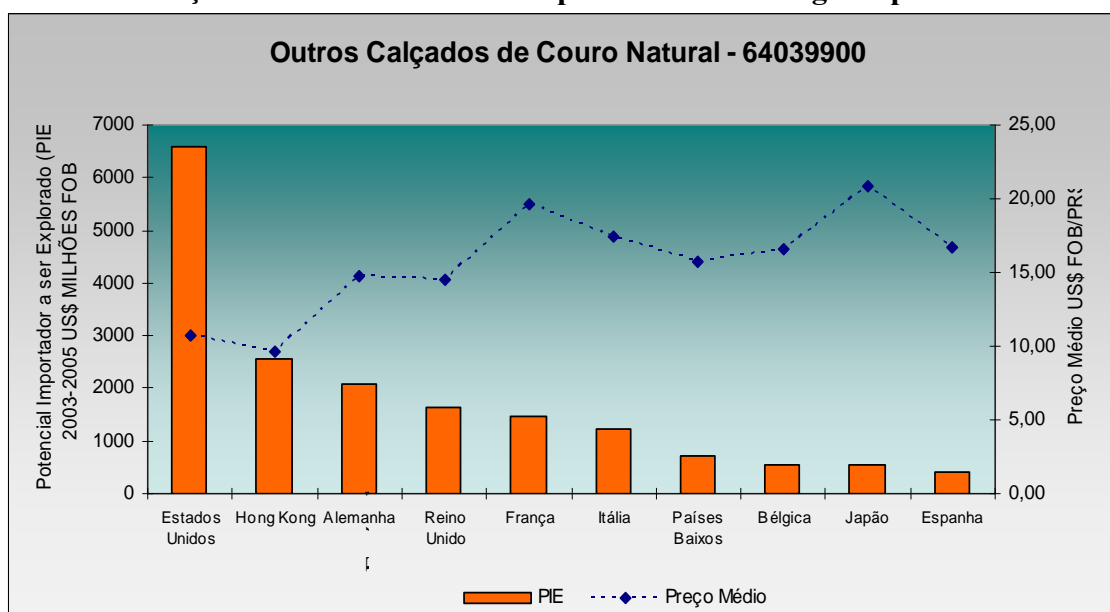
No ano de 2005, o Estado do Ceará exportou para o mundo a um preço médio de US\$/PRS 13,24, entretanto, conseguiu exportar a um preço médio superior ao pago por alguns países. As Filipinas adquiriu o produto cearense por um preço médio de US\$/PRS 27,08, a República Tcheca por US\$/PRS 23,66, os Países Baixos por US\$/PRS 20,52, Malta por US\$/PRS 20,21, a Rússia por US\$/PRS 19,80, dentre outros.

G. Oportunidade de Negócios

Diante destes dados, pode-se inferir que as melhores oportunidades de negócios para os exportadores cearenses deste produto são a **França e a Itália**. Estes países apresentam comportamento dinâmico com relação às importações deste produto, um elevado potencial importador a ser explorado e preços bastante elevados, acima dos preços médios alcançados pelas exportações cearenses que foram de US\$/PRS 13,24 em 2005. Vale restaltar que no ano de 2005, o Estado do Ceará somente exportou 0,3% do valor total exportado para a Itália e para a França nada exportou.

Vale destacar também que os EUA apresentam um comportamento estável nas importações de **outros calçados de couro natural**, detendo o mais alto potencial importador a ser explorado, contudo vem praticando preços médios de importações abaixo dos preços médios praticados nas exportações cearenses deste produto.

Gráfico 4.5
Outros Calçados de couro natural – Oportunidade de Negócio para o Produto



Fonte: SECEX/MDIC, Radar Comercial (2007). Elaboração IPECE

A análise segue agora em relação aos concorrentes do Estado do Ceará nas importações dos países selecionados acima:

a) França

Os principais concorrentes dos exportadores cearenses nas importações francesas deste produto são a Itália com participação de 21,2%, Países Baixos com 15,11%, Portugal com 11,6%, Bélgica com 10,2%, Espanha com 8,3% e China com 6,9%. Vale salientar o incremento de importações deste último país, da ordem de 347% entre os anos de 2003 e 2005. Estes países representam, conjuntamente, 73,5% das importações francesas deste produto, em 2005.

b) Itália

Os principais concorrentes dos exportadores cearenses deste produto para a Itália são Romênia que participou com 32,01% das importações italianas, China com 11,9%, Países Baixos com 7,3%, Vietnã com 6,56%, Bélgica com 4,75%, Albânia com

4,12% e Bulgária com 3,7%. Vale destacar o incremento de importações da China, de 368,5% entre os anos de 2003 e 2005. Estes países representaram, conjuntamente, 70,5% das importações italianas deste produto, em 2005.

c) EUA

Os principais concorrentes dos exportadores cearenses deste produto para os EUA são a China, que participa das importações americanas com 69,4%, o Vietnã com 4,81%, a Indonésia com 4,07% e a Itália com 3,85%. As importações conjuntas destes países representam 82,16% das importações totais deste produto pelos EUA.

4.4.4. Calçados de borracha ou plástico, com parte superior em tiras fixadas à sola por pregos, tachas – NCM (64022000)

A. Importação: mundo e países selecionados

O mundo importou uma média anual de US\$ 317 milhões entre 2003 a 2005. As importações mundiais deste produto foram crescentes, passando de US\$ 222,7 milhões em 2003, para US\$ 363,2 milhões, uma variação de 63%.

O maior importador deste produto foi os EUA, com importações médias entre os anos de 2003 e 2005 de US\$ 84,1 milhões. Este país incrementou suas importações em 85,5% no período. Em 2003, suas importações foram de US\$ 57 milhões contra US\$ 105,8 milhões importados em 2005, ano em que respondeu por 29,1% das importações mundiais.

A Itália apareceu em segundo lugar, com importações médias de US\$ 36,6 milhões, incrementando suas importações em 38,8% entre 2003 e 2005, tendo participado com 7,9% das importações mundiais neste último ano.

Vale salientar que os dez maiores importadores deste produto responderam por 72,9% das importações mundiais em 2005.

Tabela 4.22
Calçados de borracha ou plástico - Importação Total por Países Selecionados
(2003 a 2005)

| País | Importações Totais do País Selec. | | | Média 2003/05 | Var(%) 2003/05 | Part(%) 2005 |
|------------------------------------|-----------------------------------|----------------|----------------|------------------|-------------------|-----------------|
| | US\$ MIL FOB | | | | | |
| | 2003 | 2004 | 2005 | | | |
| Estados Unidos | 57.079 | 89.588 | 105.887 | 84.185 | 85,5% | 29,1% |
| Itália | 20.724 | 51.537 | 28.767 | 33.676 | 38,8% | 7,9% |
| Reino Unido | 15.401 | 22.103 | 24.118 | 20.541 | 56,6% | 6,6% |
| Espanha | 16.070 | 23.895 | 20.852 | 20.272 | 29,8% | 5,7% |
| França | 8.963 | 19.465 | 18.089 | 15.506 | 101,8% | 5,0% |
| Austrália | 7.746 | 12.118 | 17.818 | 12.561 | 130,0% | 4,9% |
| Alemanha | 15.485 | 27.145 | 15.524 | 19.385 | 0,3% | 4,3% |
| Bélgica | 3.862 | 11.091 | 13.184 | 9.379 | 241,4% | 3,6% |
| Canadá | 4.205 | 6.257 | 10.343 | 6.935 | 146,0% | 2,8% |
| Japão | 3.111 | 5.833 | 10.154 | 6.366 | 226,4% | 2,8% |
| Total dos países selec. | 152.646 | 269.032 | 264.736 | 228.805 | 73,4% | 72,9% |
| Mundo | 222.795 | 365.005 | 363.290 | 317.030 | 63,1% | 100,0% |

Fonte: SECEX/MDIC, Radar Comercial (2007). Elaboração IPECE

B. Desempenho exportador do Estado (DEST)

O Estado exportou em média US\$ 58,6 milhões entre os anos de 2003 e 2005. As exportações deste produto apresentaram crescimento de 18,2%, passando de US\$ 51,4 milhões em 2003, para US\$ 60,8 milhões em 2005. Neste último ano, o Estado atendeu 16,75% das importações mundiais.

O México aparece como principal destino das exportações cearenses deste produto no período analisado, tendo importado em média US\$ 18,2 milhões entre os anos de 2003 e 2005. Apresentou um crescimento de 40,2% entre estes anos, atingindo a participação de 36,1% dentre os destinos das exportações cearenses no último ano.

O segundo principal destino são os EUA, com importações médias de US\$ 10 milhões, apresentando, no entanto, declínio de 34,5% entre os anos de 2003 e 2005. A participação deste país como destino nas exportações do Estado, em 2005, atingiu os 15,2%.

Os dez principais destinos das exportações cearenses de **calçados de borracha ou plástico** deste produto totalizaram 85,9% do total exportado pelo Estado em 2005. Vale salientar o forte crescimento das importações venezuelanas no período, que foi de 5837%.

Tabela 4.23
Calçados de borracha ou plástico - Exportações Cearenses para Países
Selecionados
(2003 a 2005)

| País | Exportações do Cearpa para o País Selec. | | | Média 2003/05 | Var(%) 2003/05 | Part(%) 2005 |
|------------------------------------|--|---------------|---------------|------------------|-------------------|-----------------|
| | US\$ MIL FOB | | | | | |
| | 2003 | 2004 | 2005 | | | |
| México | 14.125 | 20.583 | 19.806 | 18.171 | 40,2% | 36,1% |
| Estados Unidos | 12.701 | 9.145 | 8.317 | 10.054 | -34,5% | 15,2% |
| Paraguai | 4.781 | 6.575 | 6.837 | 6.064 | 43,0% | 12,5% |
| Argentina | 1.771 | 3.119 | 4.081 | 2.990 | 130,4% | 7,4% |
| Panamá | 899 | 1.863 | 1.627 | 1.463 | 81,0% | 3,0% |
| Venezuela | 27 | 512 | 1.603 | 714 | 5837,0% | 2,9% |
| Espanha | 724 | 2.019 | 1.354 | 1.366 | 87,0% | 2,5% |
| Colômbia | 314 | 605 | 1.222 | 714 | 289,2% | 2,2% |
| Rússia | 1.199 | 586 | 1.127 | 971 | -6,0% | 2,1% |
| Peru | 231 | 559 | 1.088 | 626 | 371,0% | 2,0% |
| Total dos países selec. | 36.772 | 45.566 | 47.062 | 43.133 | 28,0% | 85,9% |
| Mundo | 47.127 | 59.328 | 54.812 | 53.756 | 16,3% | 100,0% |

Fonte: SECEX/MDIC, Radar Comercial (2007). Elaboração IPECE

C. Dinamismo

O mundo apresentou um comportamento dinâmico entre os anos de 2003 e 2005 para as importações deste produto. Isto significa que a variação em suas importações é superior à variação nas importações totais do mundo, revelando incremento de participação relativa nas importações globais.

Dentre os 66 países analisados, 41 apresentaram comportamento dinâmico, 14 um comportamento estável, 10 estão em declínio e 1 país não foi passível de avaliação.

Os três maiores compradores mundiais deste produto, que representam 43,6% da demanda mundial, apresentaram um comportamento dinâmico no período analisado. Dos dez principais mercados mundiais, oito apresentaram um comportamento dinâmico, ou seja, um incremento das importações deste bem, superior ao incremento de suas importações totais.

Tabela 4.24

Calçados de borracha ou plástico - DINAMISMO Países Seleccionados (2003 a 2005)

| País | Importações Totais do País Selec. | | | Dinamismo | Part(%) 2005 |
|-------------------------|-----------------------------------|---------|---------|-----------|-----------------|
| | US\$ MIL FOB | | | | |
| | 2003 | 2004 | 2005 | | |
| Estados Unidos | 57.079 | 89.588 | 105.887 | Dinâmico | 29,1% |
| Itália | 20.724 | 51.537 | 28.767 | Dinâmico | 7,9% |
| Reino Unido | 15.401 | 22.103 | 24.118 | Dinâmico | 6,6% |
| Espanha | 16.070 | 23.895 | 20.852 | Estável | 5,7% |
| França | 8.963 | 19.465 | 18.089 | Dinâmico | 5,0% |
| Austrália | 7.746 | 12.118 | 17.818 | Dinâmico | 4,9% |
| Alemanha | 15.485 | 27.145 | 15.524 | Estável | 4,3% |
| Bélgica | 3.862 | 11.091 | 13.184 | Dinâmico | 3,6% |
| Canadá | 4.205 | 6.257 | 10.343 | Dinâmico | 2,8% |
| Japão | 3.111 | 5.833 | 10.154 | Dinâmico | 2,8% |
| Total dos países selec. | 152.646 | 269.032 | 264.736 | | 72,9% |
| Mundo | 222.795 | 365.005 | 363.290 | Dinâmico | 100,0% |

Fonte: SECEX/MDIC, Radar Comercial (2007). Elaboração IPECE

D. Performance

O Ceará apresentou uma performance decrescente das exportações deste produto para o mundo. Isto revela que a participação relativa das exportações cearenses nas importações mundiais deste produto decresceu ao longo do período entre 2003 a 2005.

Dentre os dez principais destinos das exportações cearenses, o Ceará apresentou uma performance crescente em seis deles, contudo a maior parte das exportações do Estado destina-se a um país cuja participação das exportações cearenses no total das importações deste produto é decrescente.

Tabela 4.25

Calçados de borracha ou plástico – PERFORMANCE por Países Seleccionados (2003 a 2005)

| País | Exportações do Ceará para o País Selec. | | | Performance | Part(%) 2005 |
|-------------------------|---|--------|--------|-------------|-----------------|
| | US\$ MIL FOB | | | | |
| | 2003 | 2004 | 2005 | | |
| México | 14.125 | 20.583 | 19.806 | Decrescente | 36,1% |
| Estados Unidos | 12.701 | 9.145 | 8.317 | Decrescente | 15,2% |
| Paraguai | 4.781 | 6.575 | 6.837 | Decrescente | 12,5% |
| Argentina | 1.771 | 3.119 | 4.081 | Crescente | 7,4% |
| Panamá | 899 | 1.863 | 1.627 | Crescente | 3,0% |
| Venezuela | 27 | 512 | 1.603 | Crescente | 2,9% |
| Espanha | 724 | 2.019 | 1.354 | Crescente | 2,5% |
| Colômbia | 314 | 605 | 1.222 | Crescente | 2,2% |
| Rússia | 1.199 | 586 | 1.127 | Decrescente | 2,1% |
| Peru | 231 | 559 | 1.088 | Crescente | 2,0% |
| Total dos países selec. | 36.772 | 45.566 | 47.062 | | 85,9% |
| Mundo | 47.127 | 59.328 | 54.812 | Decrescente | 100,0% |

Fonte: SECEX/MDIC, Radar Comercial (2007). Elaboração IPECE

E. Potencial Importador a ser Explorado (PIE)

O mundo importou deste produto em média US\$ 317 milhões ao ano no período de 2003 a 2005. Enquanto isto, o Ceará exportou em média US\$ 58,6 milhões, participando com apenas 18,5% das importações mundiais neste período. Estes dados resultam num potencial importador a ser explorado pelo Estado de US\$ 258,4 milhões.

Dentre os 66 países analisados, o Ceará não exportou para apenas doze no período considerado. Isto representa um potencial importador a ser explorado de US\$ 9,7 milhões, em termos de novos mercados. O país que apresenta o maior potencial importador a ser explorado é os EUA, com US\$ 73,4 milhões, em seguida aparece a Itália com US\$ 32,9 milhões. Os dez maiores potenciais importadores a serem explorados representam 82,4% do total do potencial global.

Tabela 4.26
Calçados de borracha ou plástico – Potencial Importador a ser Explorado pelo Ceará (2003 a 2005)

| País | Dinamismo | PIE US\$ 1000 FOB | Part. (%) | Performance | Prioridade | DEST US\$ 1000 FOB | Part (%) PIE |
|--------------------------------|-----------------|----------------------|-------------|--------------------|------------|-----------------------|-----------------|
| Estados Unidos | Dinâmico | 73.425 | 87,2 | Decrescente | - | 58.639 | 28,4% |
| Itália | Dinâmico | 32.988 | 97,9 | Decrescente | - | 58.639 | 12,8% |
| Reino Unido | Dinâmico | 19.716 | 95,9 | Decrescente | - | 58.639 | 7,6% |
| Espanha | Estável | 18.319 | 90,3 | Crescente | - | 58.639 | 7,1% |
| Alemanha | Estável | 18.028 | 93,0 | Decrescente | - | 58.639 | 7,0% |
| França | Dinâmico | 15.177 | 97,8 | Decrescente | - | 58.639 | 5,9% |
| Austrália | Dinâmico | 12.148 | 96,7 | Decrescente | - | 58.639 | 4,7% |
| Bélgica | Dinâmico | 8.825 | 94,1 | Crescente | - | 58.639 | 3,4% |
| Países Baixos | Dinâmico | 7.342 | 94,2 | Crescente | - | 58.639 | 2,8% |
| Hong Kong | Em declínio | 6.908 | 98,1 | Crescente | - | 58.639 | 2,7% |
| Total dos países selec. | | 212.876 | | | - | 58.639 | 82,4% |
| Mundo | Dinâmico | 258.391 | 81,5 | Decrescente | - | 58.639 | 100,0% |

Fonte: SECEX/MDIC, Radar Comercial (2007). Elaboração IPECE

F. Preço Médio

A análise do preço médio leva em consideração basicamente a medida do valor por pares. A Turquia foi o país que pagou o melhor preço médio por pares na aquisição de **Calçados de Borracha ou Plástico**, em 2005, com US\$/PRS 17,37. Em seguida apareceu a Irlanda com US\$/PRS 9,86, a Rússia com US\$/PRS 7,79 e a Islândia com US\$/PRS 6,46. Vale salientar a forte elevação dos preços médios da Turquia e da Ucrânia de 378,5% e 375%, respectivamente.

Tabela 4.27
Calçados de borracha ou plástico – PREÇO MÉDIO DE COMPRA (US\$ FOB/PRS): Países Seleccionados (2003 a 2005)

| País | Importações Totais do País Selec. | | | Var(%) 2003/05 |
|--------------------|-----------------------------------|--------|--------|-------------------|
| | 2003 | 2004 | 2005 | |
| US\$ FOB/PRS | | | | |
| Turquia | 3,631 | 3,867 | 17,376 | 378,5% |
| Irlanda | 11,123 | 14,459 | 9,865 | -11,3% |
| Rússia | 3,686 | 5,566 | 7,788 | 111,3% |
| Islândia | 4,636 | 5,941 | 6,461 | 39,4% |
| Noruega | 5,723 | 4,346 | 5,859 | 2,4% |
| Chipre | 4,236 | 5,656 | 5,103 | 20,5% |
| Ucrânia | 0,827 | 4,831 | 3,928 | 375,0% |
| República Eslovaca | 4,072 | 2,572 | 3,878 | -4,8% |
| Luxemburgo | 5,266 | 6,796 | 3,517 | -33,2% |
| Malta | 4,248 | 5,292 | 3,338 | -21,4% |

Fonte: SECEX/MDIC, Radar Comercial (2007). Elaboração IPECE

O Estado do Ceará exportou para o mundo a um preço médio de US\$/PRS 2,33 no período de 2003 a 2005. Com leve crescimento, passando de US\$/PRS 2,31 em 2003 para US\$/PRS 2,34 em 2005. Neste mesmo ano, Taiwan foi o país que pagou o melhor preço médio pelo produto cearense de US\$/PRS 5,58, vindo em seguida o México com US\$/PRS 3,61.

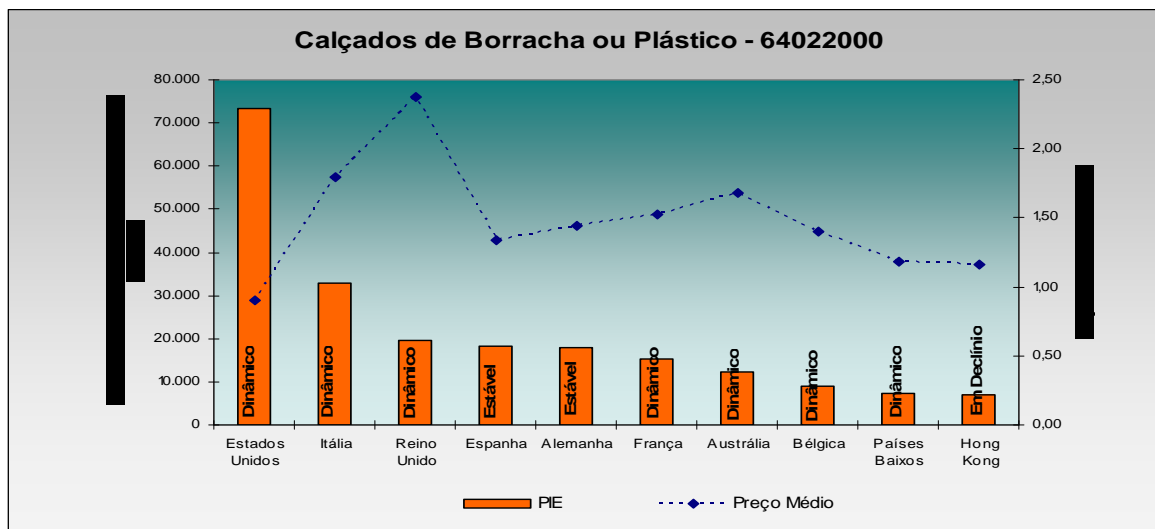
G. Oportunidade de Negócios

Os dados abaixo mostram que o país que possui o maior potencial importador a ser explorado deste produto pelos exportadores cearenses é os EUA, que apresenta também um comportamento dinâmico das importações deste produto.

Dentre os dez maiores PIEs, sete apresentam comportamento dinâmico, dois estáveis e apenas um em declínio. Isto revela uma forte possibilidade de expansão das exportações locais deste produto.

Vale salientar que a **Itália e o Reino Unido** apresentam-se como as melhores oportunidades de negócio para os exportadores cearenses, pois possuem elevados potenciais importadores a serem explorados, são dinâmicos e praticam os preços mais elevados dentre os dez países de maiores potenciais importadores do mundo. Apesar destas vantagens, não praticaram os melhores preços médios mundiais de compra deste produto no ano de 2005.

Gráfico 4.6
Calçados de Borracha ou Plástico - Oportunidade de Negócio para o Produto



Fonte: SECEX/MDIC, Radar Comercial (2007). Elaboração IPECE

A análise segue agora em relação aos concorrentes do Estado do Ceará nas importações dos países selecionados acima:

a) EUA

Os principais concorrentes dos exportadores cearenses nas importações americanas deste produto são a China com participação de 89,34%, e o México com 0,59%. Vale salientar o incremento de exportações do primeiro país para os EUA, da ordem de 94,7% entre os anos de 2003 e 2005. O Brasil destaca-se como o segundo principal fornecedor deste produto para os EUA, com participação de 7,5% nas importações deste país, em 2005.

b) Itália

Os principais concorrentes dos exportadores cearenses nas importações Italianas deste produto são a China com participação de 54,1%, a Romênia com 11,6% e a Bélgica com 5,6%. Vale salientar o incremento de importações da Romênia, da ordem de 650,3% entre os anos de 2003 e 2005.

c) Reino Unido

Os principais concorrentes dos exportadores cearenses nas importações do Reino Unido deste produto são a China com participação de 63,9% e o Vietnã com 5,0%. Vale salientar o incremento de exportações do primeiro país para o Reino Unido,

da ordem de 81,6% entre os anos de 2003 e 2005. O Brasil destaca-se como o segundo principal fornecedor deste produto para aquela economia, com participação de 5,6% das importações daquele país, em 2005.

4.4.5. Tecidos de algodão, fios de diversas cores, "denim", contendo => 85% em peso de algodão, de peso > 200g/m² – NCM (52094210)

A. Importação: mundo e países selecionados

O mundo importou em média um valor de US\$ 2,8 bilhões entre os anos de 2003 e 2005. As importações em 2003 foram de US\$ 2,6 bilhões passando para US\$ 2,9 bilhões em 2005, um crescimento de 10,5%.

Os EUA foi o país que mais importou este produto em 2005, com valor importado de US\$ 479 milhões e participação de 16,3% do total importado pela economia mundial. Em seguida, aparece a Itália com US\$ 438 milhões e o Reino Unido com US\$ 355 milhões.

Os dez maiores importadores mundiais deste produto representaram 75,4% da demanda global no ano de 2005. Vale destacar aqueles que tiveram os maiores crescimentos de importações no período de 2003 a 2005, são eles: Canadá com 69%, Itália 60,1% e Espanha com 58,6%.

Tabela 4.28
Tecidos de algodão - Importação Total por Países Selecionados (2003 a 2005)

| País | Importações Totais do País Selec. | | | Média 2003/05 | Var(%) 2003/05 | Part(%) 2005 |
|------------------------------------|-----------------------------------|------------------|------------------|------------------|-------------------|-----------------|
| | US\$ MIL FOB | | | | | |
| | 2003 | 2004 | 2005 | | | |
| Estados Unidos | 474.403 | 507.094 | 479.028 | 486.842 | 1,0% | 16,3% |
| Itália | 274.021 | 349.345 | 438.802 | 354.056 | 60,1% | 14,9% |
| Reino Unido | 303.732 | 359.496 | 355.050 | 339.426 | 16,9% | 12,1% |
| Espanha | 126.939 | 226.415 | 201.368 | 184.907 | 58,6% | 6,8% |
| França | 189.297 | 217.822 | 179.200 | 195.440 | -5,3% | 6,1% |
| Austrália | 136.726 | 155.663 | 178.555 | 156.981 | 30,6% | 6,1% |
| Alemanha | 135.755 | 155.239 | 146.175 | 145.723 | 7,7% | 5,0% |
| Bélgica | 73.621 | 70.501 | 84.509 | 76.210 | 14,8% | 2,9% |
| Canadá | 49.067 | 60.461 | 82.903 | 64.144 | 69,0% | 2,8% |
| Japão | 77.286 | 81.195 | 73.074 | 77.185 | -5,4% | 2,5% |
| Total dos países selec. | 1.840.847 | 2.183.231 | 2.218.664 | 2.080.914 | 20,5% | 75,4% |
| Mundo | 2.661.323 | 2.972.177 | 2.941.012 | 2.858.171 | 10,5% | 100,0% |

Fonte: SECEX/MDIC, Radar Comercial (2007). Elaboração IPECE

B. Desempenho exportador do Estado (DEST)

O Estado do Ceará exportou, em média por ano, US\$ 56,3 milhões do bem em questão entre 2003 e 2005. As exportações deste produto apresentaram crescimento de

8,9%, passando de US\$ 52,2 milhões em 2003, para US\$ 56,9 milhões em 2005. Neste último ano o Estado participou com 1,9% nas importações mundiais.

O México aparece como o principal comprador das exportações cearenses deste produto nos três anos analisados, tendo importado em média US\$ 16,5 milhões, entre os anos de 2003 e 2005. Apesar disto, teve queda de suas importações em 9,9% entre estes anos, atingindo a participação de 31,1% dentre os destinos das exportações cearenses no último ano.

O segundo principal destino é o EUA, com importações médias de US\$ 14,8 milhões. Tal país apresentou forte incremento, de 91,6% em suas importações entre os anos de 2003 e 2005, participando, no último ano, com 29,3% nas exportações do Estado.

Os dez principais destinos das exportações cearenses deste produto totalizaram 97,9% do total exportado pelo Estado em 2005. Vale salientar o forte crescimento das importações argentinas no período, que foi de 284,2%.

Tabela 4.29
Tecidos de algodão - Exportações Cearenses para Países Selecionados (2003 a 2005)

| País | Exportações do Ceará para o País Selec. | | | Média 2003/05 | Var(%) 2003/05 | Part(%) 2005 |
|------------------------------------|---|---------------|---------------|------------------|-------------------|-----------------|
| | US\$ MIL FOB | | | | | |
| | 2003 | 2004 | 2005 | | | |
| México | 18.069 | 15.328 | 16.287 | 16.561 | -9,9% | 31,1% |
| Estados Unidos | 8.008 | 21.249 | 15.345 | 14.867 | 91,6% | 29,3% |
| Paraguai | 6.957 | 8.275 | 5.202 | 6.811 | -25,2% | 9,9% |
| Argentina | 1.317 | 2.562 | 5.060 | 2.980 | 284,2% | 9,7% |
| Panamá | 3.265 | 2.912 | 3.172 | 3.116 | -2,8% | 6,1% |
| Venezuela | 2.305 | 1.285 | 1.905 | 1.832 | -17,4% | 3,6% |
| Espanha | 1.346 | 240 | 1.144 | 910 | -15,0% | 2,2% |
| Colômbia | 0 | 622 | 1.133 | 585 | #DIV/0! | 2,2% |
| Rússia | 2.423 | 1.708 | 1.053 | 1.728 | -56,5% | 2,0% |
| Peru | 1.084 | 1.067 | 985 | 1.045 | -9,1% | 1,9% |
| Total dos países selec. | 44.774 | 55.248 | 51.286 | 50.436 | 14,5% | 97,9% |
| Mundo | 46.106 | 56.680 | 52.404 | 51.730 | 13,7% | 100,0% |

Fonte: SECEX/MDIC, Radar Comercial (2007). Elaboração IPECE

C. Dinamismo

O mundo apresentou um comportamento estável entre os anos de 2003 e 2005 para as importações deste produto.

Dentre os 66 países analisados, 13 apresentaram comportamento dinâmico, 17 um comportamento estável, 35 estão em declínio e 1 país não foi passível de avaliação.

Dentre os três maiores compradores mundiais deste produto, que participam com 43,3% da demanda mundial, dois deles apresentaram um comportamento de

declínio no período analisado. Dos dez principais mercados mundiais apenas dois apresentaram um comportamento dinâmico.

Tabela 4.30
Tecidos de algodão - DINAMISMO por Países Seleccionados (2003 a 2005)

| País | Importações Totais do País Selec. | | | Dinamismo | Part(%) 2005 |
|----------------------------|-----------------------------------|-----------|-----------|-------------|-----------------|
| | US\$ MIL FOB | | | | |
| | 2003 | 2004 | 2005 | | |
| Estados Unidos | 474.403 | 507.094 | 479.028 | Em Declínio | 16,3% |
| Itália | 274.021 | 349.345 | 438.802 | Dinâmico | 14,9% |
| Reino Unido | 303.732 | 359.496 | 355.050 | Em Declínio | 12,1% |
| Espanha | 126.939 | 226.415 | 201.368 | Em Declínio | 6,8% |
| França | 189.297 | 217.822 | 179.200 | Em Declínio | 6,1% |
| Austrália | 136.726 | 155.663 | 178.555 | Estável | 6,1% |
| Alemanha | 135.755 | 155.239 | 146.175 | Em Declínio | 5,0% |
| Bélgica | 73.621 | 70.501 | 84.509 | Em Declínio | 2,9% |
| Canadá | 49.067 | 60.461 | 82.903 | Em Declínio | 2,8% |
| Japão | 77.286 | 81.195 | 73.074 | Dinâmico | 2,5% |
| Total dos países selec. | 1.840.847 | 2.183.231 | 2.218.664 | | 75,4% |
| Mundo | 2.661.323 | 2.972.177 | 2.941.012 | Estável | 100,0% |

Fonte: SECEX/MDIC, Radar Comercial (2007). Elaboração IPECE

D. Performance

O Ceará apresentou uma performance decrescente das exportações deste produto para o mundo. Isto significa que a participação relativa das exportações cearenses nas importações mundiais decresceu ao longo do período de 2003 a 2005.

Dentre os dez principais destinos das exportações cearenses de **tecidos de algodão**, o Ceará apresentou uma performance crescente em apenas dois deles. Vale destacar, que a maior parte das exportações do Estado destina-se a um país cuja participação das exportações cearenses no total das importações deste produto é decrescente.

Tabela 4.31
Tecidos de algodão - PERFORMANCE por Países Seleccionados (2003 a 2005)

| País | Exportações do Ceará para o País Selec. | | | Performance | Part(%) 2005 |
|----------------------------|---|--------|--------|-------------|-----------------|
| | US\$ MIL FOB | | | | |
| | 2003 | 2004 | 2005 | | |
| México | 18.069 | 15.328 | 16.287 | Decrescente | 31,1% |
| Estados Unidos | 8.008 | 21.249 | 15.345 | Decrescente | 29,3% |
| Paraguai | 6.957 | 8.275 | 5.202 | Decrescente | 9,9% |
| Argentina | 1.317 | 2.562 | 5.060 | Crescente | 9,7% |
| Panamá | 3.265 | 2.912 | 3.172 | | 6,1% |
| Venezuela | 2.305 | 1.285 | 1.905 | Decrescente | 3,6% |
| Espanha | 1.346 | 240 | 1.144 | Decrescente | 2,2% |
| Colômbia | 0 | 622 | 1.133 | Decrescente | 2,2% |
| Rússia | 2.423 | 1.708 | 1.053 | Crescente | 2,0% |
| Peru | 1.084 | 1.067 | 985 | Decrescente | 1,9% |
| Total dos países selec. | 44.774 | 55.248 | 51.286 | | 97,9% |
| Mundo | 46.106 | 56.680 | 52.404 | Decrescente | 100,0% |

Fonte: SECEX/MDIC, Radar Comercial (2007). Elaboração IPECE

E. Potencial Importador a ser Explorado (PIE)

O mundo apresentou no período analisado um potencial importador a ser explorado pelo Estado do Ceará de US\$ 2,7 bilhões. O Estado do Ceará participou, em média, com apenas 4,1% das importações mundiais neste período.

Dentre os 66 países analisados o Ceará não exportou para vinte e sete neste período. Isto representa um potencial importador a ser explorado de US\$ 260,9 milhões, considerando novos mercados.

O país que apresenta o maior potencial importador a ser explorado é o México, com US\$ 483,4 milhões, em seguida aparece a Itália com US\$ 353,9 milhões. Os dez maiores potenciais importadores a serem explorados no mundo representam 82,4% do total do potencial global.

Tabela 4.32

Tecidos de algodão - Potencial Importador a ser Explorado pelo Ceará (2003 a 2005)

| País | Dinamismo | PIE US\$ 1000 FOB | Part. (%) | Performance | Prioridade | DEST US\$ 1000 FOB | Part(%) PIE |
|------------------------------------|----------------|----------------------|-------------|--------------------|--------------------|-----------------------|----------------|
| México | Estável | 483.435 | 99,3 | Decrescente | Curto Prazo | 56.349 | 17,6% |
| Hong Kong | Dinâmico | 353.672 | 99,8 | Crescente | Curto Prazo | 56.349 | 12,9% |
| Turquia | Estável | 337.855 | 99,5 | Crescente | Curto Prazo | 56.349 | 12,3% |
| Estados Unidos | Em declínio | 194.097 | 99,3 | Decrescente | - | 56.349 | 7,1% |
| Itália | Dinâmico | 183.224 | 99,0 | Decrescente | Curto Prazo | 56.349 | 6,7% |
| China | Estável | 156.291 | 99,5 | Crescente | Curto Prazo | 56.349 | 5,7% |
| Marrocos | Estável | 145.485 | 99,8 | Decrescente | Curto Prazo | 56.349 | 5,3% |
| Polónia | Em declínio | 76.250 | 98,7 | Decrescente | - | 56.349 | 2,8% |
| Espanha | Em declínio | 69.585 | 97,4 | Decrescente | - | 56.349 | 2,5% |
| Coréia | Dinâmico | 64.126 | 99,9 | Crescente | Curto Prazo | 56.349 | 2,3% |
| Total dos países selec. | | 2.064.020 | | | | 56.349 | 75,2% |
| Mundo | Estável | 2.743.390 | 95,9 | Decrescente | Curto Prazo | 56.349 | 100,0% |

Fonte: SECEX/MDIC, Radar Comercial (2007). Elaboração IPECE

F. Preço Médio

A análise do preço médio leva em consideração a medida do valor por quilo. O país que pagou o melhor **preço médio por quilo** na aquisição deste produto no mundo, em 2005, foi à Noruega com o valor de US\$/KG 15,02. Em seguida veio o Marrocos com US\$/KG 7,80, a Suíça com US\$/KG 7,62 e a Tailândia com US\$/KG 4,98. Dentre os dez maiores preços, a maior variação ocorrida, entre os anos de 2003 e 2005, foi da África do Sul, de 44,2%.

Tabela 4.33
Tecidos de algodão - PREÇO MÉDIO DE COMPRA (US\$ FOB/KGL): Países
Selecionados (2003 a 2005)

| País | Importações Totais do País Selec. | | | Var(%) 2003/05 |
|---------------|-----------------------------------|--------|--------|-------------------|
| | 2003 | 2004 | 2005 | |
| | US\$ FOB/KGL | | | |
| Noruega | 15,917 | 12,564 | 15,029 | -5,6% |
| Marrocos | 5,897 | 7,244 | 7,804 | 32,3% |
| Suíça | 11,670 | 10,993 | 7,620 | -34,7% |
| Tailândia | 5,594 | 5,167 | 4,988 | -10,8% |
| Guatemala | 4,855 | 4,780 | 4,887 | 0,7% |
| Canadá | 4,595 | 4,934 | 4,861 | 5,8% |
| Filipinas | 4,144 | 4,768 | 4,715 | 13,8% |
| Sri Lanka | 4,330 | 4,698 | 4,558 | 5,3% |
| Coréia | 3,748 | 4,125 | 4,246 | 13,3% |
| África do Sul | 2,868 | 3,841 | 4,137 | 44,2% |

Fonte: SECEX/MDIC, Radar Comercial (2007). Elaboração IPECE

Em 2005, os países que pagaram o melhor preço pelas importações deste produto do Ceará foi a Costa Rica US\$/KG 4,31 e a Venezuela US\$/KG 2,823. Estes dados revelam que o Ceará vendeu para alguns países, em 2005, a um preço acima do que é pago em média por ele na aquisição de tal produto. Como exemplo, temos a Costa Rica, a Venezuela, a África do Sul, a Argentina e o Paraguai. A exceção fica por conta da Guatemala, do Equador, do Chile e do Uruguai.

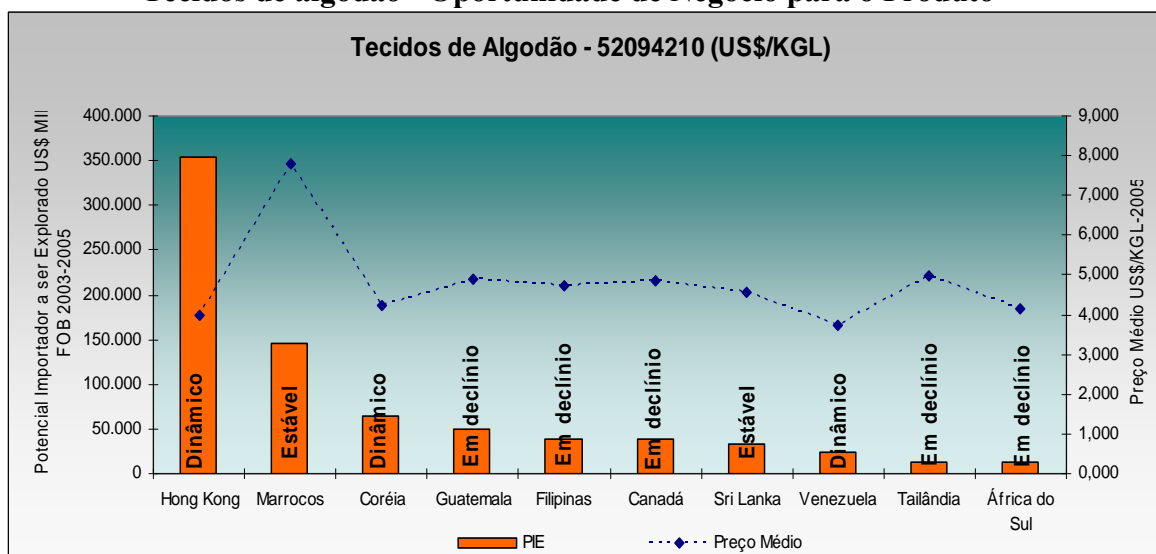
G. Oportunidade de Negócios

O país que possui o maior potencial importador a ser explorado pelos exportadores cearenses é **Hong Kong**, apresentando, também, um comportamento dinâmico das importações deste produto. Este país não vem praticando os melhores preços por quilo, mas representa uma boa oportunidade de negócio para os exportadores cearenses.

Merece destaque o **Marrocos**, que mesmo apresentando um comportamento estável das importações deste produto, apresenta o segundo maior potencial importador a ser explorado do mundo e os preços mais elevados dentre os dez maiores PIE's. Vale frisar que dentre os dez maiores PIE's, apenas três apresentam comportamento dinâmico, outros dois registraram comportamentos estáveis e cinco em declínio.

A **Coréia** também aparece como uma boa oportunidade de negócio para o Ceará, pois apresenta condições bastante favoráveis ao comércio deste produto.

Gráfico 4.7
Tecidos de algodão - Oportunidade de Negócio para o Produto



Fonte: SECEX/MDIC, Radar Comercial (2007). Elaboração IPECE

A análise segue agora em relação aos concorrentes do Estado do Ceará nas importações dos países selecionados acima:

a) Hong Kong

Os principais concorrentes dos exportadores cearenses nas importações de Hong Kong deste produto são a China com participação de 76,80%, e Japão com 12,90%. Vale salientar o incremento de exportações chinesas para Hong Kong, da ordem de 69,78% entre os anos de 2003 e 2005.

b) Marrocos

Os principais concorrentes dos exportadores cearenses nas importações Marroquinas deste produto são a Itália com participação de 31,56%, a Espanha com 26,81% e a Grécia com 8,13%. Vale salientar o incremento de importações do primeiro país, da ordem de 35,25% entre os anos de 2003 e 2005.

c) Coréia

Os principais concorrentes dos exportadores cearenses nas importações coreanas deste produto são a China com participação de 73,84% e o Japão com 8,95%. Vale salientar o incremento de exportações chinesas, de 71,23% entre os anos de 2003 e 2005.

d) México

Os principais concorrentes dos exportadores cearenses nas importações mexicanas deste produto são os EUA com participação de 94,5% e a China com 1,95%. Vale salientar o incremento de exportações norte americanas, de 17,19% entre os anos de 2003 e 2005.

e) Itália

Os principais concorrentes dos exportadores cearenses nas importações italianas deste produto são a Turquia com participação de 33,22%, a Espanha com 11% e a Eslovênia com 10,71%. Vale salientar o incremento de exportações do primeiro país, de 118,6% entre os anos de 2003 e 2005.

f) Turquia

Os principais concorrentes dos exportadores cearenses nas importações turcas deste produto são o Paquistão com participação de 26,34%, a Índia com 15,06% e a Itália com 10,44%. Vale salientar o incremento de exportações do primeiro país, de 106,69% entre os anos de 2003 e 2005.

Análise global da pauta – critérios Radar Comercial

Complementando a análise de produtos a partir dos critérios elencados pelo Radar Comercial do Ministério de Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior (MDIC) foram selecionados aqueles que respondiam por 82,6% da pauta de exportações cearenses no ano de 2006. Observa-se que um grupo de nove produtos apresentou comportamento dinâmico para a demanda mundial, ou seja, a participação da importação destes produtos nas importações mundiais cresceu entre os anos de 2003 a 2005.

O Ceará apresentou uma performance crescente para apenas quatro deles: (15211000) *ceras vegetais*; (73211100) *aparelhos para cozinhar/aquecer, de ferro, etc. combustiv. gás*; (52114210) *tecido algodão<85%, índigo blue/fibra sint/art.p>200g/m2*; (25231000) *cimentos não pulverizados (“clinkers”)*. Estes produtos responderam conjuntamente por 5,3% do valor das exportações cearenses em 2006. Estes dados revelam que o Estado do Ceará vem aproveitando a oportunidade

resultante do dinamismo da demanda mundial, devendo manter e/ou ampliar suas exportações nestes quatro produtos.

O Ceará é um grande exportador de ceras vegetais, participando com 45,6% das importações mundiais deste produto. Com relação aos outros três produtos citados anteriormente, o Estado apresenta baixa participação nas importações mundiais, e estes representam um potencial a ser explorado acima de 95%.

Em relação aos produtos, (08013200) *castanha de caju, fresca ou seca, sem casca*; (64022000) *calçados de borracha/plast.c/part. Super.em tiras, etc*; (72142000) *Barras de ferro/aço, lamin. quente, dentadas, etc*; (68022300) *granito talhado ou serrado, de superfície plana ou lisa*; (72072000) *produtos semimanufaturados de ferro/aço, n/ligados, carbono* $\geq 0,25\%$, o Estado do Ceará apresentou uma performance decrescente e com isto vem perdendo importante oportunidade de expandir sua participação no mercado global. Vale destacar a importância da mudança da performance do Ceará em relação a estes produtos, dado que representam uma parcela significativa da pauta de exportações do Estado, 24,3%, em 2006.

Tabela 4.34
Performance Geral, Preço Médio e Comércio dos Principais Produtos Exportados pelo Ceará - 2006

| TOTAL | US\$ FOB | Part% | PERFORMANCE GERAL | | | | | | PREÇO MÉDIO | COMÉRCIO | | | | | | | | |
|--|--------------------|--------------|-------------------|-------------------|------------------|-------------|-------------|-------------------|-----------------|-----------------------------|-------------------|--------------------|----------------------------------|----------------|----------------|---|----------------|----------------|
| | 957.045.076 | | Dinamismo | PIE US\$ 1000 FOB | Perc. Merc. Imp. | Performance | Prioridade | DEST US\$ MIL FOB | Exp. Tot. do CE | Imp. Tot. Mundo (66 países) | | | Exp. Tot. p/ o Mundo (66 países) | | | Exp. Tot. do CE p/ o Mundo ¹ | | |
| | | | | | | | | | | US\$ MIL FOB | | | US\$ MIL FOB | | | US\$ MIL FOB | | |
| | | | | | | | | | | 2003 | 2004 | 2005 | 2003 | 2004 | 2005 | 2003 | 2004 | 2005 |
| 08013200 - CASTANHA DE CAJU,FRESCA OU SECA,SEM CASCA | 136.161.472 | 14,2% | Dinâmico | 891.925 | 84,2 | Decrescente | - | 129.520 | 3,96 | 824.279 | 1.088.976 | 1.261.665 | 106.506 | 137.150 | 130.858 | 109.947 | 142.109 | 136.506 |
| 41071120 - OUTS.COUIROS/PELES,INT.BOVINOS,PENA,FL.PREPARS | 111.604.020 | 11,7% | Estável | 828.021 | 89,1 | Crescente | - | 88.199 | 11,73 | 869.749 | 980.046 | 935.755 | 75.756 | 89.067 | 99.776 | 75.756 | 89.067 | 99.776 |
| 64039900 - OUTROS CALCADOS DE COURO NATURAL | 98.511.216 | 10,3% | Estável | 21.538.792 | 95,4 | Decrescente | Curto Prazo | 72.682 | 12,04 | 20.715.900 | 22.383.575 | 24.568.233 | 72.613 | 66.484 | 73.664 | 74.089 | 68.270 | 75.689 |
| 64022000 - CALCADOS DE BORRACHA/PLAST.C/PARTE SUPER.EM TIRAS,ETC. | 72.103.018 | 7,5% | Dinâmico | 258.391 | 81,5 | Decrescente | - | 58.639 | 2,33 | 222.795 | 365.005 | 363.290 | 47.127 | 59.328 | 54.812 | 51.483 | 63.598 | 60.838 |
| 52094210 - TECIDO DE ALGODAO>=85%,FIO COLOR.DENIM,INDIGO,P>200G/M2 | 56.505.601 | 5,9% | Estável | 2.743.390 | 95,9 | Decrescente | Curto Prazo | 56.349 | 3,54 | 2.661.323 | 2.972.177 | 2.941.012 | 46.106 | 56.680 | 52.404 | 52.263 | 59.862 | 56.922 |
| 03061391 - CAMARÕES,INTEIROS,CONGELADOS,EXCETO 'KRILL' | 48.008.047 | 5,0% | Estável | 9.028.168 | 97,6 | Decrescente | Curto Prazo | 69.402 | 4,02 | 9.127.464 | 9.328.032 | 9.280.502 | 80.944 | 65.184 | 61.896 | 80.944 | 65.187 | 62.077 |
| 03061190 - OUTRAS LAGOSTAS,CONGELADAS,EXCETO AS INTEIRAS | 36.697.662 | 3,8% | Estável | 554.365 | 88,1 | Crescente | - | 38.358 | 29,73 | 618.823 | 626.910 | 641.766 | 30.756 | 40.097 | 44.222 | 30.756 | 40.097 | 44.222 |
| 08071900 - MIELOS FRESCOS | 29.108.394 | 3,0% | Estável | 991.566 | 93,3 | Crescente | - | 23.126 | 0,44 | 997.448 | 1.023.800 | 1.166.442 | 18.160 | 16.741 | 34.476 | 18.161 | 16.743 | 34.476 |
| 15211000 - CERAS VEGETAIS | 24.881.165 | 2,6% | Dinâmico | 36.867 | 54,4 | Crescente | - | 15.185 | 2,16 | 53.803 | 66.707 | 82.621 | 10.222 | 13.438 | 21.049 | 10.490 | 13.781 | 21.284 |
| 64041900 - OUTS.CALCADOS DE MATERIA TEXTIL.SOLA DE BORRACHA/PLAST. | 15.246.454 | 1,6% | Estável | 3.412.317 | 98,7 | Crescente | Curto Prazo | 11035 | 8,16 | 3.073.037 | 3.486.808 | 3.802.916 | 7.362 | 12.001 | 13.049 | 7.591 | 12.174 | 13.340 |
| 64021900 - CALCADOS PI/OUTROS ESPORTES DE BORRACHA OU PLASTICO | 12.825.391 | 1,3% | Estável | 1.321.030 | 98,9 | Crescente | - | 5.223 | 6,08 | 1.202.874 | 1.366.370 | 1.435.090 | 343 | 2.931 | 12.136 | 478 | 2.995 | 12.198 |
| 64039100 - OUTROS CALCADOS DE COURO NATURAL,COBRINDO O TORNOZELO | 12.461.490 | 1,3% | Estável | 5.878.219 | 96,7 | Decrescente | Curto Prazo | 10.328 | 24,22 | 5.459.888 | 6.002.631 | 6.762.707 | 9.705 | 11.483 | 9.500 | 9.868 | 11.551 | 9.567 |
| 73211100 - APARELHOS PICOZINHARIA/AQUECER,DE FERRO,ETC.COMBUSTIV.GAS | 10.892.738 | 1,1% | Dinâmico | 2.383.469 | 97,3 | Crescente | Curto Prazo | 5.470 | 47,08 | 1.919.677 | 2.604.050 | 2.824.789 | 1.296 | 2.573 | 2.504 | 3.857 | 5.614 | 7.750 |
| 87083900 - OUTROS FREIOS E SUAS PARTES,P/TRAZADORES/VEIC.AUTOMOVEIS | 10.298.583 | 1,1% | Estável | 12.645.506 | 97,6 | Crescente | Curto Prazo | 10.059 | 32,89 | 11.256.945 | 13.258.650 | 14.326.037 | 8.462 | 7.668 | 14.016 | 8.482 | 7.679 | 14.016 |
| 52114210 - TECIDO ALGODAO<85%,INDIGO BLUE/FIBRA SINTI/ART.P>200G/M2 | 9.910.861 | 1,0% | Dinâmico | 237.699 | 95,1 | Crescente | - | 6.154 | 4,19 | 197.824 | 269.038 | 282.288 | 333 | 5.524 | 7.706 | 372 | 7.553 | 10.538 |
| 72142000 - BARRAS DE FERRO/ACO,LAMIN.QUENTE,DENTADAS,ETC. | 9.394.400 | 1,0% | Dinâmico | 4.328.948 | 97,6 | Decrescente | Curto Prazo | 8.663 | 0,33 | 3.250.990 | 5.215.292 | 4.838.276 | 5.569 | 0 | 4.184 | 6.964 | 7.123 | 11.902 |
| 68022300 - GRANITO TALHADO OU SERRADO,DE SUPERFICIE PLANA OU LISA | 9.360.725 | 1,0% | Dinâmico | 422.793 | 66,1 | Decrescente | - | 3.835 | 40,13 | 534.288 | 632.715 | 751.564 | 1.969 | 3.826 | 5.435 | 2.003 | 3.919 | 5.585 |
| 20098000 - SUCOS DE OUTRAS FRUTAS,PRODS.HORTICOLAS,NAO FERMENTADOS | 9.128.857 | 1,0% | Estável | 1.063.158 | 98,1 | Crescente | - | 5.885 | 1,05 | 970.461 | 1.053.816 | 1.223.972 | 3.843 | 6.513 | 6.284 | 4.090 | 6.798 | 6.789 |
| 64029900 - OUTROS CALCADOS DE BORRACHA OU PLASTICO | 9.122.703 | 1,0% | Estável | 8.713.352 | 98,8 | Crescente | Curto Prazo | 7.626 | 6,87 | 7.831.632 | 8.672.205 | 9.938.828 | 3.601 | 8.630 | 8.477 | 4.115 | 9.252 | 9.512 |
| 41071920 - OUTS.COUIROS/PELES INT.BOVINOS,PREPARADOS | 8.250.307 | 0,9% | Estável | 1.003.992 | 93,7 | Crescente | - | 10.641 | 8,45 | 945.410 | 1.109.956 | 1.156.044 | 7.636 | 13.430 | 10.859 | 7.636 | 13.430 | 10.859 |
| 83099000 - ROLHAS,OUTS.TAMPAS E ACESS.P/EMBALAGEM DE METAIS COMUNS | 7.291.413 | 0,8% | Estável | 2.428.388 | 98,1 | Crescente | Curto Prazo | 3.967 | 3,91 | 2.130.416 | 2.472.255 | 2.821.763 | 857 | 2.775 | 2.944 | 2.054 | 4.935 | 4.914 |
| 52062200 - FIO ALGODAO>=85%,SIMPLES,FIBRA PENT.232.56D<=T<714.29D | 6.614.380 | 0,7% | Em declínio | 1.481.970 | 98,9 | Decrescente | - | 9.752 | 2,50 | 1.532.568 | 1.565.141 | 1.395.599 | 12.152 | 8.392 | 8.624 | 12.223 | 8.392 | 8.641 |
| 84521000 - MAQUINAS DE COSTURA DE USO DOMESTICO | 6.462.833 | 0,7% | Estável | 857.184 | 96,4 | Decrescente | - | 32 | 50,00 | 871.711 | 892.485 | 901.432 | 0 | 0 | 0 | 0 | 96 | 0 |
| 25231000 - CIMENTOS NAO PULVERIZADOS ('CLINKERS') | 6.022.312 | 0,6% | Dinâmico | 1.070.051 | 99,7 | Crescente | - | 538 | 0,03 | 845.762 | 1.065.946 | 1.305.939 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 1.616 |
| 08043000 - ABACAXIS FRESCOS OU SECOS | 5.908.146 | 0,6% | Estável | 1.297.071 | 99,6 | Crescente | - | 2.623 | 0,74 | 1.124.211 | 1.336.417 | 1.445.577 | 28 | 3.551 | 4.289 | 29 | 3.551 | 4.289 |
| 52093900 - OUTROS TECIDOS DE ALGODAO>=85%,FIO Q.PESO>200G/M2 | 5.803.911 | 0,6% | Estável | 920.295 | 99,3 | Crescente | - | 3.777 | 4,62 | 836.553 | 970.422 | 972.483 | 566 | 3.554 | 5.806 | 812 | 3.760 | 6.760 |
| 41041940 - OUTS.COUIROS/PELES,BOVINOS,INCL.BUFALOS,UMIDOS | 5.778.195 | 0,6% | Estável | 1.319.823 | 95,9 | Crescente | - | 4.090 | 2,39 | 1.293.421 | 1.437.088 | 1.393.977 | 1.244 | 5.442 | 5.588 | 1.244 | 5.442 | 5.588 |
| 52094290 - OUTS.TECIDOS DE ALGODAO>=85%,FIO COLOR.DENIM,P>200G/M2 | 5.751.512 | 0,6% | Estável | 2.743.390 | 95,9 | Decrescente | Curto Prazo | 56.349 | 3,53 | 2.661.323 | 2.972.177 | 2.941.012 | 46.106 | 56.680 | 52.404 | 52.263 | 59.862 | 56.922 |
| 72072000 - PRODS.SEMMANUFAT.DE FERRO/ACO,NLIGADOS,CARBONO<=0.25% | 5.608.609 | 0,6% | Dinâmico | 2.514.018 | 91,6 | Decrescente | Curto Prazo | 4.061 | 0,34 | 1.765.144 | 3.177.866 | 3.288.958 | 0 | 0 | 1.462 | 0 | 2.825 | 9.358 |
| 68141000 - PLACAS/FOLHAS OU TIRAS,DE MICA,AGLOMERADA/RECONSTITUIDA | 5.267.540 | 0,6% | Estável | 113.802 | 97,4 | Crescente | - | 298 | 2 | 105.387 | 119.305 | 125.647 | 2.188 | 3.124 | 3.569 | 2.212 | 3.132 | 3.605 |
| Produtos Selecionados | 790.981.945 | 82,6% | | 93.027.960 | 2.791 | | | 721.866 | | 85.900.906 | 98.515.861 | 105.176.182 | 601.450 | 702.266 | 751.971 | 630.179 | 738.797 | 805.517 |

Fonte: SECEX/MDIC, Radar Comercial (2007). Elaboração IPECE

A avaliação quantitativa apresentada nas seções anteriores, a partir da análise da dinâmica da pauta exportadora do Estado, identificando e quantificando seus movimentos, revelou o padrão das vendas cearenses ao exterior. Coube, então, à avaliação qualitativa, realizada nesta última etapa, qualificar tal padrão e os movimentos que lhe deram origem.

A análise da concentração existente nas exportações do Estado, quando se consideraram os capítulos (definição NCM), revelou a necessidade de se intensificar o processo de diversificação. Como percebido na análise quantitativa, o movimento de diversificação de fato ocorreu, entretanto, mesmo considerando normal a existência de alguma concentração na pauta, este processo não foi suficiente para conduzi-la a “níveis aceitáveis”.

A utilização do índice de concentração para as exportações (ICXce) mostrou que a desconcentração foi determinada pelo crescimento no número de capítulos comercializados (diversificação), mas o valor expressivo em poucos grupos de produtos não permitiu maior redução no valor do indicador. A continuidade do processo é, então, necessária, e o caminho seguido deve ser sustentado pela intensificação do comércio dos produtos já exportados e pelo incentivo ao ingresso de novos produtos nas exportações do Estado.

Resultados semelhantes foram alcançados na avaliação dos destinos das vendas estaduais ao exterior através do Índice de Concentração para Destinos (ICDce). As exportações chegaram a um maior número de compradores, mas poucos ainda concentraram o maior volume de compras. Neste caso, para o processo de diversificação, os esforços de ampliação de mercados devem considerar o tamanho da economia em questão e sua capacidade de absorver os produtos locais. O comportamento pretendido deve conciliar o aprofundamento das relações comerciais com as nações mais ricas, com as quais estas relações já existam e a busca de novos mercados, preferencialmente desenvolvidos ou em desenvolvimento.

Cabe aqui um posicionamento adicional. O comportamento sugerido acima representa uma postura desejada e que tende a atrair melhores resultados, entretanto, diante das características e da competitividade da economia local, das características dos produtos cearenses exportados, e as fragilidades existentes, bem como o tempo necessário para superá-las, a estratégia de diversificação de mercados deve ser ampliada. Além da postura já exposta, a economia cearense (ou melhor, os agentes locais envolvidos no comércio externo) deve promover as relações comerciais com o maior número possível de parceiros, potencializando os ganhos advindos das trocas internacionais.²⁶

²⁶ A idéia seria, dentre outras: atuar em mercados desenvolvidos e em desenvolvimento com os produtos mais competitivos buscando maiores ganhos; e atuar em mercados “periféricos” com grandes demandas a serem

É importante destacar que movimentos iniciais, sejam eles frutos de novos produtos na pauta ou de novos destinos para exportações, ocorrem com valores relativamente menos expressivos, porém, expectativas positivas apontam para uma elevação natural no comércio, resultado do amadurecimento das relações. Os esforços devem, assim, estimular tais movimentos tornando reais tais expectativas.

O Coeficiente de Especialização Relativa (CSRice) ao comparar o Ceará ao Brasil revelou os grupos de produtos de destaque no comércio externo local em relação à economia nacional. Vale frisar que o resultado obtido é válido somente em uma comparação com o país, não o sendo necessariamente numa avaliação com outra economia.

O coeficiente, utilizado para capítulos (definições NCM), apontou para os grupos de produtos nos quais o Estado se revelou mais especializado do que o país como um todo²⁷. Neste caso, o Estado mostrou-se especializado em *peixes e crustáceos* (capítulo 03), *plantas vivas e floricultura* (06), *frutas* (08), *peles* (41), *tecidos de malha* (60), *calçados* (64) e *embarcações e estruturas flutuantes* (89), entre outros.

A magnitude do coeficiente e sua evolução identificaram os grupos de produtos exportados em que o Estado revelou uma maior especialização em relação ao país. Neste sentido os capítulos (06), (60), (64) e (42) *obras de couro*, registraram elevação no valor do coeficiente, evidenciando em que direção se especializaram as vendas cearenses ao exterior quando comparadas às exportações nacionais.

A análise do dinamismo da demanda mundial considerou a pauta de exportação de acordo com a evolução da demanda pelos produtos que a compõem. Neste quesito, as exportações cearenses se mostraram concentradas e registraram crescimento na quantidade de produtos cuja demanda está em decadência ou regressão. Entretanto, no período analisado ocorreu uma pequena redução na participação destes produtos no total comercializado pelo Estado. A comercialização de bens que possuem uma demanda dinâmica ou muito dinâmica se mostrou ainda incipiente.

O maior número de setores (ou capítulos) na pauta cuja demanda mundial tem as piores classificações; e a menor participação destes no valor total das exportações do Estado, quando o resultado esperado seria uma maior participação, levantam certas questões: a) os produtos que compõem tais setores podem ter apresentado redução nos preços recebidos pelos

atendidas, de mais fácil acesso relativamente aos primeiros e menos concorridos, buscando integrar novos agentes no processo e propiciar experiências internacionais para empresas entrantes no mercado externo, além de potencializar os ganhos comerciais.

²⁷ Relembrando: seções são grupos de capítulos detentores de características semelhantes; capítulos são grupos de produtos com características comuns.

produtores cearenses - se paga menos por eles no mercado internacional; b) podem ser produtos de qualidade inferior, de menor competitividade.

No entanto, como dito anteriormente, estes produtos não devem ser taxados, a princípio, como algo desinteressante ao desempenho externo do Ceará, dada as possibilidades de ganho para o Estado ainda existentes e as limitações atuais da economia cearense.

A avaliação da intensidade tecnológica dos produtos exportados buscou observar a competitividade da pauta de exportações do Estado. Neste particular adota-se que uma maior competitividade das exportações está positivamente relacionada a um maior conteúdo tecnológico dos produtos comercializados. A maior intensidade tecnológica favorece uma competição sustentada menos no preço e mais na diferenciação do produto.

As exportações cearenses mostraram-se concentradas em produtos de baixa e média-baixa intensidade tecnológica. Além de concentradas, as vendas do Estado ao exterior registraram crescimento na pauta da quantidade de capítulos com esta característica. Acompanhando este movimento, a participação destes capítulos no valor total exportado também aumentou no período.

Na etapa anterior do trabalho, o câmbio e a demanda mundial foram apontados como variáveis importantes no desempenho externo do Estado. Na presente etapa, foi constatada que a maior parte das exportações locais se concentrou em bens de demanda em decadência/regressão. No tocante a influência da demanda, esta contradição pode ter as seguintes explicativas, as quais, de certa forma, também justificam a postura defendida no parágrafo anterior: a) mesmo decadente ou regressiva, a disposição mundial em comprar ainda foi capaz de exercer influência positiva no desempenho cearense, no entanto, sua sustentabilidade fica posta em dúvida; b) para alguns produtos ou em alguns mercados específicos tem-se a possibilidade de que a demanda se apresente diferente, com melhor dinamismo; c) os produtos cearenses tenham ganhado espaços em mercado menos interessantes aos concorrentes internacionais. Tais pontos, somados à porção das exportações com demanda dinâmica ajudam a explicar a influência das compras externas no comportamento exportador do Estado.

Outro ponto a merecer atenção é a intensidade tecnológica das exportações cearenses. O reduzido conteúdo tecnológico da pauta local revela, com base nos critérios adotados, uma reduzida competitividade internacional e uma disputa no mercado externo para os produtos locais baseada especialmente no preço, tornando as exportações do Estado mais sensíveis às alterações no câmbio. Esta conclusão confirma a influência desta variável, como mencionado acima.

Um último ponto abordado na avaliação qualitativa tratou mais detalhadamente as oportunidades de negócios para alguns dos principais produtos exportados pelo Ceará. Para tanto, a análise concentrou-se na demanda existente para cada um dos produtos considerados, observando, dentre outras variáveis, os principais países compradores e a evolução de suas compras ao longo do tempo, a participação das exportações cearense nestes mercados e os preços médios praticados. As oportunidades foram então identificadas a partir do cruzamento destas informações. Os resultados sugerem quais os mercados potenciais para os produtos cearenses analisados e devem servir como ferramentas auxiliares a serem utilizadas na identificação de oportunidades para os demais bens exportados. É importante salientar que os esforços para diversificação dos mercados devem ainda considerar a postura já indicada.

5. ANÁLISE DO CÂMBIO BRASILEIRO PÓS-PLANO REAL

As alterações cambiais foram apontadas ao longo do trabalho como uma variável de influência relevante no desempenho exportador nacional e, especialmente, cearense. A análise do câmbio, nesta seção, tem como objetivo identificar as relações existentes entre o comportamento da taxa de câmbio e o desempenho das exportações, observadas ao nível nacional e do Estado. Neste intuito, discorre-se a seguir sobre as alterações nas taxas de câmbio ao longo do período entre 1999 e 2006.

Sabe-se que uma variação cambial altera a rentabilidade das exportações, pois a mesma é calculada pela razão entre os preços em dólares das exportações e o custo em dólar, convertido pela taxa de câmbio, dos setores exportadores. Os efeitos na rentabilidade podem ser ocasionados tanto por uma valorização da moeda nacional ou pelo movimento inverso, a desvalorização da moeda. Desta forma, tem-se que:

1. Quando o câmbio se valoriza (a moeda nacional é valorizada em relação à moeda estrangeira) a mercadoria que é vendida para o exterior, cotada em moeda estrangeira, tem o seu valor depreciado frente à moeda nacional, isto é, com a valorização, o preço com cotação em moeda estrangeira é convertido em menos reais do que antes do processo de valorização. O custo dos setores exportadores que são cotados em reais, quando convertidos para a moeda estrangeira se tornam mais elevados. Isto implica que a valorização cambial reduz a rentabilidade do setor exportador (reduzindo receitas em reais ou elevando custo em moeda estrangeira) desestimulando as exportações nacionais.
2. Caso o câmbio se desvalorize (a moeda nacional é desvalorizada em relação à moeda estrangeira) a situação se inverte. As exportações cotadas em moeda estrangeira, ganham valor em reais, e o custo que é cotado em reais diminui quando convertido para moeda estrangeira. O movimento incentiva então um incremento nas exportações (via aumento de receitas em reais ou redução de custos cotados em moeda estrangeira), devido ao crescimento que se obtém sobre a rentabilidade das exportações.

Tanto o valor nominal da taxa de câmbio como os custos em reais do setor exportador sofrem com os efeitos do comportamento da inflação brasileira. Quando ocorre inflação doméstica, a taxa nominal de câmbio sofrerá variações positivas, ou seja, o câmbio se

desvalorizará mantendo a taxa de câmbio real constante para que o volume exportado não sofra com o encarecimento dos preços domésticos. A inflação também tem efeito sobre o custo de produção dos setores exportadores haja vista que estes passam a adquirir insumos cada vez mais caros, quando adquiridos internamente.

O comportamento do câmbio brasileiro tem assumido uma postura de oscilação ao longo dos últimos doze anos. Com a implantação do Plano Real, em julho de 1994, a taxa de câmbio estava com a cotação de compra de R\$/US\$ 0,90, revelando que o Plano Real entrou em vigor adotando uma moeda muito valorizada frente ao dólar. Os reflexos foram negativos sobre as exportações nacionais nos dois anos seguintes. Soma-se a isto, o controle da inflação e a facilidade de crédito que estimulava a venda para o mercado doméstico, desviando as vendas do mercado externo para o interno.

Durante todo o ano de 1994, o Real viria a se valorizar ainda mais alcançando o patamar de R\$/US\$ 0,82 nos dias 14 de outubro e 09 de novembro daquele ano. A partir daí o que se observa é uma tendência de minidesvalorizações do câmbio brasileiro chegando à paridade de um por um no dia 13 de junho de 1996.

Entre 13 de junho de 1996 e dia 12 de janeiro de 1999, o câmbio passou de R\$/US\$ 0,99 para R\$/US\$ 1,21, devido à política de minidesvalorização cambial adotada pelo governo, mostrando certa estabilidade durante estes quase três anos. Contudo, no dia 13 de janeiro o câmbio sofreu o que se chama na literatura de uma “maxidesvalorização cambial”, devida à mudança de regime cambial implementada naquele mês, alcançando no final daquele mês a cotação de R\$/US\$ 1,98. Esta desvalorização foi da ordem de 63,75% em menos de um mês.

Durante quase dois anos o câmbio brasileiro se manteve com uma cotação abaixo dos R\$/US\$ 2,00, quando em 16 de fevereiro de 2001, voltou a assumir uma nova tendência de desvalorização vindo a quebrar a barreira da cotação de R\$/US\$ 2,70 no dia 19 de setembro daquele mesmo ano, provocada pela crise vivida pela Argentina.

A desvalorização cambial também teve um relevante papel para o aumento das exportações brasileiras, diante da necessidade do governo brasileiro em gerar divisas por meio de mecanismos menos voláteis do balanço de pagamentos, ou seja, via promoção das exportações.

Em junho de 2002, a cotação voltou a subir e o câmbio a se desvalorizar para R\$ 2,82 por dólar, outra grande desvalorização sofrida pela moeda brasileira comparada com o ano de 1999. Tal tendência se acentua quando em 26 de julho de 2002, o câmbio quebra a barreira dos R\$ 3,00 por dólar, mostrando uma desvalorização da ordem de aproximadamente

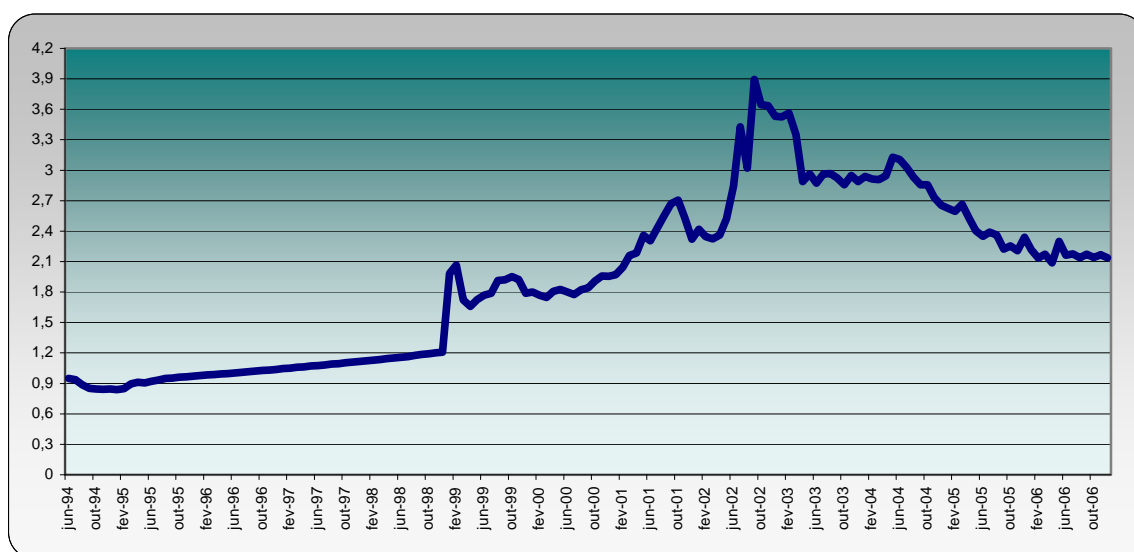
30% desde o início deste ano e uma variação de aproximadamente 148% com relação ao início do mês de janeiro de 1999. Este comportamento persistiu até as eleições de outubro daquele mesmo ano, quando atingiu a cotação pico de R\$/US\$ 3,95, maior valor desde a implantação do Plano Real, devido a forte especulação quanto à política econômica a ser adotada pelo novo governo.

Deve-se observar que a partir deste momento ocorre uma forte tendência de valorização do câmbio. Em 28 de abril de 2003, a cotação apareceu novamente abaixo dos R\$ 3,00 por dólar, encerrando em 2004, com o valor de R\$/US\$ 2,65. O movimento indica uma forte valorização em relação ao mês de eleições presidenciais, da ordem de 33% e uma tendência a reversão do quadro vivido até 2002.

Em 2005, o câmbio voltou a se valorizar quebrando a barreira dos R\$ 2,50 por dólar no dia 03 de maio, encerrando o ano com o valor de R\$/US\$ 2,34. No dia 06 de fevereiro de 2006, o câmbio alcançou um valor abaixo dos R\$ 2,20 por dólar, revelando mais uma forte valorização. A cotação mínima de R\$/US\$ 2,05 foi alcançada no dia 10 de maio de 2006 voltando a sofrer pequenas desvalorizações a partir desta data. O mês de outubro encerrou com uma cotação de R\$/US\$ 2,14. O resultado final de outubro revela uma valorização de 46% quando comparada com a cotação verificada em outubro de 2002.

No final do primeiro mandato do governo Lula, dezembro de 2006, o que se observou foi um retorno da cotação do Real aos níveis vigentes em fevereiro de 1999.

Gráfico 5.1
Taxa de Câmbio Comercial para Compra: Real (R\$) / Dólar Americano (US\$)
Fim Período - Periodicidade: Mensal



Fonte: Banco Central do Brasil(2007); Elaboração IPECE.

Analisando a relação existente entre o comportamento do câmbio e o das exportações brasileiras conclui-se que as vendas ao exterior seguem uma tendência de crescimento derivada da desvalorização cambial ocorrida a partir de 1999. Os efeitos, no entanto, só foram sentidos a partir do ano de 2000, quando as exportações brasileiras apresentaram uma taxa de crescimento da ordem de 14,7%.

Entretanto, a forte desvalorização do câmbio ocorrida a partir do primeiro semestre de 2002 não apresentou os mesmos resultados sobre as exportações como ocorrido em 1999. O comportamento não foi suficiente para acelerar o crescimento das exportações nacionais, que registraram neste ano uma taxa de crescimento de apenas 3,67%, sendo inferior a do ano de 2001, cuja taxa de crescimento foi de 5,69%. Isto mostra que a forte desvalorização cambial não foi capaz de gerar incremento notável nas exportações brasileiras, indicando a existência de outros fatores que poderiam estar atuando sobre este resultado.

Em 2003, a manutenção de um câmbio desvalorizado, numa cotação variando entre R\$/US\$ 2,80 e R\$/US\$ 3,10 entre meados do mês de abril e dezembro do mesmo ano, fez surtir efeitos sobre o valor exportado nacional. As exportações alcançaram uma taxa de crescimento de 21,08%.

No início de 2004, observa-se uma nova tendência de desvalorização do câmbio que se mantém até julho deste mesmo ano, apresentando efeitos positivos sobre as exportações brasileiras. No segundo semestre deste ano, o câmbio voltou a se valorizar o que poderia ter gerado um impacto negativo sobre as exportações nacionais; entretanto, o observado foi um crescimento muito superior ao verificado desde a implantação do Plano Real. Em 2004, a taxa de crescimento foi da ordem de 32,01% com relação ao ano de 2003. Isto influenciou na presença de outras variáveis explicativas do comportamento das exportações nacionais.

Apesar da forte tendência de valorização do câmbio observado em 2005, o movimento das exportações nacionais foi ascendente, contrariando as expectativas. A taxa de crescimento das exportações foi de 22,63%, confirmando o exposto acima.

Deste modo, o período de 2002 a 2005, registra um intenso crescimento das exportações nacionais. O desempenho está associado à uma tendência sistemática de valorização cambial, fato este que pode ser justificado pela maior abertura comercial por parte das economias mundiais.

As exportações cearenses seguem a mesma tendência das exportações nacionais no período entre 1999 e 2005. Entretanto, no ano de 2003, o Estado do Ceará apresentou um notável crescimento com uma taxa de aproximadamente 40%, contra uma taxa de 21,08% observada para o país. Nos anos de 2004 e 2005, as taxas de crescimento das exportações

estaduais apresentaram forte queda, alcançando os valores de 12,94% e 8,27%, respectivamente. Enquanto isto, as exportações nacionais mantiveram taxas acima de 20% nos três anos analisados (2004 a 2005).

O comportamento do Estado com relação ao observado para o país, revelou que as exportações cearenses poderiam estar apresentando uma maior sensibilidade ao câmbio e que parte da explicação para o crescimento apresentado poderia originar-se de outros condicionantes, além do câmbio.

Ainda que existam razões para se acreditar que esta recente apreciação cambial exerça efeito negativo sobre o volume exportado brasileiro e cearense, é fato que, pelo menos entre 1999 e 2005, registrou-se uma reversão da situação desfavorável verificada nos primeiros cinco anos do Plano Real, reversão esta que afetou positivamente a competitividade via preço das exportações brasileiras.

6. POLÍTICAS PÚBLICAS PARA O COMÉRCIO EXTERIOR CEARENSE

Nesta seção são analisadas as políticas nacionais e locais adotadas para o fomento das exportações nos últimos quatro anos. O objetivo é identificar possíveis lacunas entre a política local e a federal, ou seja, verificar o que já vale na prática em âmbito federal, mas ainda não está implementado no Estado do Ceará; propor medidas para o fortalecimento das ações já implementadas; e, apresentar outras propostas para a o desenvolvimento deste setor no Estado.

A análise das políticas públicas de comércio exterior envolve a observação de três políticas que, conjuntamente, determinam o enfoque dado à promoção da inserção de uma economia no mercado externo. Estas políticas são a cambial, fiscal e institucional. Aqui serão analisadas somente as políticas fiscal e institucional, em virtude de a política cambial já ter sido tratada na seção 7 do presente trabalho.

Política Fiscal

No Art. 3º do Decreto 27.039/03 do Estado do Ceará, pode-se observar todas as ações que o Estado se propôs a implementar para alcançar seu desenvolvimento. Dentre estas ações, tem-se, segundo os incisos I ao VIII, a indução ao desenvolvimento industrial; o estímulo às inovações tecnológicas; o apoio ao comércio e serviços; a promoção das exportações dos produtos cearenses; apoio à mineração; o fomento ao empreendedorismo e às micro e pequenas empresas; o desenvolvimento do turismo e da cultura e a promoção da competitividade da agropecuária cearense.

O Art. 6º, desta mesma norma, relata que a política de desenvolvimento do Estado do Ceará será implementada através de algumas políticas, dentre estas, a de incentivos fiscais inseridas no contexto do Fundo de Desenvolvimento Industrial do Ceará – FDI e a política de promoção às exportações dos produtos locais.

A legislação pertinente define o FDI como sendo um fundo criado pela Lei nº 10.367/79 e suas alterações, que tem como principal objetivo, fomentar a política industrial do Estado do Ceará. Esta política compreende ações voltadas para a atração seletiva de investimentos industriais, visando à formação e o adensamento das cadeias produtivas selecionadas e à formação de aglomerações espaciais. Além disto, ações que envolvem a disponibilidade de infra-estrutura necessária para a implantação e pleno desenvolvimento da atividade produtiva, e por fim o treinamento e capacitação de mão-de-obra. (Art. 2º, Dec. 27040/03)

Para a consecução dos objetivos do FDI são utilizados recursos de origem orçamentária; empréstimos de recursos a fundo perdido oriundos da União, Estado e outras entidades; contribuições, doações, legados e outras fontes de receitas que lhe forem atribuídas e receitas decorrentes da aplicação de seus próprios recursos. (Art. 5º, Dec. 27.040/03).

Esta política industrial se materializa através dos seguintes instrumentos: o Programa de Incentivos ao Desenvolvimento Industrial (PROVIN/FDI), o Programa de Desenvolvimento no Comércio Internacional e das Atividades Portuárias e Aeroportuárias do Ceará (PDCI/FDI) e o Programa de Desenvolvimento de Cadeias Produtivas (PROCAP/FDI).

Dentro do exposto, pode-se observar que o Estado do Ceará tem uma Política de Desenvolvimento Econômico bem definida, cuja principal política implementada é a política de incentivos à implantação, funcionamento, realocização, ampliação, modernização, diversificação ou recuperação de empreendimentos industriais, ou seja, toda voltada para o apoio à indústria.

O Estado do Ceará ainda não possui uma política clara e efetiva de apoio às exportações que incentive a maior participação no comércio exterior dos produtores locais. Desta forma, o alcance das diretrizes e dos objetivos da Política de Desenvolvimento Econômico do Estado será, de certa forma, dificultado pela inexistência fiscal específica de apoio a este setor da economia cearense. Entretanto, as estratégias já desenvolvidas têm, indiretamente, gerado efeitos sobre o comércio exterior.

Propõe-se, assim, a existência de uma política voltada diretamente à promoção das exportações, que gerem incentivos fiscais à empresa que passar a exportar ou aquela que aumentar sua participação no comércio exterior cearense.

Estes incentivos serão implementados através de uma Zona de Processamento de Exportações – ZPE que, por sua natureza, estimula o surgimento de empresas com foco exclusivo no comércio exterior, através de incentivos do imposto de importação, dentre outros. Além disto, propõe-se o surgimento de políticas estatais de estímulo às empresas que exportam ou que têm potencial exportador via um programa nos moldes do PDCI/FDI mas voltado para as exportações, ou seja, estimular via critério de habilitação ao Programa de incentivos fiscais e critério de julgamento do pleito da proposta.

Política Institucional

As políticas institucionais do governo federal voltadas para a promoção do comércio exterior estão inseridas na Política Industrial, Tecnológica e de Comércio Exterior – PITCE. A Política Industrial, Tecnológica e de Comércio Exterior faz parte de um conjunto de ações

componentes da estratégia de desenvolvimento apresentada no documento “Orientação Estratégica de Governo: Crescimento Sustentável, Emprego e Inclusão Social”, cujos alvos são o fortalecimento de infra-estrutura e o desenvolvimento regional.

Conforme o documento “Balanço PITCE 2005”, elaborado pela Agência Brasileira de Desenvolvimento Industrial – ABID:

“A Política Industrial, Tecnológica e de Comércio Exterior objetiva induzir a mudança do patamar competitivo da indústria brasileira, rumo à maior inovação e diferenciação dos produtos, almejando competitividade internacional. A inserção externa da indústria é fator decisivo para seu desenvolvimento.”

Neste contexto, o objetivo da PITCE de maior inserção internacional com a expansão das exportações, envolve ações que se baseiam na maior inclusão de pequenas e médias empresas no mundo dos negócios internacionais; na divulgação de empresas e produtos brasileiros no exterior; na desoneração e desburocratização; na ampliação de financiamentos para este setor; no estímulo aos setores onde o Brasil tem maior capacidade ou necessidade de desenvolver vantagens competitivas, abrindo caminhos para inserção nos setores mais dinâmicos dos fluxos de troca internacionais.

Tal política requer, de forma mais veemente, a realização de ações conjuntas entre governo, entidades privadas e órgãos não governamentais.

Conforme o documento “Diretrizes de Política Industrial, Tecnológica e de Comércio Exterior”, elaborado em novembro de 2003, a inserção externa do Brasil ocorreria da seguinte forma:

“As ações, nesta área, voltam-se para a expansão sustentada das exportações e ampliação da base exportadora pela incorporação de novos produtos, empresas e negócios. Inclui: a) apoio às exportações, com financiamento, simplificação de procedimentos e desoneração tributária; b) promoção comercial e prospecção de mercados; c) estímulo à criação de centros de distribuição de empresas brasileiras no exterior e à sua internacionalização; d) apoio à inserção em cadeias internacionais de suprimentos; e) apoio à consolidação da imagem do Brasil e de marcas brasileiras no exterior.”

Assim, o MDIC criou vários instrumentos de promoção das exportações nacionais, inclusive direcionando esforços para Estados e municípios específicos. A seguir, são listados os principais instrumentos de política institucional criados a partir de 2003 com o intuito de aumentar/fortalecer as exportações nacionais.

A) Apoio às exportações, com financiamento, simplificação de procedimentos e desoneração tributária

Financiamento

O financiamento às exportações foi baseado em três principais linhas de crédito:

- Linhas de Apoio à Exportação do BNDES: financia as exportações de bens e serviços nas modalidades Pré-embarque; Pré-embarque de Curto Prazo; Pré-embarque Especial; Pré-embarque Empresa Âncora; Pós-embarque. O financiamento ocorre através de instituições financeiras credenciadas;
- PROEX - Programa de Financiamento às Exportações: financia as exportações de bens e serviços em condições equivalentes às do mercado internacional, nas modalidades PROEX Financiamento (financiamento direto ao exportador brasileiro ou ao importador com recursos do Tesouro Nacional); PROEX Equalização (exportação financiada pelas instituições financeiras no país e no exterior, na qual o PROEX paga parte dos encargos financeiros, tornando-os equivalentes àqueles praticados no mercado internacional). O financiamento ocorre somente através do Banco do Brasil, que é o agente exclusivo da União para o PROEX;
- PROGER Exportação: linha de crédito exclusiva para micro e pequenas empresas com faturamento bruto anual de até R\$ 5 milhões. Financia, em moeda nacional, na fase pré-embarque, a produção de bens e mercadorias destinadas à exportação e as despesas com promoção comercial, tais como: feiras e eventos no exterior, passagens, hospedagem, remessa de material e montagem de estandes. O financiamento ocorre através do Banco do Brasil e da Caixa Econômica Federal.

Simplificação de procedimentos e Desoneração tributária

Os principais procedimentos são:

- Drawback: regime criado pelo Decreto-Lei 37/66 para desonerar os impostos nas importações vinculadas a produtos que serão posteriormente exportados. Em 2001, a

SECEX instituiu o Sistema Drawback Eletrônico, que, de forma informatizada, controla, agiliza e simplifica as operações de Drawback;

- Redução de Imposto de Renda em Promoção: isenção de imposto de renda sobre as remestas financeiras ao exterior que tenham o objetivo de promover produtos brasileiros no mercado externo. Para a concessão da isenção, as remestas financeiras devem se destinar ao pagamento de despesas relacionadas com pesquisa de mercado, participação em exposições, feiras e eventos semelhantes, vinculados à promoção de produtos brasileiros, incluindo o pagamento de aluguéis, arrendamento de stands, locais de exposição e despesas com propaganda realizadas no âmbito destes eventos;

- Regimes Aduaneiros Especiais: são mecanismos que o governo criou para atender a algumas peculiaridades do comércio exterior, que permitem a entrada ou a saída de mercadorias do território aduaneiro com suspensão ou isenção de tributos. Assim, para os bens enquadrados desta forma, não se aplica a regra geral do regime comum de importação e exportação. Há ainda os Regimes Aduaneiros Especiais aplicados em áreas especiais, que foram criados para atender a determinadas situações econômicas peculiares de pólos regionais.

B) Promoção comercial e prospecção de mercados

Empresa Comercial Exportadora / *Trading Company*

A partir do Decreto-Lei 1.248/72 foram estendidos às operações de compra de mercadorias no mercado interno para o fim específico de exportação, os mesmos benefícios fiscais concedidos por lei às exportações efetivas. Isto estimulou a criação de empresas comerciais exportadoras, conhecidas internacionalmente como “*trading companies*”, que se caracterizam pela aquisição de mercadorias no mercado interno para posterior exportação. Para a obtenção de tais benefícios, a empresa deve obter registro especial na SECEX e SRF; ser constituída sob forma de sociedade por ações; e, possuir capital mínimo fixado pelo Conselho Monetário Nacional.

Este tipo de empresa facilita a intermediação entre os produtores nacionais e os importadores externos, já que possuem amplo conhecimento sobre as peculiaridades da negociação internacional, desde o mais simples procedimento aduaneiro até conhecimentos de mercado e riscos comerciais. Após a aquisição das mercadorias, todas as atividades, procedimentos e riscos que envolvam o processo de negociação internacional ficam sob a responsabilidade destas empresas comerciais exportadoras, sem que os produtores, geralmente

pequenas e médias empresas, necessitem conhecer qualquer mecanismo relacionado ao comércio exterior. Pequenas e médias empresas, que não exportam diretamente, podem ainda se beneficiar do regime Drawback, conforme estabelecido no Decreto-Lei 1.248/72 e na Portaria SECEX nº 35/06, desde que realizem venda no mercado interno a empresas comerciais exportadoras, com o fim de exportação.

As “*tradings*” caracterizam-se, principalmente, por exportar produtos de diferentes fornecedores de forma consolidada; necessitar de menor capital de giro, devido às operações casadas; oferecer melhor atendimento aos clientes, por apresentar variada gama de produtos; reduzir os custos operacionais; possuir estoques que permitam regularidade de fornecimento; atuar em diversos mercados.

Programa Cultura Exportadora

Seu principal objetivo é aumentar a participação de pequenas empresas na pauta de exportações brasileiras, além de aumentar a base de empresas exportadoras por meio da difusão da cultura exportadora e do apoio aos potenciais exportadores. Este programa é constituído de quatro ações complementares:

- Encomex: promoção de encontros de comércio exterior de forma itinerante em grandes e médias cidades brasileiras com o objetivo de integrar o setor público com o privado. Envolve desde palestras sobre os primeiros passos para quem deseja exportar, passando pelo balcão de serviços e show room de produtos de sucesso expostos nos estandes da feira, indo até os despachos executivos (agilizando a resolução de pendências e o encaminhamento de questionamentos);
- Capacitação de profissionais em Comércio Exterior: dentro do Projeto Redeagentes, a partir da capacitação de agentes multiplicadores que irão atuar em seus respectivos Estados de origem;
- Projeto Redeagentes (Projeto Rede Nacional de Agentes de Comércio Exterior): através de agentes treinados pelo MDIC é prEstado um serviço gratuito de orientação sobre exportações às micro, pequenas e médias empresas. São beneficiados todos os Estados do país. Os agentes são profissionais vinculados a diversos organismos estaduais, tais como federações de indústrias, associações comerciais, bancos regionais, dentre outros, ou seja, permanecem nos seus próprios Estados e regiões, oferecendo permanente apoio aos exportadores locais;
- Aprendendo a Exportar: edição e distribuição de material técnico com informações sobre procedimentos relativos à exportação. Envolve um aplicativo de computador que

ensina, interativamente, o passo-a-passo do processo de exportação a micros, pequenos e médios empresários que pretendem exportar. Existe uma versão genérica e quatro setoriais (confeções, móveis, calçados e artesanato), com previsão de lançamentos de mais três setoriais (flores e plantas ornamentais, máquinas e equipamentos e alimentos).

Programa Estado Exportador

O Programa de Desenvolvimento e Diversificação das Exportações dos Estados – Estado Exportador, instituído em 2004, estimula as exportações de Estados cujos valores exportados são inferiores a R\$ 100 milhões ao ano, com o objetivo de reduzir desigualdades regionais e permitir o crescimento sustentado via exportações. Este programa tem como ações a ampliação e fortalecimento da rede de apoio às exportações; mapeamento e diagnóstico do setor produtivo; capacitação empresarial; e apoio à viabilização de negócios, a serem realizadas através de parcerias entre instituições públicas e privadas.

De início foram beneficiados quatro Estados da Região Norte (Acre, Rondônia, Roraima e Tocantins), dois da Região Nordeste (Piauí e Sergipe) e o Distrito Federal, dando-se ênfase ao aumento das exportações de empresas de pequeno porte, à ampliação da pauta de produtos, à diversificação de mercados e ao aumento do número de empresas exportadoras. Posteriormente, os Estados de Alagoas e Paraíba foram também contemplados pelo referido programa, com a ampliação do limite de R\$ 100 milhões para R\$ 500 milhões anuais.

Promoção Comercial em Parceria com a *Japan International Cooperation Agency*

Com base no Acordo Básico de Cooperação Técnica entre Brasil e Japão foi firmada cooperação técnica entre o MDIC e a *Japan International Cooperation Agency (JICA)*, com o objetivo de promover as exportações de micros, pequenas e médias empresas brasileiras ao Japão por meio da capacitação de setores econômicos selecionados. A implementação deste projeto geralmente se dá através de seminários sobre as oportunidades de negócios entre os dois países realizados em vários Estados do Brasil.

Promoção Comercial em Parceria com a APEX-Brasil

- Plano Estratégico de Promoção Comercial: plano lançado em 2003, com o objetivo de aumentar as exportações, diversificar a pauta e ampliar a base exportadora e promover uma maior inserção do setor empresarial no processo exportador, através de Protocolos de Intenções/Convênios de Cooperação firmados entre o MDIC e a APEX-

Brasil (Agência de Promoção de Exportações e Investimentos) e os governos estaduais. As diretrizes deste plano visam coordenar e integrar órgãos, entidades e sistemas de informação; implementar políticas de promoção comercial em cada Estado do país, baseada em metodologia de inteligência comercial. O Estado do Ceará firmou convênio desde 15/01/2004;

- Portal do Exportador: a partir do site www.portaldoexportador.gov.br são oferecidas informações básicas sobre exportações, como termos, mecanismos, legislação, eventos, etc.;

- Vitrine do Exportador: corresponde a um catálogo de informações sobre exportadores brasileiros, no qual se pode construir uma vitrine virtual para que as empresas exportadoras possam divulgar seus produtos. Ainda há o sistema “Potencial Exportadores” que possibilita às empresas que ainda não exportam divulgar seus produtos;

- Radar Comercial: constitui-se como uma série de estudos que têm como objetivos identificar os mercados e os produtos que apresentam maior potencialidade para o incremento das exportações brasileiras, no curto, médio e longo prazos, de acordo com critérios pré-estabelecidos e metodologias desenvolvidas pela SECEX.

Programa Exporta Cidade

O Programa de Inserção de Municípios no Comércio Internacional – Exporta Cidade tem como objetivo criar ambiente favorável ao desenvolvimento das vocações produtivas destinadas ao mercado externo, através de ações que visam fortalecer a competitividade exportadora dos municípios, com a interação entre os setores público e privado, entidades de classe e instituições afins. Há uma previsão de implantação de projetos-piloto em dez cidades de todo o país, dentre as quais está contemplado o município de Sobral no Estado do Ceará. Tais cidades foram escolhidas em função de seus respectivos perfis sócio-econômicos, infraestrutura, tradição empreendedora, dinamismo empresarial, quantidade de empresas existentes, diversidade de atividades econômicas, ambiente acadêmico, centros tecnológicos e de pesquisa, existência de arranjos produtivos, dentre outros.

Programa de Regionalização de Centros de Informações de Comércio Exterior - CICEX

Este programa, lançado em 2004, visa disseminar, de forma uniforme e tempestiva, nos Estados e municípios, informações, ações e programas do SECEX/MDIC, capaz de oferecer às empresas que já exportam e àquelas que tenham potencial, respostas rápidas para

as diversas demandas correntes do mercado externo. O programa complementa as ações de promoção das exportações em âmbito estadual e municipal. Para tanto, a SECEX lançou o Programa de Regionalização de Centros de Informações de Comércio Exterior e implantou a Rede de Centros de Informações de Comércio Exterior - Rede CICEX.

- Centros de Informações de Comércio Exterior - CICEX: são operacionalizados por meio de parceria entre o SECEX/MDIC, os governos estaduais e os municipais. Já a implantação destes centros será de responsabilidade dos Estados e Municípios que disponibilizarão recursos para a instalação mínima necessária ao funcionamento e atendimento aos usuários. A equipe de atendimento dos centros será capacitada pela SECEX/DEPLA para garantir a uniformidade de atendimento e a disseminação de informações seguras e atualizadas em tempo hábil. Os centros desenvolverão suas atividades nas áreas de: **divulgação de instrumentos de apoio** (Aprendendo a Exportar, Radar Comercial, AliceWeb, Canal Universitário, Vitrine do Exportador e Potenciais Exportadores, entre outros); **orientação ao público** sobre temas relacionados com comércio exterior; **suporte institucional**, mediante parcerias com órgãos governamentais, entidades de classe, bancos e instituições de apoio às atividades das empresas de pequeno porte;

- Rede CICEX: sistema de integração dos CICEX, com a finalidade de disseminar e facilitar o acesso à informações especializadas de comércio exterior; aproximar-se do usuário; orientar os exportadores e potenciais exportadores no caminho da exportação; propiciar atendimento diferenciado e uniforme através de contato telefônico, e-mail, fax ou visita pessoal ao centro mais próximo. A integração do Centro de Informações de Comércio Exterior à Rede CICEX permite aos atendentes do CICEX o acesso compartilhado do banco de soluções e do workflow dos serviços do Fala o Exportador, do Portal do Exportador, para tratamento de questionamentos pelos usuários credenciados.

C) Estímulo à criação de centros de distribuição de empresas brasileiras no exterior e à sua internacionalização

O Centro de Distribuição constitui-se como uma estrutura física instalada em locais estratégicos no exterior com o objetivo de garantir o acesso a mercados regionais. O objetivo é que o centro de distribuição seja utilizado por empresas exportadoras brasileiras, previamente selecionadas, para negociar e manter estoques de produtos; buscar a

internacionalização como forma de eliminar intermediários; encurtar a distância entre a produção e o consumidor e negociar preços competitivos.

A instalação dos CDs foi definida como prioridade pela APEX-Brasil para os anos de 2005 e 2006, tendo como empresas alvo, inicialmente, as de pequeno e médio porte já atuantes no comércio exterior. Os CDs devem representar o primeiro passo para que empresas nacionais abram filiais no exterior. Após uma permanência de 12 a 18 meses nestes locais, as empresas já terão o tempo e a experiência suficientes para, segundo o plano de negócios de cada uma, se estabelecerem no mercado. O primeiro CD foi implantado em Miami no ano de 2006, contando com o gerenciamento de um profissional brasileiro contratado pela APEX-Brasil. A previsão é de próximas implantações em Frankfurt na Alemanha, Portugal, Emirados Árabes, China, Polônia e África do Sul.

Estado do Ceará

As políticas institucionais do Governo do Estado baseiam-se em parcerias com entidades privadas como o Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas - SEBRAE e a Federação das Indústrias do Estado do Ceará – FIEC, tendo ainda o apoio do governo federal através da APEX-Brasil.

No âmbito do setor público, a partir de 2003, foi criada a Coordenadoria de Negócios subordinada à Secretaria do Desenvolvimento Econômico – SDE, a qual tinha como objetivo promover e apoiar os negócios nacionais e internacionais, bem como realizar pesquisas e análises para identificação de mercados compatíveis com o potencial do Estado, visando à consolidação e ampliação dos mercados já existentes, e à inserção de pequenas e médias empresas no comércio internacional.

No âmbito do setor privado, instituições de apoio à indústria e micro e pequenos empresários, como a FIEC e o SEBRAE/CE, buscavam auxiliar os empresários cearenses a ingrestarem no mercado internacional.

A partir de 2003, a proposta do governo estadual era tornar as ações públicas e privadas bem mais integradas, o que se deu com o fortalecimento da Comissão de Comércio Exterior – CCE. Esta comissão tem como objetivo integrar as instituições participantes visando o desenvolvimento dos negócios internacionais no Estado a partir da difusão da cultura exportadora. Constitui-se de um grupo formado pelas seguintes instituições: Banco do Brasil, Banco do Nordeste, FIEC, SEBRAE/CE, Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos, Governo do Estado do Ceará e Universidade de Fortaleza – UNIFOR.

Dentro dos objetivos da CCE, os agentes envolvidos atuam nos seguintes processos:

| Instituição | Atuação da Instituição |
|----------------------------|--|
| Banco do Brasil | Financiamento à exportação e importação; consultoria e assessoria em câmbio e comércio exterior; agência de negócios internacionais |
| Banco do Nordeste | Promoção da pequena produção para exportação; articulação (oportunidades de investimentos no nordeste); financiamento de longo prazo (implantação e modernização) |
| FIEC | Recepção e envio de missões empresariais; estudos estratégicos para exportação; consultoria empresarial para a internacionalização |
| SEBRAE/CE | Apoio à formação de consórcios de exportação; promoção da participação da pequena empresa em feiras/missões; acesso ao comércio eletrônico para a pequena empresa |
| Correios | Logística simplificada para exportação da pequena empresa; informações sobre normas internacionais para envio de produtos; consultoria para internacionalização da micro/pequena empresa |
| Governo do Estado do Ceará | Articulação internacional para cooperação técnica e financeira; atração de compradores e investidores internacionais; identificação e promoção da competitividade dos produtos locais; |
| UNIFOR | Capacitação de pessoas de forma compatível com o mercado; desenvolvimento de estudos (dissertações, projetos, estudos); suporte acadêmico, pesquisadores, instalações, empresa-júnior |

Existem quatro Comissões de Comércio Exterior no Estado do Ceará: CCE-CE; CCE-Zona Norte; CCECariri e CCE-Leste. A primeira, é responsável pelo planejamento estadual; articulação com gerentes setoriais do Estado; articulação com CCEs do interior; articulação com entidades nacionais e internacionais. Os CCEs do interior objetivam mobilizar setores potenciais para exportação com direcionamento para as vocações de cada região.

Dentro da perspectiva de promover os produtos cearenses nos mercados externos, de diversificar a pauta de exportações e aumentar o volume dos negócios estaduais, as políticas institucionais do governo do Estado envolveram ações de participação e promoção de:

- Feiras/Exposições nacionais e internacionais;
- Missões empresariais internacionais;
- Congressos/Seminários/Convenções/Fórums/Encontros nacionais e internacionais;
- Encontro de Comércio Exterior – ENCOMEX;
- Convênios de cooperação técnica;
- Reuniões semanais da Comissão de Comércio Exterior – CCE;
- Prêmio Exportador do Ano;
- Capacitação de pessoal.

Em 2005, a Secretaria do Desenvolvimento Econômico – SDE participou de 46 eventos, dos quais 13 foram internacionais, 8 nacionais, 6 regionais, 11 locais e 8 no interior do Estado do Ceará. Deve-se destacar, dentre outros setores econômicos contemplados por

estes eventos, o de calçados e couros (movimentando R\$ 7,7 milhões em vendas para o mercado externo); o moveleiro (com um volume de negócios estimado em R\$ 60 mil); o têxtil; o de produtos artesanais; o agropecuário; o tecnológico (telecomunicações, equipamentos industriais, auto, náutico, automação, tecnologia da informação, biotecnologia, componentes eletrônicos); de frutas (cerca de R\$ 10,0 milhões exportados); de camarão (com um volume de negócios em torno de R\$ 41 milhões). Em 2004 a SDE participou de 51 eventos e, em 2003, de 33 eventos.

Em parceria com o Banco do Brasil, a SDE promoveu cursos de capacitação em comércio exterior, o que resultou em 139 pessoas treinadas no ano de 2005, totalizando 232 pessoas entre os anos de 2003 e 2005.

As ações derivadas de políticas institucionais realizadas pelo governo do Estado em parceria com as entidades privadas, envolveram, entre os anos de 2003 e 2005, a promoção comercial dos produtos cearenses, o estímulo à interiorização da cultura exportadora e da capacitação de pessoal.

CONCLUSÕES E PROPOSIÇÕES

O presente trabalho teve como objetivo principal analisar o setor exportador cearense, especialmente, entre os anos de 1999 e 2006. Buscou-se identificar e caracterizar a estrutura atual da pauta de exportações do Estado e sua dinâmica neste período, bem como as variáveis a influenciá-la.

Neste intuito, fez-se uma avaliação sucinta das economias mundial e brasileira, possibilitando a construção do contexto no qual se insere o desempenho da economia cearense. O comportamento do Estado foi analisado sob diversas óticas, o que permitiu ampliar e aprofundar o estudo pretendido.

Avaliados os resultados, são aqui apresentadas, ou lembradas, as principais conclusões.

O crescimento da economia nacional apresentado entre os anos de 1991 e 2006 não acompanhou o movimento da economia mundial. A economia brasileira apresentou crescimento anual médio inferior ao observado para o mundo, além de seguir uma tendência diferente quando se consideram os últimos anos, a partir de 2000. Desta forma, o País não aproveitou o bom momento vivido pela economia mundial, não internalizando os seus efeitos positivos como poderia.

O baixo dinamismo da economia brasileira explica como as oportunidades advindas com o crescimento mundial não foram aproveitadas como poderiam. Este dinamismo é observado na economia chinesa, que favoreceu e se beneficiou da expansão observada na economia mundial, e mesmo respeitando as diferenças existentes entre Brasil e China, esta diferença dimensiona as oportunidades já perdidas.

No caso específico da economia brasileira, o crescimento registrado, embora aquém do que poderia ter ocorrido e inferior ao registrado pela economia mundial, só não foi ainda menor devido ao desempenho exportador, que, se não proporcionou um maior crescimento, evitou um resultado pior. Vale destacar, que a exportação de bens não é a única forma de se aproveitar o crescimento da economia mundial. Dentre os entraves existentes, responsáveis pelo fraco desempenho da economia nacional, uma política restritiva apoiada em taxas de juros elevadas mereceu destaque.

Considerando as exportações, o comportamento nacional é um tanto diferente. Neste caso, o desempenho nacional supera àquele verificado para economia mundial, uma vez que o País registrou taxas de crescimento superiores entre 1991 e 2006, em especial após o ano

2000. Como resultado a economia brasileira aumentou sua participação nas transações comerciais internacionais.

Neste caso, parte da expansão nas exportações brasileiras pode ser explicada pelo crescimento da economia mundial. De fato, o país neste quesito tem se beneficiado do aquecimento da economia mundial, com o aumento da demanda e intensificação das trocas internacionais. Outras explicativas foram os movimentos favoráveis da taxa de câmbio, especialmente entre 1999 e 2005; a competitividade na produção de algumas *commodities*; os avanços na qualidade dos bens exportados (maior conteúdo tecnológico, maior competitividade); e, possivelmente, a situação interna desfavorável da economia nacional, impondo o mercado internacional como elemento chave para manutenção da rentabilidade de certas atividades. Entretanto, as exportações nacionais ainda possuem uma participação tímida no total das exportações mundiais, indicando o espaço existente para o crescimento das vendas nacionais ao exterior.

O crescimento das exportações brasileiras e da economia e exportações mundiais formam o cenário no qual se insere a economia do Estado do Ceará. Coube, então, avaliar como o Estado aproveitou as oportunidades criadas e quais foram as influências deste ambiente sobre o desempenho exportador cearense. Os resultados discutidos revelaram as transformações ocorridas na pauta de exportações cearenses e ajudaram a entender a dinâmica local.

As exportações cearenses, em linhas gerais, seguiram o comportamento observado para a região Nordeste e para o País. Entretanto, o Estado apresentou um menor crescimento das exportações em relação às nacionais. Como resultado, o Estado alcançou o superávit comercial em 2003 revertendo uma situação de déficit existente desde 1993, mas tardia quando comparada à do país, ocorrida em 2001; e perdeu posições no *ranking* nacional dos Estados exportadores.

Comparado ao desempenho da região Nordeste e dos demais Estados que a compõem, a economia cearense, embora mantendo a posição de terceira maior exportadora regional, também perdeu participação. Este comportamento foi fruto do fraco crescimento médio das exportações do Estado entre 1999 e 2006, segundo pior dentre os outros Estados nordestinos.

Os desempenhos distintos apresentados entre o Estado, a região e o país podem ser associados, dentre outros fatores, às diferenças existentes na pauta de exportações, no que diz respeito à diversidade e às características dos bens comercializados, sua sensibilidade ao câmbio e capacidade de atendimento da demanda mundial (as características dos produtos

comercializados limitam a conquista de determinados mercados). As comparações acima demonstraram os efeitos da estrutura da pauta exportadora no aproveitamento das oportunidades para expansão do comércio externo de determinada economia, haja vista que a comparação realizada abordou pautas de diferentes estruturas.

As exportações do Estado, considerando as categorias de uso, ou setores de contas nacionais, mostraram-se concentradas em bens de consumo, com destaque para bens de consumo não-duráveis. Ambas as categorias apresentaram, nos anos analisados, redução em suas participações nas vendas cearenses ao exterior. Em sentido oposto, os bens intermediários, segunda principal categoria no comércio externo do Ceará, registrou forte crescimento em sua participação, com destaque para os insumos industriais.

A presença de bens de consumo nas exportações cearenses não garantiu maior competitividade às exportações do Estado, o que seria esperado com a maior presença de bens de consumo na pauta. Isto não ocorreu porque a concentração foi em uma categoria de uso, os bens de consumo não-duráveis, cuja complexidade tende a ser menor do que a contida nos bens de consumo duráveis. Outro ponto a destacar é o crescimento da participação dos bens intermediários (insumos industriais) nas exportações locais. Este movimento pode indicar uma tendência de alteração no perfil das exportações do Estado. Vale frisar, que se trata de um movimento ainda incipiente dadas às diferenças de participação de cada categoria de uso na pauta local.

O desempenho exportador do Estado sofreu maior influência do crescimento dos bens industrializados, tanto semimanufaturados quanto manufaturados. Tal categoria aumentou sua participação nas vendas externas cearenses, mantendo o primeiro lugar no *Ranking* estadual alcançado em 1998.

O detalhamento das exportações através dos conceitos, capítulos e produtos (definições NCM), complementaram os resultados. A avaliação por capítulos revelou a existência de grupo de produtos tradicionais nas exportações do Estado e o ganho de importância por outros grupos ao longo dos anos analisados. Frutas, calçados, têxteis (algodão, fios, fibras e tecidos), pescados (camarões), peles, obras de ferro e aço, foram os grupos de produtos (capítulos) com presença e destaque nas exportações do Estado. Outros grupos ganharam importância ao longo do período (1999-2006), como ferro e aço, obras de pedra e cimento, produtos hortícolas, veículos suas partes e acessórios.

Considerando os produtos especificamente, as exportações cearenses apresentaram um crescimento considerável na quantidade de produtos comercializados, indicando uma

relativa diversificação da pauta exportadora e explicando, em parte, a elevação verificada nos valores exportados pelo Estado entre 1999 e 2006.

A maior quantidade de produtos comercializados se reverteu em uma diversificação da pauta. Neste movimento de crescimento das exportações, alguns produtos ganharam importância passando a responder por maiores valores nas vendas externas do Estado e contrapondo a concentração existente. Entretanto, embora a maior quantidade de bens comercializados, como dito acima, tenha indicado uma diversificação da pauta, esta ainda manteve certa concentração em alguns produtos.

A avaliação revelou a recorrência de alguns produtos nas vendas ao exterior e a existência de produtos com peso relevante nas exportações cearenses. É natural nas vendas externas de uma determinada economia, a presença de grupo de produtos que respondam pela maior parte das exportações locais. Estes grupos revelam, de certa forma, a especialização do comércio externo da economia em questão e evidenciam a existência de atividades econômicas com viés exportador, como o caso da Indústria têxtil, da indústria calçadista e do agronegócio, em especial da fruticultura. É importante frisar que tais atividades fabricaram tanto produtos tradicionais e de maior importância nas exportações, como aqueles cujas vendas externas possuem valores menos expressivos. Estas atividades e seus produtos concentraram, então, a grande parcela das exportações estaduais respondendo pela maior parte dos valores comercializados.

O desempenho externo do Estado resultou não apenas do comportamento dos produtos tradicionais e daqueles com participações relevantes, mas também do movimento apresentado por aqueles cujas exportações foram pequenas, que representam a imensa maioria dos produtos comercializados. Os produtos tradicionais, como castanhas de caju e outras frutas, calçados e suas partes, e, fios, tecidos e suas obras, sustentaram as exportações cearenses, entretanto, o valor pequeno das exportações da grande maioria dos outros produtos não diminuiu a importância de seus movimentos. Dentre estes movimentos, o surgimento de novos produtos e os fortes crescimentos registrados nos períodos analisados têm importante significado para exportações do Estado – fornecem indicações de possíveis oportunidades para novos negócios com os mercados internacionais.

Estas novas oportunidades podem ser aproveitadas por negócios com menor importância relativa para exportações do Estado ou pelas atividades exportadoras tradicionais. No caso das primeiras, as oportunidades favorecem o surgimento de novas atividades com ênfase para as exportações, como no caso daquelas ligadas à produção de sucos de frutas, máquinas de costuras, aparelhos para cozinha, óleos lubrificantes, granitos e cimentos, entre

outros. No caso das tradicionais, as novas oportunidades contribuem para expansão, ou recuperação, da participação nos mercados internacionais, que ocorre através da ampliação do leque de produtos ou da substituição daqueles que perderam competitividade externa.

As indústrias têxtil e calçadista são um bom exemplo deste movimento. Atuantes em um mercado de competição acirrada, em especial pela concorrência chinesa, as empresas destes setores apresentaram uma dinâmica intensa em suas pautas de exportações, com produtos perdendo espaços no mercado internacional, ao passo que outros registraram desempenhos positivos, com crescimento nos valores exportados e maior participação nas vendas externas cearenses.

Os resultados das avaliações sobre o destino das exportações do Estado, sobre os municípios e empresas exportadoras permitiram conhecer a demanda externa existente (países de destino) para os produtos cearenses, a localização da produção dos bens exportados (municípios) e os agentes produtivos responsáveis por ela (empresas).

Considerando as exportações destinadas aos blocos econômicos, entre 2005 e 2006, Estados Unidos (EUA) e União Européia (UE) se colocaram como principais blocos compradores dos produtos cearenses. Neste período se destacaram, além da UE, o Mercosul e a Ásia, como os blocos que mais aumentaram suas participações no ranking dos principais destinos, ao passo que o EUA perdeu peso nesta classificação. O crescimento apresentado por tais blocos foi influenciado especialmente pela expansão das vendas locais aos mercados da Alemanha e Itália (UE), Argentina e Paraguai (Mercosul), China e Japão (Ásia).

Observando os países individualmente, o Ceará aumentou o número de compradores internacionais e intensificou as relações com nações com as quais comercializava. Os novos países surgiram como compradores pouco expressivos, fato natural no início, e se apresentam como possibilidades para novos negócios em um movimento de amadurecimento da relação comercial, que deve ser explorado. A intensificação das relações já existentes foi percebida pela maior participação como destino das exportações cearenses de alguns países, como o caso da Itália, Holanda e Reino Unido. Os países que mais se destacaram como compradores de produtos do Estado foram Estados Unidos, Argentina, Itália, Holanda, Canadá, Alemanha, Reino Unido e China, seja pela forte participação como destino ou pelo crescimento de suas importações do Ceará.

A economia cearense seguiu um processo interessante na expansão de mercados para os seus produtos. Ao passo que iniciou relações com novos países, intensificou as vendas aos parceiros já existentes, em especial às nações mais desenvolvidas. Desta forma, combinou

crescimento em novos mercados e crescimento em mercados ricos e tradicionais, adotando uma postura bastante positiva.

A análise dos municípios exportadores mostrou que a produção dos bens destinados às vendas cearenses ao exterior se concentrou na Região Metropolitana de Fortaleza (RMF) e em outros centros urbanos de destaque no Estado, como Sobral, Juazeiro e Barbalha.

A identificação dos municípios exportadores ajudou a localizar os agentes produtivos responsáveis pela produção cearense destinada ao exterior. A avaliação das empresas exportadoras revelou um universo reduzido de empresas respondendo pelas maiores parcelas das exportações locais e sugere que o crescimento das vendas do Estado ao exterior foi fruto mais da expansão das exportações das empresas já exportadoras do que de novas atividades no comércio externo cearense.

Os resultados apresentados retrataram a dinâmica das exportações do Estado. Esta avaliação foi apenas uma parte da análise, sendo complementada com um estudo qualitativo das vendas externas realizadas pela economia cearense. Tal estudo complementar forneceu evidências sobre a qualidade dos bens comercializados, em especial no que se refere ao conteúdo tecnológico e à dinâmica da demanda mundial. As evidências permitiram conclusões a respeito da qualidade da concentração existente nas exportações do Estado, da competitividade dos produtos cearenses no exterior, e, por conseguinte, explicam, em parte, a competitividade externa das empresas locais.

A análise da concentração existente nas exportações do Estado, quando se consideraram os capítulos (definição NCM), revelou a necessidade de se intensificar o processo de diversificação. Como percebido na análise quantitativa, o movimento de diversificação de fato ocorreu, entretanto, mesmo considerando normal a existência de alguma concentração na pauta, este processo não foi suficiente para conduzi-la a “níveis aceitáveis”. O movimento de desconcentração ocorrido foi determinado pelo crescimento no número de capítulos comercializados (diversificação), mas o valor expressivo em poucos grupos de produtos não permitiu maior redução no valor do indicador.

Resultados semelhantes foram alcançados na avaliação dos destinos das vendas estaduais. As exportações chegaram a um maior número de compradores, mas poucos ainda concentraram o maior volume de compras.

É importante destacar que movimentos iniciais, sejam eles frutos de novos produtos na pauta ou de novos destinos para exportações, ocorrem com valores relativamente menos expressivos, porém, expectativas positivas apontam para uma elevação natural no comércio, resultado do amadurecimento das relações comerciais. O coeficiente de especialização

relativa identificou os grupos de produtos com maior destaque para comércio externo local do que para exportações nacionais; em outras palavras, apontou os grupos de produtos nos quais o Estado se revelou mais especializado do que o país como um todo.

Na abordagem mais agregada, caso dos capítulos (definição NCM), o Estado mostrou-se especializado em peixes e crustáceos (capítulo 03), plantas vivas e floricultura (06), frutas (08), peles (41), tecidos de malha (60), calçados (64) e embarcações e estruturas flutuantes (89), entre outros. A magnitude do coeficiente e sua evolução identificaram os grupos de produtos exportados em que o Estado revelou uma maior especialização em relação ao país. Neste sentido, os capítulos (06), (60), (64) e (42) obras de couro, registraram elevação no valor do coeficiente, evidenciando em que direção se especializaram as vendas cearenses ao exterior quando comparadas às exportações nacionais.

Considerando o dinamismo da demanda mundial, as exportações cearenses se mostraram concentradas e registraram crescimento na quantidade de produtos, cuja demanda está em decadência ou regressão. No período analisado, ocorreu uma pequena redução na participação destes produtos no valor total comercializado pelo Estado. Vale destacar que estes bens ainda trazem possibilidades de ganho para o Estado dadas às limitações atuais da economia cearense. A comercialização de bens que possuem uma demanda dinâmica ou muito dinâmica se mostrou ainda incipiente.

Observando o conteúdo tecnológico dos produtos exportados, a pauta do Estado se mostrou concentrada em bens de baixa e média-baixa intensidade tecnológica. Além de concentradas, as vendas do Estado ao exterior registraram crescimento na pauta da quantidade de capítulos com esta característica. Acompanhando este movimento, a participação destes capítulos no valor total exportado também aumentou no período.

De posse das informações acima, foi possível: (a) identificar movimentos positivos apresentados pelas exportações do Estado nos últimos anos (1999 – 2006); (b) observar pontos negativos e vulnerabilidades existentes; (c) propor, ou reafirmar a necessidade de determinadas posturas adotadas para otimizar os resultados positivos alcançados e eliminar/reduzir os problemas presentes; e (d) conhecer as variáveis de maior influência no comportamento observado.

De início, os pontos positivos:

1. O crescimento das exportações cearenses, por si só, já é um fato positivo, intensificado quando se percebe que este movimento foi especialmente influenciado pela expansão das vendas de produtos industrializados, e que

estes se concentram em bens de consumo, respondendo pela maior parcela das vendas locais ao exterior;

2. Crescimento nas exportações de novos grupos de produtos e maior quantidade de bens comercializados, reduzindo a dependência aos produtos tradicionais no comércio externo do Estado;
3. Expansão das vendas cearenses favorecida: a) pelas exportações de bens tradicionais revelando a existência de produtos com espaços já conquistados no mercado internacional; e b) pelas exportações de bens não tradicionais, que ganharam destaque na pauta exportadora do Estado;
4. Expansão e diversificação dos mercados compradores, intensificação das exportações para as nações desenvolvidas e conquista de novos mercados;
5. Diversificação de produtos e a possibilidade de novas oportunidades de negócios;

Na seqüência, problemas e vulnerabilidades:

1. Apesar da evolução existente, conclui-se que a economia cearense ainda se apresenta concentrada em alguns poucos capítulos e produtos. A avaliação revela a necessidade de se intensificar o processo de diversificação existente;
2. Como no caso dos produtos exportados, apesar dos avanços existentes, a economia cearense ainda concentrou o maior volume de vendas para poucos países. Tais resultados confirmam a necessidade de intensificar o processo de diversificação existente para os mercados;
3. Poucos municípios e reduzido número de empresas responderam pela maior parte das vendas cearenses ao exterior. Estes resultados evidenciam a necessidade de se aumentar/incentivar a participação e o número de agentes produtivos e municípios envolvidos nas exportações locais;
4. Maior número de setores (ou capítulos) na pauta, cuja demanda mundial tem as piores classificações (em decadência ou regressão) e a menor participação destes no valor total das exportações do Estado, quando o resultado esperado seria uma maior participação, levantaram certas questões: a) os produtos que compõem tais setores podem ter apresentado redução nos preços recebidos pelos produtores cearenses, se paga menos por eles no mercado internacional; b) podem ser produtos de qualidade inferior, de menor competitividade; c) a sustentabilidade do desempenho cearense fica posta em dúvida.

5. As exportações cearenses mostraram-se concentradas em produtos de baixa e média-baixa intensidade tecnológica. Além de concentradas, as vendas do Estado ao exterior registraram crescimento na pauta da quantidade de capítulos com esta característica. Acompanhando este movimento, a participação destes capítulos no valor total exportado também aumentou no período. O reduzido conteúdo tecnológico da pauta de exportações local revela, com base nos critérios adotados, uma competitividade reduzida e uma disputa no mercado externo para os produtos locais baseada no preço e, como no caso anterior, a sustentabilidade do desempenho cearense é dificultada.

Apontados os problemas e vulnerabilidades, seguem algumas recomendações:

1. Sobre a concentração ainda existente e a reduzida competitividade dos produtos que compõem a pauta de exportações. Quando evidenciadas as fragilidades no comércio externo, o processo de diversificação ganha importância como uma alternativa para promover a comercialização de novos produtos, seja em atividades tradicionalmente exportadoras, seja em atividades com exportações recentes. O crescimento das exportações deve, assim, estar apoiado na expansão das vendas de novos produtos das atividades tradicionais e na elevação do comércio de produtos das atividades menos tradicionais, reduzindo o grau de concentração existente. Este comportamento deve ainda ser complementado pela melhoria tecnológica dos produtos comercializados, favorecendo a competição apoiada na diferenciação do produto e não apenas na escala de produção e no preço. Esta postura favorece a maior competitividade no comércio exterior e o transbordamento dos efeitos positivos das exportações (expansão do mercado, ganhos de escalas, externalidades tecnológicas, etc.) para o restante da economia. O setor exportador deve ainda aproveitar as oportunidades de ganho ainda existentes em produtos, cuja demanda esteja em regressão ou decadência, isto devido às limitações e deficiências da economia local e tempo necessário para a solução destes problemas.
2. Sobre a concentração ainda existente quanto aos mercados compradores. O processo de diversificação deve seguir a lógica da otimização na utilização de recursos/esforços: em um movimento de ampliação de mercados as estratégias devem considerar o tamanho da economia em questão e sua capacidade de

absorver os produtos locais. O comportamento pretendido deve conciliar o aprofundamento das relações comerciais com as nações mais ricas, com as quais estas relações já existam e a busca de novos mercados, preferencialmente desenvolvidos ou em desenvolvimento. Adicionalmente, os agentes locais envolvidos no comércio externo devem promover as relações comerciais com o maior número possível de parceiros, potencializando os ganhos advindos das trocas internacionais, isto devido às limitações e deficiências da economia local que dificultam o acesso aos mercados mais desenvolvidos, além do tempo necessário para a solução destes problemas.

3. Sobre os estímulos para aumentar a quantidade e a participação de empresas e municípios envolvidos nas exportações cearenses. Esta estratégia promove para o restante da economia local os já mencionados transbordamentos oriundos das vendas de produtos ao exterior. É válido frisar a importância de maiores esforços em favorecer o ingresso de pequenas e médias atividades nas exportações, além da expansão das vendas daquelas pequenas e médias que já exportam, dado os obstáculos e as fragilidades existentes para este grupo. O mesmo é válido para pequenos municípios do Estado;
4. Sobre a competitividade das exportações cearenses. Adota-se que uma maior competitividade das exportações está positivamente relacionada a um maior conteúdo tecnológico dos produtos comercializados, ou de seus processos produtivos. A maior intensidade tecnológica torna os bens comercializados atrativos às economias mais ricas, favorece uma competição sustentada menos no preço e mais na diferenciação do produto, e facilita o acesso ou a competição em mercados mais concorridos. Deste modo, deve-se buscar favorecer melhorias tecnológicas nos processos produtivos e nos produtos destinados ao exterior, além de estimular as exportações por parte das atividades com maior conteúdo tecnológico;
5. Sobre o aproveitamento das oportunidades para novos negócios. O processo de diversificação ocorrido, embora não suficiente para reverter a concentração existente, favoreceu o surgimento de novos produtos e mercados. As possibilidades de expansão dos negócios tornam necessários esforços para estimular tal crescimento, efetivando os ganhos com amadurecimento das relações comerciais que ora são iniciadas.

Com relação às variáveis que afetaram o desempenho das exportações do Estado, tem-se que, dadas as características apresentadas, as vendas cearenses ao exterior parecem ter sido mais influenciadas pela expansão da demanda mundial e pela taxa de câmbio.

Entretanto, foi constatada que a maior parte das exportações locais se concentrou em bens de demanda em decadência/regressão. Esta aparente contradição pode ter as seguintes explicativas: a) mesmo decadente ou regressiva, a disposição mundial em comprar ainda foi capaz de exercer influência positiva no desempenho cearense, no entanto, sua sustentabilidade fica posta em dúvida; b) para alguns produtos ou em alguns mercados específicos tem-se a possibilidade de que a demanda se apresente diferente, com melhor dinamismo; c) os produtos cearenses tenham ganhado espaços em mercados menos interessantes aos concorrentes internacionais. Tais pontos, somados à porção das exportações com demanda dinâmica, ajudam a explicar a influência das compras externas no comportamento exportador do Estado.

O reduzido conteúdo tecnológico da pauta de exportações local revela uma disputa no mercado externo para os produtos locais baseada no preço, tornando as exportações cearenses mais sensíveis às alterações cambiais.

Neste cenário e como consequência das recomendações acima, originadas a partir da identificação dos pontos positivos, problemas e vulnerabilidades existentes, seguem algumas medidas propostas para otimizar os resultados positivos alcançados e eliminar/reduzir os problemas presentes.

Antes, porém, uma observação. As medidas são apresentadas de acordo com as recomendações indicadas acima e algumas específicas se destinam, ao mesmo tempo, a vários propósitos.

Sobre a necessidade de diversificação dos produtos exportados:

1. Maior exposição dos produtos cearenses (sejam eles tradicionais nas vendas externas do Estado, de exportações recentes ou ainda não exportados) nos mercados internacionais através da intensificação na realização de propagandas e divulgações, na apresentação conjunta com a divulgação dos atrativos turísticos, no apoio à participação em feiras e eventos comerciais, no apoio à organização ou realização de viagens e missões comerciais e, maior parceria com entidades envolvidas no comércio exterior do Estado (Federação das Indústrias do Estado do Ceará – FIEC, SEBRAE, etc.); facilitar o acesso e o maior conhecimento estrangeiro dos produtos locais (utilização das mídias, redes de televisão a cabo, portais na internet, etc.);

2. Identificação e aproveitamento de produtos com potencial exportador;
3. Estímulos às atividades exportadoras (condicionados a desempenhos pré-definidos, por exemplo), atração de novas atividades voltadas à exportação (instalação de uma zona de processamento de exportações – ZPE), apoio à associação entre empresas para maior competitividade no mercado externo, facilitar o acesso ao mercado externo pelas médias e pequenas empresas²⁸;
4. Capacitação do empresariado (legislação comercial, práticas e procedimentos, dentre outras), desmistificando o mercado internacional, facilitando o início e o desenvolvimento da atividade exportadora.
5. Construção de infra-estrutura logística.

Sobre a necessidade de diversificação dos mercados compradores:

1. Maior exposição dos produtos cearenses, nos moldes defendidos acima (sejam eles bens tradicionais, de exportações recentes ou ainda não exportados) nos mercados internacionais pouco ou ainda não explorados;
2. Facilitar o acesso a estes mercados, apresentando-os aos empresários (mostrando suas preferências de consumo com espaço para os bens cearenses, comportamento de compra – produtos com compras mais comuns ou com maior potencial, legislação comercial pertinente, etc.), promovendo a capacitação destes para os negócios internacionais, e aprofundando a parceria com entidades envolvidas no comércio exterior do Estado (Federação das Indústrias do Estado do Ceará – FIEC, SEBRAE, etc.) para tanto;
3. Favorecer as relações em outras atividades (como turismo, cooperações em determinadas áreas, como educacional, cultural, dentre outras) com reflexos no comércio internacional;
4. Intensificação das relações diplomáticas.

Sobre a necessidade do maior número e maior participação de empresas e municípios envolvidos nas exportações do Estado:

²⁸ Facilitar o acesso ao mercado externo significa aqui eliminar ou reduzir os obstáculos que dificultam o ato de exportar, que dificultam a ação de se colocar os produtos locais nos mercados compradores, e que não estão envolvidos diretamente com o processo produtivo e com o produto resultante. Tais obstáculos existem na legislação, nas práticas e procedimentos, e na burocracia relacionadas ao ato de exportar, nos custos financeiros, logísticos e temporais desses processos. Essa necessidade de simplificação de procedimentos, vale destacar, é comum às empresas de todos os portes.

1. Estímulos à participação dos empresários, em especial pequenos e médios, capacitando-os e desmistificando o mercado internacional;
2. Facilitar o acesso²⁹, apoiar a qualificação dos produtos e suas adaptações legais aos mercados externos, e o início da atividade de exportar;
3. Incentivos às exportações através de mecanismos específicos como a instalação de ZPEs.
4. Identificação e aproveitamento das potencialidades dos municípios para o mercado externo, aproveitamento dos arranjos produtivos locais, identificação dos produtos, divulgação e exposição externa (nos moldes já apresentados);
5. Maior divulgação das linhas de financiamento existentes, específicas para micro e pequenas empresas, como por exemplo o PROGER Exportação;
6. Estímulo à organização de pequenos e médios exportadores em cooperativas e consórcios;
7. Criação de uma associação estadual de exportadores, congregando empresas de todos os portes como forma, dentre outros, de compartilhar conhecimentos sobre o setor, fortalecer posicionamentos, reivindicações e propostas do setor para a expansão das vendas;
8. Apoio logístico.

Sobre a necessidade de um maior conteúdo tecnológico nos processos produtivos e nos produtos destinados às exportações:

1. Favorecer a aproximação entre iniciativa privada e os centros de conhecimento como as universidades (UFC, UECE, UVA, URCA), Centecs e CVTs, Cefet, entre outras, para o desenvolvimento ou melhoramento dos produtos e processos de produção voltados ao mercado externo;
2. Facilitar e estimular o acesso a novas tecnologias (importação e aquisição de equipamentos facilitada), estímulo à capacitação profissional, incentivar atividades inovadoras com viés exportador (mecanismo como instalação de ZPEs).

Como pode ser visto, de acordo com o que foi exposto sobre as políticas desenvolvidas para promoção do setor exportador, as propostas aqui apresentadas, ou pelo

²⁹ Ver nota de rodapé anterior.

menos parte delas, não o são novidades em si e já estão, de certa forma, contempladas nos programas existentes, federais ou estaduais. Entretanto, os resultados alcançados nesta pesquisa evidenciam a necessidade de uma ampliação e intensificação das estratégias existentes. Tais ações devem se concentrar nos pontos ora defendidos.

Algumas informações adicionais são proveitosas. A atuação pública local existente, ocorre principalmente através do apoio institucional, restando às políticas fiscais uma atuação secundária. As propostas aqui apresentadas, no entanto, contemplam ações apoiadas em ambos os instrumentos (políticas fiscal e institucional) e visam uma repercussão mais intensa no setor exportador do Estado.

Neste contexto, a proposição principal do presente estudo é a formulação de uma política específica para o setor exportador, a qual contemple os âmbitos fiscal e institucional, com explicitação das metas a serem alcançadas, de ações a serem implementadas e dos recursos humanos e materiais para o alcance do objetivo maior que é a expansão sustentável das exportações cearenses. Sem uma política específica e formalizada, o setor exportador cearense tem seu desenvolvimento atrelado ao desenvolvimento de outros setores, não constituindo-se como objetivo principal, mas subsidiário de outros setores da economia cearense.

As medidas sugeridas buscam atender aos objetivos de otimizar esforços e reduzir as vulnerabilidades existentes, incentivando e sustentando o desempenho exportador do Estado. Estes mecanismos, entretanto, requerem uma melhor coordenação da autoridade estadual e dos órgãos envolvidos, e um melhor acompanhamento, sistemático, das exportações locais.

BIBLIOGRAFIA

CEARÁ EM NÚMEROS 2006. Fortaleza, 2006. Disponível em: <<http://www.ipece.ce.gov.br>>. Vários acessos

FONTENELE, Ana Maria & MELO, Maria Cristina Pereira de. **Inserção Internacional da Economia Cearense: potencialidades e limites para o crescimento.** 1. ed. Fortaleza: Banco do Nordeste S.A, 2003. 288p.

FONTENELE Maria Ana & MELO, Maria Cristina Pereira de. **Comércio Exterior Recente: Está se Configurando Uma Nova Plataforma de Exportações para o Ceará?** In: VIANA, Pedro J. R. & ROSA, Antônio L. T. da. (Orgs.) **Economia do Ceará em Debate.** 1. ed. Fortaleza: IPECE, 2006. p.157 – 179.

IEDI (2006). Instituto de Estudos para o Desenvolvimento Industrial - **O Câmbio e o Intercâmbio por Intensidade Tecnológica.** Jun. 2006. Disponível em: <<http://www.iedi.org.br>>. Acesso em Dezembro de 2006.

IEDI (2006). Instituto de Estudos para o Desenvolvimento Industrial - **O Comércio Exterior Brasileiro no Primeiro Semestre de 2006.** Ago. 2006. Disponível em: <<http://www.iedi.org.br>>. Acesso em Dezembro de 2006.

IEDI (2003). Instituto de Estudos para o Desenvolvimento Industrial - **Radiografia das Exportações Brasileiras.** Abr. 2003. Disponível em: <<http://www.iedi.org.br>>. Acesso em Dezembro de 2006.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br>>. Vários acessos.

INSTITUTO DE PESQUISAS ECONÔMICAS APLICADAS (IPEA). **Sistema IPEADATA.** Disponível em: <<http://www.ipea.gov.br>>. Vários acessos.

INSTITUTO DE PESQUISA E ESTRATÉGIA ECONOMICA DO CEARÁ (IPECE). Disponível em: <<http://www.ipece.ce.gov.br>>. Vários acessos.

| | |
|---|-----------|
| | |
| 1 | FUEL-OIL* |
| 2 | CALCAS.JA |
| 3 | CAMAROES |
| 4 | OUTS.TECI |
| 5 | CALCADOS |
| 6 | OUTS.COUR |

MINISTÉRIO DO DESENVOLVIMENTO INDÚSTRIA E COMÉRCIO (MDIC). Disponível em: <<http://www.desenvolvimrnto.gov.br>>. Vários acessos.

MINISTÉRIO DO DESENVOLVIMENTO INDÚSTRIA E COMÉRCIO (MDIC). **Sistema ALICEWEB**. Disponível em: <<http://www.desenvolvimrnto.gov.br>>. Vários acessos.

MINISTÉRIO DO DESENVOLVIMENTO INDÚSTRIA E COMÉRCIO (MDIC). **Sistema RADAR COMERCIAL**. Disponível em: <<http://www.desenvolvimrnto.gov.br>>. Vários acessos.

ORGANIZATION FOR ECONOMIC CO-OPERATION AND DEVELOPMENT (OCDE). Disponível em: <<http://www.oecd.org>>. Vários acessos.

WORLD TRADE ORGANIZATION (OMC). Disponível em: <<http://www.wto.org>>. Vários acessos.